

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O professor do ensino fundamental em grupos reflexivos em uma abordagem sociodramática

Patrícia Rossi Carraro

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,
como parte das exigências para a obtenção do
título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O professor do ensino fundamental em grupos reflexivos em uma abordagem sociodramática

Patrícia Rossi Carraro
Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Carraro, Patrícia Rossi

O professor do ensino fundamental em grupos reflexivos em uma abordagem sociodramática, 2008.

273 p. : il.; 30 cm

Tese, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: Andrade, Antônio dos Santos

1. Professor.
2. Ensino Fundamental.
3. Grupos Reflexivos.
4. Sociodrama Educacional.

Aos meus queridos pais, Hélio e Maria Rita, ao meu companheiro Marco Antônio e a minha pequenina Marina. Agradeço, entre várias coisas, pelo apoio, pelo incentivo, pelo carinho e pelas alegrias que me proporcionaram nos momentos difíceis que passei.

Ao meu orientador, Toninho. Obrigada por todas as oportunidades, pelos ensinamentos e por estar presente em todos os momentos que precisei. A você a minha eterna gratidão e carinho.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a elaboração deste trabalho e, neste momento, cada uma delas merece a minha gratidão.

Ao Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade, meu orientador, que, com sua experiência, seu jeito acolhedor, amigo e, às vezes, firme, me ensinou a fazer pesquisa, acreditou em mim e me ajudou a crescer como pessoa.

À Profa. Dra. Maria Lúcia de Oliveira e ao Prof. Dr. Marcus Vinicius da Cunha, presentes durante o exame de qualificação, pela leitura crítica e pelas sugestões feitas, pois permitiram o enriquecimento deste trabalho.

A todos colegas do Grupo de Pesquisa, em especial, Beatriz, Christina, Fátima, Karina, Louise, Telam e Valéria, pelo convívio destes anos e pela troca de experiências.

Aos professores, diretores, assistente de direção, coordenador pedagógico, funcionários da escola pesquisada, pela cordialidade com que me receberam e pela boa vontade com que facilitaram o trabalho.

Aos funcionários do Campus/USP com quem mantive contato, Inês, Denise, Izilda, Sônia, Cássia e Luís. Sempre muito educados e prontos a ajudar.

À minha querida e grande amiga Maria Cristina de Moura Ferreira, por ter me apoiado no início da minha carreira como docente e continuar me ajudando. A você, minha eterna gratidão.

À minha grande amiga Maria Christina Justo Pereira, pelo carinho, pela confiança, pelas trocas de experiências e pelo apoio como docente.

Às amigas Beatriz e Lúcia, pelo apoio e consideração em momentos difíceis.

Aos meus colegas de trabalho da Faculdade Santa Giulia, Maria Cristina, Sr. Ferraz, Jomara, Hécio, Samira, Daniela, Débora, Cecília, Gustavo, Sandra, Claudia, Renner, Alexandre, Fátima, Virtude, Peterson, Nuno, Rodrigo, Walter, Claudinha, Valdete, Tiago, João Paulo, Daltro e Maria Tereza, pelo convívio destes anos, pela amizade e pela troca de experiências.

A todos os funcionários da Faculdade Santa Giulia, em especial Claudia, Cássia, Valéria, Olavo, Valdiva, Ana, Cássia A., Luiza e Pedro (*in memorium*), pelo carinho e apoio nos vários momentos que precisei.

A todos os meus alunos de Iniciação Científica, Pedro, Silvio, Iani, Leda, Leandro, Jelciliane, Lilian, Fabrício, Fabiana, Francielen, Lyvia, Márcia, Valquíria, Flávia, Areta, Luís Fernando, Elton, Marco Antônio e Rodrigo, pela confiança, consideração e pelo crescimento profissional na área da pesquisa.

Aos meus alunos de Trabalho de Conclusão de Curso, Michele, Rubens, Neto, Najila, Mariana e Areta, pela confiança, consideração e pelo crescimento profissional na área da pesquisa.

A todos os meus alunos de graduação dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Educação Física, pela experiência de ser docente.

À Solange Maimoni Gonçalves pela revisão do texto e pelas sugestões dadas. Seu trabalho foi muito importante para a finalização desta etapa. Ao amigo Renner, pelo apoio nesse momento.

Ao Marco Antônio Carraro, meu marido e companheiro, que, com todo o seu amor, tornou muito mais suave os momentos difíceis pelos quais passei na realização deste trabalho. Agradeço por apoiar todos os meus sonhos, por cuidar da nossa Marina nas minhas ausências, por suportar e minimizar minha ansiedade, minha preocupação, meu cansaço, e por compartilhar comigo as alegrias e as etapas concluídas deste trabalho.

Aos meus pais, pela vida, pelo amor, pela formação e pela dedicação e afeto ao cuidar da Marina. A vocês toda a minha consideração e carinho. Sem vocês, eu não teria conquistado os meus sonhos.

À minha querida, doce e pequenina Marina. Fiquei sabendo que estava grávida de você quando estava terminando o Mestrado. Você nasceu quando eu estava começando a fazer o Projeto de Doutorado e, hoje, vejo você linda e forte, com quase 5 anos, ao término do meu Doutorado. Obrigada filha, pelo seu sorriso, beijinhos, abraços carinhosos e por ter me dado a oportunidade de realizar o sonho de ser mãe. Com você, me tornei mais madura, mais segura, mais feliz, mas com medo de morrer e te deixar.

A todos os meus amigos, em especial, Dulcinéia, Regina, Abel, Dona Marta (*in memorium*), Rose, Aparecida Helena, Cristina, Roberto, Edith e Ricardo, por compreenderem as minhas ausências e por serem grande incentivadores dos meus trabalhos.

Enfim, agradeço a todos que torceram por mim direta ou indiretamente nesta conquista.

RESUMO

CARRARO, P. R. **O professor do ensino fundamental em grupos reflexivos em uma abordagem sociodramática.** 2008. 273p. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

Pesquisas confirmam que o processo reflexivo vivenciado em grupos de professores resulta na melhoria da prática profissional, fazendo com que os docentes se sintam valorizados e que tenham um espaço para serem ouvidos. A prática do trabalho grupal com professores, com ênfase na abordagem sociodramática, tem sido destacada na literatura como uma estratégia eficaz de intervenção, contribuindo para uma reflexão mais consciente e crítica da formação do docente. O objetivo desta pesquisa é o de investigar, a partir de uma abordagem qualitativa, as condições de possibilidades e os limites para a realização de um grupo sociodramático educacional em uma instituição escolar. Além disso, buscou-se investigar, a partir das entrevistas de avaliação, os possíveis efeitos da participação dos professores do ensino fundamental em um grupo sociodramático educacional sobre as concepções destes. Foi composto um grupo de 10 professores do ensino fundamental de uma escola da rede pública estadual, de uma cidade do interior de São Paulo. A metodologia proposta compreendeu três etapas. Na primeira, investigou-se, com cada professor, através de entrevista de profundidade, a formação, história e prática profissional dos participantes. Essa entrevista foi realizada durante o “Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo” (HTPC), com duração de aproximadamente uma hora. Na segunda etapa, foi realizado o trabalho com o grupo de professores. Foram desenvolvidas vinte reuniões de uma hora, as quais ocorreram semanalmente, também durante o HTPC. Nessas reuniões, foram trabalhados, por meio de discussões e reflexões, os temas que os participantes abordavam espontaneamente. O referencial teórico adotado para as atividades propostas foi o do Sociodrama Educacional. Na terceira e última etapa, ocorreu uma avaliação, com cada professor, com o objetivo de verificar como foi participar do grupo reflexivo. Nessa etapa, foi realizada uma nova entrevista com cada professor, com duração de uma hora cada. As entrevistas individuais e as reuniões de grupos foram gravadas e transcritas literalmente. Para analisar os resultados das entrevistas, foi realizada a Análise de Conteúdo. As reuniões de grupo foram analisadas não apenas por meio da Análise de Conteúdo, mas também pela Análise do Processo Grupal, segundo o referencial da Socionomia de J.L. Moreno. Os resultados apontaram que o grupo de professores foi um momento de apoio, troca de experiências, desabafo e crescimento pessoal. Além disso, foi um espaço que o grupo teve para expor os descontentamentos, os conflitos, as descrenças, as angústias e as ansiedades perante os problemas e dificuldades vivenciados no cotidiano escolar. Notou-se que os professores tinham muitos problemas de relacionamento e de aceitação. Percebe-se, também, que os aspectos funcionais do estabelecimento de ensino dificultaram o desenvolvimento do trabalho de grupo e a relação interpessoal. Acredita-se na importância de um trabalho de grupo no contexto escolar como componente metodológico de um projeto de formação e aperfeiçoamento de professores.

Palavras-chave: professor; ensino fundamental, grupos reflexivos, sociodrama educacional.

ABSTRACT

CARRARO, P.R. **Reflective groups of fundamental education teachers in a sociodramatic approach.** 273 p. Thesis (Doctorate in Sciences) - Faculty of Philosophy, Sciences and Languages of Ribeirão Preto, University of Sao Paulo, Ribeirão Preto, 2008

Research results confirm that groups of teachers experiencing reflective processes have their professional practice improved, they feel valuable and perceive that there is a space where they can be heard. Group work with teachers, with emphasis on the sociodramatic approach, is attracting interest in the literature as an efficient intervention strategy, contributing to a more conscientious and critical reflection on the training of teachers. This study aims to investigate, in a qualitative approach, the conditions, possibilities and limits in the formation of educational sociodramatic groups in institutions of learning. In addition, through evaluating interviews, it was possible to investigate how the participation of primary education teachers in educational sociodramatic groups affected their concepts on the process. A group was formed by 10 fundamental school teachers of a state public school in the interior of the state of São Paulo. The proposed methodology consisted of three procedures. In the first one, each component of the group had his training, history and professional practice profoundly investigated through an individual interview. This was conducted during the period of "Time for Pedagogic Collective Work" (TPCW) for approximately one hour. Work with the group of teachers started the second procedure and it consisted of twenty weekly one hour meetings also during TPCW. The subjects spontaneously raised by the participants were worked up by discussion and reflection and the theoretical reference adopted in the proposed activities was the Educational Sociodrama. In the third and last procedure, in one hour interviews each teacher was evaluated as to his/her feelings after participating in a reflective group. Individual interviews and group meetings were recorded and transcribed literally. Content Analysis was used to verify the interview results. Group results were evaluated by Content Analysis and by Group Process Analysis according to the J.L. Moreno Socionomy referential. Results indicated that group work to the teachers was a moment of support, experience exchange, release of inner feelings and personal growth. In addition, it was a space for them to expose discontentment, conflicts, unbelief, anguish and anxiety in face of the problems and difficulties they experience in their daily school routine. It was evident that teachers had several relationship and acceptance problems a situation, which was not helped by the functional aspects of the school. On the contrary, it seemed to hinder group work and interpersonal relationships. It is believed that group work in the school context is important as a methodological component in projects of training and professional improving of teachers.

Keywords: teacher; primary education; reflective groups, educational sociodrama.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos alunos da escola, por períodos, séries e salas.....84

Tabela 2 - Funcionários da escola84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A formação dos professores	94
Quadro 2 - Os professores e as escolas em que trabalham atualmente	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

CNS - Conselho Nacional de Saúde

Ciclo-I se refere à primeira à quarta série do ensino fundamental

Ciclo-II se refere à quinta à oitava série do ensino fundamental

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

HTPC - Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

MST - Movimento dos Sem-Terra

ONGs - Organizações Não - Governamentais

PEB I - Professor de Educação Básica - I ou Professor de Ciclo-I

PEB II - Professor de Educação Básica - II ou Professor de Ciclo-II

Professor ACT - Professor Admitido em Caráter Temporário

SARESP - Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	27
1 INTRODUÇÃO	31
1.1 A questão do grupo, o grupo em questão	31
1.2 A importância do trabalho com grupos nas instituições educacionais	33
1.3 A abordagem do desenvolvimento do professor como profissional reflexivo	35
1.4 O Psicodrama na educação e sua contribuição para a abordagem do desenvolvimento do professor como profissional reflexivo	39
1.5 A análise institucional	48
1.6 O Sociodrama Educacional como estratégia de desenvolvimento do professor como profissional reflexivo.....	54
2 JUSTIFICATIVA	65
3 OBJETIVOS	69
4 METODOLOGIA.....	73
4.1 A Abordagem teórico-metodológica	73
4.2 Os participantes da pesquisa	76
4.3 O local	77
4.4 Os procedimentos de coleta de dados	77
4.5 Os procedimentos de análise de dados	78
4.6 Os aspectos éticos	80
5 RESULTADOS.....	83
5.1 A escola	83
5.2 O contexto da entrevista inicial dos professores	85
5.3 Os resultados da entrevista inicial dos professores	93
5.3.1 A caracterização dos professores	94
5.3.1.1 A formação e a escolha profissional	94
5.3.1.2 Os professores e as escolas em que trabalham atualmente	96

5.3.1.3 A escola onde o professor trabalha atualmente	97
5.3.1.4 A opção por esta escola	98
5.3.1.5 Os colegas de trabalho	100
5.4 O contexto e os resultados do processo grupal	102
1ª PARTE: PRIMEIRO SEMESTRE	
A 1ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	102
A 2ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	109
A 3ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	115
A 4ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	120
A 5ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	125
2ª PARTE: SEGUNDO SEMESTRE	
A 6ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	130
A 7ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	138
A 8ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	142
A 9ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	148
A 10ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	151
A 11ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	156
A 12ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	161
A 13ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	164
A 14ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	169
A 15ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	174
A 16ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	179
A 17ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	182
A 18ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	188
A 19ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	195
A 20ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES	198
5.5 O contexto das entrevistas de avaliação do trabalho de grupo e de auto-avaliação da participação do professor	206
5.6 Os resultados das entrevistas de avaliação do trabalho de grupo e de auto-avaliação da participação do professor	213

5.6.1 O grupo	213
5.6.1.1 Os aspectos favoráveis do grupo	213
5.6.1.2 Os aspectos desfavoráveis do grupo	215
5.6.1.3 A importância do trabalho de grupo	217
5.6.1.4 Os benefícios do apoio oferecido	217
5.6.1.5 As críticas em relação aos participantes	218
5.6.1.6 O enriquecimento do grupo com a troca de experiências	221
5.6.1.7 A importância da continuidade do trabalho	222
5.6.1.8 Comentários favoráveis sobre o papel do coordenador	224
5.6.2 A minha participação no grupo	225
5.6.2.1 As facilidades de participar do grupo	225
5.6.2.2 As dificuldades de participar do grupo	227
5.6.3 Esta escola e o grupo	229
5.6.3.1 As oportunidades oferecidas pela escola para a realização de um trabalho de grupo	229
5.6.3.2 Os comentários sobre o trabalho do professor na escola pesquisada	230
5.6.3.3 As críticas em relação à escola e à equipe técnico-pedagógica	233
5.6.4. O papel de professor e o grupo	234
5.6.4.1 A importância do desenvolvimento do papel de professor	234
5.6.4.2 A contribuição do trabalho de grupo para a prática profissional	235
6 DISCUSSÃO	241
7 CONCLUSÕES	253
8 IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS	257
9 REFERÊNCIAS	261
10 ANEXOS	269

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

O meu envolvimento e motivação com os aspectos inerentes à educação e ao ensino referem-se à minha época de graduação, às oportunidades de trabalho, às atividades e aos cursos realizados nessa área.

As minhas inquietações e buscas como psicóloga, me levaram a procurar a pós-graduação com o intuito de ampliar ainda mais os meus conhecimentos e, também, com a pretensão de me tornar pesquisadora e docente.

Trabalhar com grupos no doutorado está inicialmente relacionado com a minha vontade, facilidade e satisfação de ter desenvolvido essa atividade durante a minha formação acadêmica e profissional.

Ao ingressar como estagiária e mestranda no Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociodrama Educacional, coordenado pelo Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade, confirmei o meu interesse pela educação escolar e por grupos ao participar dos estudos e desenvolver várias atividades nas escolas da rede estadual de ensino da cidade de Ribeirão Preto-S.P., como, por exemplo, entrevistas, grupo de alunos e grupo de professores do ensino fundamental. Nessas experiências, constatei, através dos relatos dos professores, o quanto estes anseiam e solicitam trabalhos que possam auxiliá-los em seu cotidiano escolar e contribuir para sua formação.

É importante destacar também que, ao entrar em contato com a tese de doutorado de Andrade (1986), que acredito ter sido o ponto de partida para os trabalhos desenvolvidos por ele e, posteriormente, com seus estagiários e orientandos sobre *grupos*, confirmei a idéia de que existe a possibilidade de melhorar e transformar a realidade escolar com este tipo de intervenção.

Todas as questões mencionadas acima, além de terem me proporcionado grande prazer de trabalhar com educação escolar, em especial com professores, motivaram-me a continuar pesquisando o sistema educacional, agora com uma proposta de intervenção, mesmo sabendo que esta área possui um espaço intrigante, desafiador e inesgotável para o desenvolvimento de projetos e estudos.

Trabalhar com grupos de professores e compreender o que eles pensam e como agem no processo educacional pode ser uma possibilidade, nem que seja futura, de ocorrerem transformações no contexto educacional, visto que esses profissionais ocupam um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

1.1 A questão do grupo, o grupo em questão

É impossível negar a imensidão de informações e a importância dos trabalhos, estudos e pesquisas sobre o tema grupo. Várias são as contribuições e as abordagens sobre a temática divulgadas pelos autores. A seguir, apresentaremos alguns estudos sobre o tema.

Fonseca (1999) afirma que a *era dos grupos* compreende os anos 60 e 70, sendo fruto do desenvolvimento dos estudos sobre dinâmica de grupo durante a Segunda Guerra Mundial, momento em que se inicia a fusão do psicológico com o social. A psicoterapia psicanalítica de grupo, a grupoanálise, o psicodrama, a abordagem centrada na pessoa, a gestalt-terapia e a análise transacional passam a enfatizar a abordagem grupal. Por outro lado, nos anos 80 configurou-se no meio científico uma onda cultural do individualismo e do crescimento interior pelas práticas individuais. O grupo é substituído pelo individual, e o público, pelo privado. Contudo, teríamos neste momento, especialmente no contexto das pesquisas educacionais, uma revalorização do grupal, do comunitário, oferecendo uma abordagem de inserção relacional na rede grupal e uma observação por meio dos múltiplos olhares terapêuticos do grupo.

Para Bleger (1980), um grupo é um conjunto de pessoas em interação entre si, além de ser fundamentalmente uma sociabilidade estabelecida sobre um fundo de indiferenciação ou de sincretismo, na qual os indivíduos não têm existência como tais, atuando um “transitismo” permanente entre eles. O grupo terapêutico se caracteriza também por estas mesmas qualidades, acrescido o fato de que um dos integrantes do grupo intervém com um papel especializado e predeterminado, mas que se realiza sobre uma base na qual o terapeuta está envolvido no mesmo fundo de sincretismo que o grupo.

Para Milan (1976), o grupo seria uma totalidade articulada de unidades formadas por um ou mais indivíduos e definidas pelas suas relações com as demais unidades, em função de um projeto determinado que se elabora na intersubjetividade. A cada unidade do grupo corresponde uma posição na estrutura, sendo este um sistema de posições indissociável do projeto que se engendra na coexistência dos indivíduos, e o qual o psicodramatista não perderá de vista.

A partir de uma abordagem psicossociológica, Lapassade (1977) ressalta que, apesar de vivermos constantemente em grupo, não tomamos consciência das leis que regem o

funcionamento interno deste, como, por exemplo, as tarefas concretas comuns e os sistemas de participação e de direção.

Para este autor, toda ação, toda intervenção desenvolvida nos grupos, dentro de uma organização social, deve ter como horizonte último e verdadeiro, dentro dos seus objetivos, a autogestão dos grupos, da sociedade em seu conjunto. Nesse sentido, a questão da autogestão presume, desde que se queira evitar a burocratização, um aperfeiçoamento constante dos métodos de decisão coletiva à mesma altura dos comitês de gestão, dos sistemas reguladores.

Dessa forma, trabalhar com grupos implica no conhecimento da dinâmica destes, cujo propósito final é o da autogestão social. O psicossociólogo prático considera-se sempre a serviço de todos os grupos, e não de um grupo entre os grupos.

Nesse sentido, o facilitador grupal, com ênfase na psicossociologia, é aquele que tem por objetivo “promover” o grupo, e não se tornar instrumento de manipulação da instituição que o contrata. Ao contrário, se aceita torna-se instrumento manipulador, paga o preço de renunciar a tudo que fundamenta a prática psicossociológica.

Lapassade (1977) não acredita que a psicossociologia possa substituir teorias revolucionárias, nem negar a ambigüidade na qual o psicossociólogo vive no uso de suas teorias e nos contextos institucionais, locais estes de lutas constantes pelo poder. Contudo, o autor aponta que o pressuposto teórico que fundamenta a prática para o desenvolvimento de uma práxis grupal desenvolvida pelos psicossociólogos, com destino à autogestão, precisa ser aquela que auxilia o grupo na superação dos conflitos e das alienações que marcam a sociedade.

Para a perspectiva psicossociológica, a essência da intervenção é a não-diretividade, ou seja, os psicossociólogos devem aceitar os compromissos, mas sem se comprometer ou se envolver.

Ainda este autor, ao retomar a questão dos grupos, introduz o termo “dialética”, que é entendido e justificado por uma lógica do inacabado, de uma ação que sempre recomeça. O grupo, numa perspectiva dialética, é portanto considerado como aquele que exclui sua própria maturidade. Dessa forma, a dialética é representada como um movimento sempre inacabado dos grupos.

Hegel, em a *Fenomenologia do Espírito*, é quem desenvolveu os conceitos que deram origem à dialética dos grupos. Estes conceitos foram posteriormente retomados e desenvolvidos por Sartre na *Crítica da Razão Dialética*. A Lapassade coube a difusão e aplicação de tais conceitos no contexto de uma revisão da “dinâmica de grupo” proposta por Kurt Lewin, resultando o movimento denominado de “Análise Institucional”. Nesse sentido

para compreender o movimento dialético dos grupos, é necessário recorrer ao conceito de serialidade. Ao pensarmos, como aponta Lapassade (1977), em uma fila de espera para pegar um ônibus, podemos entender a ordem das pessoas da fila, como uma “série”, que posteriormente origina o conceito de serialidade. A décima pessoa da fila, por exemplo, que vai pegar um ônibus indica um número de ordem, mas não existe integração entre as pessoas.

Quando o grupo se constitui, surge uma tensão entre dois pólos: a serialização e a totalização. Essa tensão criada é que dará origem à dialética do grupo, ou seja, existe uma luta contra uma volta, sempre possível, da serialidade. O grupo constitui-se contra a série e nasce na fusão da serialidade.

O grupo é, portanto, o inverso da serialidade; ele constitui-se por meio e no interior da dispersão que precede o grupo; ele mantém sua existência graças a uma luta permanente contra um retorno, sempre possível, dessa dispersão. Essa luta é uma primeira característica do grupo. Uma segunda característica, igualmente inacabada, é a totalização que constitui o grupo, sem que isso resulte na constituição de um ser-do-grupo que transcenda os indivíduos grupados. O grupo, com efeito, define-se não como um ser, mas como um ato. Esse último é o ato do grupo sobre si mesmo: o grupo *se* trabalha incessantemente; uma práxis comum, virada para o exterior, só é práxis de um grupo se aqueles que a efetuam juntos estabelecem uns com os outros as relações que constituem o grupo (LAPASSADE, 1977, p. 229).

Para Lapassade (1977), um grupo só é verdadeiro se estiver ao mesmo tempo e de forma permanente, baseado na autogestão, na autodeterminação, e na autocrítica, ou auto-análise. A hetero-gestão destrói o grupo e provoca o retorno da serialidade. A dialética do grupo tem como objetivo explorar essa alternativa.

As idéias apresentadas nos auxiliam a compreender possivelmente, como podemos entender e olhar para a práxis grupal segundo uma perspectiva dialética, principalmente quando a mesma ocorre em contextos institucionais, no nosso caso, a escola.

Diante de toda essa problemática que Lapassade faz, para que o grupo exista como grupo, será que atualmente, nas instituições escolares, é possível realizar grupos em fusão?

O presente estudo visa uma estratégia de intervenção grupal direcionada para um contexto institucional específico dos professores de uma escola, cujo referencial teórico é o sociodramático.

1.2 A importância do trabalho com grupos nas instituições educacionais

Na revisão bibliográfica, constatamos diversos trabalhos com abordagens teóricas diferentes sobre temas relacionados a grupos. A seguir apresentaremos alguns destes trabalhos:

Wheelan e Tilin (1999) investigaram a relação entre as percepções dos professores sobre o desenvolvimento da equipe docente enquanto grupo e os níveis de produtividade escolar em 10 instituições do ensino fundamental, médio e superior. A pesquisa foi realizada com 10 grupos, e o número de participantes variou entre 13 a 64, com um total de 292 participantes. Como instrumento metodológico, foi aplicado o *Group Development Questionnaire - GDQ*, que mediu a percepção dos professores sobre o desenvolvimento do trabalho em grupo em sua instituição. O instrumento utilizado foi baseado no *Modelo Integrado de Desenvolvimento de Grupo*, que contém 60 itens e quatro escalas que investigam quatro fases do desenvolvimento do grupo. A partir dos resultados encontrados, as autoras concluíram que existe forte relação entre o modo de funcionamento de grupos de trabalho e o desempenho elevado em matemática, leitura e realização padrão (combinação de matemática e leitura) dos estudantes. Em condições de desenvolvimento de grupo, equipes de docentes de faculdades que fazem constantemente cursos de capacitação têm estudantes que apresentam melhor desempenho em medidas de realização padrão, demonstrando assim, que os estudantes obtêm melhor resultado nas instituições que possuem grupos cujo funcionamento é mais evoluído. As escolas precisam ser melhores estruturadas e com um investimento mínimo de tempo, apoio financeiro e atenção para a maneira como os professores trabalham em grupo.

Rogers e Babinski (2002) trabalharam com uma forma de investigação denominada “Grupo de Professores Iniciantes”. Esta está relacionada com o desenvolvimento profissional e visa proporcionar aos docentes que estão iniciando a oportunidade de discutirem entre eles os problemas que enfrentam em suas experiências profissionais. Essa forma de trabalho pode ser utilizada em diferentes contextos educacionais. Os autores consideram que o grupo de discussão que se baseia nos problemas vivenciados tem um papel fundamental, pois oferece suporte e orienta os professores que estão iniciando na profissão.

Degooyer e Valde (2000) utilizaram dados narrativos para identificar nos relatos passados dos membros de grupo os motivos pelos quais os grupos têm ou não sucesso. Esse estudo foi realizado com 220 estudantes universitários do curso introdutório de comunicação de uma universidade do meio oeste dos Estados Unidos. O instrumento metodológico utilizado foi baseado em questões que solicitavam aos participantes relatarem, em detalhes, histórias de sucesso e de fracasso de grupos. A coleta de dados foi composta de 522 histórias, sendo 274 de sucesso e 248 histórias de fracasso. A análise das histórias revelou sete categorias gerais de temas que, na cultura americana, acreditava-se influenciar o desempenho de grupo, a saber: relações, estrutura de grupo, processo de grupo, emoções dos membros, comunicação de grupo, atributos dos membros e forças externas. Uma comparação de

frequências superiores entre esses temas revelou diferenças significativas entre as histórias de sucesso e fracasso de grupos no que diz respeito às relações, emoções e atributos dos membros.

Soliman (2001) realizou um estudo a partir dos resultados e do grau de colaboração alcançado num projeto que envolvia um planejamento num grupo formado por membros de uma escola e estudantes de graduação em Pedagogia. O grupo foi formado por considerar que a aula prática, num curso que visa um diploma em Educação, poderia ser melhorada com a colaboração da universidade e dos pedagogos. A partir da análise dos eventos do projeto, do impacto de arranjos institucionais e das percepções dos participantes, foram feitas implicações para o desenvolvimento de um trabalho colaborador entre as instituições educacionais. Sugere-se que a colaboração pode ser o discurso para a transformação de culturas institucionais e da subjetividade em universidades e escolas, bem como para a obtenção dos benefícios de trabalhar em conjunto, os quais são inviáveis por meio da educação, da prática e da estrutura de professores tradicionais.

Os trabalhos acima, revelam a grande importância de se desenvolver atividades grupais em instituições. O presente estudo pretende demonstrar que o trabalho grupal pode contribuir para uma melhor delimitação e compreensão da implicação educacional desta atividade para a formação continuada dos professores.

1.3 A abordagem do desenvolvimento do professor como profissional reflexivo

A formação docente, nas últimas décadas, tem sido foco de estudos de vários pesquisadores preocupados com os rumos da educação. Com intuito de melhorar a prática profissional dos professores, surge entre os estudiosos, a idéia de uma nova concepção de formação de professor que pretende tornar o docente um profissional reflexivo da própria ação.

Schön (1992) foi um dos pioneiros dos estudos na perspectiva de compreender o professor como um profissional reflexivo. Partindo de uma visão crítica do modelo da racionalidade técnica, apresenta uma nova proposta baseada no conceito de reflexão na ação. A formação do professor deve sempre visar à reflexão deste, levando-o a uma conscientização da própria prática, fazendo que repense sua teoria e suas atitudes. Com a reflexão, é possível que ocorra um desenvolvimento do pensamento e da ação do professor.

Aquino e Mussi (2001) esclarecem que, apesar das idéias de Schön terem trazido novos caminhos para a educação e para o professor, a abordagem reflexiva proposta por ele vem

sendo revista e ampliada por outros autores mais diretamente envolvidos com a formação de professores, como Zeichner (1993) e Nóvoa (1992).

Zeichner (1993), ao analisar a formação de professores na sociedade norte-americana, afirma que a tendência de formação reflexiva procura contribuir com a formação de professores ao considerar que, através da reflexão, esses profissionais podem aumentar sua capacidade de enfrentar a complexidade, as incertezas e as injustiças na escola e na sociedade. Na medida em que o professor reflete sobre sua ação, sua prática, sua compreensão amplia-se, ocorrendo análises, críticas, reestruturações e incorporações de novos conhecimentos que poderão respaldar o significado e a escolha de ações posteriores.

Ao abordar a questão da formação de professores em Portugal, Nóvoa (1992) considera que os professores produzem em suas práticas uma riqueza de conhecimentos juntamente com suas experiências, e isso determina o ponto de partida do processo de aperfeiçoamento de seu trabalho e mudança na escola. Ao discutir a questão da formação de uma identidade profissional, tal autor destaca a importância de estimular uma perspectiva crítico-reflexiva que propicie aos professores meios para um pensamento autônomo e que lhes facilite dinâmicas de autoformação. Além disso, o autor defende a importância de se considerar três aspectos desse contexto: o produzir a vida do professor (desenvolvimento pessoal), o produzir a profissão docente (desenvolvimento profissional) e o produzir a escola (desenvolvimento organizacional). A experiência da ação reflexiva propõe o equilíbrio da reflexão e a rotina entre o ato e o pensamento, considerando as experiências de vida escolar do professor, suas crenças e representações, sua formação, a relação dialógica entre o grupo, as relações entre as práticas pedagógicas e seu contexto, as relações de poder presentes nas definições curriculares e nas condições de trabalho do professor.

Goméz (1992), ao analisar a situação da formação do professor na Espanha, faz diversas críticas em relação ao modelo da racionalidade técnica e defende a questão do professor como profissional reflexivo. Conclui que o processo de formação de professores precisa ser renovado e que o pensamento reflexivo precisa ser valorizado, levando o professor à conscientização dos próprios atos, atividades e situações problemáticas que envolvem o ensino, criando na ação condições de possíveis soluções.

Segundo Nóvoa (1992), a formação é, inevitavelmente, um trabalho de reflexão sobre os percursos da vida numa visão retrospectiva e prospectiva. O autor relata que, a partir da segunda metade do século XX, diversas vias de modelos racionalistas de ensino constituíram os investimentos realizados nos sistemas educativos. Comenta que já se reconhece não ser possível reduzir a vida escolar às dimensões racionais e teóricas, visto que uma grande parte

dos atores da Educação percebe o relacionamento, o conviver, como um valor essencial em seu trabalho, rejeitando a centração exclusiva nas aprendizagens acadêmicas. Ao longo dos tempos, a crise de identidade do professor vem sendo pesquisada, e as conclusões apontam para o fato de que a evolução da investigação pedagógica foi impondo, em seu desenvolvimento, uma separação entre o pessoal e o profissional, um caráter reflexivo, e não apenas ideológico ou tecnicista.

Chantraine-Demilly (1992) analisa a maneira como tem sido desenvolvida a formação docente na França, a partir da forma universitária, da escolar, da contratual e da interativa-reflexiva. Após discutir os pontos favoráveis e desfavoráveis de cada um desses modelos, considera que aquele que é enquadrado na forma universitária está no plano individual, e o que está na forma interativa-reflexiva encontra-se no plano coletivo.

No Brasil, vários autores que trabalham com a formação continuada de professores mencionam a necessidade do desenvolvimento do pensamento reflexivo ou crítico-reflexivo e opõem-se à concepção da racionalidade técnica.

O Grupo de Estudos “Docência, Memória e Gênero” (GEDOMGE), da Faculdade de Educação da USP (Bueno et al., 1998), desenvolveu um trabalho com professoras da rede pública de ensino que lecionavam em cursos de magistério, com o intuito de encontrar alternativas para o processo de formação continuada. Nesse trabalho, foram utilizadas narrativas autobiográficas das professoras. Os temas eram escolhidos pelas próprias professoras, e as pesquisadoras orientavam-nas na escrita dos relatos autobiográficos e, também, na leitura e discussão dos temas relevantes. O trabalho de reflexão desenvolveu-se de forma intensa por meio de discussões em cada um dos encontros. No grupo, havia troca de experiências entre as professoras e pesquisadoras, o que tornava propícia a criação de uma nova idéia de formação continuada de professores baseada na perspectiva proposta por Nóvoa. Os relatos eram levados aos encontros para serem lidos, discutidos e compartilhados e, ao final, as professoras declararam que suas inseguranças haviam sido substituídas por expectativas positivas em relação ao seu exercício profissional. As pesquisadoras concluíram que as professoras que estavam envolvidas no trabalho, naquela circunstância, haviam conseguido assumir o papel de *pesquisadoras*, pois elas pesquisaram suas histórias de vida, suas práticas, seus alunos, sempre procurando compreender aquilo que viviam e praticavam.

Catani (1987) realizou um trabalho com um grupo de professores da rede pública que a havia procurado devido à necessidade de buscar respostas às questões relativas a *como ensinar melhor*. Nos encontros, eram realizadas leitura de textos e discussões das questões trazidas pelos docentes, que avançavam com a escrita dessas questões e a reflexão sobre elas. O intuito

do grupo era o de buscar, com os próprios professores, suas histórias de formação e as influências destas sobre o modo de atuação enquanto docentes. As grandes queixas dos professores eram em relação à formação docente. Em conclusão, eles se propuseram a buscar novas práticas de formação por meio da produção e reflexão das histórias de formação dos docentes, não com a idéia de proporcionar modelos prontos, mas com o intuito de, através das próprias histórias, reinventar suas práticas e refletir sobre as mesmas.

Outro trabalho sobre a prática docente foi desenvolvido com professores em processo de análise e reflexão de suas práticas em sala de aula. Essa atividade foi realizada com quatro professoras da rede pública, utilizando observações, registro das aulas em vídeo e entrevista com as profissionais. André (1996), surpreendeu-se com as formas distintas de trabalho das professoras, uma vez que todas elas se denominavam construtivistas. Após a coleta de dados, o pesquisador, juntamente com as professoras participantes, analisaram os vídeos e discutiram as diferenças. As próprias professoras selecionavam as cenas a serem discutidas e, a partir destas, tentavam compreender o que tornava seus trabalhos tão distintos. O autor concluiu a importância de serem criados momentos e espaços para que os docentes tenham condições de refletir sobre suas práticas, adquirindo subsídios para o sucesso do ensino.

Santos (1996), no relato de sua trajetória profissional, ressalta a importância e a necessidade da formação de um docente reflexivo, capaz de questionar suas ações e analisar a própria prática educativa, encontrando novas alternativas para o processo de ensino. Sabe-se que há resistências do professor em relação ao processo reflexivo; na maioria das vezes, ele evita analisar sua própria prática, principalmente devido à grande dificuldade em pensar sobre suas falhas.

Mizukami et al. (1996), em uma pesquisa realizada com professores de uma escola pública, abordaram a questão do pensamento do professor e do ensino reflexivo como maneira de tornar o profissional consciente de suas crenças. Ressaltam que apesar da amplitude de estudos que atualmente investiga o processo reflexivo, não há consenso quanto à natureza da reflexão. Estes pesquisadores discutem que os professores deveriam se preocupar mais com a melhor compreensão do papel que a escola desempenha dentro de uma sociedade, considerando que a reflexão não significa sempre algo positivo, pois pode levar a lições distorcidas e erradas. Ainda há professores que têm grandes dificuldades no que se refere ao desenvolvimento de sua prática em sala de aula, mas que, em seus discursos, parecem demonstrar que são professores com uma prática reflexiva. No entanto, muitas vezes o discurso não condiz com a ação.

Aquino e Mussi (2001) realizaram uma investigação com oito professores da rede municipal de ensino de São Paulo, integrantes de grupos de formação em serviço, com o intuito de compreender os efeitos que as práticas formativas vinculadas às abordagens reflexivas vêm produzindo na profissão docente. Como instrumentos metodológicos, foram realizadas entrevistas baseadas em quatro categorias temáticas; e como perspectiva teórica, adotou-se a psicologia institucional. As práticas reflexivas que foram investigadas propõem pautas de trabalho vinculadas a um conjunto de temáticas que giram em torno da ação pedagógica. Os novos modelos de formação docente em serviço, quando utilizados nas práticas formativas concretas, provocam novas experiências e conferem diferentes denominações para os educadores, tais como, o professor reflexivo, o professor autônomo, o professor investigativo. No contexto das instituições, os professores, ao serem convidados a refletir sobre situações concretas do seu trabalho, geram uma forma peculiar de reflexão, não baseada nos programas de formação. A reflexão que surge nos docentes mostra o confronto que eles possuem com seus lugares instituídos na profissão, problematizando “o dever ser” do trabalho dos mesmos nos dias atuais.

Nos estudos acima, os autores recomendam que futuros professores e os professores em exercício não tenham somente um conhecimento técnico em sua formação. É necessário que o professor vivencie experiências em sala de aula, em conjunto com os colegas, com oportunidades de discuti-las e avaliá-las para, assim, reorganizar sua prática profissional e se desenvolver como profissional reflexivo.

1.4 O Psicodrama na educação e sua contribuição para a abordagem do desenvolvimento do professor como profissional reflexivo

A abordagem de Moreno, mais conhecida como Psicodrama, foi também denominada pelo próprio Jacob Moreno de Socionomia. Esse termo traduz a tentativa de construção de uma nova teoria sociológica, ou microssociológica, visto que Moreno procurava explorar as leis do desenvolvimento social e as relações sociais. Naffah Neto (1997), ao realizar uma revisão crítica da obra de Moreno, relata que:

(...) a socionomia surgiu como algo mais que uma simples teoria sociológica, pois se propunha como uma revisão das antigas correntes e visava transportar suas complexas elaborações teóricas para o nível da realidade vivida no cotidiano, perseguindo no presente e por meio de investigações diretas o complexo cultural dos intercâmbios das interações humanas, tal como se realiza, se cristaliza ou se transformava na realidade concreta e como esta era vivida e produzida por cada sujeito humano (NAFFAH NETO, 1997, p. 129).

Esse projeto socionômico ficou também conhecido como microsociologia, uma vez que pretendia conhecer o fenômeno social, sua estrutura e sua dinâmica, como se o olhasse através de um microscópio. Moreno (1992) buscava uma compreensão do campo social partindo de seu interior, ou seja, estudando os átomos sociais e a maneira como estes se interligavam formando redes sociais.

Como estava interessado nas situações presentes e concretas, visando uma intervenção voltada para a transformação social, ele utilizou métodos experimentais. Dessa maneira, a Socionomia, em seu projeto de desenvolvimento teórico e prático, ramificou-se em três grandes vertentes teóricas: a Sociometria, a Sociodinâmica e a Sociatria.

A Sociometria é o estudo das relações interpessoais que visa desvelar a estrutura latente dos grupos, ou seja, de seu modo de funcionamento e sua organização psicossocial. Para Moreno (1992, p.168), “a teoria das relações interpessoais baseia-se na díade primária, a idéia e experiência do encontro de dois atores, o evento concreto-situacional preliminar a todas as relações interpessoais.” É importante ressaltar que o encontro entre dois atores é o objeto de estudo da Sociometria somente se considerado em seu caráter bilateral. Tal autor defende, ainda, que podemos distinguir padrões de atração, repulsa e indiferença no limite entre indivíduos e grupos. Esses padrões formam uma configuração dinâmica dentro de cada grupo, desde os menores agrupamentos até as comunidades e a sociedade como um todo. A aspiração da Sociometria é, portanto, identificar padrões de relacionamento que compõem uma configuração grupal, bem como definir sua estrutura para que se possa compreender seu *modus operandi*.

A Sociodinâmica é também chamada de Teoria dos Papéis. Esta é fundamental para o entendimento da visão moreniana sobre o desenvolvimento sócio-psíquico do indivíduo, inserido em sua matriz de identidade, termo este que está relacionado à família e as instituições sociais que são co-estruturas da identidade do indivíduo, ao mesmo tempo em que ele também as (re)constrói.

O primeiro padrão de interação e de conhecimento do mundo pela criança se dá dentro da família, que orienta o seu *vir a ser* de acordo com papéis sociais cristalizados, como, por exemplo, o *papel* de pai, de mãe e de filho, uma vez que antes do nascimento deste já existe uma expectativa quanto ao seu desempenho. Dessa forma, a continuidade dos padrões sociais é transmitida desde a primeira infância, a partir das relações complementares entre papéis e contra-papéis.

Quando o bebê nasce, e enquanto estiver em um estado de indiferenciação (ou pré-egóico), ele desempenha somente papéis psicossomáticos, os quais são os que definem as funções biológicas da espécie, tais como, comer, dormir, urinar, e os mais instintivos, como

mamar, irão depender de certo grau de improvisação e espontaneidade, como mostrou Moreno (1984). A partir do funcionamento desses papéis, aparecem as primeiras formas de relação da criança com seu meio ambiente, as quais darão origem a uma consciência (corporal nesse momento) que iniciará a formação da identidade da criança.

Quando a experiência infantil, de um modo em que tudo é real, começa a distinguir entre fantasia e realidade, surgem então os *papéis sociais*, ou seja, os reais, e os *papéis psicodramáticos*, que na infância seriam os papéis imaginários.

Papel, corresponde “àquilo que deve recitar um ator numa peça de Teatro”, isto é, “uma função legitimada e de atuação restringida por uma ordem. Contudo, a partir do século XI, esse termo foi empregado também no sentido de função social, de profissão” (NAFFAH NETO, 1997, p.140). Nota-se que esse sentido da palavra *papel* já aponta sua inserção na ordem social e sua função de manutenção da conserva cultural. O termo em questão foi utilizado por Moreno em 1984 para designar padrões sócio-culturais cristalizados e mantidos “a todo custo” no cerne da sociedade.

Observa-se, portanto, que os papéis sociais emergem como reflexo de uma estrutura social rígida, que se impõe por meio das instituições sociais vigentes, as quais constituem as matrizes de identidade dos indivíduos.

Moreno (1984), ao iniciar suas investigações no teatro, notou um conflito primário no ator entre seu papel dramático e a sua pessoa privada. Mais tarde, observou esse conflito em suas pesquisas com grupos. Essa oposição, no nível sociométrico, estabelecia-se entre a organização oficial do grupo e suas organizações espontâneas. No nível individual, o pesquisador observou um conflito entre interesses coletivos e privados, o que diversas vezes provocava uma separação interna no indivíduo. Surge, assim, o que Moreno mais tarde chamou de *conflito entre papel e pessoa*, que é a essência da dialética presente na constituição do indivíduo social.

Já, a Sociatria trata da visão moreniana sobre sócio - psicopatologia e traz no seu cerne propostas de intervenção. Naffaf Neto (1997) mostra uma visão muito importante do conceito de saúde-doença dentro desta abordagem:

São é o indivíduo espontâneo-criativo, capaz de relações télicas, continuamente lançado no presente e podendo retomar e transformar suas formas de existir em relação a cada situação vivida. São é o indivíduo capaz de catalizar a imaginação com vistas à transformação da realidade, de retomar papéis sociais cristalizados e fixos que o circunscrevem e recriá-los, invertê-los, transformá-los na vivência das próprias relações em que se vê lançado; são em síntese, é o indivíduo capaz de viver uma unidade entre o real e o imaginário, podendo fluir livremente entre essas duas dimensões, sem, contudo, fixar-se em nenhuma delas (NAFFAH NETO, 1997, p. 215).

Os métodos de intervenção daí decorrentes são o Psicodrama, no qual o principal sujeito da intervenção é o indivíduo (visto a partir dos seus papéis e relações), e o Sociodrama, cujo fim é o de explorar os grupos como unidades a serem investigadas e “tratadas” (esse termo tem o sentido de transformação social). Um grupo é uma microunidade social que representa a sociedade como um todo, ou seja, poderia ser considerado uma célula, enquanto a sociedade é o organismo. Moreno (1992) propõe uma “revolução”, uma transformação social através de um trabalho que favoreça a espontaneidade das micro-estruturas que são os grupos, com vistas a liberar sua criatividade e permitir a autocriação (restauração do poder (re)criador da vida em sociedade).

O foco do Sociodrama é, portanto, os grupos sociais, como, por exemplo, os formados por indivíduos que pertencem a uma mesma instituição, ou aqueles em que os indivíduos possuem um papel em comum. Esse método instrumentaliza não só uma leitura das relações intragrupais, mas também uma intervenção com vistas à transformação dos papéis cristalizados (não espontâneos) e o desvelamento da ideologia que faz com que os indivíduos atuem inconscientemente (repetindo padrões).

Naffah Neto (1997, p.202) sugere que “é na alienação do drama coletivo e na consolidação dos papéis sociais, que os atores desempenham, como marionetes, uma peça que não foi por eles escrita”. O autor sugere que o cientista social atue no sistema de posições e papéis oficiais, devendo implementar sua ação nessa ordem disciplinar; “nesta redefinição consciente, se exigirá a participação de cada um e de todos, dar-se-á corpo a uma utopia científica: criar uma vida social fundada na dialética indivíduo-grupo” (p.147). Esse autor propõe, ainda, a regra da co-ação do pesquisador com o grupo, a regra da participação universal na ação, acrescentando que essas práticas remontam ao método socrático: “a verdade e o caminho a serem seguidos jazem no âmago da própria experiência vivida pelo grupo e só por um processo gradual de conscientização e abertura a sua realidade de vida é que podem emergir” (p. 149).

Nesta pesquisa nos propomos a trabalhar com algumas estratégias do Psicodrama propostas por J.L. Moreno e com o Sociodrama Educacional. Dessa forma, Naffah Neto (1997) nos oferece uma explicação bastante clara sobre o assunto:

O psicodrama parte de um mundo pessoal e privado e vai buscar a sua inscrição num drama coletivo; a "catarse da pessoa" significa justamente a explicitação coletiva desta dimensão privada que a constitui, ou seja, um movimento "de dentro para fora", uma vivência subjetiva que se objetiva frente ao mundo. É claro que a alienação não se rompe de uma vez por todas, e que o movimento de sua dissolução tende a cair sempre num mundo alienado. O sociodrama, por outro, parte de conflitos sociais, tal qual objetivados enquanto eventos reais, e convida cada um dos

seus agentes potenciais a vivê-los na própria pele. Desta forma, trata-se de um processo de subjetivação de uma realidade objetiva, a possibilidade da participação e da colocação de cada um frente a uma realidade que é de todos. É verdade que os problemas permanecem após as sessões sociodramáticas e que sua resolução está inscrita numa "práxis" que transcende as paredes do teatro terapêutico. No entanto, é impossível deixar de ver neste processo uma possibilidade de revolucionar as atitudes, de sacudir os comodismos e de fazer emergir o sujeito humano, enquanto consciência prática de sua posição no mundo. É por esta razão que não saberíamos definir, para o sociodrama, uma meta diferente daquela que, ainda há pouco, assinalávamos para o psicodrama. Como métodos complementares, sua diferença básica reside fundamentalmente na perspectiva com que visualizam e enfrentam o drama humano pois, quer se parta do mundo privado e imaginário de um psicótico ou dos conflitos raciais do bairro de Harlem, os caminhos se cruzam e convergem sempre para um mesmo ponto fundamental, sobre o qual se apóia toda a prática sociátrica; este ponto, que define ontologicamente a vida humana em todos os seus níveis, constitui aquilo que aprendemos com Heidegger, a designar como o ser-no-mundo (NAFFAH NETO, 1997, p. 239-241).

Segundo Fleury (1999), o Psicodrama está relacionado ao trabalho com grupos. Moreno (1984), a partir dos seus estudos sociométricos, propôs pressupostos que regem o funcionamento dos grupos e de seus participantes.

Na visão de Cesarino (1999), o surgimento do Psicodrama no Brasil, na década de 60, foi marcado por aspectos sociais e políticos que influenciaram várias pessoas no seu modo de pensar e agir. Neste contexto, o Psicodrama aparece como um instrumento direcionado para as questões sociais, para as relações interpessoais no grupo, reconhecendo, na compreensão dos conflitos grupais, uma especificidade histórica, cultural, social e política.

Para Martim (1984), o Psicodrama criado por Jacob Levi Moreno destaca três conceitos fundamentais: espontaneidade, criatividade e papel social. A partir da teoria psicodramática, é possível facilitar a liberação da espontaneidade do indivíduo. Ser espontâneo é lutar contra as conservas culturais de forma que as pessoas se relacionem e se expressem sem preconceitos e sem se sentirem presas a valores culturais predominantes.

A noção de papel relaciona-se ao fato de que, para viver em sociedade, os indivíduos precisam se adaptar a certas normas de convivência social em que diversas vezes é necessário adotar um determinado papel. Muitas vezes pode-se escolher o papel, mas em algumas situações é preciso aceitar o que é imposto. Em ambos os casos, a sociedade exige uma conduta coerente com o papel (MARTIM, 1984).

Segundo Moreno (1992, p. 25), “todo indivíduo é caracterizado por um leque de papéis que domina seu comportamento, e toda cultura é caracterizada por certo conjunto de papéis impostos, com grau variado de sucesso, a seus membros”.

Para Garcia (1986), Moreno resgata na sua teoria, a partir do teatro espontâneo e do antigo teatro grego, o conceito de catarse. É no teatro da espontaneidade que Moreno vai

transformando numa ferramenta terapêutica, o Psicodrama, que já contém os pontos básicos da sua teoria: o conceito de espontaneidade/criatividade; a teoria dos papéis e a psicoterapia grupal. Moreno distingue três procedimentos para serem abordados quando se dramatiza, os quais variam segundo o objeto de estudo: Psicodrama, tratamento dos conflitos individuais; o Sociodrama, cujo objeto de estudo é os grupos sociais; o *Role-Playing*, quando no Psicodrama é utilizado para a formação e treinamento de papéis profissionais e técnicos.

Essa mesma autora ressalta que o desejo do convívio grupal está contido em todo ser humano desde o seu nascimento, num movimento dialético de luta por uma individuação e ao mesmo tempo por um desejo de pertencer a grupos, de ser aceito. Dessa forma, a autora identifica dois pólos: o da nossa identidade individual e o da necessidade de amor e de pertença.

Para Fonseca Filho (1980), o Psicodrama repousa na definição de homem em quatro dimensões: 1) o conjunto de papéis que representa na vida; 2) a rede de interações de todas as pessoas com as quais se relaciona; 3) seu átomo social - seu mundo afetivo - 4) seu status sociométrico, ou seja, sua cota de amor nos grupos a que pertence. Seu ser no mundo se manifesta também por seu grau de espontaneidade e de comunicação verdadeira (tele). O psicodrama representa a forma dramática e espontânea do encontro entre seres humanos, daí sua força e características peculiares.

Já o Sociodrama, na visão Moreniana, é denominado como um método de ação que trata das relações intergrupais e ideologias coletivas. Dessa maneira, “o Sociodrama baseia-se na suposição tácita de que o grupo formado pelo público já está organizado pelos papéis sociais e culturais que, até certo ponto, todos os membros da mesma cultura partilham” (Moreno, 1992, p.188).

No interior da instituição escolar, o Psicodrama vem ocupando um espaço bastante importante, contribuindo, assim, para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Sobre esse assunto, Puttini (1997) esclarece-nos que o Psicodrama, além de ser uma terapia que visa à compreensão e o desenvolvimento do indivíduo, pode também ser considerado como uma metodologia educacional. A pioneira do Psicodrama Pedagógico na América Latina foi a educadora argentina Maria Alicia Romaña.

Para Romaña (1987), o Psicodrama pode ser visto como uma combinação de trabalho em grupo, desenvolvido em um clima de jogo e liberdade que atinge sua expressão quando articulado no plano dramático ou teatral. Nesta perspectiva teórica, o grupo se estrutura, se conhece e se reconhece na mesma proporção em que dramatiza, produz e cria.

O método educacional psicodramático é proposto como uma ferramenta para auxiliar o educador na tarefa de fazer com que seus alunos alcancem, em alguma medida, a integração entre conhecimento adquirido e experiência vivida. Com esse método, podem ser trabalhados conteúdos ou temas, sejam eles espontâneos ou programados.

O Psicodrama como método didático, ao contrário do que ocorre no ensino tradicional, garante a aquisição do conhecimento em um nível intuitivo e intelectual e leva o aluno a participar mais e utilizar mais seu corpo. Ao mesmo tempo, esse método permite que o professor lide com o grupo como uma unidade.

Segundo Passos (1991), o Psicodrama pode ser visto como uma metodologia alternativa, possível e facilitadora da aquisição de conhecimento no processo de aprendizagem. Essa não é uma metodologia educacional organizada para os alunos; ao contrário, é uma metodologia criada “com” os alunos a partir de uma reflexão e vivência coletiva.

Marra e Costa (2004) referem-se ao Sociodrama como uma epistemologia e uma prática social voltada para uma abordagem grupal/comunitária, e como um método para a pesquisa-ação. Como práxis da Psicologia Comunitária, as autoras acreditam que o trabalho sociodramático é uma oportunidade para que todos influenciem e sejam influenciados mutuamente; e como método viável para a pesquisa-ação privilegia a dimensão relacional que está contida no Sociodrama, possibilitando a investigação sociológica dos sujeitos criadores da história.

Para Puttini (1991), apesar do Psicodrama enquanto método educacional ser pouco conhecido nas escolas, este surge como uma possibilidade, e com aspectos essencialmente sociais. Além de poder ser empregado da pré-escola ao ensino superior, pode favorecer a atuação do professor, o desenvolvimento da criança e também ser utilizado com outros métodos e atividades escolares, como, por exemplo, avaliação de trabalho em equipes e de cursos. Todavia, a sua utilização deve ser criteriosa e bem dosada para que seus objetivos sejam adequadamente alcançados.

Para Urt (1991), o Psicodrama Pedagógico torna possível a integração entre o social e o individual, o cognitivo e o afetivo, e mesmo não sendo a solução para os problemas metodológicos, ele pode ser considerado como uma possibilidade que o educador dispõe para favorecer a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. É importante destacar que a sua frequência deve ser combinada com outras metodologias de ensino, e seu uso deve se restringir aos papéis de professor e aluno.

Mas, o Psicodrama Pedagógico não constitui a única forma de aplicação do referencial desenvolvido por Moreno à área da educação. A seguir, apresentaremos alguns trabalhos

desenvolvidos na área educacional que são baseados na Abordagem Psicodramática e que ilustram outras formas dessa aplicação.

Com intuito de refletir a respeito do papel profissional do educador e de situações reais e cotidianas da sala de aula, Da Costa (1999) realizou um trabalho com enfoque psicodramático numa escola de primeiro grau da cidade de São Paulo. O trabalho foi dividido em duas etapas: na primeira, foram abordados temas gerais, em seis encontros com um grupo de trinta professores de jardim a quarta série; na segunda, foram realizados oito encontros e foi constituído um grupo com os professores de jardim I, II e pré. O psicodrama pedagógico foi utilizado com o objetivo de centralizar propostas no relacionamento com o trabalho e com as pessoas que dele fazem parte, pois é neste ponto que se percebem as tensões e os bloqueios que dificultam o relacionamento profissional. Durante as atividades, a autora avaliou que os professores viveram momentos bastante intensos e que a participação destes foi espontânea, harmoniosa e ponderada. Verificou-se, também, que o grupo de professores demonstrou grande interesse em novos cursos de aperfeiçoamento, além de uma percepção mais amadurecida sobre a realidade educacional brasileira.

A partir da abordagem psicodramática, Puttini (1991) realizou um curso para professores e alunos do Curso de Habilitação para o Magistério com o intuito de sensibilizá-los a partir de temas específicos e de fazê-los refletir sobre suas práticas pedagógicas, visando o aperfeiçoamento das mesmas e o desenvolvimento da criatividade e expressividade. O curso também procurou repensar o papel do profissional e o desenvolvimento de papéis. Os professores tiveram contato com a abordagem psicodramática em educação e suas diferentes possibilidades de aplicação. A autora concluiu que a utilização do Psicodrama nas escolas pode favorecer o 'fazer' do professor na escola. Todavia, esse não pode ser considerado como um receituário.

Com o objetivo de descrever, explicar e elaborar uma proposta alternativa para o entendimento da prática transformadora de educadores em uma escola do primeiro grau, Noffs (1995) utilizou o referencial teórico do Psicodrama para um estudo de caso em uma escola da rede privada do interior de São Paulo. O grupo de educadores que participou do trabalho era constituído de vinte professores do primeiro grau, cinco orientadores e um diretor. Inicialmente foram feitos vários contatos com a equipe técnico-pedagógica para compreender a filosofia da escola e conhecer seus pressupostos. Nesses encontros, os papéis e tarefas de cada elemento da equipe foram discutidos, promovendo, assim, a integração grupal. Em seguida, iniciou-se o trabalho com os professores, os quais levantaram a seguinte questão como primeiro tema: *Como deve ser um trabalho pedagógico na linha construtivista?* Para

essas discussões, o autor deu prioridade à discussão sobre o cotidiano, à descrição de práticas vividas, à retomada da descrição através da reflexão grupal e à identidade grupal. Os encontros eram realizados mensalmente, e os primeiros temas discutidos se referiam à prática docente, ao trabalho em grupo, à aula expositiva e à interdisciplinaridade. Nessas discussões, Noffs percebeu um grande esforço do professor para compreender a proposta, envolver-se com ela e “acertar”. No decorrer dos encontros, o foco da discussão mudou para “as modalidades de aprender”, e os professores passaram a discutir as questões de como o professor lidava com o conhecimento transmitido, qual o seu significado para os alunos e as resistências grupais nesse contexto. Com base nessas reflexões, os professores puderam repensar suas relações interpessoais, rever sua prática e buscar a compreensão das diferenças individuais entre os alunos. O autor percebeu, também, que o conhecimento e o saber ocorriam numa descoberta mediada pela instituição escolar. Iniciou-se, então, uma outra discussão, a qual se referia à filosofia da escola e aos papéis dos elementos que nela trabalhavam. Isso permitiu que os professores fizessem uma diferenciação de suas tarefas, e a reflexão sobre esse tema desencadeou uma diminuição nas tensões entre papéis, facilitando a circulação do saber e abrindo espaço para a elaboração de projetos comuns. Diante dessas constatações, a tarefa seguinte teve uma proposta lúdica, denominada de “Brinquedoteca e Avaliação”. Os professores participaram, dentro de uma perspectiva psicodramática, de atividades de dança, canto, diálogos, jogos e brincadeiras e, a partir daí, passaram a propor situações novas em suas práticas cotidianas.

Por fim, Noffs concluiu que as situações trabalhadas a partir do Psicodrama proporcionaram a cada indivíduo a reconstrução de seu contexto e, por meio de uma ação reflexiva e vivida, cada elemento do grupo teve a oportunidade de conhecer-se, descobrir-se e transformar-se como pessoa e profissional. O compromisso com a transformação da escola implica numa consciência de manutenção da própria escola e dos grupos que nela atuam, implica também que se considerem três contextos: o social, o grupal e o psicodramático. O contexto social foi entendido nesta pesquisa como o contexto da instituição escolar como um todo, envolvendo a globalidade de situações vividas. O contexto grupal foi entendido como os diferentes segmentos encontrados na instituição escola, ou seja, professores, alunos, especialistas e infraestrutura (serventes, porteiros e etc). O contexto psicodramático foi entendido como o encontro da pessoa consigo mesma e, também, como integrante daquele contexto grupal. As diretrizes do trabalho em grupo se configuram no espaço da coexistência social, de uma relação dialética na qual o grupo e indivíduo são constitutivos um do outro.

Costa, Nery e Conceição (2006) defendem o Sociodrama como um método para a pesquisa qualitativa em Psicologia, de modo que esse propicie a intervenção grupal como foco da investigação. Apontam que as dificuldades da metodologia de intervenção sociopsicodramática são o planejamento da ação dramática, registro, observação, análise das informações e questões éticas. Além disso, consideram que o Sociodrama pode ser opção para pesquisa ativa e construção de significações nas relações, em um processo dialógico e compatível com pesquisas interventivas. Acredita-se que o Sociodrama oferece reflexões que subsidiam o trabalho com grupos e estabelecem uma ampliação sobre a micro-realidade social, considerando a complexidade inserida nos relacionamentos afetivos e o potencial espontâneo do grupo.

Para essas autoras, é cada vez maior o número de profissionais de diversas áreas que recorrem a métodos sociodramáticos para responder a questões de pesquisa, ou que utilizam essa ferramenta para intervir em contextos grupais. Isso explica a importância de se discutir o Sociodrama como método de pesquisa, traçar suas contribuições no âmbito da investigação e ensejar reflexões que subsidiem os profissionais que trabalham com grupos. O Sociodrama promove a ampliação do olhar sobre a micro-realidade social para um socionômico, que considera a complexidade embutida nas intrincadas redes de relacionamentos afetivos, e libera o seu potencial espontâneo e co-criador, facilitador da superação de crises.

A partir dessas considerações teóricas, pode-se dizer que a abordagem psicodramática possibilita uma análise das relações-interpessoais do cotidiano da instituição escolar e traz um método teórico e prático de condução grupal. Além disso, possui uma teoria (sociometria) que se constitui num instrumento de análise dos dados provenientes de sessões grupais. Por estas razões, esta abordagem teórica será utilizada como referencial no presente estudo.

1.5 A análise institucional

Para Aquino (1996), a Psicologia Institucional enfoca o plano ideológico presentificado nas representações dos atores institucionais, visando, assim, o entendimento das relações concretas que acontecem na instituição, as práticas de dominação e resistência e os jogos imaginários que investem as relações instituídas/instituintes no âmbito escolar.

Parte-se do pressuposto de que só se pode apreender uma instituição por meio das relações sociais específicas que a fundam, do conjunto de práticas conflitantes ou divergentes, e ora complementares, que acontecem entre seus atores concretos. No caso da escola pública, os atores institucionais são: o Estado como mandante; os professores como agentes

privilegiados; os estagiários, os auxiliares de ensino e os substitutos como agentes subordinados; a clientela (alunos) e o público (as famílias e a população em geral). “A prática institucional seria resultante do confronto entre esses vários atores ou, antes, entre as diferentes posições e lugares por eles ocupados num dado cenário institucional” (AQUINO, 1996, p. 18).

Embora surgido na França, na década de 60, como um movimento originado a partir de Georges Lapassade e de René Lourau, no Brasil, a Análise Institucional, denominação que explicita uma forma de compreender e intervir em grupos e organizações, só desponta nos anos 70, como uma abordagem sociológica e política do trabalho institucional, se bem que tenha originado da psicossociologia ou da psicologia dos grupos. Segundo Guirado (1987), a “Análise Institucional” de Lapassade é vista como uma maneira singular de entender o que são as relações instituídas, bem com uma forma de “trabalhá-las” ou agir sobre elas, enquanto psicólogo, na busca de compreender as ligações que os indivíduos e grupos mantêm com as instituições. A Psicologia, a Sociologia e a Pedagogia foram os fundamentos teóricos deste movimento, em articulação com o Marxismo e a Psicanálise.

Suas bases concretas encontram-se na experiência da Pedagogia Institucional que, ao criticar a Pedagogia Tradicional (autoritária), buscou constituir outra orientação que redimensionasse o espaço, o tempo e a relação educador-educando. Nessas bases, encontram-se, ainda, as práticas da psicoterapia institucional mostrando uma ação sobre as instâncias institucionais que impossibilitam a cura a que se propõem. É importante ressaltar que essas bases encontram-se, por fim, na psicossociologia, compreendida como o estudo e o trabalho com pequenos grupos (GUIRADO, 1987).

Guirado (1987) resalta que Lapassade se posiciona como um provocador e instigador ao questionamento da própria natureza das instituições. Apesar de ressaltar a importância da instituição como função social, Lapassade propõe uma reflexão crítica por parte dos próprios agentes organizacionais com relação ao instituído, na busca de revelar a estrutura, o papel que desempenha no contexto profissional, numa atitude de revisão e transformação da ordem estabelecida. Lapassade concebe uma construção social da realidade que se dá a partir de uma inter-relação de três níveis ou instâncias: 1) o grupo; 2) a organização; 3) o Estado.

Para Lapassade (1977 apud GUIRADO, 1987, p. 28), “toda relação social se faz nos grupos. Estes, por sua vez, podem vir a configurar organizações e são, ambos, sobredeterminados pelas instituições”.

O primeiro nível institucional seria o grupo, considerado como a base da vida cotidiana. Na escola, seria a classe; no trabalho, seria o escritório e a oficina; no resto da vida,

a família. Neste nível, aparece a marca da instituição, seja nos horários, nos ritmos de operação ou nas normas, nos sistemas de controle e nos papéis. Seu objetivo seria manter a ordem, organizar o aprendizado e a produção. O segundo nível da realidade social seria o da organização, com seus regimentos e regulamentos. Neste caso, pode-se considerar um estabelecimento de ensino ou administrativo e uma fábrica. Surgem as normas jurídicas fazendo a ligação entre a sociedade civil e o Estado. É nesse segundo nível que Lapassade situa a burocracia, as relações autoritárias, a exclusão de determinados grupos quanto aos processos decisórios e estabelecimento das pautas de conduta, normas, regras e leis que direcionam o fazer profissional cotidiano, centrados, que estão, em dirigentes, explicitando a instituição da divisão do trabalho. Por último, completando a dinâmica de construção social, Lapassade destaca o terceiro nível do sistema social, que seria o Estado, considerado como a instituição propriamente dita, entendido como o conjunto de leis que regem a conduta social, quem criva a organização e o grupo (GUIRADO, 1987).

A partir dessa análise sobre os três níveis do sistema social, supõe-se que, se a instituição constitui o campo abstrato dos valores e regras, sendo o Estado a sua maior expressão, a organização é a forma de materialização dessas regras e valores, através da produção social; enquanto o grupo é o elemento que completa a construção social da realidade, como instância de promoção, transmissão, reprodução ou transformação desses valores.

A instituição, para Lapassade, é o conjunto do que está instituído e, enquanto jurisdição e política, orienta toda e qualquer relação. Esse autor acrescenta à conceituação de instituição, a distinção de dois termos: o instituído, que é o que está estabelecido, é o caráter de fixidez e cristalização das formas de relação; e o instituinte, que é o movimento de criação, a capacidade de inventar novas formas de relação (GUIRADO, 1987).

Para Lapassade (1977 apud GUIRADO, 1987), a ideologia é um mecanismo coletivo de repressão, não uma simples ignorância dos modos de funcionamento da sociedade pelos seus membros. É um “desconhecimento do sentido estrutural de seus atos, do que determina suas opções, suas preferências, suas rejeições, opiniões e aspirações, pela ação do Estado, através das mediações institucionais que penetram em toda a sociedade” (Lapassade, 1977, apud GUIRADO, 1987, p.32). Assim, o Estado é a instituição por excelência, enquanto sistema de normas e padrões culturais hegemônicos; é a lei e, por ela, a repressão.

Na vida social, criada pelo Estado, a burocracia desempenha um papel fundamental, sendo um tipo de “organização do poder, em que há uma alienação da condição de decisão sobre o fazer cotidiano em favor de grupos (ou dirigentes) que, embora em relação, não

alinham seus interesses aos dos grupos ou indivíduos executores” (GUIRADO, 1987, p. 35). Assim, a inserção de sujeitos e grupos nos procedimentos burocráticos faz com que o cotidiano seja a forma singular das instituições sociais. A ordem burocrática é, ainda, a dimensão oculta que determina o que se dá ao nível dos grupos e organizações. Quanto maior a fidelidade a ela, maior a conformação ao Estado e suas leis. Em oposição ao conceito de burocracia, tem-se o conceito de autogestão, que é a maneira pela qual o que acontece no cotidiano retoma seu sentido original.

Com Lapassade, temos a compreensão política das relações instituídas, a partir da compreensão do papel da burocracia e da ideologia nesse processo.

Guirado (1987) afirma que, enquanto intervenção, diferentemente da análise organizacional, a Análise Institucional de Lapassade

(...) propõe-se ser a condição concreta para que se revele a determinação institucional, oculta pela repressão do sentido e pelo encobrimento ideológico. Provocando o grupo a falar e atuar, promove-se a análise da situação e desvenda-se as instituições determinantes do discurso e da ação grupal (GUIRADO, 1987, p. 41).

Dentro dessa visão, a Estrutura de Papel pode ser mais bem compreendida, visto que ela se constitui na dialética instituído-instituente no interior dos grupos, organizações e instituições que compõem a escola. Andrade (2002, p.5) ressalta que esse conceito é constituído por “componentes cristalizados ou normativos, internalizados em um processo de identificação como grupo instituído (...). Mas, também, por componentes de resistência, que resultariam do movimento dialético no sentido de superação da imposição social dos papéis”.

Para Guirado (1987), ao trabalhar com grupos, segundo os pressupostos da Análise Institucional de Lapassade, é importante considerar: 1) O rompimento das relações de poder rígidas e hierarquizadas; 2) A explicitação da dimensão oculta das instituições nas ações cotidianas; 3) A convicção de que o papel do analista institucional é o de desencadeador do processo de análise, que deverá ser continuado, no dia-a-dia, pelos próprios agentes organizacionais; 4) A adoção de métodos de análise que visem compreender a experiência cotidiana como sobredeterminada pelas instituições que são partes da cultura do grupo social; 5) A adoção de métodos de intervenção, cujo objetivo é o de libertar o grupo da determinação institucional, provocando sua explicitação pela fala e pela análise em situação; 6) A missão de revelar, nos grupos, esse nível oculto de sua vida e funcionamento - a dimensão institucional - assumindo, como método de intervenção, um caráter político que mobilize o trabalho organizativo dos grupos, sua libertação pela palavra, sua passagem da heteronomia para a auto-análise, autogestão e autonomia; 7) A distinção entre Análise Institucional (instrumento

de análise das contradições sociais responsáveis pela dimensão oculta do que se passa nos grupos - nível histórico) e Análise Organizacional (instrumento de análise dos fatores internos do cotidiano de uma empresa, muitas vezes considerada como uma realidade ou instância a-histórica, fechada em si mesma, sem conexão com o exterior).

“A Análise Institucional assume por objetivo o fazer surgir na sua realidade concreta (na expressão dos atores), o aspecto dialético, ao mesmo tempo positivo e negativo, de todo grupamento organizado” (LAPASSADE, 1977 apud GUIRADO, 1987, p. 43).

O lugar do analista é o de “provocador” de um processo que pretende ser tomado nas mãos pelos atores institucionais. Se ele é o “detonador” de mudanças, a hipótese é a de que a análise seja uma ação do grupo sobre si mesmo (especialmente) na ausência do analista (GUIRADO, 1987).

“A ação direta, da transgressão à autogestão, parece ser para Lapassade, então, a alternativa possível de retomada do sentido do que acontece no cotidiano” (GUIRADO, 1987, p. 47).

Em Lapassade, a fundamentação de início político, perpassando pela leitura da Psicologia do Potencial Humano e pelos movimentos da Bionergética, assume o lugar de uma intervenção de caráter imediato e disparador, cujo objeto básico é o de resgatar a palavra e a autonomia dos grupos - “é a ação que faz a análise”. O analista, para Lapassade, será sempre um com os outros, no processo de pensar e executar decisões do grupo. Só aí se rompe com a ideologia da instituição (GUIRADO, 1987, p. 69).

A teoria de Lapassade nos esclarece importantes aspectos do funcionamento das instituições, a partir da Análise Institucional. Este autor nos convida a pensar a instituição escolar e a práxis grupal de uma forma totalmente diferente da convencional. É importante não pensar nessa teoria como um receituário e, sim, como orientações para que o processo grupal seja mais facilitador e libertador dos medos e repressões vivenciados no âmbito escolar.

O autor que será apresentado a seguir nos revela que, atualmente, com a tentativa de realizar uma gestão democrática nas instituições escolares, parece estar surgindo uma nova fase para a escola, e quem sabe um novo momento para os grupos.

Para Azenha (2007), a história da educação brasileira passou por diferentes momentos e, através deles e nos diferentes contextos sociais, políticos e econômicos, a instituição escolar teve modificado seu papel sempre de acordo com os interesses governamentais de cada um desses períodos, passando de uma mera reprodutora do ideal da camada dominante vigente para instrumento de higienização, ordem, controle e civilização da nação.

Acredita-se que com a LDB 9.394/96 surge, com a nítida preocupação, expressa nos princípios de seu Artigo 3º, uma escola mais justa, contextualizada, baseada num mundo real e, acima de tudo, democrática, no sentido de atuar em conjunto com todos os segmentos da população.

Azenha (2007) realizou uma pesquisa cujo objetivo principal foi o de analisar a concepção de gestão democrática apontada na LDB 9.394/96 e a visão dos gestores escolares sobre essa temática. Como instrumento metodológico, realizou-se entrevistas semi-estruturadas com nove gestores escolares que trabalham na rede pública estadual de ensino, da região de Ribeirão Preto. As entrevistas foram transcritas e analisadas com a utilização do software Alceste. Os resultados demonstraram que a implementação da gestão democrática, estabelecida pela LDB, é considerada uma grande novidade para a educação brasileira, porém não está ocorrendo com grande facilidade, por não se tratar de um simples “ajuste técnico”, mas, sim, de uma construção coletiva. A maioria dos entrevistados acredita que a gestão democrática só existirá a partir do momento em que esta for assumida por todos os atores da escola (direção, coordenação, funcionários, professores, pais e alunos). Os dados também revelaram que existe um descontentamento por parte dos entrevistados quanto à sobrecarga de responsabilidades que permeiam o cotidiano escolar dos gestores, bem como quanto à pouca participação e envolvimento dos diversos atores sociais na promoção de tomada de decisões. O descontentamento dos atores sociais da instituição escolar quanto ao poder e controle dos órgãos governamentais, que se perpetuou de maneira tão significativa na educação brasileira, também foram apontados pelos entrevistados. O autor considera que a experiência coletiva de criação, articulação, implementação e manutenção da gestão escolar democrática é o principal desafio de todos aqueles que hoje atuam na escola pública, visto que esta instituição tem sido tão punida no decorrer da história da educação brasileira.

A construção de uma escola democrática requer esforços de todos os seus envolvidos, e para os professores faz-se necessário um envolvimento que deve ir muito além da simples legitimação e transmissão do currículo proposto e da simples adesão às mudanças e planos previstos para a escola. Os professores, por sua vez, precisam estar munidos de interesse e vontade política, elementos indispensáveis para uma atuação profissional crítica e inovadora. O Estado, a Secretaria da Educação e os diretores precisam criar e garantir espaços de discussão e participação dos professores (AZENHA, 2007).

Parece estar surgindo um caminho diferente para a instituição escolar que anseia, ao longo dos tempos, por um sistema educacional mais democrático. Contudo, é preciso muito esforço e trabalho para apagar a descrença e a má imagem que os professores, pais e alunos

têm em relação à escola pública, que, ao longo dos tempos, esteve marcada por diversas mudanças autoritárias e desprovida de qualquer tipo de diálogo e participação.

1.6 O Sociodrama Educacional como estratégia de desenvolvimento do professor como profissional reflexivo

Apresentaremos a seguir alguns trabalhos realizados com professores pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Institucionais e Sociodrama Educacional (GEPISed), coordenado por Antônio dos Santos Andrade.

Andrade (2002) define o Sociodrama Educacional por uma abordagem teórico-metodológica que se caracteriza como uma linha de pesquisa-ação da Psicologia Educacional, em um enfoque institucional, que se propõe ao estudo das relações humanas em contextos educacionais. A partir de estratégias de pesquisa qualitativa, o referencial sociopsicodramático visa contribuir para o sucesso escolar. Para atingir tais metas, este busca a compreensão das interações sociais que constituem o cotidiano das instituições, enfocando-as a partir da concepção de papéis como estruturas, segundo as quais os diferentes integrantes da instituição pautam suas relações. As relações são abordadas conforme os segmentos estruturais que compõem a instituição educacional: a) agentes institucionais: professores, técnicos e dirigentes; b) clientela: alunos; e c) responsável pela clientela: pais.

Andrade (1999) trabalhou com os princípios sociodramáticos e contribuiu para o desenvolvimento profissional de um grupo de professores do ensino fundamental. Nessa investigação, foram promovidos encontros reflexivos sobre as suas práticas cotidianas. Seguindo a abordagem moreniana na coordenação dos grupos, o autor buscava levar a interação grupal à espontaneidade e à “tele-relação”, bem como incentivar o grupo para que suas estruturas sociométricas se tornassem mais integradoras. Os principais objetivos do trabalho de Andrade (1999) foram a promoção do autoconhecimento dos professores no que se refere ao seu papel profissional e o estímulo da espontaneidade em sua prática cotidiana. Os encontros foram divididos em três etapas, inspiradas nas propostas de Moreno: o aquecimento, a discussão e os comentários finais. Foram realizados nove encontros com seis professores. O trabalho reflexivo iniciou-se no segundo encontro, e foi encerrado no oitavo. O primeiro encontro caracterizou-se pelas apresentações, esclarecimentos do cronograma e estabelecimento das regras de funcionamento do grupo. No segundo e terceiro encontros, foram abordados temas referentes à relação professor-aluno e abordagens didáticas. No quarto encontro, os professores destacaram as complexidades cotidianas em lidar com as dificuldades

de aprendizagem e de relacionamento em sala de aula. No quinto encontro, as discussões sobre o cotidiano escolar foram abordadas novamente. O relato de três professoras sobre situações de suas práticas destacou os temas sobre a “dificuldade em lidar com determinados alunos”, a “incapacidade de lidar com as dificuldades de aprendizagem” e “os problemas de relacionamento em sala”. O grupo passou a questionar o relacionamento em sala, levantando algumas soluções e possibilidades de mudanças para as colegas. No sexto encontro, as professoras relataram situações do encontro anterior, e comentaram algumas mudanças que haviam ocorrido na relação com seus alunos. O grupo passou a construir explicações sobre as mudanças, concluindo que a comunicação não-verbal era um aspecto determinante na relação professor-aluno e que o comportamento dos alunos era mobilizado a partir de uma resignificação dessa relação. No sétimo encontro, foram relatados os progressos conquistados no relacionamento com os alunos, bem como em outras relações, nas quais os professores desempenhavam outros papéis. Os docentes concluíram que um reposicionamento na relação professor-aluno era relevante para a compreensão do desempenho destes alunos e também de fatores extraclasse. No oitavo encontro, uma das professoras, que mantinha uma participação muito tímida no grupo, solicitou e recebeu ajuda do coordenador para compreender uma situação vivida na prática de sala de aula. O tema foi aproveitado para discutir a importância da instituição nas relações interpessoais. No nono encontro, os professores fizeram espontaneamente uma avaliação do processo. As conclusões finais sobre o funcionamento do grupo confirmaram o valor do procedimento utilizado para uma modificação nas crenças, concepções e atitudes dos professores frente a seus cotidianos e na relação com os alunos. Segundo o relato das próprias professoras, essas resignificações resultaram em melhoras no desempenho dos alunos. Os resultados do estudo sugeriram que a abordagem moreniana é facilitadora do desenvolvimento do professor como prático-reflexivo e que a contribuição da abordagem psicodramática é eficaz para a formação continuada de professores e para a reflexão sobre a sua prática.

Andrade (2000) relata as atividades realizadas para o desenvolvimento do papel do professor de Educação Especial de uma instituição do interior de São Paulo. O Psicodrama foi utilizado como estratégia para o desenvolvimento da criatividade e espontaneidade num contexto profissional. Foram propostas atividades para um grupo de 10 professores daquela instituição. As atividades realizadas foram divididas em duas etapas. A primeira teve oito encontros, nos quais os novos conhecimentos foram apresentados e a atividade de dramatização foi introduzida aos poucos, com o auxílio de estratégias psicodramáticas. No primeiro encontro, os participantes e o coordenador se apresentaram e foi estabelecido o

programa das leituras e temas para cada encontro. No segundo encontro, os conceitos morenianos fundamentais foram apresentados por meio da leitura de um texto. No terceiro encontro, os participantes discutiram os conceitos de Tele, empatia e transferência, abordados no texto lido, e, ao final, o coordenador fez uma síntese sobre as leituras e solicitou aos participantes que trouxessem uma notícia de jornal que achassem interessante para o próximo encontro. No quarto encontro, o grupo participou de uma primeira vivência psicodramática. A estratégia utilizada pelo coordenador foi a do “Jornal Vivo”. A atividade foi dividida em três partes: a primeira foi o “aquecimento”, no qual os participantes contaram sobre suas notícias e, em grupo, decidiram sobre qual notícia iriam trabalhar. Os participantes passaram, então, por um aquecimento corporal e pela incorporação de seus personagens. O coordenador sugeriu que conversassem com os outros personagens com os quais iriam contracenar e que demarcassem os espaços cênicos necessários à dramatização. A dramatização ocorreu em três atos, os quais tornavam-se cada vez mais cômicos, destacando a espontaneidade de alguns participantes em seus papéis. Nos comentários, os participantes demonstraram seu entusiasmo e relataram o quanto se surpreenderam com a atuação dos companheiros. No quinto encontro, os depoimentos dos participantes sobre como tinham vivido a experiência dramática no encontro anterior foram utilizados para discutir a dramatização como recurso didático. O coordenador salientou a importância do aquecimento para essas atividades e relacionou a experiência com a situação de dramatização em sala de aula. Iniciou-se, então, a discussão do texto proposto para aquele encontro, analisando alguns exemplos de dramatização em sala de aula. Foi solicitado que os participantes falassem de conhecimentos que poderiam ser ensinados em salas de aulas através da dramatização. No sexto encontro, o grupo dividiu-se em três grupos com a tarefa de preparar uma apresentação. Os participantes aqueceram-se no interior dos subgrupos e, no decorrer da dramatização, o coordenador observou que as apresentações se ampliavam na medida em que se sucediam. Os grupos escolheram temas de seu cotidiano em sala de aula, focando a relação professor-aluno. Nos comentários sobre essa atividade, os educadores falaram sobre as dificuldades na realização da atividade. No sétimo encontro, discutiu-se a atividade desenvolvida no encontro anterior, destacando a espontaneidade e a ação vivenciadas, diferenciando-as das situações vividas num teatro tradicional. Para finalizar, o coordenador enfatizou a importância de que os participantes passassem a utilizar esta proposta em suas atividades em sala de aula. No oitavo encontro, o coordenador começou o aquecimento destacando o Psicodrama como uma técnica de ensino. A proposta de dramatização sugeriu o tema “o ensino da criança portadora de dificuldades especiais”. Todos assumiram seus papéis, e o coordenador propôs que os participantes se

comportassem conforme estavam acostumados em seu cotidiano. O papel de professor foi substituído e outros participantes atuaram como auxiliares da professora. A partir desse momento, o clima na sala de aula dramatizada ficou menos tenso, destacando-se a postura dos ajudantes como determinantes para um clima melhor. Em seguida, os professores comentaram sobre o que haviam sentido e sobre a descoberta quanto às dificuldades na gestão de suas aulas.

A segunda etapa ocorreu após seis meses e também consistiu de oito encontros. No primeiro e no segundo encontro, os participantes tiveram a oportunidade de relatar suas experiências de dramatização. Relataram, assim, dramatizações que haviam desenvolvido com seus alunos e as dificuldades que encontraram ao realizar este tipo de atividade. De uma maneira geral, os depoimentos demonstraram a admiração dos professores diante das mudanças ocorridas a partir daquelas experiências. No terceiro encontro, foi retomada a questão das dificuldades de alguns participantes na implementação da proposta em sala de aula. Tomando como base o relato de uma professora, o grupo se solidarizou e decidiu que no próximo encontro seria reproduzida a situação por ela relatada. No quarto encontro, a professora contou com mais detalhes a situação que havia vivido com os alunos e convidou os colegas a assumirem os papéis de alunos, ilustrando uma história infantil para ensinar alguns conceitos. Dessa forma, conseguiu-se reproduzir a situação da sala de aula. O coordenador solicitou à platéia que participasse da dramatização, mas não conseguiu a participação que esperava. Passaram, então, à fase dos comentários, e cada um dos que haviam participado falou sobre seus papéis e o que sentiu. Comentou-se que as pressuposições sobre o baixo nível cognitivo dos alunos interferiram na hora de planejar as atividades, gerando uma resistência por parte dos mesmos em seu envolvimento com a atividade. No quinto encontro, foram discutidas as dificuldades dos participantes, bem como as dificuldades causadas pelas características dos alunos. Outra professora também relatou a dramatização que realizara em sala e o grupo decidiu reproduzi-la no próximo encontro. No sexto encontro, o coordenador pediu que os participantes decidissem quais situações expostas no encontro anterior seriam dramatizadas. O relato de uma professora foi selecionado, e voluntários assumiram seus papéis a fim de compor uma sala de aula. Apareceram dificuldades em conter a agitação em sala de aula e de lidar com a conduta de familiares de alguns alunos, que se caracterizava por ser oposta à conduta ensinada pela professora. Ao término da dramatização, outra professora se dispôs a assumir o papel da professora anterior na tentativa de solucionar as dificuldades de outra forma. Uma terceira professora também experimentou buscar soluções através de sua atuação, se revelando mais espontânea e criativa. Durante os comentários, o coordenador

solicitou que o grupo falasse sobre a atuação da última professora. Os participantes que representaram os alunos falaram da mudança de postura da professora, e o coordenador destacou alguns aspectos da terceira dramatização que tornaram a atividade mais espontânea e criativa. O coordenador salientou, ainda, que naquele momento a professora não havia planejado aquilo e que se deixou guiar por suas intuições. No sétimo encontro, o coordenador destacou a necessidade de analisar as iniciativas de aplicação de idéias em sala de aula. Foram lembradas as atividades realizadas em encontros anteriores, e alguns participantes declararam ter dificuldades pela falta de tempo para criar estas situações. Uma outra professora relatou sua experiência com a dramatização em sala de aula, dizendo que aquela iniciativa havia partido dos próprios alunos. Passou-se, então, a discutir o relato e concluiu-se que, apesar dos problemas causados inicialmente pela confusão e barulho, a dramatização é um recurso que produz uma ordem no trabalho, e que até os alunos com dificuldades especiais conseguiram chegar a resultados satisfatórios. No oitavo encontro, os envolvidos no trabalho continuaram relatando as dificuldades que enfrentaram ao longo deste. Relataram dificuldades referentes às exigências da direção quanto ao cumprimento de programas preestabelecidos e às campanhas de arrecadação de verbas para a instituição que afetam o trabalho com os alunos. Uma professora declarou que não se sentia preparada para utilizar a dramatização em sua prática. Todos do grupo solicitaram a continuação dos encontros e afirmaram que passaram a se sentir mais à vontade para abordar problemas que dificultavam a implementação de novas propostas na instituição na qual trabalhavam.

O autor concluiu que a estratégia utilizada no trabalho desencadeou o envolvimento, a liberação da criatividade e a espontaneidade nos participantes. Segundo o autor, as dificuldades apresentadas foram, em sua maioria, de ordem institucional e hierárquica. As resistências que se revelaram foram vividas como pessoais e estavam relacionadas com a história de vida de cada um. Esses dois últimos fatores, na visão do autor, revelam-se como obstáculos para a implementação de um trabalho como este no ensino.

Outro trabalho que merece destaque entre as formas de aplicação do Psicodrama à Educação é o trabalho de Nunes e Andrade (1996), cujo objetivo principal consistiu em obter a melhoria do rendimento nas primeiras séries do primeiro grau de uma escola pública de Minas Gerais a partir da ação do supervisor escolar numa proposta de trabalho coletivo. Como procedimento metodológico de coleta de dados, optou-se por utilizar uma abordagem qualitativa, do tipo etnográfico, explorando o cotidiano da prática de um supervisor junto a quatro professores de primeira série de uma escola municipal do interior da referida cidade.

A proposta da supervisão pedagógica adotada na escola procurou valorizar a postura de uma ação democrática, dando ao grupo oportunidade de crescimento, criatividade e liberdade de expressão, discutindo os assuntos que emergiam do próprio grupo de professores a partir da necessidade e interesse destes, almejando, assim, um real envolvimento de todos em busca da melhoria da qualidade de ensino. Dessa forma, as estratégias pedagógicas implementadas foram sendo construídas no decorrer do estudo num processo de autogestão, no qual o supervisor tinha a tarefa de ser o coordenador do grupo.

Procurou-se criar situações de discussão para que o professor pudesse rever a sua própria prática e o seu papel no contexto escolar, analisando o que fazer para melhorá-los. O acompanhamento pedagógico dos professores pelo supervisor era feito por meio do contato informal com cada um, do contato com os alunos e das reuniões de planejamento semanal.

Diferentes assuntos foram levantados e discutidos durante as reuniões semanais ou em contatos na prática diária. Esses assuntos foram organizados em temas que representaram as dificuldades e os interesses manifestados pelos professores na vivência da sala de aula.

Entre os temas mais discutidos nas reuniões de planejamento pelos professores, destacam-se aqueles relacionados ao rendimento da turma e às atividades de reforço. Observa-se, portanto, a preocupação dos professores em relação ao sucesso de seu trabalho junto aos alunos. Os professores buscaram encontrar alternativas para as dificuldades que encontravam no decorrer do ano, mostrando assim um real compromisso com o trabalho que desenvolviam. Contudo, houve dois aspectos importantes que representaram uma melhoria quanto ao rendimento nas primeiras séries, no ano de 1993. O primeiro deles estava relacionado a maior uniformidade do índice nas diversas turmas, indicando que o trabalho coletivo desenvolvido parece ter possibilitado que não ocorresse uma diferença tão grande no índice de aprovação entre as turmas. O segundo aspecto referiu-se à recuperação do grupo de alunos que haviam sido reprovados no ano anterior e que continuaram na escola em 1993; a maioria deles conseguiu ser aprovada.

Os dados coletados no desenvolvimento da pesquisa permitem concluir que, apesar de todas as dificuldades encontradas dentro de uma estrutura escolar, é possível desenvolver uma proposta de trabalho coletivo com professores da primeira série do primeiro grau com o objetivo de diminuir a reprovação. Entretanto, para atingir tal objetivo, é necessário que todos os envolvidos no processo sejam levados a compreender suas reais dificuldades e a buscar saídas para os problemas que forem identificados. Somente o desenvolvimento de um processo de ação-reflexão-ação pode levar o professor a se posicionar de forma comprometida, possibilitando, assim, efetivas mudanças. Além desses aspectos, observou-se o

surgimento do espírito de grupo, observado pelo comprometimento do grupo em identificar falhas e buscar formas de superá-las. Por fim, uma maior criatividade pedagógica surgiu como resultado do interesse e colaboração de cada um nessa dinâmica de trabalho.

O trabalho de Borsato (2000) buscou desenvolver, por meio da utilização do referencial teórico de J.L. Moreno e dos princípios do *role-playing*, uma possibilidade de atuação na formação contínua de uma professora de 1ª à 4ª série. O intuito do trabalho foi o de investigar os problemas de ensino-aprendizagem, os conflitos que afligiam a professora em seu cotidiano e a maneira como ela vivenciava essas situações e, assim, construir uma reflexão da prática cotidiana. Foram propostas quinze reuniões semanais de assessoria durante o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC). Pretendeu-se com essas reuniões permitir que a professora descrevesse seu trabalho e discutisse os problemas e soluções encontradas em sua prática, possibilitando, portanto, uma reflexão sobre suas decisões. Antes do início das reuniões de assessoria, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas sobre temas relativos às crenças, atitudes e representações do cotidiano escolar da professora. Nas 12ª e 14ª reuniões, foi possível desenvolver um trabalho diferente do que aquele que vinha sendo realizado. Nessas reuniões, foram realizadas dramatizações a partir do material produzido nas discussões. Ao final, foi realizada uma entrevista de avaliação do processo, a qual permitiu observar que o pensamento da professora caracterizou-se pelas queixas referentes à falta de oportunidades oferecidas para a reflexão de sua prática, às dificuldades na relação com os alunos e às atitudes reagentes a isso. A autora concluiu que o *role-playing* foi uma maneira eficaz de fazer com que a professora alcançasse um pensamento autônomo e crítico em relação à sua prática cotidiana e que ela começasse a ver e a verbalizar suas próprias ações de maneira reflexiva. Constatou-se, também, a importância de um trabalho sobre o pensamento do professor a partir de suas representações sobre o ensino, o desenvolvimento de suas práticas, a relação professor-aluno e as situações de preconceito que permeiam essa relação. Segundo a autora, a melhor maneira para alcançar progressos no trabalho do professor é desenvolvendo seu pensamento reflexivo por meio de discussões e tentativas de busca de possíveis soluções para a melhoria de seu trabalho enquanto docente e de seu relacionamento com os alunos. Por fim, o referido trabalho ressalta a necessidade de se conseguir um espaço na instituição escolar que possibilite e apóie a discussão e o desenvolvimento do papel do professor.

Outro exemplo do uso do Psicodrama na educação é o trabalho de Silva (2002), que utilizou o referencial de J.L. Moreno e a técnica do *role-playing* para desenvolver uma pesquisa com um grupo de nove professores dos ensinos Fundamental e Médio da rede

estadual de ensino do interior de São Paulo. Inicialmente, ocorreram entrevistas de contextualização da formação, história e prática profissional dos professores e, posteriormente, foram realizados na própria escola, dez encontros com duração de uma hora, que tiveram por objetivo investigar o sentido e o significado da participação do professor em grupos reflexivos e os reflexos desta participação sobre suas representações e crenças referentes a seu papel e sua identidade profissional. Além disso, procurou-se identificar, durante o processo reflexivo, as resistências e dificuldades dos professores em superar suas crenças e representações. Os resultados demonstraram que a compreensão das práticas pedagógicas e ações educativas pressupõe sínteses das contradições vivenciadas por esses profissionais no contexto institucional. Essas contradições são geradoras de uma desorganização nas representações sobre a própria função profissional, numa dificuldade de incorporar papéis e num desconhecimento, cada vez maior, de sua capacidade funcional e de eficiência. Destaca-se, no trabalho acima, a maneira como a ação reflexiva em grupo pode levar os professores a se motivarem para uma transformação em suas práticas, para uma conscientização política e crítica enquanto agentes educativos e formadores no contexto escolar. Nesse sentido, o *role-playing* foi uma estratégia eficaz na promoção da integração entre os professores e seus pares, no empenho pela busca de soluções, na reflexão sobre suas ações compartilhadas e, por fim, no desejo e projeto de investimento numa participação mais efetiva no contexto escolar. Esses fatores sugerem transformações que impliquem melhorias educacionais e, conseqüentemente, uma maior identificação enquanto profissionais educadores e formadores. O trabalho sociopsicodramático propiciou um processo de reconstrução e resgate do papel do docente, trazendo à tona discussões e necessidades cristalizadas individualmente, como as arbitrariedades institucionais e a descaracterização de uma identidade profissional.

Os trabalhos acima revelaram que as atividades grupais, enquanto instrumento pedagógico, parecem contribuir para a reflexão e formação do professor. Além disso, podem propiciar o desvelamento das resistências e a manifestação de emoções reprimidas mediante conflitos vivenciados a partir das relações interpessoais.

Ao verificar que o professor atua em um contexto complexo, considera-se importante compreender e facilitar as mudanças na prática educativa, a partir do desenvolvimento de um processo reflexivo, com vistas a repensar sua ação e evitar o caráter reprodutor e acrítico em sua prática, decorrentes de aspectos do meio ao qual pertence e de sua própria formação. Assim, buscando caminhos para o desenvolvimento do professor enquanto profissional reflexivo, e considerando a importância deste processo ocorrer em grupo, procuramos mostrar

a eficácia do trabalho grupal como facilitador da ação reflexiva no contexto educacional. O referencial sociodramático, como estratégia de intervenção, pode favorecer e minimizar os conflitos interpessoais e intergrupais.

A partir do exposto acima, consideramos que o problema desta pesquisa é investigar as condições de possibilidades, os limites e as dificuldades da realização de um grupo sociodramático educacional, com professores do ensino fundamental, numa instituição escolar com vistas ao desenvolvimento do professor como profissional reflexivo.

2 JUSTIFICATIVA

2 JUSTIFICATIVA

O trabalho com grupos tornou-se ao longo dos tempos de grande importância nas instituições e os profissionais da área da educação têm utilizado essa atividade com o intuito de transformar e melhorar a realidade institucional.

Assim, a partir da literatura, temos como expectativa a compreensão das questões que propiciam a formação dos professores, mas para isso é importante nos aproximarmos da circunstância social de convivência desses profissionais, estudá-la em sua mobilidade e buscar meios para captá-las na genuinidade de seu existir, também enquanto grupo.

Com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de trabalhos em grupo, procuramos realizar uma pesquisa, baseadas nas concepções do Psicodrama de J.L. Moreno e do Sociodrama Educacional para o desenvolvimento de atividades em grupo, visto que essas propostas possibilitam analisar a relação que os participantes têm com o trabalho e com as pessoas envolvidas. O trabalho com grupos, proposto pelo Psicodrama, desenvolve-se a partir do contexto social dos próprios participantes, que trazem para dentro dos grupos elementos desse contexto.

Acreditamos também na necessidade de trabalhar a reflexão na ação durante a prática educativa. Dessa forma, supomos que ao “darmos voz ao professor”, permitiremos que este profissional consiga focalizar os diferentes aspectos de sua dinâmica em sala de aula, de seu relacionamento com alunos, de sua interação no contexto escolar e de suas próprias concepções teóricas.

Nesse sentido, este projeto tem o propósito de buscar um maior entendimento sobre a escola e sobre o que os professores pensam, contribuindo assim para um melhor desenvolvimento da educação escolar. Espera-se ainda que os resultados obtidos nesta pesquisa ampliem a compreensão dos profissionais dessa área sobre a instituição escolar, bem como forneçam subsídios para repensar a formação de professores, servindo, portanto, como apoio para o desenvolvimento de projetos de intervenção.

3 OBJETIVOS

3 OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar as condições de possibilidades, os limites e as dificuldades para a realização de um grupo sociodramático educacional em uma instituição escolar.

Objetivos específicos

Investigar, a partir das entrevistas de avaliação, os possíveis efeitos da participação dos professores do ensino fundamental, em um grupo sociodramático educacional sobre as concepções destes.

Contribuir para a compreensão do grupo sociodramático educacional como instrumento de intervenção junto aos professores do ensino fundamental.

Identificar as facilidades, resistências e limites da participação de professores do ensino fundamental em um grupo sociodramático educacional.

Contribuir para a formação contínua do docente, bem como para a valorização de seu saber e fazer, com vistas ao desenvolvimento do professor, baseando-se na perspectiva proposta de resgate do professor como um profissional reflexivo que pensa não apenas sobre sua prática de sala de aula, mas também sobre as condições sócio-históricas de sua atuação profissional.

4 METODOLOGIA

4 METODOLOGIA

4.1 A abordagem teórico-metodológica

A pesquisa qualitativa

Para Minayo (1999), o desafio do conhecimento é a busca de significados das relações humanas que se formam em determinados contextos sociais e que, através de uma abordagem qualitativa, contribuem significativamente para o esclarecimento dos processos sociais que permeiam essas relações.

Como destaca Bogdan e Biklen (1994), a expressão *pesquisa qualitativa* vem sendo utilizada como uma expressão genérica, que agrupa várias estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados obtidos são considerados qualitativos, o que significa que são ricos em pormenores descritivos relacionados a pessoas, locais, conversas e tratamento estatístico. As questões que serão investigadas não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, mas são formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda sua complexidade e em contexto natural. Por mais que os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a selecionar questões específicas à medida que fazem a coleta dos dados, a investigação não é feita com o objetivo de responder questões prévias ou testar hipóteses. A compreensão dos comportamentos a partir das perspectivas dos sujeitos da investigação é privilegiada, e são de importância secundária as causas externas, recolhendo-se os dados a partir de contato aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos naturais. As estratégias mais representativas da investigação qualitativa, e aquelas que melhor ilustram as características anteriormente referidas, são a observação participante e a entrevista de profundidade.

Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Nas Ciências Sociais, essa pesquisa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser operacionalizados com variáveis.

Para essa autora, a perspectiva qualitativa se aprofundará no mundo dos significados, das ações e das relações humanas, em um aspecto não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

A pesquisa-ação

A busca por uma abordagem metodológica, que nos possibilite uma investigação sobre os fenômenos humanos e sociais que se configuram na dinâmica e complexidade do trabalho do professor e seu processo de identificação profissional, remete-nos a uma perspectiva hermenêutica e dialética dos procedimentos para a investigação e intervenção.

O foco deste trabalho está centrado na compreensão dos significados atribuídos por um grupo de professores e de suas ações dentro de um contexto institucional escolar, levando-se em conta todos os componentes possíveis dessa composição relacional, suas interações e influências recíprocas.

Para André (2001), a situação de pesquisa dentro de um contexto escolar, possibilita-nos, por meio de sua dinâmica peculiar, elucidar os encontros e desencontros do cotidiano prático, analisar as ações e representações dos seus atores sociais no seu fazer pedagógico, e, conseqüentemente, identificar as estruturas de poder, os modos de organização desse trabalho, o papel e a atuação de cada agente institucional e a constituição dessas relações.

Segundo Barbier (1985) a estratégia da pesquisa-ação determina, também, preocupações etnográficas, visto que se interessa por uma determinada instituição, buscando compreender fenômenos que ocorrem de maneira particular em sua complexidade. Por ser uma intervenção institucional, o trabalho com grupo também demanda a necessidade de pensarmos nos agentes que constituem aquele contexto enquanto sujeitos instituídos, que integram uma ideologia dominante e, enquanto instituintes, que apontam o não-ajustamento ao sistema dominante. Essa configuração relativa a uma tensão dinâmica e singular é que determina a posição desses agentes na estrutura institucional.

Guilhon (1987) considera que a instituição é um conjunto de práticas ou relações sociais concretas. O interjogo real, do imaginado e do simbólico têm referências ao “vivido”. Assim, como o discurso dos agentes é que expressa as representações da prática, cada agente ou grupo de agentes também pode ser “sujeito suporte” do discurso institucional.

Para André (2001), a pesquisa-ação ou de intervenção propõe a implantação de uma ação que resulte em uma melhoria para o grupo de participantes. A partir de um problema definido pelo grupo, a pesquisa é de intervenção de instrumentos e técnicas que possibilitem o conhecimento do problema e o delineamento dos planos de ação que trarão benefícios ao grupo. Aos participantes, proporciona-se, simultaneamente, um aprendizado sobre a própria realidade, de forma que eles passem a melhor conhecê-la, podendo, assim, atuar com mais eficácia em sua transformação.

Segundo Giovanni (1994), a pesquisa-ação representa uma alternativa metodológica privilegiada tanto para a investigação como para a atuação sobre o desenvolvimento profissional de professores.

Dessa forma, no delineamento do presente estudo, já evidenciamos o Sociodrama Educacional, tal como considerado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Institucionais e Sociodrama Educacional (GEPISed), como uma estratégia de pesquisa-ação, enfocando o social, envolvendo o recorte de uma situação institucional e, portanto, implicando um aprofundamento do contexto institucional.

O Sociodrama Educacional pode ser classificado como uma linha de pesquisa em Psicologia Educacional, contemplando os pressupostos teóricos da metodologia de investigação qualitativa. Pode-se dizer que a estratégia é desenvolvida em um enfoque analítico-institucional utilizando-se duas estratégias: estudo de caso etnográfico e pesquisa-ação. O estudo de caso etnográfico, considerado a primeira etapa, está relacionado às estratégias da observação participante, entrevistas individuais ou entrevistas em grupo na instituição educacional. Essa etapa pode ser descrita como exploratória-descritiva, visto que fornece ao pesquisador todo contexto da instituição, a compreensão geral da singularidade da mesma e as possíveis relações de poder inseridas nesse contexto. Em seguida à fase exploratória-descritiva, podemos classificar a outra etapa como focalizada, pois fornece um foco temático e seletivo do problema que deverá ser estudado.

A pesquisa-ação compreende três fases. A primeira, que é institucional, semelhante à exploratória-descritiva, pode ser desenvolvida através de observação participante, de entrevistas de profundidade individual ou de grupo e com os determinados segmentos da instituição (alunos, professores, dirigentes, etc). A segunda fase poderia ser classificada como intervenção por meio de grupos reflexivos e, nessa estratégia, o Sociodrama Educacional torna-se o referencial teórico central, uma vez que propõe uma ação, podendo ser utilizadas as estratégias do Psicodrama, como, por exemplo, a interpretação lúdica de papéis (*role-playing*). Essa estratégia, em um contexto educacional, pode favorecer uma mudança das representações sociais vividas no grupo em relação a um aspecto específico, que é o objeto da investigação, além de criar um espaço dentro da própria instituição para que seus integrantes possam refletir criticamente sobre seus papéis. A terceira e última fase, da pesquisa-ação, no Sociodrama Educacional, é a de avaliação que, através de entrevistas individuais ou grupais, têm por objetivo avaliar o efeito do grupo reflexivo sociodramático. Nesse sentido, o que se busca é uma análise do processo grupal, da Sociometria do grupo em si para, assim, avaliar se o grupo reflexivo sociodramático atingiu o objetivo *a priori* fixado, que é o de criar um espaço dentro

da instituição educacional, no qual os indivíduos possam se manifestar de maneira crítica, constituindo, em um primeiro momento, um contexto grupal. A partir do momento em que este estiver constituído, o grupo poderá se ocupar de uma reflexão sobre a instituição e sobre as dificuldades do grupo. Como resultado, abrir-se-á um espaço para a espontaneidade, de forma que conceitos e estereótipos acerca dos papéis impostos sejam descriminalizados, colaborando, assim, no processo de crescimento desse contexto grupal.

Nesse sentido, consideramos como pertinente a relevância que tal estratégia assume em um contexto escolar como o da formação do professor. Ao considerar que tal contexto deve favorecer, de forma geral, os crescimentos pessoal e profissional dos professores, considerando os benefícios que se obtém do trabalho grupal, entre outros, visa-se possibilitar um melhor envolvimento entre seus membros, uma discussão mais realista de seus papéis, das relações interpessoais e de suas práticas profissionais. Dessa forma, o presente trabalho, por meio do referencial acima exposto, pretendeu oferecer a grupos de professores um espaço vivencial para a reflexão do contexto institucional escolar em que estão inseridos.

4.2 Os participantes da pesquisa

O grupo foi formado por dez professores (nove professoras e um professor) de uma escola da rede pública estadual de uma cidade do interior de São Paulo, sendo oito participantes atuantes no Ciclo I (se refere à primeira a quarta série do ensino fundamental) e dois, no Ciclo II (se refere à quinta a oitava série do ensino fundamental).

A escolha dos professores seguiu o princípio da anuência e disponibilidade da escola e dos docentes para participarem do projeto. Inicialmente, entramos em contato com a direção e a coordenação da escola para explicarmos a proposta de trabalho do nosso Grupo de Estudos e Pesquisas Institucionais e Sociodrama Educacional (GEPISed) e pedirmos autorização para a realização do mesmo. Posteriormente, foi apresentado aos professores, numa reunião de planejamento escolar, agendada pela diretora, a proposta de trabalho do GEPISed e o projeto de trabalho de grupo da pesquisadora e foi verificado aqueles que possuíam interesse em participar.

Também foi esclarecido que seriam tomados todos os cuidados éticos pertinentes, tais como a não-identificação dos participantes e o sigilo e cuidados com as informações obtidas. Antes de iniciarmos as entrevistas individuais, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os Esclarecimentos aos Participantes da Pesquisa, propostos na Resolução

196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e que continham todas as informações indispensáveis aos cuidados éticos a serem tomados em relação ao material (Anexo 01).

4.3 O local

A coleta de dados foi realizada na própria escola onde atuam os professores.

4.4 O procedimento de coleta de dados

A coleta de dados compreendeu três etapas:

Na primeira, foram realizadas as entrevistas iniciais com intuito de obter informações sobre a formação, história e prática profissional dos participantes. Estas foram realizadas durante o “Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC)”, com duração de aproximadamente uma hora.

A estratégia adotada para as entrevistas foi uma adaptação realizada por Carraro (2003), de uma técnica padrão utilizada na evocação, enunciação e verificação de material para construção de escalas de atitudes, descrita no trabalho de Souza e Figueiredo (1993).

Foram investigados três temas na entrevista, e cada um foi abordado em três momentos. Os temas escolhidos foram: “A Formação e as Experiências Anteriores”; “O Emprego Atual” e “A Prática em Sala” (Anexo 02). Utilizaram-se três cartões, nos quais constaram apenas um dos temas a ser investigado. Os três cartões foram colocados, lado a lado, sobre a mesa, e solicitou-se ao entrevistado que escolhesse o tema pelo qual ele gostaria que a entrevista fosse iniciada; os outros dois cartões foram guardados para serem utilizados posteriormente. No primeiro momento, perguntamos ao entrevistado o que lhe vinha à mente quando lia o tema escrito no cartão, quais eram os pensamentos, idéias e sentimentos que lhe ocorriam. Sugerimos, então, que o entrevistado se dedicasse, pelo tempo que desejasse, em silêncio, a pensar sobre o tema.

No segundo momento, foi oferecida ao entrevistado uma folha de papel pautado que continha, na parte superior, o tema escolhido, e foi solicitado que o participante escrevesse as palavras ou expressões que viessem à sua mente, quando na primeira fase, pensava sobre o tema escolhido.

No terceiro momento, o entrevistado foi informado de que o gravador seria ligado e que ele seria solicitado a explicar o sentido de todas as palavras ou expressões da fase anterior, uma a uma. Para iniciar, perguntávamos ao entrevistado: “o que te fez lembrar esta palavra ou

expressão quando você a escreveu?”. Procedemos dessa forma para cada uma das palavras ou expressões anotadas na fase anterior. Essa “expansão” representou a fase da entrevista propriamente dita, pois é nela que se aprofundou a investigação, que foi muito além das palavras e expressões registradas. Todas as palavras ou expressões foram explicadas pelo próprio entrevistado, e o pesquisador foi explorando os assuntos, com intervenção de esclarecimento, quando julgasse necessário, mas sempre tomando o cuidado de utilizar as próprias palavras e expressões já mencionadas pelo entrevistado.

Na segunda etapa, ocorreu o trabalho com o grupo de professores. Foram realizadas vinte reuniões. Estas ocorreram semanalmente, com duração de uma hora, e foram realizadas durante o HTPC. Nas primeiras reuniões, foram realizados o aquecimento do grupo. Nas próximas reuniões, os participantes traziam temas sobre os quais se discutia. O referencial teórico adotado para as atividades propostas foi baseado no Sociodrama Educacional e no Psicodrama, e todos os encontros foram supervisionados pelo orientador desta pesquisa.

Na terceira e última etapa, ocorreu uma avaliação com cada professor, com o objetivo de verificar como foi para ele participar do grupo reflexivo, se ocorreram mudanças na sua prática de sala de aula e, por último, se a proposta de trabalho contribuiu para sua formação profissional. Nessa etapa, foi realizada uma nova entrevista com cada professor para que fossem investigados os seguintes temas: “O Grupo”; “A Minha Participação no Grupo”; “Esta Escola e o Grupo”; e o “Papel de Professor e o Grupo” (Anexo 03).

4.5 O procedimento de análise dos dados

Para a análise das entrevistas, depois de transcritas de suas audiogravações, utilizou-se a Análise de Conteúdo, segundo a perspectiva proposta por Bardin (1979) e Minayo (1999). Esta consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Entre as várias técnicas de análise de conteúdo descritas por essas autoras, foi utilizada a análise temática, o tipo de análise mais rápida e eficaz, a qual, operacionalmente, organiza-se em torno de três etapas: a pré-análise, a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados obtidos, a inferência e a interpretação.

As reuniões de grupo foram analisadas em dois momentos. No primeiro realizou-se uma Análise de Conteúdo, buscando compreender as concepções dos professores em relação à

experiência do cotidiano escolar, mas em grupo. No segundo momento, realizou-se a análise do processo grupal, segundo o referencial da Socionomia de J.L. Moreno.

A seguir, apresentaremos algumas considerações teórico-metodológicas sobre a análise de apresentação do processo grupal.

Esta pesquisa se propôs a desenvolver a análise do processo grupal a partir de um procedimento adaptado do modelo de análise adotado por Colares (2004), dentro do GEPISed, que utiliza estratégias sociodramáticas em suas investigações (ANDRADE 1996; 1997).

Nessa perspectiva teórica, um desejo, uma intenção, que pode ser expresso por uma proposta, consentimento, pedido, negativa, ou qualquer outro posicionamento que implique num direcionamento ao grupo, em termos da atividade em curso, aparece sempre manifesto por alguém. Conseqüentemente, as pessoas no grupo assumem posições a respeito e conforme a intersubjetividade ocorre, entendida como a interação verbal ou não verbal, as posições vão se manifestando (a favor ou contra, ou até mesmo indiferença). Após os membros assumirem uma determinada posição diante do desejo que foi manifesto, formam-se as unidades e assim, uma intenção se transforma em projeto. Somente quando esse desejo é acolhido por todos ou por segmentos expressivos do grupo, forma-se um projeto. Este pode ser aceito por uma parte do grupo e rejeitado ou contestado por outra. A partir do projeto, as chamadas unidades se formam, a favor do projeto ou contrário a ele (MILAN, 1976; COLARES, 2004). Do projeto, pode-se dizer que é aquilo que está em toda parte e, ao mesmo tempo, em parte alguma. A unidade é a representante da posição no plano do coletivo, enquanto a posição se constitui no plano individual. Sob essa perspectiva, cada participante vai assumindo uma intenção nesse contexto, e essa intencionalidade pode se manifestar na ação, na fala do sujeito ou no silêncio (MILAN, 1976).

Colares (2004) relata que, segundo a concepção de Milan (1976)

(...) a intersubjetividade é fundamental para que o grupo aconteça. Os indivíduos estão no grupo, mas o grupo não acontece enquanto a intersubjetividade não se configura, enquanto as interações não ocorrem. A partir desse momento é que os Projetos são gerados, as Unidades formadas, e a Estrutura do grupo se constitui. Ou seja, o Projeto e a Unidade são os elementos centrais da estrutura do Grupo. O facilitador grupal, portanto, deve estar atento a esses movimentos do grupo para que possa atuar de forma a permitir a autonomia do processo grupal, ou seja, que o grupo consiga ser autogestivo (MILAN, 1976, p. 135).

Durante a vivência de um projeto, o indivíduo poderá ocupar uma posição indesejada na estrutura do grupo. Assim, o movimento do grupo torna-se uma disputa entre as várias unidades.

Milan (1976) descreve situações em que os projetos do grupo apontam para a existência de protagonistas diferentes. Quando há um movimento de resistência do grupo, não há protagonista. Se o grupo não deseja um projeto e existe um protagonista, ele tentará desviar para outros aspectos o rumo do grupo, constituindo-se assim o “Jogo do Esconderijo”.

Se um membro do grupo é escolhido e legitimado por todos, o drama se cristaliza em uma única pessoa, e, então, se torna o drama em Projeto e o desejo de todos. Nesse contexto, o grupo pode desejar ir ao palco para evidenciar seu drama, produzindo, assim, uma ação sociodramática.

É importante colocar que os dois tipos de Análise, a de Conteúdo e a Sociométrica, foram integradas, dando origem às sínteses de cada uma das reuniões que serão apresentadas nos resultados. Sobre a divisão das reuniões em diversos “momentos”, deve-se a identificação que, na Análise Sociométrica, é denominada “Projetos”.

4.6 Os aspectos éticos

A Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996, fundamenta-se nos principais documentos internacionais que emanaram declarações e diretrizes sobre pesquisas que envolvem seres humanos e que incorporam, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, os referenciais básicos da bioética, tais como autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros visando assegurar os direitos e deveres da comunidade científica, dos sujeitos da pesquisa e o Estado.

O presente trabalho se propôs a atender às exigências éticas e científicas fundamentais dessa Resolução, tais como: 1) A pesquisa só foi realizada após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos da pesquisa; 2) Na reunião inicial com os participantes, foi realizada uma ponderação esclarecendo os benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se ao máximo com os mesmos; 3) Foram também explicitados procedimentos que assegurassem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não-estigmatização dos participantes, garantindo a não-utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima e prestígio econômico-financeiro; 4) Foram assegurados aos sujeitos da pesquisa os benefícios resultantes do trabalho, em termos do retorno educacional e do acesso aos procedimentos e aos resultados.

A pesquisa em questão foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, São Paulo, da Universidade de São Paulo. (Anexo 04)

5 RESULTADOS

5 RESULTADOS

5.1 A escola

A escola onde foi realizada a pesquisa foi fundada em 1988 e está localizada em um bairro de classe média de uma cidade do interior de São Paulo. O bairro é residencial, porém cercado de comércio. O prédio da escola corresponde à área total de um quarteirão e possui dois pavimentos constituídos de salas de aula, de direção, de coordenação e de professores, secretaria, biblioteca, quadra poliesportiva e estacionamento para os funcionários e professores.

A direção se faz presente nos três períodos de funcionamento da escola. Entre os professores, a maioria é do sexo feminino, e alguns professores do sexo masculino. A grande maioria tem formação universitária e alguns possuem ou estão buscando especialização. A escola funciona em três períodos. No período Matutino (das 07h10min as 12h) funciona o Ciclo II do Ensino Fundamental (7ª série e 8ª série) e o Ensino Médio. No período Vespertino (das 12h40min as 17h30min) funciona o Ciclo I (1ª a 4ª série) e o Ciclo II (5ª e 6ª série) e no período noturno (das 19h00min as 22h40min) funciona o Ensino Jovem Adulto (EJA).

Na ocasião desta pesquisa a escola tinha 690 alunos matriculados. Em geral, poucos alunos são do bairro; a maioria é da periferia da cidade e possui baixo poder aquisitivo. A escola possuía 60 funcionários ao todo, e entre eles estão o diretor, vice-diretor, coordenador pedagógico, professores e outros.

De acordo com o coordenador pedagógico, nessa escola o cargo do diretor é um cargo de substituição, pois a diretora efetiva está em atividade na Diretoria de Ensino. A escola já teve cerca de 18 diretores, e a rotatividade de professores também é grande.

A seguir na Tabela 1, apresentaremos a distribuição dos alunos da escola por períodos, séries e salas e na Tabela 2, a distribuição dos funcionários da escola.

Tabela 1: Distribuição dos alunos da escola por: períodos, séries e salas.

Manhã			Tarde			Noite		
Série	Alunos	Salas	Série	Alunos	Salas	EJA	Alunos	Salas
7 ^a	28	02	1 ^a	26	01	1 ^a	40	02
8 ^a	28	02	2 ^a	31	01	2 ^a	30	02
1 ^o	35	02	3 ^a	25	01			
2 ^o	36	02	3 ^a	22	01			
3 ^o	34	01	4 ^a	37	01			
			4 ^a	25	01			
			4 ^a	15	01			
			5 ^a	28	01			
			6 ^a	25	01			
			6 ^a	28	01			
Total :	288	09	Total:	262	10	Total:	140	04

Tabela 2: Funcionários da escola.

Funcionários da Escola	
Cargos	N.º de funcionários
Diretor	01
Vice-Diretor	01
Coordenador Pedagógico	01
Professores - PEB I	10
Professores - PEB II	42
Limpeza	01
Serviços Gerais	01
Merendeira	01
Inspetores de Alunos	01
Secretária	01
Total	60

Os resultados serão apresentados de acordo com cinco aspectos. O primeiro é o contexto das entrevistas iniciais dos professores entrevistados. O segundo refere-se aos resultados dessas entrevistas. O terceiro aborda o contexto e os resultados do processo grupal. O quarto é o contexto das entrevistas de avaliação do trabalho de grupo e de auto-avaliação da participação do professor. O quinto refere-se aos resultados destas entrevistas.

5.2 O contexto da entrevista inicial

A entrevista inicial foi realizada após a apresentação do projeto, durante o HTPC, às segundas-feiras, às 17h15min, com duração de aproximadamente uma hora cada, e com o consentimento da equipe técnico-pedagógica da escola.

A pesquisadora chegava em torno de 10 minutos antes do início do HTPC, pedia a chave da sala da coordenação para a vice-diretora e preparava o material para a realização da entrevista. Posteriormente, aguardava os professores saírem das salas de aula e se dirigirem para a sala dos professores, onde era realizada a reunião com o coordenador. Como os professores já sabiam que o trabalho se iniciaria com as entrevistas, a pesquisadora comparecia à sala e perguntava quem gostaria de fazer a entrevista naquele dia. É importante ressaltar que, como era possível realizar apenas uma entrevista naquele horário, os professores que não participavam ficavam com a vice-diretora cumprindo o HTPC ou eram dispensados. O coordenador pedagógico que era o responsável de fazer as atividades com os professores no HTPC, não estava presente por estar fazendo um curso na diretoria de ensino.

No começo desse processo, era comum um ou outro professor se expressar negativamente em relação à entrevista: “Ah! Vai você hoje; eu não estou bem”; “Eu preciso terminar as cadernetas”; “Eu estou cansada, semana que vem eu faço”; “*Fulano* é quem gosta de falar, chama ele”; “Vai você, *Fulana!*”. Aos poucos, os professores começavam a se sentir à vontade, perdendo o receio em realizar as entrevistas.

Cabe ressaltar que a pesquisadora solicitou um local para a realização das entrevistas, e o coordenador disponibilizou a sala da coordenação da escola. As entrevistas começaram em agosto de 2004 e terminaram em dezembro do mesmo ano. Nesse período, foram entrevistadas 10 professoras. Contudo, antes de iniciar os encontros grupais com as professoras, em fevereiro de 2005, o coordenador pedagógico informou que apenas três das 10 professoras que

havia realizado a entrevista permaneciam na escola. As que saíram, em sua maioria ACTs¹ (Professores Admitidos em Caráter Temporário), assumiram aulas em outras escolas.

De março a abril de 2005, a pesquisadora realizou novas entrevistas, com nove professores. Estes assumiram salas na escola onde a pesquisa foi realizada por meio de uma atribuição de aulas em caráter emergencial. Dos nove professores entrevistados, sete participaram do grupo. Os outros dois, apesar de estarem lecionando na escola, não compareceram aos encontros de grupo e não se justificaram. Por se tratar de um trabalho cuja participação do professor era livre e espontânea, a pesquisadora não tomou nenhum tipo de atitude em relação a esse fato e simplesmente acatou a decisão dos dois professores.

Ressalta-se que as entrevistas realizadas com os professores que não participaram do grupo não foram incluídas no processo de análise das entrevistas, visto que os mesmos não participaram de todas as etapas do trabalho.

Após o término das entrevistas, deu-se início ao trabalho de grupo, composto por dez professores, sendo três professoras entrevistadas no 2º semestre de 2004, e sete professores (um professor e seis professoras) entrevistados no 1º semestre de 2005.

O contexto das entrevistas será apresentado abaixo, na ordem que foram realizadas.

A entrevista da professora 07

A professora 07 foi entrevistada no dia 28 de agosto de 2004, às 17h15min, na sala da coordenação, com duração de uma hora e meia.

A professora escolheu o tema “A Formação e as Experiências Anteriores” para iniciar. Pensou sobre este por 1 minuto e levou cerca de 4 minutos para escrever sobre o mesmo em uma folha que lhe foi fornecida. Ela escreveu as seguintes palavras: esperança, inclusão/desilusão, a descoberta do certo/errado, luta e a conquista por uma profissão. Aos poucos, a professora explicava cada uma das palavras escritas. Quando o sentido de alguma palavra não ficava claro, a pesquisadora pedia maiores esclarecimentos.

¹ O Professor ACT não é efetivo na rede pública estadual de ensino. Ele é admitido em caráter temporário. Para lecionar nas escolas é necessário que ele se inscreva na Diretoria de Ensino e, posteriormente participe das atribuições de aulas nesse local. Nas atribuições de aulas, os professores efetivos escolhem primeiro a escola para lecionar, depois os estáveis e, por último os ACTs. A escolha pela escola está relacionada ao número de pontos que o professor possui e ao vínculo que ele mantém com a unidade escolar. Outra questão a destacar é a de que quando surge uma licença de até 15 dias na escola em que o professor ACT leciona, a Direção tem autonomia para atribuir as aulas dessa licença para os professores dentro da própria unidade escolar. Caso hajam licenças ou afastamentos acima deste tempo, a Direção tem obrigação de encaminhar as aulas para a Diretoria de Ensino.

Em relação a esse primeiro tema, a professora demonstrou bastante tranqüilidade ao relatar suas experiências. Falou do assunto durante 32 minutos.

O segundo tema escolhido foi “A Prática em Sala de Aula”. A professora ficou pensando sobre o tema durante 2 minutos e levou 1 minuto para escrever as seguintes palavras: amor, democracia e auto-estima. A professora falou calmamente, durante 15 minutos, de suas experiências, demonstrando ter afeto por seus alunos e estar envolvida com seu trabalho.

O terceiro e último tema da entrevista foi “O Emprego Atual”, e as palavras correspondentes foram: expectativa, satisfação, tranqüilidade e desilusão. A professora pensou sobre o assunto durante 2 minutos e levou 1 minuto para escrever as palavras. Levou 20 minutos para comentar suas experiências e demonstrou bastante nervosismo; falava alto e gesticulava com as mãos. Parece ter vivido diversas situações desagradáveis na escola onde a pesquisa foi realizada. Contudo, afirmou que esta é a escola em que sempre pensou em trabalhar, visto que é próxima de sua casa.

Ao término da entrevista, a professora comentou que se sentia muito aliviada, pois havia tido problemas com os professores e não confiava em ninguém da escola para desabafar. Por fim, pediu à pesquisadora que não relatasse seus comentários a ninguém. A pesquisadora falou que quando fosse iniciar o grupo a avisaria.

A entrevista da professora 08

A entrevista da professora 08 foi realizada no dia 05 de outubro de 2004, às 17h25min, na sala da coordenação, com duração de 40 minutos.

A pesquisadora explicou o trabalho que estava sendo realizado na escola, pois esta professora havia chegado na escola há pouco tempo e não participou da apresentação do projeto, no planejamento escolar.

Ao concordar em participar das atividades iniciou-se a entrevista. A pesquisadora explicou todos os processos da entrevista e como primeiro tema, a professora escolheu “O Emprego Atual”. As palavras escritas foram: mudança, diferente, conhecimento e novidade. A professora pensou sobre o tema durante 1 minuto, escreveu em 30 segundos e falou rapidamente sobre cada palavra. Este tema foi desenvolvido em 7 minutos, de forma bastante objetiva. A professora demonstrou estar calma e ser uma pessoa reservada.

O segundo tema escolhido foi “A Formação e as Experiências Anteriores”. As palavras escritas foram: geografia, dúvidas e facilidades. O tema foi desenvolvido em 8 minutos e a professora manteve a mesma postura que teve ao falar do primeiro tema.

O terceiro e último tema trabalhado foi “A Prática em Sala”. As palavras escritas foram: reflexão e dúvidas. A duração desse tema foi de 6 minutos. A professora foi bastante breve e demonstrou ter cautela ao falar desse assunto. Ao término da entrevista, a professora levantou, agradeceu e despediu-se da pesquisadora. A pesquisadora falou que a avisaria quando fosse iniciar o grupo.

A entrevista da professora 06

A professora 06 foi entrevistada no dia 19 de outubro de 2004, às 17h20min, na sala da coordenação, com duração de uma hora e meia. A pesquisadora chegou às 17h e, naquele dia, encontrou o coordenador da escola, que a atendeu muito bem. Este lhe deu a chave da sala, que ficava na secretaria. No momento que estavam conversando, chegou a professora 06 e falou que queria fazer a entrevista naquele dia. A pesquisadora concordou e falou que estaria na sala da coordenação aguardando-a. Esta falou que iria tomar um copo de água e que seguiria em breve.

Ao entrar na sala, a professora pediu para ligar o ventilador. A pesquisadora, ao ver que a professora sentaria do outro lado da mesa, perguntou se esta não queria sentar ao seu lado. Ao concordar, a pesquisadora explicou como seria realizada a entrevista. Após a apresentação dos temas que seriam trabalhados, a professora falou que não gostaria de escrever, que preferia apenas falar sobre os temas e perguntou se teria algum problema em fazer dessa forma. A pesquisadora sugeriu que a professora deveria cumprir as três etapas de cada tema, mas a professora educadamente insistiu que não tem paciência em escrever. Por fim, a professora iniciou com o tema “A Formação e as Experiências Anteriores” que foi desenvolvido em 20 minutos e, posteriormente, desenvolveu “A Prática em Sala”, com duração de 30 minutos e o “O Emprego Atual” foi desenvolvido em 35 minutos.

A professora demonstrou tranquilidade, envolvimento com o trabalho e carinho pelos seus alunos e pela escola. A professora pareceu ser uma pessoa agradável, educada, e que procura se relacionar bem com todos da escola. Não apresentou dificuldade alguma ao comentar sobre os temas. Ao término da entrevista, a pesquisadora relatou que, ao terminar as entrevistas com todos os professores, iniciaria o grupo. A professora agradeceu e foi embora, disse que precisava buscar a neta.

A entrevista da professora 10

A professora 10 foi entrevistada no dia 14 de março de 2005, às 17h25min, na sala da coordenação, com duração de 50 minutos. Nesse dia, após o término das aulas, havia apenas dois professores para serem entrevistados. Um deles era a professora 10, que se prontificou a fazer a entrevista. Pediu para a pesquisadora esperar um pouco. A pesquisadora foi aguardar a professora na sala da coordenação, onde seria realizada a entrevista. Ao chegar, a professora sentou ao lado da pesquisadora, que lhe explicou o projeto, pois ela havia entrado este ano na escola. A professora confirmou sua participação e, a partir daí, iniciou-se a entrevista.

Como primeiro tema, a professora escolheu “A Formação e as Experiências Anteriores”, mas disse que não gostaria de escrever; que preferia apenas falar sobre os temas, pois seu marido a esperava lá fora e não daria tempo. A entrevistadora explicou que este não seria um processo demorado, mas percebendo que a professora não se manifestou, preferiu não insistir. A professora desenvolveu o primeiro tema em 15 minutos. Posteriormente, falou do “Emprego Atual”, em 6 minutos e por último da “A Prática em Sala”, em 17 minutos. A entrevista transcorreu naturalmente, sem pressa, e a professora colaborou bastante ao falar dos temas. Ressaltou que estava sendo bom olhar para trás, falar de sua história e ver o quanto havia melhorado como pessoa.

Ao término da entrevista, a professora disse ter ficado muito agradecida pelo momento proporcionado pela pesquisadora, ainda mais depois de um dia tão cansativo. A pesquisadora também agradeceu e comentou que em breve iniciaria o trabalho de grupo e a avisaria.

A entrevista do professor 01

A entrevista do professor 01 ocorreu no dia 21 de março de 2005, às 17h20min, na sala da coordenação, com duração de 25 minutos. Neste dia, a vice-diretora pediu para que o professor 01 fosse entrevistado, pois os professores que estavam presentes já haviam sido entrevistados e os que ainda não tinham feito a entrevista haviam faltado ou estavam participando de um curso.

O professor 01 não demonstrou muita disposição para fazer a entrevista. Alegou que precisava preencher as cadernetas, mas a vice-diretora falou que ele poderia preenchê-las em outro momento. Por fim, o professor levantou e acabou se dirigindo para a sala da coordenação, onde a entrevista ocorreria. Ao ficar sozinho com o referido professor, a

pesquisadora disse que se ele quisesse fazer a entrevista em outro dia, não teria problema, mas ele afirmou que a faria naquele momento mesmo.

Como esse professor não havia participado da apresentação do projeto na época do planejamento, por não lecionar na escola, a pesquisadora apresentou o trabalho que estava sendo realizado na instituição. Após o professor ter reportado que o coordenador havia comentado sobre o mesmo, falou que participaria. Supõe-se que este professor não queria participar deste trabalho por não demonstrar muito interesse. Parece que, por ser novo na escola, o professor sentiu-se obrigado a participar da entrevista para evitar problemas com a direção e a coordenação.

A pesquisadora apresentou como seria realizada a entrevista. O professor comentou que não gostaria de escrever; que preferia apenas falar sobre os temas. Diante do que já havia acontecido com os outros entrevistados, a pesquisadora decidiu acatar o desejo do professor.

O professor iniciou pelo tema “A Formação e as Experiências Anteriores” que foi desenvolvido em 7 minutos. Depois falou da “A Prática em Sala”, em 6 minutos e, por último, do “O Emprego Atual”, em 4 minutos. O professor foi breve e objetivo, não demonstrou ansiedade e descaso e relatou que, por ser formado há pouco tempo e por estar há pouco tempo na escola onde a pesquisa estava sendo realizada, não tinha muitas observações a fazer.

A entrevista foi encerrada quando o professor falou que não tinha mais nada a relatar. A pesquisadora agradeceu e falou que o avisaria quando fosse iniciar o grupo de professores.

A entrevista da professora 04

A professora 04 foi entrevistada no dia 28 de março de 2005, às 17h25min, na sala da coordenação, com duração de uma hora. Naquele dia, havia apenas três professoras que ainda não tinham feito a entrevista. Entre eles, estava a professora 04, que se prontificou rapidamente a ser entrevistada naquele momento, pois estava tranqüila, sem provas na faculdade ou documentos da escola para preencher. A pesquisadora e a professora 04 se dirigiram para a sala da coordenação e iniciaram as atividades. Como esta professora também não conhecia o projeto, a pesquisadora explicou e depois perguntou se a mesma gostaria de participar do trabalho.

A pesquisadora explicou como seria a entrevista e a professora escolheu o tema “A Formação e as Experiências Anteriores” para iniciar a entrevista; mas, por fim, relatou que não gostaria de escrever; que preferia apenas falar sobre os temas, pois não daria tempo para terminar. Por mais que a pesquisadora tenha tentado tranqüilizá-la, explicando que a entrevista

poderia ter continuidade em outro dia, a professora não concordou, afirmando que queria fazer a atividade naquele momento. Ao notar certa resistência da professora, a pesquisadora preferiu não insistir. Desenvolveu o tema “A Formação e as Experiências Anteriores” em 20 minutos, a “A Prática em Sala”, em 25 minutos e por último, o “Emprego Atual”, em 5 minutos.

Ao desenvolver os três temas, a professora ora parecia ter um raciocínio claro, ora confuso. Omitia palavras, e às vezes falava tão baixo que não dava para entender. Apresentou uma postura tranqüila e falava calmamente, sem pressa alguma em terminar. A entrevista foi encerrada quando a professora notou que eram 18h30min e que precisava pegar o ônibus para ir à faculdade.

A entrevista da professora 02

A entrevista da professora 02 foi realizada no dia 30 de março de 2005, às 17h20min, em sua sala de aula, com duração de uma hora e meia. Nesse dia a sala do coordenador estava ocupada e a sugestão de utilizar a sala de aula foi dada pela própria professora. Embora a professora 02 estivesse na escola desde março de 2005, sua entrevista aconteceu nessa data, pois estava de licença médica até então.

Como esta professora também não conhecia o projeto, a pesquisadora explicou e depois perguntou se a mesma gostaria de participar do trabalho. A professora verbalizou que não lhe agradava o fato da entrevista ser gravada. A pesquisadora explicou a importância disso e, mais uma vez, garantiu sigilo absoluto quanto aos nomes e as informações colocadas na entrevista. A partir do momento em que a professora concordou, a pesquisadora pôde mostrar como seria realizada a entrevista.

A professora comentou que preferia apenas falar sobre os temas, pois não tinha paciência para ficar pensando e escrevendo. A pesquisadora preferiu não argumentar, pois percebeu que a professora estava agitada e nervosa. Como primeiro tema, a professora escolheu “A Prática em Sala de Aula” que foi desenvolvido em 20 minutos. O segundo foi “A Formação e as Experiências Anteriores”, que teve duração de 25 minutos e o último tema “O Emprego Atual” foi desenvolvido em 15 minutos.

A professora demonstrou tensão e ansiedade, e até chorou em alguns momentos da entrevista. Afirmou que estava tomando remédios para ansiedade e depressão devido a sérios problemas familiares. Relatou que não suportou as dificuldades encontradas ao entrar na escola, o que fez com que o médico a afastasse por algum tempo. Ao terminar a entrevista,

estava mais tranqüila e falou que precisava ir, pois pegava estrada para ir para casa. A pesquisadora agradeceu e disse que, ao iniciar o grupo, a avisaria.

A entrevista da professora 03

A entrevista da professora 03 foi realizada no dia 18 de abril de 2005, na sala da coordenação, com duração de uma hora. Essa professora fazia o HTPC em outro horário e por questões pessoais precisou mudar. O coordenador relatou à pesquisadora que falara para a professora deste projeto e que esta se interessara. Na sala da coordenação, a professora 03 falou que não tinha participado da apresentação do trabalho, pois estava com a mãe doente, mas tinha ouvido falar. Como esta demonstrou disponibilidade para participar, a pesquisadora explicou o projeto e como seria realizado o processo da entrevista.

A professora escolheu o tema “A Formação e as Experiências Anteriores” para iniciar a entrevista. Pensou em um minuto e, na hora de escrever, falou que se sentiria mais à vontade falando do que escrevendo. A pesquisadora argumentou que o processo era simples e não levaria muito tempo, mas preferiu não insistir. A professora comentou os temas em seqüência. O tema “A Formação e as Experiências Anteriores” foi desenvolvido em 15 minutos, “A Prática em Sala”, em 17 minutos e o “Emprego Atual”, teve duração de 16 minutos.

A professora demonstrou cautela ao desenvolver os temas, mesmo quando questionada sobre alguma informação que havia ficado vaga. Além disso, demonstrou ser uma pessoa reservada e tranqüila. Ao final da entrevista, despediu-se e retirou-se, pois disse que precisava levar a filha à faculdade. A pesquisadora agradeceu, avisou que já estava terminando as entrevistas e que em breve iniciaria o grupo e a avisaria.

A entrevista da professora 09

A professora 09 foi entrevistada no dia 25 de abril de 2005, às 17h15min, na sala da coordenação, com duração de uma hora. A pesquisadora encaminhou-se até a sala dos professores para verificar se a professora 09 estava presente, pois, segundo a lista dos professores que participariam e que não estavam em licença, só faltava ela. Esta atendeu ao convite pronta e educadamente.

Como esta professora também não conhecia o projeto, a pesquisadora explicou e depois perguntou se a mesma gostaria de participar do trabalho. Após iniciada a entrevista, a professora pediu para desenvolver um tema de cada vez, mas sem escrever. Preferiu iniciar

pelo tema “A Formação e as Experiências Anteriores”, que foi desenvolvido em 14 minutos; seguido por “A Prática em Sala”, que teve duração de 16 minutos e “O Emprego Atual”, com duração de 10 minutos.

A entrevista transcorreu de forma tranqüila, e a professora demonstrou-se calma, evidenciando interesse e disponibilidade em participar do trabalho. Como a professora não tinha mais nada a falar, a pesquisadora encerrou a entrevista e disse que em breve iniciaria o grupo e a avisaria. A professora ainda ficou conversando com a entrevistadora sobre seus filhos, marido e outros membros de sua família.

A entrevista da professora 05

A professora 05 foi entrevistada no dia 15 de junho de 2005, às 17h15min, na sala da coordenação, com duração de uma hora. A entrevista aconteceu nessa data porque a professora estava de licença por problemas de saúde. Como ela queria muito participar do trabalho, a pesquisadora permitiu sua participação apesar do fato de que o trabalho de grupo já havia sido iniciado. Como esta professora não conhecia o projeto, a pesquisadora explicou. Naquele dia, a professora não estava podendo movimentar muito o braço, pediu para falar dos temas ao invés de escrever. A pesquisadora se ofereceu para escrever, mas a professora afirmou que preferia explicar oralmente.

A professora começou pelo tema “A Formação e as Experiências Anteriores” que foi desenvolvido em 15 minutos, seguido por “A Prática em Sala” que teve duração de 17 minutos e “O Emprego Atual” teve duração de 12 minutos. A professora demonstrou tranqüilidade ao falar dos temas, e apresentou coesão ao relacionar os assuntos. Pareceu ser uma pessoa simpática e demonstrou estar disponível para o trabalho de grupo. Quando a pesquisadora desligou o gravador, a professora relatou que talvez o único empecilho para participar do grupo seria o seu problema do braço, visto que o médico queria operá-la. Além disso, citou o problema de saúde de seu marido, mas ressaltou que gostaria muito de passar por essa experiência, pois como era ACT tinha poucas oportunidades de fazer um curso ou uma faculdade de Pedagogia, a qual ela tanto almejava.

5.3 Os resultados da entrevista inicial

Como os resultados da entrevista inicial dos professores representam uma parte extensa desta pesquisa, optamos por apresentar apenas algumas informações da formação e da história

profissional dos professores por entendermos que seja importante termos uma compreensão de quem são os professores que participaram do trabalho de grupo. Contudo, não podemos deixar de acrescentar que esta entrevista foi uma etapa relevante para esta pesquisa, pois proporcionou à coordenadora de grupo, num primeiro momento, o estabelecimento de um vínculo com cada participante. Além disso, percebemos o quanto o professor se sente à vontade e valorizado ao relatar suas experiências e trabalhos na educação escolar.

5.3.1 A caracterização dos professores

Nesta parte, conheceremos os professores entrevistados do Ensino Fundamental, Ciclos (I e II) da escola onde a pesquisa foi realizada.

5.3.1.1 A formação e a escolha profissional

A partir dos dados obtidos, podemos caracterizar a formação dos dez professores entrevistados. Essas informações encontram-se a seguir, no Quadro 1.

Profs.	Idade	Curso Normal/ Curso Universitário	Escola/ Universidade	Tempo na carreira	Tempo de formado	Especialização
Prof. 01	26 anos	Educação Física	Particular/SP	02 anos	02 anos	sim
Profª 02	35 anos	Magistério/ Pedagogia	Particular/SP	17 anos	17 anos	não
Profª 03	60 anos	Magistério/ Administração/ Pedagogia Incompleta	Particular/SP	29 anos	32 anos	não
Profª 04	34 anos	Magistério/ Pedagogia Incompleta	Particular/SP	16 anos	16 anos	não
Profª 05	48 anos	Magistério	Particular/SP	12 anos	12 anos	não
Profª 06	55 anos	Magistério/ Biblioteconomi a	Particular/MG Particular/SP	23 anos	25 anos	não
Profª 07	45 anos	Magistério/ Pedagogia	Particular/SP	21anos	19 anos	sim
Profª 08	29 anos	Geografia	Particular/SP	06 anos	06 anos	sim
Profª 09	40 anos	Ciências Biológicas	Particular/SP	18 anos	18 anos	não
Profª 10	49 anos	Magistério/ Pedagogia	Particular/SP	14 anos	23 anos	sim

Quadro 1 - A formação dos professores da escola.

O Quadro 1 mostra que, dos 10 professores entrevistados, sete professoras possuem o Curso Normal e destas, três possuem Pedagogia, uma possui curso universitário em Biblioteconomia e outra, além de ter curso universitário em Administração, tem o curso de Pedagogia incompleto. Uma professora que tem o Curso Normal está terminando o curso de Pedagogia. Encontramos também um professor formado em Educação Física, uma em Geografia e outra em Ciências Biológicas.

Quanto à idade, dois professores têm entre 26 e 29 anos, duas professoras têm entre 34 e 35 anos; quatro professoras têm idades que giram em torno de 40 e 49 anos; uma professora tem 55 anos e outra tem 60 anos.

Dos 10 professores entrevistados, oito são formados em universidades particulares, todas as professoras realizaram o Curso Normal em escolas particulares e uma professora está terminando a Faculdade que é particular.

Com relação ao tempo na carreira, dois professores lecionam há menos de 10 anos; dois lecionam de 10 a 14 anos; três de 15 a 19 anos; dois de 20 a 24 anos e uma leciona de 25 a 29 anos.

Quanto ao tempo de formados, dois professores têm menos de 10 anos; cinco professoras têm de 12 a 18 anos de formados; duas têm 23 e 25 anos, e uma professora tem 32 anos de formada. Dos 10 professores, quatro possuem especialização.

Quanto às razões e motivações que levaram os entrevistados a escolher o curso universitário e se tornar professores, observa-se que: duas indicaram ter certeza da escolha do curso e desejavam seguir a carreira de professor; três tinham certeza do curso, mas não tinham certeza se gostariam de ser professores; uma escolheu por ser moda, na época, cursar Magistério, mas gostaria de fazer outro curso; três escolheram ser professores por influência familiar; e uma professora escolheu a profissão, mas desejava fazer Psicologia.

A seguir, serão apresentadas as falas mais representativas feitas pelos professores, durante a entrevista.

Professoras que demonstraram ter certeza de que escolheram o curso certo e que querem seguir a carreira de professor

“Tem até parentes que são professores, mas não foi por isso que eu escolhi ser professora. Sempre quis dar aulas. Eu nunca passei necessidade, meu pai nunca deixou de me ajudar, mas nem por isso, eu não fico em casa criando bunda, por isso que eu falo: “eu amo dar aula”. Eu sempre gostei de dar aula desde criança. Eu tinha lousinha quando criança (...) eu admiro médico, enfermeiro (...) eu não dou conta do que eles fazem. (...) mas eu gosto de dar aulas.” (Profª 02)

Uma professora comentou que, apesar de estar certa de suas escolhas, sentia frustração em não ter tido condições de fazer Faculdade

“Formei-me e fiz Magistério, mas eu não tenho faculdade. É um ponto que me aborrece profundamente. (...) eu nunca tive condições financeiras de fazer uma Faculdade. É um dom ser professora. É um dom meu. Eu sempre quis fazer Magistério. Eu sempre gostei de escola. Escola sempre me atraiu muito.” (Prof^a 05)

Professores que parecem ter certeza do curso, mas não de ser professor

“(...) mas desde o colégio, eu gostava da Educação Física, mais na área de Academia. Aí, eu terminei o Ensino Médio e prestei vestibular para Educação Física e passei. (...) a minha intenção quando eu fui fazer o curso de Educação Física era trabalhar em Academia, não era ser professor.” (Prof. 01)

Professora que escolheu a profissão por ser moda, na época, cursar Magistério, mas que gostaria de fazer outro curso

“Na minha época era bastante moda a gente fazer Magistério, então eu fui fazer em primeiro lugar porque a gente ouvia todo mundo falando Magistério, Magistério e eu fui lá ver o que era e fui ficando, mas o que eu gostaria de ter feito na época era fazer (pausa) eu queria ser dentista porque quando eu era mocinha, eu trabalhei com um dentista e eu cheguei a fazer o curso de prótese dentária. (...) mas a minha vida financeira não permitia, eu tinha que trabalhar e o curso era o dia todo. Então dificultava. Isso ficou no sonho, eu fiz o que deu (...) fiz também Administração porque nós temos uma fábrica de doces (pausa) comecei Pedagogia, mas não terminei. Meus filhos precisavam estudar. Eles são minha prioridade. Agora é a vez deles.” (Prof^a 03)

Professoras que escolheram a profissão por influência familiar

“A minha formação vem de uma família onde todo mundo estuda muito, lê muito. Minha mãe foi minha professora (...). Minha mãe deu aula trinta anos. Minha tia dá aula, a outra tia também, enfim todo mundo. Eu sempre gostei muito de criança (...). Então, eu acho que isso me levou a ser professora daquela outra época (...).” (Prof^a 06)

Professora que escolheu a profissão, mas desejava fazer Psicologia

“Eu só sei de uma coisa, eu fiz o Normal, o Magistério (pausa) também porque eu achava (pausa) eu não gostava de Matemática, de Química, de Física (...) essas matérias e o que a minha cidade podia me dar de formação era Magistério. Na minha cidade não tinha Faculdade, aí eu tinha que pagar o ônibus, faculdade em outra cidade. Eu queria fazer faculdade, eu gosto muito de Psicologia quando estudei. Adorava a minha professora de Psicologia (pausa) o que ela dava (pausa) as teorias.” (Prof^a 10)

5.3.1.2 Os professores e as escolas em que trabalham atualmente

Os dados apresentados no Quadro 2 mostram que atualmente, dos dez professores entrevistados, sete atuam somente na escola estadual onde a pesquisa foi realizada, uma professora leciona também na rede municipal, outros dois em outra escola estadual e nenhum professor leciona em escola particular. Além disso, três professoras são efetivas e sete são

ACT na rede estadual de ensino. Quanto ao tempo que os professores lecionam na escola onde a pesquisa foi realizada, observa-se que sete professores lecionam há dois meses na escola, uma leciona há 10 meses, outra leciona há 13 anos e uma outra professora leciona há 17 anos.

Profs.	Escola Particular	Escola Municipal	Trabalha em outra escola Estadual	Escola Estadual	Efetivo/ACT na Rede Estadual	Tempo que leciona na escola onde a pesquisa foi realizada
Prof. 01	não	não	sim	sim	ACT	02 meses
Prof ^a 02	não	não	não	sim	ACT	02 meses
Prof ^a 03	não	sim	não	sim	efetivo	13 anos
Prof ^a 04	não	não	não	sim	ACT	02 meses
Prof ^a 05	não	não	não	sim	ACT	02 meses
Prof ^a 06	não	não	não	sim	efetivo	17 anos
Prof ^a 07	não	não	não	sim	ACT	10 meses
Prof ^a 08	não	não	não	sim	efetivo	02 meses
Prof ^a 09	não	não	sim	sim	ACT	02 meses
Prof ^a 10	não	não	não	sim	ACT	02 meses

Quadro 2 - Os professores e as escolas em que trabalham atualmente

5.3.1.3 A escola onde o professor trabalha atualmente

Dos professores entrevistados, seis abordaram que a escola não tem estrutura física e recursos materiais necessários para o professor trabalhar. Destes, um afirmou haver espaço suficiente e adequado para a execução de seu trabalho, mas que, por outro lado, há falta de material. Apesar de todos os problemas, os professores demonstraram gostar da escola onde trabalham.

“Eu me sinto bem aqui com os alunos, com os colegas. Eu não tenho o que me queixar da escola. Eu me sinto bem aqui. A escola é boa, apesar de que falta bastante para escola, bastante material. A gente fica falando falta isso, falta aquilo, mas como é que a gente vai conseguir trabalhar sem material, mas eu gosto daqui.” (Prof^a 08)

“Eu estou sentindo bem aqui. Eu gostei da escola. Aqui, a quadra ainda é coberta e isso facilita o trabalho. Mas eu peguei material emprestado da professora da manhã. Ela comprou bolas, corda e outras coisas que eu não tenho (...) eu nem sabia que tinha que trazer.” (Prof. 01)

Duas professoras relataram que se sentem bem na escola e gostam muito do corpo docente e dos demais funcionários.

“Eu adorei a escola, eu acho a turma sim, excelente, todo mundo. Os colegas, funcionários, direção, faxineira, cozinheira. Olha, eu estou adorando trabalhar aqui. Eu estou no céu, eu estou no céu. Das três escolas que eu lhe falei, esta é a melhor para trabalhar. É a que eu mais gostei. Achei assim, excelente, é a melhor, é a melhor (...).” (Prof^a 09)

Uma professora que já havia lecionado, em outra época, na escola onde a pesquisa foi realizada acredita que agora a instituição está melhor.

“Eu gosto daqui (pausa) eu te digo (pausa) eu sinto que agora está mais organizado do que era. Tá mais limpo (...) está tranqüilo assim. A escola foi pintada de uma cor agradável, as salas e as escadas limpas, eles lavam sempre. A parte da refeição (pausa) a sala de artes (pausa) a escola está equipada. Tem professor de Artes, de Educação Física (pausa) a escola está com tudo para caminhar bem.” (Prof^a 10)

Das professoras citadas acima, três relataram que as mudanças de diretora que vêm ocorrendo na escola atrapalham o trabalho pedagógico.

“Sabe, todas as mudanças acabam dificultando muito o trabalho da gente (pausa). Você vê essas mudanças de direção. Na hora que a comunidade está acreditando no trabalho do diretor, aquele diretor sai e isso desestrutura, a comunidade perde o chão. Cada diretor que chega traz novas idéias, e aí a gente acaba mudando o trabalho. É claro que na medida do possível também. A gente muda o trabalho dependendo da cabeça do diretor. Têm coisas que não dá para você ficar mudando porque também atrapalha a cabeça das crianças.” (Prof^a 03)

Uma professora não comentou sobre o assunto.

Em síntese, todos afirmaram que, apesar dos problemas que enfrentam, gostam da escola onde trabalham. A questão da falta de materiais foi a mais apontada pelos professores como sendo um aspecto negativo. Alguns professores relataram que as várias mudanças de direção atrapalharam o trabalho pedagógico na escola. Uma professora que havia lecionado, em outra época, na escola onde a pesquisa foi realizada comentou que esta está mais organizada, limpa e equipada. Portanto, parece que os professores têm um bom conceito da escola onde trabalham. É importante lembrar que a maioria dos professores estava há pouco tempo na escola e, talvez, ainda não tenha podido avaliar melhor o local ou teve receio de relatar à pesquisadora o que realmente pensa da escola; situação esta já esperada, uma vez que se tratava de um primeiro contato com a pesquisadora.

5.3.1.4 A opção por esta escola

Para duas professoras, os motivos que os levaram a optar pela escola onde lecionam parecem estar relacionado à facilidade de acesso, ou seja, a escola é próxima às suas residências.

“(...) eu escolhi aqui porque eu moro aqui pertinho. Eu entro aqui, meio-dia e meia e a diretora solicitou que os professores cheguem meio dia e vinte. Por morar aqui perto, meio-dia eu estou almoçando para vim trabalhar. Então, eu me sinto no céu em termos de trabalho (...).” (Prof^a 07)

Para outros três professores, a escolha pela escola foi feita na atribuição, que parece ter transcorrido tranqüilamente.

“(...) eu escolhi esta escola porque chegou minha vez (...) se eu não pegasse, outro ia pegar (...). A gente que é ACT não tem muita escolha. Lá, a gente até pergunta onde fica (pausa) o local (...) agora como é (pausa) quem é o diretor (...). (...) aí chegou minha vez de escolher, me interessou, eu escolhi, mas eu nunca tinha vindo para cá, não conhecia a escola (...).” (Prof. 01)

Duas outras professoras escolheram a escola em questão por ficar mais fácil para realizar outras atividades do cotidiano.

“(...) aqui eu vim pela localização da escola (...) de algumas que escolhi esta é que estava mais fácil para mim. Dou aula também na Prefeitura. Eu não quis ficar mudando até para não bater o horário das duas escolas, como já bateu, aí eu dava um jeitinho, mas eu pensei, uma hora não vai dar mais certo esse jeitinho. Então deixa eu ficar aqui no meu canto (pausa) tinha escola dos meus filhos. Eu pegava um, pegava outro e depois levava pra casa da minha mãe. Então pra mim aqui ficava mais prático.” (Prof. 03)

Para outra professora, a escolha está relacionada com a indicação de colegas.

“Nesta escola foi engraçado, eu vim para cá (pausa) eu fiz uma lista de cidades mais próximas de C. porque não havia vaga no meu município e aí na véspera, eu vi que não ia ter jeito. Aí eu pensei R. P. (pausa) liguei para conhecidos daqui e me falaram “pega o E.” Deu certo, peguei esta escola e gostei.” (Prof. 08)

A escolha de outra professora parece estar relacionada ao fato da escola ter oferecido mais certeza de que lhe seriam atribuídas algumas aulas.

“(...) eu voltei para cá este ano porque eu quis, eu estou tranqüila. Eu era a primeira classificada quando eu fui na atribuição. Eu até podia ficar na escola onde eu estava, mas era uma coisa meio duvidosa, a professora não ia voltar, mas como ela é a coordenadora nunca se sabe. (...) aí eu preferi vir para cá. O diretor falou para eu ficar, mas eu fiquei em dúvida. Eu estava indo bem lá (...) mas a gente precisa receber, ficar um ano inteiro, se vai ficar ou não, é desgastante, mexe muito com o emocional. Aí eu optei (pausa) então vim e estou feliz, no dia da atribuição, as três salas que tinham era aqui.” (Prof. 10)

Em síntese, quanto aos motivos que levaram os professores a optar pela escola em que lecionam, destacamos: a proximidade às suas residências, a atribuição, facilidade em realizar outras atividades do dia-a-dia, a indicação de colegas, a certeza de conseguir atribuição de aulas. Dessa forma, a escolha dos professores pela escola onde a pesquisa foi realizada parece estar relacionada com os interesses pessoais, profissionais e à indicação de colegas.

5.3.1.5 Os colegas de trabalho

Um professor relatou que apesar de ser novo na escola recebeu apoio, orientação e até conseguiu material emprestado de uma professora da área. Parece que este educador procurava ter um bom relacionamento com todos da escola.

“Ah! Como eu estou chegando agora faz pouco tempo (...). Todo mundo andando bem com todo mundo. Não sei se eles têm alguma queixa de mim. Eu procuro ter um bom relacionamento com todo mundo, com os funcionários. Eu fui bem recebido pela outra professora da área que é efetiva da casa. Ela me passou o material dela porque eu cheguei sem nada e a escola também não tinha nada. O que tinha era do outro professor, então ela foi super receptiva. Me recebeu bem, a gente dividia o material. Ela trabalha de manhã com treinamento e eu trabalho à tarde.” (Prof. 01)

Outra entrevistada também relatou ter recebido ajuda de uma professora que fez faculdade com ela.

“(...) uma professora daqui que fez faculdade que me ajudou (pausa) me deu maior força (...).” (Prof. 02)

Duas professoras parecem ter uma visão positiva dos colegas de profissão. Acreditam que os docentes estão envolvidos com o trabalho e que estão se esforçando para que haja melhorias na escola. Contudo, uma destas professoras confirmou trocar experiências com colegas de outra escola onde trabalha.

“(...) o pessoal docente é um pessoal capaz, de experiência. É um pessoal comprometido com o trabalho (...). Entre as colegas, aqui, tudo bem (pausa) de vez em quando tenho uma outra que pensa diferente na vivência dela, no dia-a-dia de seu trabalho, mais a gente (pausa) eu procuro particularmente entender que cada um é cada um, ninguém tem que pensar como a gente pensa, ou agir como a gente quer. Então, não tem como você trocar muitas idéias (pausa) tem uma série de cada. Então, eu troco idéias com minhas colegas da Prefeitura. Então, eu converso mais com elas do que aqui.” (Prof. 03)

Por outro lado, outra professora, na escola, não teve uma boa impressão dos outros professores. Parece que não foi bem acolhida.

“Sobre os professores, ainda é cedo para falar. Eu cheguei faz pouco tempo, mas a primeira impressão que eu tive é que eu achei eles, meio secos. Eu não senti eles acolhedores. Tem até aquelas que são mais simpáticas, que se destacam mais. (...) eu sorrio, eu falo boa tarde sorrindo. Que nem hoje, eu falei boa tarde e a professora daqui nem me olhou na cara. Como se você não tivesse lá. Como se não ouvisse você. Eu fico chateada com esse tipo de coisa. Pode ser que não, mas parece que tem um distanciamento ainda mais que eu fiquei na última sala. Eu estou isolada.” (Prof. 04)

Uma professora acredita que as trocas são importantes entre os professores. Na sua opinião, os professores são bons, mas ela não está contente com a postura dos colegas. Para ela, o professor precisa ser *educador*.

“Hoje, eu troco com as colegas porque eu acho muito importante a gente não pode perder isso entre nós porque a gente já é tão massacrada. Eu dou muito valor na troca. Você aprende muito, muito, muito. Muita coisinha, a gente não tá contente. Não que eu não esteja contente com o corpo docente da escola não. A turma aqui é boa. Não vejo diferenças. A gente sempre recebeu bem os professores novos. Pode ser PI, ACT, ou PII (pausa) não importa. Tá todo mundo trabalhando. Eu só acho que professor não tem que ficar vigiando colega, todo mundo é adulto aqui. Eu não gosto disso. Eu sei que isso tem em escola. Eu não gosto de fofoca. Eu acho que a gente não tá aqui para isso. Nós estamos aqui para uma coisa muito mais séria. Para a formação das crianças. Nós somos educadores. Então, eu não sou ligada neste tipo de coisa (pausa) fofquinha, tititi, vigiar, dedar. A nossa função aqui é educador.” (Prof^a 06)

Outra professora gostaria que existissem trocas de informações e de experiências entre os colegas, o que, segundo ela não acontece devido à falta respeito e amizade entre eles.

“É destas coisas assim, mesquinha, coisa que... fulano está fazendo assim e eu tenho que fazer melhor... eu acho que o que ele está fazendo é muito bom, portanto eu vou trabalhar junto com ela para eu aprender com ela, ou então vamos dividir para que possamos fazer uma coisa muito maior, mas tudo isto depende muito da amizade (...) mas nós temos, a desilusão é uma coisa que acontece. Eu sou muito contra a sala dos professores “ah! Porque fulano é isso, fulano aquilo, fulano aquilo outro”. Entende? Eu acho antiético. A gente tem reunião de HTP e a gente já fala do aluno (...).” (Prof^a 07)

A professora citada acima teve problemas de relacionamento com outros professores por causa de sua filha, que estudava na escola.

“A minha menina de onze anos, ela estudava aqui. A professora lia jornal, revista, comia, dormia e os alunos faziam o que queriam. A turma dela inteira não aprendeu quase nada (...) e aí eu tirei ela e alguns professores ficaram com raiva de mim. Ela veio a reprovar e foi colocada numa sala só de reprovados, com essa professora. Eles batiam nela e a professora não fazia nada. (...) a professora não tava seguindo o programa, ela deixou os alunos fazerem o que quiserem. Não tava certo, levei minha filha até no psicólogo. Tirei ela da sala e pus na minha, o povo daqui queria me matar. Isto tudo dificultou o meu relacionamento com elas aqui. Isso atrapalhou minha estadia aqui.” (Prof^a 07)

Outra professora afirmou ter feito várias amizades, mas teve mais afinidades com uns do que com outros.

“Eu já fiz algumas amizades com as professoras e aos poucos você vai conhecendo e têm aqueles que você gosta mais, tem mais afinidades.” (Prof^a 08)

Uma das professoras que leciona no Ciclo II indicou gostar dos colegas de trabalho, mas afirmou que eles não estão conseguindo resolver os problemas que vêm enfrentando em relação à disciplinas dos alunos.

“Eu gostei dos professores daqui (...). (...) a gente conversa entre nós, mas não estamos conseguindo resolver esta situação. Mas isto tudo é muito bom. Serve para gente pesquisar e tentar saber o que fazer com eles. Nós não sabemos o que fazer.” (Prof^a 09)

No geral, quanto aos colegas de trabalho, a maioria dos professores demonstrou ter pouco tempo para se relacionar e conviver com os outros, talvez por serem novos na escola.

Somente duas professoras parecem ser grandes amigas, mas estas lecionam há muito tempo na mesma escola.

Parece que não existem muitas afinidades entre os professores; situação esta esperada, já que estes não se conhecerem bem. Supõe-se que alguns professores estejam enfrentando algumas dificuldades de relacionamento na escola.

5.4 O contexto e os resultados do processo grupal

A seguir apresentaremos o contexto e os resultados de vinte reuniões de grupo realizadas.

A análise apresentada a seguir baseou-se na observação dos movimentos do grupo em relação às suas estruturas de interação principais, à forma como as propostas foram sendo construídas e como os professores se posicionavam a partir da proposta temática feita pela coordenadora e, principalmente, pelos outros participantes do grupo.

A apresentação dos resultados do trabalho de grupo com os professores foi dividida em duas partes. A primeira corresponde às cinco reuniões realizadas no primeiro semestre, e a segunda parte às 15 reuniões realizadas no segundo semestre de 2005. Esta divisão ocorreu porque os professores entraram em recesso escolar em julho e o trabalho retornou em agosto do mesmo ano, após o planejamento escolar.

Foram seguidas as etapas principais do processo de tratamento dos dados, as quais possuem a Análise de Conteúdo de Bardin (1979) e Minayo (1998) como referência, chegando-se às seguintes propostas temáticas:

1ª PARTE: PRIMEIRO SEMESTRE

A 1ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 1ª REUNIÃO

A primeira reunião do grupo de professores ocorreu no dia 30 de maio de 2005, às 17h25min, com duração de 55 minutos, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada. A pesquisadora chegou à escola 10 minutos antes de começar o HTPC e procurou a vice-diretora, pois o coordenador pedagógico havia avisado que estaria fazendo um curso nesse horário, na diretoria de ensino. A pesquisadora, então, pediu a chave da biblioteca para

arrumar a sala, ao que a vice-diretora, pronta e educadamente, atendeu. A sala neste dia estava cheia de papéis no chão, as carteiras estavam empoeiradas e havia vários livros em cima das mesas, que também estavam sujas. Aos poucos, a pesquisadora organizou o ambiente, passou um papel nas cadeiras e colocou-as em círculo para os professores sentarem. Ao ouvir o sinal da saída dos alunos, a pesquisadora esperou os professores chegarem na sala dos professores e, então, os avisou que o trabalho seria realizado na biblioteca. Aos poucos, os professores foram chegando e sentando nas cadeiras. Estavam presentes no início das atividades grupais os seguintes professores: 02, 03, 04, 06, 07, 08, 09 e 10. Apesar de estar presente na escola, o professor 01 não apareceu no início do trabalho de grupo, apresentando-se apenas após 20 minutos do início das atividades. A vice-diretora comunicou que a professora 05 não compareceria nesse dia, por motivos de doença do marido.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta temática: a apresentação dos participantes e a expectativa do trabalho de grupo

A coordenadora do grupo propôs aos participantes que se apresentassem e falassem em que séries lecionavam e há quanto tempo atuavam na escola, que descrevessem seus trabalhos na escola e discursasse sobre a expectativa em relação ao trabalho de grupo com os professores. Essa atividade tinha por objetivo permitir aos participantes se conhecerem melhor.

A professora 06 concordou com a proposta da coordenadora do grupo. Falou há quanto tempo estava na escola, em que série lecionava, as dificuldades que estava enfrentando com os alunos, a expectativa do trabalho de grupo e as satisfações em dar aula. Parece que as outras sete professoras (02, 03, 04, 07, 08, 09 e 10) estavam com muito receio de se expor para as colegas, bem como de falar da nova situação que estavam vivenciando, pois ficaram em silêncio, prestando atenção na professora que falava.

Coordenadora: Bom pessoal, este é o nosso primeiro encontro e como todos não se conhecem bem, eu gostaria que cada um se apresentasse. Falasse seu nome, um pouco do seu trabalho, a série em que leciona, há quanto tempo está nesta escola e qual a expectativa que vocês têm desse trabalho que estou iniciando nesta escola.

Profª 06: Bom, deixa eu começar. Estou nesta escola há 17 anos. Estou cansada também. Tenho 20 anos de Magistério. Eu conheço a maioria dos alunos (...). Eu fui prestando atenção e é assustador a mudança dos alunos. Eu não sei (pausa) tem hora (pausa) eu não sei o que pensar, como agir, é muito difícil. Tem hora que você tem vontade de largar, sabe. Eu acho que esta expectativa de grupo é novidade. Novidade até para a escola. Do tempo que eu estou aqui, esse trabalho é novidade. Então eu vou esperar. Vou ver as outras reuniões para ver o que vai acontecer. Mas eu acho (pausa) minha mãe fala que nada é por acaso. Então, para mim esta escola não foi escolhida por acaso. Então, vamos esperar o que vai acontecer. Ah! Esqueci de falar, eu estou na 3ª série. Gosto muito da escola. Sempre gostei, mas têm dias que eu venho mal. Eu não gosto de vir assim, com este sentimento. Eu acho que a gente tem que vir bem, disposta. É isso que eu tenho para falar.

(Obs: silêncio, de repente as professoras começaram a rir)

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As mudanças dos alunos: o nível intelectual, cultural e econômico

A professora 04 propôs falar das mudanças que ocorreram em relação ao nível intelectual, cultural e econômico dos alunos da escola. Três professoras (02, 06 e 07) concordaram com a proposta e comentaram que o desempenho e o comportamento dos alunos mudaram de tempos passados para os dias atuais. As outras quatro professoras (03, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Profª 04: O que você pensa assim (pausa) O que você acha que mudou?

Profª 06: Em relação às crianças?

Profª 04: É? as crianças, os alunos.

Profª 06: Para começar, o nível das crianças está assustador. As crianças que a gente dava aula aqui, tinham um nível intelectual, cultural melhor.

Profª 07: Até mesmo econômico.

Profª 06: As crianças vinham (pausa). A gente está passando uma transformação. Eu sinto isso. Essa escola. A comunidade daqui, é muito difícil, sempre foi. Mas nós conseguimos trabalhar sempre, apesar de todas as dificuldades que a gente já passou, que foram muitas, não foram poucas. Aqui, sempre foi muito difícil trabalhar. Logo que a gente veio para cá.

Profª 02: Mesmo assim está pior? Está horrível a aprendizagem e o jeito dos alunos.

Profª 06: É.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A família dos alunos

A professora 06 propôs falar de como as famílias dos alunos estão muito difíceis e ausentes da escola, comentando que antigamente os alunos eram melhores. A professora 07 concordou com a proposta e falou que, quando a escola foi construída, as famílias eram do bairro e mais participativas, ressaltando que hoje a maioria dos alunos não é do bairro e, sim, da periferia. A professora 10 concordou com a proposta e perguntou das crianças do bairro. As outras cinco professoras (02, 03, 04, 08 e 09) ficaram em silêncio, prestando atenção no que as colegas falavam; às vezes concordavam com a cabeça.

Profª 06: (...) as crianças eram melhores. A comunidade antigamente era mais participativa. Eles, às vezes até atrapalhavam nosso trabalho de tanto que entravam na escola. Hoje a família do aluno daqui é ausente, carente demais e difícil.

Profª 07: Aquele pessoal que se infiltrava na escola que fazia parte das delegações, dos colegiados, da escola (...) eles participavam mais da escola. Os filhos desse pessoal, ou eles já estão terminando o 2º grau, ou já saíram. A maioria das crianças que freqüentam hoje a escola, não faz parte da comunidade. É a maioria. Você tem 25% da comunidade, do bairro, e os outros são de fora. Não é daqui do bairro.

Profª 10: A comunidade tem crianças que estão na idade de vir na escola?

Profª 07: Não tanto quanto na época.

Profª 06: A época que nós começamos... (Obs: a professora 07 não deixou a professora 06 terminar de falar)

Profª 07: A época, em que esta comunidade que ela está dizendo, este pessoal, já casou e está morando em outro bairro e, se tem filho está em outra comunidade. Eles não ficaram neste bairro.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A integração dos participantes

A coordenadora do grupo, ao ver o professor 01 chegar, solicitou aos membros do grupo que falassem o que estava ocorrendo com o intuito de integrar o profissional à atividade. Contudo, por mais que a professora 06 concordasse com a proposta e tentasse motivar as outras sete participantes (02, 03, 04, 07, 08, 09 e 10) a falar, estas não foram favoráveis à proposta e ficaram em silêncio, prestando atenção.

Coordenadora: Pessoal, o A. chegou e eu gostaria que vocês falassem para ele o que a gente está fazendo.

Profª 06: Fala gente! Nossa! vocês precisam falar um pouco. Fala D. Vai me dando aflição. Acho que tem que falar. Por isso que eu falo, eu sou aflita.

(silêncio)

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os sentimentos dos professores e o contexto escolar

A professora 08 propôs falar de seus sentimentos em relação ao ensino. A professora 06 concordou e fez algumas colocações no sentido de oferecer apoio à professora 08. Duas professoras (02 e 04) também concordaram com a proposta e tentaram falar algo sobre o assunto, mas não conseguiram. Os outros cinco professores (01, 03, 07, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção nos colegas.

Profª 08: Eu vejo que está me angustiando. Eu penso que é só comigo, mas ouvindo a M. falar, não é só comigo. Ela que está mais tempo na casa. Eu sou nova aqui na escola.... (Obs: quando a professora 08 estava falando, a professora 06 interrompeu)

Profª 06: Mas... (Obs: a professora 08 interrompeu a professora 06, pois quis terminar de falar)

Profª 08: Só um minutinho (pausa). Eu estou com o mesmo dilema dela, eu estou com aquele ânimo. Eu dou G. e estou com o pessoal da manhã. Você vem com aquele ânimo. Tem dia que acontece umas coisas que você dá uma baqueada, mas, por outro lado, às vezes, uma pequena coisa já te anima de novo.

Profª 06: Graças a Deus! R. que nós somos assim. Você é novinha, você está começando. É uma profissão, tem um lado (pausa). A escola é muito boa. Eu acho, eu vejo assim. Eu gosto da escola, mas tem problemas.

Profª 02: Eu acho então que eu vou falar... (Obs: a professora 04 não deixou a professora 02 terminar de falar)

Profª 04: Às vezes a gente pensa...

(Obs: a professora 02 começou a rir)

Profª 04: Espera só um pouquinho. A gente pensa (pausa). Esqueci agora, eu tenho que falar na hora que eu penso porque eu esqueço. É tanta coisa que eu estou pensando, assim.

Profª 06: Gente, mas isto não é só em relação escola. Eu acho (pausa). Eu acho que é em relação à vida. Tem horas que você pensa que não está legal. Para mim, é uma bênção o meu trabalho. Para mim é uma benção.

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando a apresentação, o trabalho e os sentimentos do professor

A professora 02 propôs se apresentar ao grupo e falar do trabalho do professor e dos sentimentos de satisfação e frustração dessa profissão. Os outros oito professores (01, 03, 04, 06, 07, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção na professora.

Prof^a 02: *M., eu não sei quanto tempo você tem de Magistério. Eu estou com 17 anos de Magistério. É que nem a M. falou: “eu amo dar aulas”. Já tentei trabalhar em banco. Eu não sei fazer outra coisa. A S. me conhece. Meu pai tem firma. Eu poderia estar lá, criando bunda, como diz o outro, não é? Mas não é isso que eu quero. Eu gosto de dar aulas. Tanto é que quando eu vim entregar os papéis aqui, a R. me recebeu e me falou que eu ia ficar com uma sala reorganizada, uma classe (pausa) Aquilo já me (pausa) descabelei (pausa) porque na atribuição, não foi dito que era reorganizada. Mas tudo bem. Quando você tem que trabalhar (pausa) organizada ou não, tem que ir. Aí o que aconteceu? Cheguei numa classe de 48 alunos, foi um baque. Eu chegava para M., eu chegava para D., e falava “gente eu vou largar”. Eu não presto. Eu sou uma péssima professora.*

(Obs: a professora 02 não parava de falar, às vezes repetia o que já havia falado e os outros professores pareciam impacientes)

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando o assunto que estava sendo tratado

A professora 04 propôs retomar o assunto que estava sendo tratado ao perceber que a professora 02 estava demorando demais para concluí-lo. Contudo, os outros sete professores (01, 03, 06, 07, 08, 09 e 10) não concordaram com a proposta da professora e ficaram em silêncio.

Prof^a 04: *Então (pausa). O que é que a gente estava falando? (riu) (silêncio)*

8º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As dúvidas sobre o trabalho do professor

A professora 04, ao ver que os colegas não foram favoráveis à sua proposta de retomar o assunto que estava sendo tratado, sugeriu falar de uma nova proposta: as dúvidas sobre o trabalho que o professor realiza. Duas professoras (06 e 02) concordaram em falar do assunto, dizendo que acreditavam no trabalho que faziam e que tinham satisfação com o que realizavam. Estas também consideraram que os professores precisavam reorganizar seus trabalhos e não ter medo de mudar. A professora 02 ressaltou a importância de se colocar no lugar do aluno. Seis professores (01, 03, 07, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção.

Prof^a 04: *Às vezes, a gente acha que o erro é da gente. Sabe aquele menino que não sabe nada e a gente tem que passar. Por outro lado, será que é a gente que não está conseguindo passar? Será que é isso? Eu estou perguntando? A gente (pausa) eu fico preocupada.*

(Obs: a prof^a 06 começou falar junto com a prof^a 04 e a coordenadora não conseguiu entender o que diziam)

Prof^a 06: *Você já deu uma aula? olharam para as crianças? E só de olhar para elas vocês já falaram: “gente o que é que eu estou fazendo aqui?”*

Prof^a 04: *Já.*

Prof^a 06: *Você vê na carinha deles que você está falando grego.*

Prof^a 02: *O que é que essa louca está fazendo?*

Prof^a 06: *O que é que a gente tem que fazer? Reformular tudo. Falar, agora parou. Agora, nós vamos parar e começar tudo de novo. Quantas vezes forem preciso. Eu penso assim. Eu acredito no meu trabalho. No que eu faço.*

Prof^a 02: *Às vezes, a gente fala assim: “se eu tivesse oito anos, se eu tivesse sentada ali no banco (pausa) será que eu estaria entendendo?”. A gente precisa se colocar no lugar da criança. Eu tenho satisfação de fazer o que faço. Adoro meu trabalho.*

Prof^a 06: *Tem dia que você fala assim: “nossa! hoje eu dei aquela aula!” É assim gente (pausa) eu acho isso!*

9º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As dificuldades do trabalho na escola

A professora 04 propôs falar das dificuldades que teve em outras escolas. Duas professoras (02 e 06) concordaram com o assunto. A professora 06 acrescentou que as dificuldades fazem parte da vida e que é necessário enfrentar as situações, pois os problemas sempre irão existir. Seis professores (01, 03, 07, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção no que os colegas conversavam.

Profª 04: Eu, em outras escolas que eu fui perguntar uma coisa (pausa) porque eu não sou obrigada a saber tudo.

Profª 06: Lógico que não!

Profª 04: A pessoa zombou de mim. Mas sabe porque ela zombou? Porque ela não sabe. É muito mais bonito você falar que não sabe. Não é o fim do mundo, não é? A gente chega e pergunta pra pessoa.

Profª 06: Eu não sei, eu não sei, eu também vou procurar saber gente.

(Obs: as professoras 06, 02 e 04 começaram a falar juntas)

Profª 06: Eu não sei! Eu acho tão fácil isso! Eu procuro saber ou falo que não sei no momento. Para mim não é problema.

Profª 04: Às vezes a gente fica insegura de perguntar, não é?

Profª 02: A gente que é de fora.

Profª 04: Aqui... (Obs: a professora 02 não deixou a profª 04 terminar de falar)

Profª 02: É que nem um sapão quem chegou agora.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

10º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As dúvidas sobre o trabalho de grupo com os professores

A professora 02 colocou que não estava compreendendo o trabalho de grupo e pediu esclarecimentos à coordenadora. Por mais que a coordenadora também tenha perguntado para os outros oito professores, (01, 03, 04, 06, 07, 08, 09 e 10) se eles desejavam colocar mais alguma coisa sobre esse assunto, estes permaneceram calados. A coordenadora explicou novamente a proposta de trabalho grupal.

Profª 02: Ah! Eu esqueci de falar Patrícia, eu vou ser sincera, eu ainda não entendi esse trabalho. Tudo bem? Tá dando chance da gente falar, tudo bem! mas nunca a gente fala tudo. Não tem como! Às vezes, a gente pode não agradar muito, aí você fica se policiando. Poxa! ela só fala, enche o saco, então é difícil. Eu realmente (pausa). Eu peguei o bonde andando (pausa). Você estava fazendo as entrevistas e eu estava de licença, a primeira vez. Lembra? Você marcou a entrevista e eu fui a última.

Coordenadora: Alguém mais gostaria de falar alguma coisa sobre este ponto que a C. perguntou?

(silêncio)

Coordenadora: Bom, esse trabalho se iniciou o ano passado com as entrevistas, após a vinda do Coordenador-Geral deste Projeto. O Professor Antônio explicou a proposta do nosso grupo de pesquisa e que nós desenvolvemos atividades com grupo de professores, de alunos e de pais. Expliquei nesta reunião o projeto que eu estaria desenvolvendo com os professores. Iniciamos as entrevistas em setembro do ano passado e terminamos agora em maio. Eu expliquei para todos que, após o término das entrevistas iríamos iniciar o grupo. Esse grupo é um espaço para o professor falar sobre a sua vivência, seu cotidiano escolar e visa uma integração, uma troca de experiências entre os participantes. Esta questão de confiança no grupo, se eu falo, ou não falo no grupo (pausa) precisamos dar tempo, ao tempo. Confiança, não se adquire num dia só. O grupo não se conhece direito, precisamos dar tempo ao tempo (pausa). Vamos nos encontrar e vamos ver o que irá acontecer. Cada grupo, cada pessoa tem um funcionamento, seu jeito, suas características (pausa). Bom pessoal o nosso trabalho quer oferecer suporte, apoio para o trabalho do professor. Alguém gostaria de perguntar mais alguma coisa?

Prof^ª 02: Então, esse grupo cada um vai colocando seus problemas, dificuldades, suas experiências, suas ansiedades e a gente vai se fortalecendo na troca de idéias para que a gente possa até mesmo ser mais forte perante os alunos. Seria isso?

Coordenadora: Também.

Prof^ª 02: Agora ficou mais claro. Deixa eu te perguntar uma coisa? Aqueles depoimentos que você tem dá gente, você falou que tem um superior que seria seu orientador. Ele teve acesso, ele viu? Ele analisou?

Coordenadora: Ainda ele não viu. Eu transcrevo, eu analiso e ele olha processo depois.

Prof^ª 02: E nós vamos ter acesso a esse trabalho?

Coordenadora: Sim. Vocês terão contato com esse material quando eu terminar.

11º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As dificuldades do professor em participar do grupo

A professora 04 propôs falar da dificuldade de expressar o que pensa e do receio de ficar marcada no grupo. A professora 10 concordou com o assunto, e disse que também tinha medo de se expor. Os outros sete professores (01, 02, 03, 06, 07, 08, e 09) ficaram em silêncio, prestando atenção no que os colegas colocavam. A coordenadora esclareceu que esses sentimentos são normais quando iniciamos um grupo, quando entramos em contato com uma situação nova ou, ainda, quando não conhecemos as pessoas.

Prof^ª 04: Sabe, eu queria falar. Eu estou meia abalada porque este fim de semana morreu minha cachorrinha e estou mal. Mas no fundo a gente não fala num grupo porque tem receio de ser tachada depois.

Prof^ª 10: Ela falou uma coisa que muita gente tem que é o receio de falar.

Prof^ª 04: Eu mesma tenho receio de falar.

Coordenadora: Bom, pessoal, isso que vocês colocaram é muito comum quando a gente está iniciando, vivenciando um grupo (pausa), uma coisa nova e quando a gente não conhece as pessoas (pausa) não temos muito contato surge esse sentimento.

12º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Fechamento

A coordenadora, ao ver que os professores começaram a se levantar devido ao término do horário do HTPC, propôs finalizar a reunião. Antes dos membros do grupo irem embora, colocou como o trabalho iria funcionar. Parece que os professores concordaram com as colocações da coordenadora. Depois, levantaram-se e foram embora.

(Obs: as pessoas estavam começando a pegar as bolsas e o material, a coordenadora olhou no relógio e viu que o HTPC havia terminado)

Coordenadora: Antes de terminar este encontro, eu queria falar que vamos nos reunir todas as segundas-feiras, na biblioteca da escola e no horário do HTPC. Tudo bem gente? Eu sei que hoje ficou tumultuado para definir o local, na semana que vem a gente começa neste horário, às 17h15min. Obrigada.

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 1ª REUNIÃO

Na primeira reunião do grupo de professores, pôde-se perceber, de um modo geral, que inicialmente os professores estavam quietos, pareciam apreensivos e ficavam se olhando. Aos poucos, eles ficaram mais à vontade e pareciam menos tensos. Com o tempo, alguns

professores começaram a se integrar no grupo, mas, mesmo assim, percebia-se que eles estavam estranhando a nova situação. Somente alguns professores participaram de forma mais ativa das discussões dos assuntos abordados no grupo. Vários professores aderiram às propostas de maneira mais silenciosa. A proposta da coordenadora na primeira reunião era a de que os membros do grupo se conhecessem e falassem da expectativa do trabalho de grupo na escola. Contudo, parecia existir, por parte dos professores, uma necessidade maior de serem abordadas outras questões que estavam incomodando o grupo. Além disso, supõe-se que alguns professores estavam com receio de se expressar no grupo, talvez por medo e/ou por estarem vivenciando uma situação totalmente nova na escola. Em alguns momentos, pôde-se notar também uma ansiedade muito grande em alguns participantes; ora não paravam de falar, ora falavam muito alto e gesticulavam com as mãos sem parar. Por todos estes motivos, acredita-se que não houve, nessa primeira reunião, muita coesão entre os membros, sendo possível notar que várias propostas foram formadas ao longo do encontro, situação esta já esperada, por ser um grupo cujos membros não se conheciam e, ainda, pelo fato de que os vínculos não estavam bem estabelecidos.

A 2ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 2ª REUNIÃO

A segunda reunião do grupo de professores ocorreu no dia 06 de junho de 2005, às 17h25min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de 50 minutos. A pesquisadora chegou 10 minutos antes de começar o HTPC, procurou a vice-diretora e pediu a chave. A sala estava limpa e as cadeiras e mesas estavam nos respectivos lugares. A pesquisadora precisou apenas organizar as cadeiras em círculo. Ao ouvir o sinal da saída dos alunos, a pesquisadora esperou os professores na biblioteca e, como eles não chegavam, foi até a sala dos professores e avisou para os que estavam presentes que estaria aguardando na biblioteca para dar início ao trabalho. Como o trabalho estava sendo iniciado na escola, a pesquisadora tomou essa atitude para que os professores que quisessem participar se acostumassem a ir para a biblioteca espontaneamente. Aos poucos, os professores foram chegando e sentando nas cadeiras. Os professores presentes eram os seguintes: 01, 03, 05, 06, 07, 08, 09 e 10. A professora 04 estava na sala dos professores, mas não compareceu e nem justificou sua ausência. A professora 02 também não compareceu e ninguém justificou sua falta.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta Temática: comentar com a professora 05, que não pôde comparecer à reunião anterior, o que foi conversado

A coordenadora propôs aos participantes do grupo que comentassem com a professora 05 que não pôde comparecer à primeira reunião o que foi discutido, com o intuito de integrá-la ao grupo. Sugeriu aos professores que retomassem a apresentação e a expectativa sobre o trabalho de grupo. A professora 06 pediu à coordenadora que falasse sobre o trabalho de grupo, pois este ainda era novo para os professores. Os outros seis professores (01, 03, 07, 08, 09 e 10) pareciam não se interessar em retomar o assunto e ficaram em silêncio, apenas olhando. A coordenadora explicou o trabalho.

Coordenadora: Bom pessoal, vamos começar? Hoje, nós temos a presença da professora E. e alguém gostaria de contar para ela como nós estamos trabalhando e como foi o nosso último encontro.

(silêncio)

Profª 06: Fala você Patrícia, a gente ainda está se interagindo das coisas.

(silêncio)

(Obs: a coordenadora explicou brevemente o trabalho que estava sendo realizado na escola)

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A inclusão do portador de necessidades especiais

A professora 06 propôs falar da inclusão do portador de necessidades especiais. Perguntou à coordenadora do grupo o que esta achava do assunto. Quatro professoras (03, 05, 08 e 09) concordaram com a proposta e demonstraram estar preocupadas com a inclusão do portador de necessidades especiais. Na opinião delas, a escola e o professor não estão sendo preparados para essa mudança, e a família não está recebendo orientações adequadas para essa situação. A escola, além de não passar nenhuma informação, está transferindo toda a responsabilidade para o professor. O assunto mobilizou duas professoras (06 e 09) que participavam da discussão a falarem dos problemas que tiveram com seus filhos, que também são portadores de necessidades especiais. Três professores (01, 07 e 10) ficaram em silêncio, mas prestando atenção.

Profª 06: Posso fazer uma pergunta?

Coordenadora: Claro.

Profª 06: O que você acha como psicóloga educacional desta inclusão que jogaram para nós professores? Da (pausa). Eu acho que isso é tão difícil. É muito difícil mesmo.

Coordenadora: Você está vivendo alguma situação?

Profª 06: Não, não (pausa) não estou, mas eu estou prestando atenção, eles estão falando demais nesta inclusão, sobre (pausa). Novamente os PI estão sendo (pausa) jogam para gente, sem preparo nenhum. Sem a escola dar respaldo para o professor, e têm alunos (pausa) esta inclusão está pegando todo mundo assim (pausa) despreparado Eu não quero excluir aluno nenhum. Eu acho que a criança tem todo direito. Nós como profissionais, como nós devemos nos colocar?

Coordenadora: Eu posso te responder, mas eu gostaria de ouvir a opinião dos outros professores também. Pessoal o que vocês acham dessa situação que a M. está comentando?

Prof^ª 03: O problema, é que é jogado de qualquer forma e você tem que acolher, tem que dar conta, você é cobrada a todo minuto, você é cobrada do resultado deste trabalho, sem ter nenhum respaldo, nem de direção da escola, nem de pessoa capacitada para trabalhar junto com você numa sala de aula. Então, fica difícil e tudo que você acaba ouvindo hoje em dia, é que a culpa é do professor.

Prof^ª 05: O que vai ser da gente? A escola e a gente sem condições alguma para esta nova mudança.

Prof^ª 06: É! e o aluno é seu.

Prof^ª 03: E o professor que tem que se virar com tudo.

Prof^ª 09: E o Estado não diferencia. Aí você tem aluno bom, aluno que não acompanha e quando aqueles que vêm aqui e que precisam... (Obs: a professora 06 não deixou a professora 09 terminar de falar)

Prof^ª 06: A minha maior preocupação é que colocam esses alunos e falam: “Esse aluno é seu”. “É meu?”

Prof^ª 08: Problemas neurológicos, de deficiências. Hoje, eles não falam mais deficiente e sim portador de necessidades especiais. O professor no Estado assume os problemas sozinhos. Poucas escolas oferecem ajuda.

Prof^ª 09: Chegou um na minha sala, um que tem problema físico, mas a gente percebe que dá para acompanhar.

Prof^ª 06: Sabe o que é que eu acho, S.? Eu quando eu vivenciei com meu filho que é deficiente auditivo (pausa). Eu já vivenciei este lado, é por isso que me assusta mais é o que eles estão fazendo com as outras crianças porque não é dessa forma. Se a família não tiver um respaldo, sem de ser da escola, a coisa não funciona. É isso que é a minha preocupação, não é a escola e sim os familiares que precisam primeiro, você entendeu? Pegar esse problema e resolver da melhor forma possível, para depois levar para escola. Porque na escola também vai encontrar muitos problemas, apesar que na vida também, mas tem que ser por etapas, não é dessa forma. Então eu acho (pausa). Tá me assustando muito. Então, todo mundo acha que o deficiente auditivo tem problema neurológico. Então, não é culpa do adulto que não tem esse tipo de problema, como S. falou que tá vendo que eles não têm nenhum tipo de problema.

Prof^ª 09: Eu não quis dizer assim, que este menino não tem problema, mas quando vem um com Síndrome de Down.

Prof^ª 06: Você pensa, tem aquele com problema de aprendizagem, você pensa no cego, no surdo, no deficiente mental. Não é apenas estar lá dentro da escola, ele precisa de algo há mais que enriquecesse o aprendizado dele, coisa que não tem. Ele apenas é colocado lá e o professor tem que estar preparado, o aluno é seu. Eu passei por dificuldade com meu filho e eu ficava assustada, mas não é dessa forma que vocês estão colocando, essas crianças nas nossas salas de aula.

Prof^ª 09: M., eu não quis dizer isso, que o deficiente... (Obs: a professora 06 não deixou a professora 09 terminar de falar)

Prof^ª 06: Não.

Prof^ª 09: Porque você vê, eu tenho um filho também. O meu filho tá fazendo jardim III de novo porque ele nasceu com uma cardiopatia. Esses dias, uma fisioterapeuta que atendeu ele falou: “nossa, mas ele não tem nenhuma seqüela”. Não tem entre aspas, ele é super inteligente, mas na parte motora, ele é zero. Ele não consegue aprender a escrever (...). Agora eu vou colocá-lo na terapeuta ocupacional. Está numa escola boa, aí eu fiz ele ficar de novo. Quem olha, fala assim: “esse menino é normal”. Não é! Ele perdeu! Até ele recuperar.

Prof^ª 05: Na sala de aula você tem que se virar, inventar, reinventar e fazer aprender.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os problemas de sala de aula

A professora 09 propôs falar dos problemas que estava enfrentando na sala de aula. Três professoras (05, 06 e 10) concordaram com a proposta. Comentaram que, além da falta de higiene e de material dos alunos, eles vêm de casa sem comer, com a roupa suja: ‘no barraco não tem água encanada nem luz, e, quando o barraco pega fogo, eles não têm onde ficar’. Segundo essas professoras, a família desses alunos costuma ir às reuniões somente para pedir cestas básicas ou o que sobrou da merenda. Essas professoras comentaram, ainda, que se sentem muito incomodadas com a situação de seus alunos, visto que a escola acaba por ter que dar tudo a estes. Os outros quatro professores (01, 03, 07 e 08) ficaram prestando atenção, em silêncio.

Prof^ª 09: E vocês viram a situação que eles vivem (pausa) dá dó (pausa) e ainda, nossos alunos não têm livros (pausa). Vem sem nada.

Prof^ª 05: Eu vendi rifa para comprar livros para os meus alunos. Eu sai pedindo para todo mundo para comprar os cadernos dos meus alunos. Eu ganhei caixa de lápis, caixa de borracha, lápis de cor, tesoura. Os cadernos, eu ganhei e a rifa também foi uma doação que me fizeram (...).

Prof^ª 10: A minha segunda também. São todos do movimento. Eles têm uma dificuldade financeira muito grande. Eles não têm material. Então, eu já trouxe tudo que tinha, ganhei também, minha mãe me arrumou um monte de coisas. O que eu tinha: lápis de cor, preto, borracha, caderno (pausa) também para não ficar pedindo na escola tudo que eu tinha eu fui usando (...).

Prof^ª 05: Tem criança que fica sem comer. Vai comer às três horas aqui e quando é servido um copinho de leite com duas bolachinhas. Eu quase morro, fico assim, meu Deus, meus alunos hoje vão ficar com fome. Trago sacos de roupas, fico pedindo que nem uma louca.

Prof^ª 10: É muita dificuldade (pausa) os pais vieram, a gente sente, é muita dificuldade.

Prof^ª 05: No dia da reunião, as mães dos meus alunos vieram me pedir cestas básicas. Se elas podiam levar a merenda que sobra para casa que não tem janta.

Prof^ª 06: Esse é outro tipo de problema que nós estamos vivenciando este ano. Que vida estes alunos têm.

Prof^ª 05: Lá não tem nem luz, água encanada. Nem nada. (...) muitos não têm nem fogão. Eu já ouvi que quando pega fogo no barraco, eles não têm onde ficar.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os problemas sociais e as atitudes do povo e do Governo

A professora 06 propôs falar sobre os maiores problemas enfrentados na escola, que, para ela, são de origem social. Duas professoras (03 e 10) falaram das atitudes do povo e do Governo perante todos os problemas sociais vivenciados na escola. Elas estavam indignadas, pois o Governo não estava fazendo nada. Na opinião da professora 03, são as ONGs (Organizações Não-Governamentais) que estão tomando alguma atitude. Os outros cinco professores (01, 05, 07, 08 e 09) ficaram prestando atenção, em silêncio.

Prof^ª 06: É. Eu acho que o maior problema nosso, na nossa escola, é o social. Muito grande. Eu não sei porque não consigo entender, porque eles não assumem isso. O pessoal lá de cima. O Governo. Nós estamos com um problema seriíssimo que é o social (...). o Governo, os empresários, tem gente muito rica no Brasil. Precisa estender um pouquinho, abrir a mão e ser mais solidário.

Prof^ª 03: Eu acho que o povo é até solidário.

Prof^ª 10: Eu também acho.

Prof^ª 06: É D.! Mas é um solidário não de dar as coisas. São os ricos que deveriam ser solidários.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 03: Mesmo assim, eu acho que o povo ajuda bastante.

Prof^ª 06: O brasileiro, eu acho, ele é muito solidário. Eu também acho.

Prof^ª 03: Eu acho que eles colaboram bastante, eu acho que a falha mesmo é do Governo. Que ele tem condições, o povo já paga seus impostos, não sei quantos tipos de impostos e não adianta nada. Além disso, o povo acaba ajudando. Além de todos os impostos, ainda tem que tirar mais. Eu vejo que as ONGs que estão fazendo alguma coisa. Eu vejo isso. Tem bastante exemplo disso.

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A falta de transporte para os alunos do Movimento dos Sem-Terra (MST)

A professora 10 propôs falar da falta de transporte para os alunos do MST. Quatro professoras (03, 06, 05 e 09) concordaram com a proposta e afirmaram que também estão preocupadas com os problemas de locomoção desses alunos. Na opinião da professora 10,

além de gostarem de estudar, esses alunos fazem pelo menos uma refeição na escola. Três professores (01, 07 e 08) ficaram prestando atenção, em silêncio.

Prof^ª 10: Eles não virão a partir de amanhã porque a Prefeitura e vai estar em greve. O ônibus que a Prefeitura doou, o motorista está em greve.

Prof^ª 05: E não se sabe até quando. O que será que essas mães vão fazer?

Prof^ª 06: Vai mesmo D.?

Prof^ª 03: A C. disse que ouviu aquele homem falar. Como é que ele se chama mesmo?

Prof^ª 06: W. T.

Prof^ª 03: W. T. disse que vai mesmo entrar. Eu agora não sei lá na minha escola. Eu vou cedo para lá. Se todo mundo entrar eu entro. Se todo mundo ficar de fora, eu também fico. Eu vou ver o que vai acontecer lá, amanhã. Eles falaram que é o pessoal da saúde e da educação. Aí eles me falaram do motorista. Então, é todo mundo mesmo. Todos os setores.

Prof^ª 06: É o servidor municipal. É geral mesmo.

Prof^ª 10: A minha aluna falou “professora, eu queria muito vir para escola, eu não vou poder. Nós queremos vir para escola”. Olha! segunda série.

Prof^ª 06: Eles têm noção da necessidade, não é T.

Prof^ª 10: Olha a crítica gente da 2^a série “nós queremos vir para escola, eu não quero ficar em casa”.

Prof^ª 09: Tadinhos.

Prof^ª 10: E é aqui que eles comem, fazem uma refeição.

Prof^ª 05: O que vai ser desses alunos.

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os problemas sociais e o papel do professor

A professora 08 propôs falar do seu papel de professora diante de todos os problemas sociais que estão ocorrendo e explodindo na escola.

Três professoras (05, 06 e 09) declararam estar angustiadas com tantos problemas que os alunos vivenciam. Relataram que muitas vezes não sabem o que fazer, a quem recorrer e questionam sua função como professoras. Os outros quatro professores (01, 03, 07 e 10) prestaram atenção em silêncio e concordaram acenando com a cabeça.

Prof^ª 08: Eu sei da importância da educação, do meu papel na sociedade, só que, muitas vezes, eu fico perdida com essa falta de perspectiva deles. Na vida, no dia-a-dia deles. Dessa desestrutura deles, o que será deles? Às vezes, eu fico perdida.

Prof^ª 09: O futuro do meu país.

Prof^ª 08: Eu fico perguntando “qual é o meu papel diante de tudo isso?”

(silêncio)

Prof^ª 06: Tem limite. A gente fica limitada. Nós estamos vivenciando muitos problemas.

Prof^ª 05: É muito ruim.

Prof^ª 06: Isso é sério. Precisamos ter respaldo. (Obs: tocou o celular da professora 06 - ela desligou)

Coordenadora: O professor precisa de apoio sim (pausa) que mais que ele precisa?

(silêncio)

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O Governo, o sindicato, as reuniões de diretoria de ensino e o professor

A professora 06 propôs falar das reuniões da diretoria de ensino. Dois professores (01 e 09) concordaram com a proposta e comentaram que estavam decepcionados e desanimados

com as atitudes do Governo, do sindicato e com a diretoria de ensino. Na opinião deles, aqueles não fazem nada para mudar a situação; pelo contrário, transferem os problemas para o professor, que acaba por ter que resolver a situação. A professora 06 relatou que, nas reuniões dos dirigentes da diretoria com os professores, o que se diz é que tudo está maravilhoso nas escolas, que não existe problema algum e que o aluno é excelente. A professora 09 relatou que os professores estão muito desanimados, pois não conseguem aumento de salário, não querem mais fazer greve ou algo que possa tentar mudar sua condição. O professor 01 acredita que o professor não toma atitude porque tem medo de ser repreendido. A coordenadora fez alguns comentários sobre os assuntos discutidos. As outras cinco professoras (03, 05, 07, 08 e 10) prestaram atenção em silêncio e concordaram com a cabeça.

Prof^ª 06: *O duro, que eu acho ainda, o pior disso que nós estamos falando aqui, que é nossa realidade, que cada escola também tem a sua realidade. Com certeza chega numa reunião com os mandantes e fala que tudo está maravilhoso e isso vai me angustiando mais ainda porque é mentira. Todo mundo tem problema. Você quer problema maior do que esse da inclusão que nós estamos passando por tudo isso. Aí chega alguém seja secretário C., o Governador e vai falar que escola está ótima. Não! É isso que eu acho. O adulto não está sendo honesto com ele porque ele sabe que é mentira.*

Prof^ª 01: *Será que as pessoas também não têm um pouco de medo da repressão? Uma pessoa que não é efetivo vai lá e vai falar? Ela pode até estar consciente da situação, disso tudo, mas... (Obs: a professora 06 não deixou o professor terminar de falar)*

Prof^ª 06: *Mas, a gente tem que fazer alguma coisa sim. Tem que falar. O diretor não vai. Pedir ao sindicato (pausa) uma hora o sindicato tem que entrar porque eu acho que tem que entrar. Bater de frente. Ele não quer ouvir o que a gente tem passado.*

Prof^ª 09: *O Governo manda tudo pronto para a gente e nós temos que engolir.*

Coordenadora: *Uma vez uma professora me perguntou: “você acredita que todas essas coisas ruins vão mudar? Você acredita em mudanças?”. Eu falei que sim, e que na verdade elas ocorrem a toda hora.*

Prof^ª 06: *Isso! eu também penso assim.*

Coordenadora: *Cabe a nós fazermos e notarmos as pequenas mudanças. Em todas as instituições (família, escola, sindicatos...), sempre existem pessoas que estão procurando fazer as mudanças nesses locais. Vai depender de como a gente olha para elas. Os custos e benefícios disso tudo. O bom e o mal. Sempre existirão os dois lados.*

Prof^ª 06: *O pessoal do sindicato só serve para ir lá e receber não sei o que.*

Prof^ª 09: *Nós somos muito desanimados, viu Patrícia. Nem para reivindicar um salário a gente não consegue nada, nunca consegue. Tem muito tempo que a gente não consegue nada. Todo mundo desanimou de fazer greve, de fazer alguma coisa.*

Prof^ª 06: *Depois de certas reuniões, eu tenho vontade de ir embora. Porque tudo é tão bonito, tudo é tão maravilhoso. Os alunos são maravilhosos. Ah! Gente que é isso.*

Prof^ª 09: *E eles dão umas coisas pra gente que tem que fazer e eles não estão na nossa realidade.*

Prof^ª 06: *Você vai fazer as oficinas. Ah! Você ouve cada coisa que não tem cabimento. É melhor ficar quieta do que fazer besteiras.*

8º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Fechamento

A coordenadora, vendo que os professores começaram a olhar no relógio e a se levantar, encerrou as atividades e enfatizou que o grupo apresenta a necessidade de encontrar soluções para enfrentar as dificuldades que tem encontrado e que buscaram ajuda para alcançar tais

soluções. O grupo ouviu em silêncio, alguns professores pediram licença e se levantaram, pois precisavam ir embora.

Coordenadora: Eu sei que o nosso horário está acabando. Vocês estão falando das necessidades e das dificuldades do grupo. Vocês estão querendo mudanças. Quem sabe desse grupo saiam pequenas ações. Eu gostaria que este grupo não fosse só um lugar que vocês pensassem ou falassem: “A gente só vai lá para a falar”. Eu acredito que a gente precisa sim falar para depois pensar no que fazer.

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 2ª REUNIÃO

Na segunda reunião, pôde-se notar, de um modo geral, que os professores participaram de forma mais aberta das discussões dos assuntos abordados no grupo. Contudo, em vários momentos alguns professores ficaram em silêncio; talvez pelo fato de terem dificuldade de se relacionar, ou por receio de se expor, preferindo essa posição a terem que se opor e gerar conflitos. Ocorreram, também, momentos em que os professores, embora de forma cautelosa, expuseram suas opiniões com mais confiança. Por isso, acredita-se que houve, nessa segunda reunião, mais coesão entre os membros durante as discussões. Além disso, supõe-se que os professores procuraram apoiar-se uns nos outros, pois estavam vivenciando várias dificuldades, não propriamente pedagógicas, em seu trabalho na escola. Parece que essas situações estavam gerando muita angústia nos professores.

A 3ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 3ª REUNIÃO

A terceira reunião do grupo de professores ocorreu no dia 13 de junho de 2005, às 17h20min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de 50 minutos. A pesquisadora chegou 15 minutos antes de começar o HTPC e procurou a vice-diretora. Esta pediu para uma funcionária da secretaria ajudar a pesquisadora, pois precisava atender uma mãe. A funcionária pegou a chave e a entregou para a pesquisadora. A sala neste dia estava bastante bagunçada, com cadeiras e mesas fora do lugar, livros no chão, e o suporte no qual ficavam a televisão e o vídeo estava aberto. A pesquisadora organizou o ambiente e, posteriormente, colocou as cadeiras em círculo. Ao dar o sinal da saída dos alunos, a pesquisadora aguardou os professores na biblioteca. Aos poucos, os professores foram chegando e sentando nas cadeiras. Estavam presentes os seguintes professores: 01, 02, 04, 05, 07, 08, 09 e 10. Os professores justificaram a falta da professora 03, alegando que esta havia ido ao médico, e disseram que a professora 06 havia faltado naquele dia e que ninguém sabia o motivo. Os professores chegaram quase todos juntos e conversando uns com os outros.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta temática: compartilhar com os colegas que não puderam comparecer o que foi discutido na reunião anterior

A partir do momento que a coordenadora propôs integrar os professores que não puderam comparecer à reunião anterior, duas professoras (02 e 04) explicaram os motivos por terem faltado, e duas professoras (05 e 10) explicaram que o assunto discutido no grupo foi o da questão do portador de necessidades especiais. Os outros quatro professores (01, 07, 08 e 09) ficaram em silêncio, prestando atenção no que as colegas falavam.

Coordenadora: Vamos começar? Nós estamos num momento em que o grupo está se conhecendo, falando do que estão vivenciando, das experiências no contexto escolar. Quem gostaria de falar para o pessoal que não pode vir semana passada, o que nós conversamos?

Profª 04: Eu não pude vir, pois eu estava estudando para a prova na faculdade.

Profª 02: Eu também estou por fora. Não passei bem a semana passada.

Profª 05: Nós falamos sobre inclusão.

Profª 10: A M. começou perguntando para Patrícia, o que ela como psicóloga acha sobre a inclusão na escola, na sala de aula.

Profª 02: A inclusão?

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A inclusão do portador de necessidades especiais: a falta de preparo da escola e do professor

A professora 04 propôs falar sobre a inclusão do portador de necessidades especiais, relatando que a escola não está preparada e não tem estrutura para receber o aluno especial. Três professoras (02, 05 e 10) concordaram com a proposta e falaram da falta de preparo do professor, assunto que foi discutido na reunião anterior. As professoras falaram que essa situação incomodava os docentes da rede estadual de ensino. Os outros quatro professores (01, 07, 08 e 09) ficaram em silêncio, prestando atenção no que as colegas falavam.

Profª 04: Eu penso que nenhuma escola está preparada para esta inclusão. Eu penso, meu modo de pensar. Tanto na estrutura, como a gente mesmo, não está preparada.

Profª 05: Lógico que não!

Profª 10: O Estado não preparou ninguém!

Profª 05: Essa propaganda aí é mentirosa, é mentirosa. Só cobram.

Profª 04: Cobram da gente, mas não preparam a gente para nada.

Profª 10: Nem os funcionários, nem a escola.

Profª 04: E outra, a escola não tem estrutura.

Profª 10: Nem material.

Profª 04: Não temos funcionário. O banheiro próprio, quer dizer (pausa) sala própria, não temos. Temos uma escada e não uma rampa. Fora outras coisas que não têm, que eu não estou lembrando agora. Eu, dependendo do caso, não estou preparada.

Profª 02: Eu acho que ninguém, por mais que tenha feito curso no Estado, não está preparado.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O aluno portador de necessidades especiais

Duas professoras (04 e 10) falaram das experiências que tiveram em outras escolas com alunos portadores de necessidades especiais. A professora 07, que está há algum tempo na escola onde a pesquisa foi realizada, comentou com a professora 04 que ela tem um aluno com tumor cerebral que havia sido seu aluno no ano passado. A professora 04 comentou que a família, na maioria das vezes, não sabe falar qual o problema da criança. A professora 09 falou que a escola não tem estrutura para receber o portador de necessidades especiais. Quatro professores (01, 02, 05 e 08) ficaram em silêncio, prestando atenção e, algumas vezes, concordavam com a cabeça.

Profª 04: O ano passado, eu peguei uma classe que tinha uma criança que tomava remédio, e às vezes, a mãe esquecia de dar e dava fora do horário, demorava para fazer efeito. Era neurológico, era seríssimo. Ele se jogava, dava soco, não de maldade, era devido o problema, mas desestruturava toda a sala.

Profª 07: Você tem um que era meu, o I. Ele tem um tumor cerebral. Ele dorme na sala de aula. Ele toma remédio fortíssimo.

Profª 04: Ele tinha dado uma melhorada, agora ele deu uma caída novamente.

Profª 10: Eu tinha um, o ano passado, que fazia tratamento e o médico aumentou a dose. Ele estava bem, ele estava melhorando, mas aí, ele foi no retorno do médico e o tumor estava crescendo muito. Uma letra linda, aí ele começou a decair, decair, decair. Eu falei: "meu Deus! o que está acontecendo?"

Profª 09: A escola não tem estrutura.

Profª 04: Não tem estrutura e não aceitaram ele lá não.

Profª 09: Mas, ele tem deficiência mental?

Profª 04: Não sei (...). (...) a mãe não tava conseguindo passar para mim o que ele tinha.

Coordenadora: Às vezes, a família também não compreende direito a situação que se encontra o filho. Eu estou colocando esta situação não para criticá-los, eu só estou colocando que o quanto que falta informação para o professor, pode também faltar para a família.

Profª 04: Era muito difícil para mim.

Coordenadora: Eu acredito, não deve ter sido fácil.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O curso oferecido pelo Estado para os professores se prepararem para trabalhar com o portador de necessidades especiais

A professora 02 propôs falar para o grupo que tem dúvidas se o Estado está preparando todos os professores para trabalhar com o portador de necessidades especiais. Ela comentou que acreditava que os professores efetivos do Estado estavam tendo acesso aos cursos direcionados para o público em questão. Contudo, duas professoras (05 e 10) disseram que o curso não estava sendo realizado. Os outros cinco professores (01, 04, 07, 08 e 09) ficaram em silêncio, prestando atenção.

Profª 02: Tem alguém aqui PI? Eu não sei, às vezes, eles fizeram só para as efetivas PI. Eu não tive. Eu acho que vocês não tiveram. Eu pensei, às vezes, eles estão anunciando e esse curso foi só dado para as efetivas, pois as ACTs não tiveram.

Profª 05: Eu convivo com as efetivas e elas não tiveram não. Não teve para ninguém.

Profª 02: Não, eu estou achando que eles estão passando só para as efetivas.

Profª 05: Mas ela é idiota mesmo, esta propaganda.

Prof^ª 02: Às vezes, eles chamaram só as efetivas para fazer o curso e nós não tivemos.

Prof^ª 10: Que curso?

Prof^ª 02: Esse, para saber receber essas crianças

Prof^ª 10: Mas não teve não!

Prof^ª 02: Não T., estou voltando no assunto dela para dizer que realmente ela tem razão: "uma propaganda enganosa!". Aí o pai vê e fala: "já está apta para o negócio". Aí ele chega e você não sabe como lidar.

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As informações legais sobre o portador de necessidades especiais

A professora 07 propôs falar sobre a busca de informações legais para compreender a inclusão do portador de necessidades especiais. Três professoras (02, 04 e 10) concordaram com a proposta. A professora 10 relatou para o grupo que os coordenadores da rede estadual de ensino estão sendo preparados para receber o portador de necessidades especiais na escola e que a inclusão ocorrerá de fato. Na opinião dessa professora, os coordenadores estão se organizando para encaminhar uma carta para a dirigente da diretoria de ensino, pois são contra essa medida. Os outros quatro professores (01, 05, 08 e 09) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 07: Eu também fui ver a parte da lei. Eu também não queria, eu falei, aí me disseram que eu não tinha que querer ou não querer. Eu tinha que aceitar. Mas ele chegou e foi para a sala da E. E falaram: "não ele é para ser aluno da M.?", mas eu falei "eu não quero". Falaram para mim: "você não tem que querer". Aí eu procurei dentro da lei, mas ela não me dá respaldo nenhum. Agente tem que aceitar. Não pode excluir. Está na lei.

Prof^ª 02: Se você pegar a constituição, tem direito. Nós temos obrigação de aceitar.

Prof^ª 04: É o que a gente vem falando na faculdade.

Prof^ª 10: Eu estou sabendo que os coordenadores estão sendo convidados para participar de cursos, palestras. Elas estão falando que a inclusão está acontecendo mesmo, e que eles vão se reunir, vão fazer um documento para encaminhar para a dirigente. Às vezes, eles colocam na ficha um diagnóstico e quando o professor vai avaliar a criança não é aquilo que está na ficha. Ninguém está sabendo.

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A avaliação do portador de necessidades especiais na escola

A professora 10 propôs falar da avaliação do aluno portador de necessidades especiais quando este chega à escola. A professora 02 acredita que a avaliação é feita por uma psicóloga. Já a professora 07 esclareceu, com base no que aprendeu no curso, que é a escola que recebe o aluno e faz os encaminhamentos necessários. Os outros cinco professores (01, 04, 05, 08 e 09) ficaram em silêncio.

Prof^ª 10: Eu gostaria de fazer uma pergunta que é importante. Quando chega uma criança dessas na escola, quem é a pessoa habilitada dentro da escola para fazer a avaliação na criança e ver qual a sala, o nível que a criança deve ficar?

Prof^ª 02: Eu acho que é a psicóloga, eu não sei.

Prof^ª 10: Quem avalia para colocar a criança na 1ª, na 2ª, na 3ª ou na 4ª série?

Prof^ª 07: T, nós estudamos lá no curso que ficou muito claro que a primeira porta de encaminhamento é a escola. Ela entra na escola e na escola vai ser encaminhada.

Prof^ª 10: Eu acho, que o aluno novo que chega na escola, é papel do coordenador avaliá-lo e ver que sala esta criança fica.

Prof^ª 07: A escola encaminha para o médico, ou para o HC, ou para a APAE e eles vão nos falar quem é essa criança, para onde ela vai. Esta criança não fica aqui.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O professor e as dificuldades no cotidiano escolar

A professora 02 propôs falar dos problemas que vivencia na escola. A professora 04 concordou com a proposta e comentou que se sente insegura diante dos problemas que surgem na sala de aula. Ela questionou falta de apoio e afirmou que, às vezes, o professor não sabe a quem recorrer. Já a professora 07 afirmou que, mesmo sem ajuda tenta fazer alguma coisa para resolver as dificuldades que vivencia na escola. Os outros cinco professores (01, 05, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção no que as colegas falavam.

Prof^ª 02: Que nem este ano mesmo, a mãe pediu para que eu fizesse uma carta. Parece que o menino tem problema mesmo. Aí, eu falei pra diretora que a mãe tinha pedido para escrever. Ela falou para mim que nós não somos ninguém para indicar.

Prof^ª 07: Aconteceu comigo, a mãe pediu para eu escrever e eu falei: “a pessoa mais indicada para fazer acompanhamento (pausa) a senhora tem convênio?”. Ela falou que tinha. Eu falei: “leva no pediatra”. Coloca a situação da criança, como ela é e o pediatra vai fazer um diagnóstico e ele vai fazer os encaminhamentos e de um vai pulando para outro até você achar. A mãe falou: “mas resolve?”. “É claro que resolve”, eu falei. “Você começa pelo pediatra e aí você vai levando”. Eu me viro.

Prof^ª 02: Mas essa mãe, ela ouviu sua opinião e aceitou. Mas eu sei de casos de mãe que não aceitou, foi na delegacia de ensino e falou mal da professora.

Prof^ª 04: Eu já tive vários problemas com alunos e ninguém da direção ou coordenação me ajudou, ou me informou algo nesse aspecto que vocês estão falando. Eu não sei o que fazer.

Prof^ª 07: Quando eu recebi um aluno que tinha muitos problemas, eu chamei a mãe e eu fiz várias perguntas e pedi pra ela um diagnóstico do médico.

Prof^ª 02: A pessoa que vai pegar o que está escrito que está por trás disso pode aceitar, como pode não aceitar.

Prof^ª 07: Isso já é outra coisa (pausa). Eu fiz o que tinha que fazer.

8º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O pedido de uma Psicóloga

A professora 02 afirmou que os professores da rede estadual de ensino estão passando por várias dificuldades na sala de aula, como por exemplo, a inclusão do portador de necessidades especiais, mas que, apesar disso, gostam do trabalho que fazem e persistem na profissão. A professora 02 apontou, também, que o Estado poderia contratar uma psicóloga para cada escola, para ajudar o professor. Duas professoras (07 e 10) concordaram com a proposta e afirmaram que o professor está precisando de apoio. Os outros cinco professores (01, 04, 05, 08 e 09) ficaram em silêncio, prestando atenção no que as colegas falavam.

Prof^ª 02: Vocês vêm (pausa) com todos esses problemas que estamos passando, essa inclusão (pausa) mesmo assim eu quero dar aula. Eu quero dar aula, eu quero ser professora. Você entendeu? Que nem a T., ela não recebeu esta criança? Por mais decepção, decepção com a gente mesmo. Poxa vida, estou tentando. O que eu faço? Mas ela tenta, só dela pensar o que eu vou fazer já é um mérito do professor porque é uma preocupação. Só da M. se preocupar “olha, eu vou conversar com a fulana”; “eu vou conversar com a mãe”. Nós somos

teimosos. Todo mundo sabe de todos problemas que existem. Nós sabemos que o correto era ter uma fonoaudióloga, ou melhor uma psicóloga, orientadora. Nem precisa de uma fonoaudióloga.

Prof^o 10: Você acha que o Estado não poderia pagar? O professor precisa de ajuda.

Prof^o 07: Ela trabalha com professores e tem uma com alunos que é outra psicóloga. Ela me ajudou muito com meus alunos. Um apoio é bem vindo. Mas se não tem, eu me viro. Não fico sentada esperando.

Prof^o 10: Pede para ela ir na minha sala. Preciso perguntar sobre um aluno.

Prof^o 02: Se a professora não gosta do que ela faz, se ela não respeita o aluno que ela tem, ela vai se incomodar? Ela vai atrás? Duvido. Se iria, você faria? Você vai pelo salário que você ganha? não vai. É ou não? você faz porquê? Pelo amor que você pegou pelas crianças, por saber da dificuldade. Você vê a mãe grávida, você vê que a própria mãe não aceita, ela fala que o pai não aceitava, mas ela também não aceita. Você tem que saber lidar com a mãe, com o menino, com a sociedade que está aí fora, com a tua sala de aula, não é fácil. Ela fez isso porque ela queria? Porque ela gosta porque está nela.

(silêncio)

9º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Fechamento

A coordenadora, ao ver que alguns professores começaram a se levantar, encerrou a reunião e falou aos professores que, se concordassem, o assunto poderia ser retomado na próxima reunião.

(Obs: os professores 01, 08 e 04 levantaram para ir embora).

Coordenadora: A gente precisa encerrar, se vocês concordarem, a gente pode retornar esse assunto semana que vem.

Prof^o 10: Precisamos.

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 3ª REUNIÃO

Na terceira reunião, pôde-se perceber, de um modo geral, que os professores se envolveram de forma mais ativa nas discussões dos assuntos abordados. Parece que os temas atraíram mais a participação dos professores por se tratarem de assuntos que os estão preocupando, incomodando e angustiando. Percebe-se que os professores expressaram suas opiniões com mais confiança, apresentando mais coesão entre membros do grupo. Alguns membros ficaram em silêncio, prestando atenção nos colegas, fato este esperado, pois nem sempre as pessoas estão dispostas a se expor.

A 4ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 4ª REUNIÃO

A quarta reunião do grupo de professores ocorreu no dia 20 de junho de 2005, às 17h15min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de uma hora e cinco minutos. A pesquisadora chegou à escola 15 minutos antes de começar o HTPC e procurou a vice-diretora para pegar a chave da biblioteca. Nesse dia, o coordenador da escola estava presente e pegou a chave para a pesquisadora. Comentou que estava cansado e que, com a chegada da nova diretora, a situação estava bastante difícil e ele precisava tomar uma

atitude. Então, pediu licença, pois precisava ir à diretoria de ensino. A pesquisadora, se dirigiu à biblioteca e ficou esperando os professores. A sala estava bastante empoeirada nesse dia. A pesquisadora pediu um pano para um funcionário que estava por perto, limpou as cadeiras e as colocou em círculo. Os professores chegaram aos poucos e os presentes nesse dia foram: 01, 02, 03, 06, 07, 09 e 10. As professoras 04, 05 e 08 faltaram. Antes de iniciar a reunião, os professores estavam falando dos problemas de saúde dos filhos e netos, de médicos e de remédios.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta temática: A coordenadora propõe aos professores iniciar a reunião

A coordenadora, na quarta reunião do grupo, propôs aos professores que iniciassem as atividades, mas não sugeriu nenhuma proposta. Deixou o grupo à vontade para decidir sobre o que discutiriam. A professora 06 comentou que a professora 05 não pôde vir, pois teve que levar o marido ao médico. A professora 02 lembrou da ausência de uma professora, e a professora 09 falou que ela não participava do grupo. Quatro professoras (02, 06, 09 e 10) começaram a falar o quanto é ruim dirigir com chuva e neblina. Os outros três professores (01, 03 e 07) ficaram em silêncio, prestando atenção. A coordenadora perguntou aos membros do grupo como estava o “tempo na escola”.

Profª 06: A E. faltou hoje, falou que foi levar o marido no médico.

Profª 02: Tem a A. (Obs: A professora A. é uma outra professora que não participa do grupo)

Profª 06: A A. foi embora, ela vai de carona com uma moça que passa por aqui. As duas pegam estrada juntas.

Profª 09: Mas ela não participa do grupo.

Profª 02: Nossa! Está uma neblina, um tempo ruim. É o que sei. Eu pego à tarde, por causa da estrada. De manhã é horrível.

Profª 06: Quem pega estrada esta época é horrível.

Profª 02: S. S. tem uma neblina, em C. nossa! é aquela parte inteirinha.

Profª 10: É neblina né, muita.

Profª 09: Quando eu morava em F., eu pegava aula na redondeza. Eu ia com uma colega que tinha um fusca. O fusca com chuva fica embaçado tudo por dentro e não dá para enxergar nada. Nos dias de chuva tinha tanta neblina que a gente ficava procurando a faixa no chão.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Coordenadora: É, como vai o tempo aqui?

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A mudança de direção da escola

A coordenadora, ao propor ao grupo falar do “tempo na escola”, permitiu que se falasse da mudança de direção que havia ocorrido na instituição. Duas professoras (06 e 02) comentaram que a nova diretora foi se apresentar em suas salas de aula. Duas outras professoras (03 e 09) comentaram que ainda não sabiam quem era a nova diretora. Na opinião da professora 06, que lecionava há mais tempo na escola onde a pesquisa foi realizada, ainda

passarão muitos diretores por aquele local, visto que já houve mais de quinze desde que a escola foi fundada. Segundo ela, vários problemas ocorreram com os pais dos alunos por causa dessas mudanças. Os outros três professores (01, 07 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas que falavam.

Prof^o 06: O tempo aqui não está fácil. Temos nova direção. Está difícil. Houve mudança de direção de novo.

Prof^o 09: Eu ainda não vi a diretora nova.

Prof^o 06: Tá desconhecido.

Prof^o 03: Está desconhecido.

(Obs: risos)

Prof^o 06: Para mim. Ela chegou na minha classe e foi se apresentar. Eu até achei que nesta parte ela foi bem.

Prof^o 02: Também foi na minha sala.

Prof^o 03: Eu conheço ela de algum lugar.

Prof^o 06: Ela falou que já deu aula aqui. A época que ela deu aula, eu já estava aqui. E ainda vai passar muita. Teve uma época que nós tivemos mais de cinco diretores, não é D.? Em um ano. Aquela época da Dona Z.

Prof^o 03: Eu até perdi as contas de quantos diretores nós já tivemos.

Prof^o 06: Eu acho que nós tivemos mais de quinze diretores. Aqui virou um angu. Vocês não imaginam, quantas reuniões, quantas reuniões (...) uma loucura, quantas reuniões com a comunidade, quantas brigas, quantas coisas. O povo da comunidade, aquelas mães que ficam aqui, que trabalham, que ajudam, elas (pausa). A hora que o pessoal estava acostumando com um (pausa) já entrava outro (pausa) substituição, uma atrás da outra.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As dificuldades do trabalho do professor

A professora 09 propôs falar que o ano estava sendo muito difícil. Duas professoras (02 e 06) concordaram com a proposta e comentaram que aguardavam ansiosamente o encerramento do ano. A professora 09 falou que as duas salas de 5ª série em que leciona estavam gerando muito problema para todos os professores do Ciclo II; além das idades serem muito diferentes, dos problemas de aprendizagem, havia sérios problemas de indisciplina, os quais não estavam ligados aos alunos do MST e, sim, aos que já estavam na escola. De acordo com essa professora, essa situação tem deixado os educadores muito desgastados. Os outros quatro professores (01, 03, 07 e 10) não comentaram o assunto.

Prof^o 09: Nós começamos o ano tão difícil. Eu achei que a gente não ia terminar.

Prof^o 06: Gente do céu! já passou meio ano. Não vejo a hora de terminar este ano.

Prof^o 02: Eu também. Estou esgotada. O ano tá difícil pra mim.

Prof^o 09: Está difícil, mas antes dos alunos do Movimento era muito pior. Nós tínhamos as salas muito numerosas, principalmente àquela 5ª série. Eu acho que eu não ia conseguir chegar aqui com eles.

Prof^o 02: Não lembra isso não.

Prof^o 09: Era caótica, ainda é. Mas, em termos de disciplina você não conseguia controlar as duas 5ª séries (pausa). Já são difíceis separadas. Porque os alunos do MST não dão trabalho. O problema são os nossos. Vocês lembram? Eram duas salas.

Prof^o 02: Aconteceu a mesma coisa comigo.

Prof^o 09: Aí geravam o que? Além do problema de idade, tinha também de conteúdo. Você não conseguia dar aula porque eles ficavam brincando. Você ficava o tempo todo pajeando menino. Porque se bobear eles batiam na gente. Porque eles não sabem conversar, eles levantam e já vão dar soco por nada, bem dizer. Aí tinham 42 naquela sala. Você imagina! era uma coisa de louco. Eu dou aula há 17 anos, eu nunca vi isso, parece coisa de outro planeta. É coisa de louco. Não é normal.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A diretora de outra escola

A professora 09, diante de tantos problemas que estavam sendo apresentados, recordou uma experiência agradável que teve com uma diretora de outra escola. Propôs então falar desse assunto. Três professoras (02, 07 e 10) relataram que também conhecem tal diretora. Os outros três professores (01, 03 e 06) ficaram em silêncio, prestando atenção.

Profª 09: A gente percebe lá em B.P. A T., ela era brava, mas os alunos tinham acesso à sala dela. Ela fazia fila até a 8ª série (pausa). As pessoas cantavam o hino. Ela é muito fina, educada, ela vestia a camisa da escola. Ela pôs a escola em ordem. Ficou lá 6 anos. Quando ela aposentou, caiu tudo por terra (pausa). Ela fazia projetos.

Profª 02: Ela era assim com professores, pais (pausa) nossa!, ela não tá mais, que pena.

Profª 09: Então os projetos, os trabalhos que ela fazia eram ótimos. Mas também a clientela não tem nem comparação. A maioria parecia escola particular, tudo que você pedia, eles faziam. A comunidade era muito difícil, cobrava muito da escola. Ela conseguia, ela conquistou a comunidade.

Profª 02: Isso que ela fez nesta escola, ela fez em C. Ela organizou uma escola lá que era terrível. Ela saiu, despencou de novo.

Profª 10: Gente, ela é muito carismática.

Profª 02: Você trabalhou com ela na M.V.?

Profª 10: Não, não foi lá. Eu a conheci nas atribuições que eu ia. Eu cheguei a pegá-la na G.

Profª 07: Ela foi vice-diretora lá. Eu sei quem é.

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As mudanças de direção da escola e o trabalho da nova diretora

Duas professoras (06 e 03) que lecionam há mais tempo na escola começaram a recordar das direções passadas. A professora 06 elogiou uma diretora que havia saído no ano anterior. Três professoras (02, 09 e 10) que lecionavam há pouco tempo na escola começaram a falar de uma diretora que não estava mais na escola. Lembraram que tal diretora ajudou os alunos do MST, dando-lhes oportunidades para continuar estudando, além de ter ajudado os professores que estavam com as salas superlotadas. Dois professores (01 e 07) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Profª 06: É gente teve também a D.

Profª 03: É verdade. Foi um tempo bom. Ela deu uma boa arrumada e organizada na escola.

Profª 02: Quem é esta?

Profª 09: Dizem que ela era boa.

Profª 06: Excelente. Ela veio de S. S. Ela ficou aqui dois anos. Foi excelente para escola. Muito boa.

Profª 02: Eu estou vendo vocês falarem (pausa). Eu estou sentindo na pele.

Profª 06: Ela foi muito boa (pausa). Eu achei que ela fez (pausa). oh! Eu queria tanto que a D. estivesse aqui. Eu acho importante o diretor dar continuidade no trabalho. Até para ele mesmo. Ela fez remoção. Ela era de S. S., o cargo dela (pausa). Eu não entendo disso até hoje. Ela teve que fazer a opção.

Profª 10: É de acordo com a classificação (pausa) não é?

Profª 06: E ela foi lá (pausa) para uma escola imensa (pausa) D.A. Não vi mais a D. Vou te falar, não encontrei ela. A F. ela ficou muito pouco (pausa) ela veio no final do ano.

Profª 09: Lembra quando ela entrou aqui e desabou MST aqui.

Profª 06: Desabou não. Ela que fez.

Profª 02: Senão, nós estaríamos com salas superlotadas.

Profª 09: Não foram as outras que mandaram para cá?

Profª 06: Não! O trabalho foi todo da F.

Profª 02: Por isso que eu falo que vocês vão sentir saudades.

Prof^ª 09: Eu não entendi. Então porque é que eles vieram?

Prof^ª 06: Ela acolheu. Acolheu! Ela que foi atrás, foi ver esse negócio.

Prof^ª 02: Chegava na dirigente e ela falava que tinha que ter 50 alunos para dividir.

Prof^ª 03: As escolas das imediações do aeroporto estavam superlotadas e não estavam aceitando. Aí eles vieram para uma escola aqui para cima da pista e parece que não se adaptaram, não gostaram (...).

Prof^ª 06: Foi um trabalho bravo pra ela porque a comunidade caiu matando nela. Você pode ter certeza disso.

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os alunos do MST

A professora 09 propôs falar dos alunos do MST. Todos os professores presentes (01, 02, 03, 06, 07 e 10) participaram da proposta e comentaram que esses alunos são discriminados, carentes e sabem se comportar; porém, são bons alunos.

Prof^ª 09: Os alunos do movimento parecem que agora estão bem na escola. Os alunos daqui não queriam aceitá-los. Fiquei sabendo que os pais dos alunos também.

Prof^ª 10: Gente! para falar assim, eu adorei dar aula para eles.

Prof^ª 09: Os meus que eu tenho não me dão trabalho de disciplina, de jeito nenhum.

Prof^ª 02: Todo professor que dá aula para eles falam que eles são melhores que os outros.

Prof^ª 03: Eu só tenho uma e ela é uma graça.

Prof^ª 06: Eles são bons, mas foram discriminados. Às vezes, a maldade é do adulto.

Prof^ª 07: Eu vejo muita carência. Falta tudo. Pelo que eu percebi os alunos do Movimento que eu tinha, eu tive muitos problemas de disciplina. Falavam muitos palavrões como os daqui também. As ofensas eram trocadas (pausa). Existia discriminação entre eles: “eu não vou sentar com ele; eu não vou ficar com ele”. E aos pouquinhos, eles foram desenvolvendo, foram acompanhando os outros. Aí a gente vai conversando, se ajustando. Agora estamos assim, caminhando sem problemas. Eles tiveram afastados duas semanas e eles sentiram falta deles. Deu para perceber que eles também falaram que sentiram falta.

Prof^ª 01: Eu acho eles inteligentes, espertos. Comigo eles estão indo bem.

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando o assunto “a mudança de direção”

A professora 02 propôs retomar o assunto da mudança de direção e falar da atual diretora. Essa mesma professora assumiu que estava assustada, pois não sentia que a diretora era uma pessoa de confiança e que ajudaria a escola. Os outros seis professores (01, 03, 06, 07, 09 e 10) não participaram da discussão, começaram a se levantar e justificaram que precisavam ir embora.

Prof^ª 02: Sabe o que mais me assusta? essa mudança que teve em todos os sentidos. A gente precisa estar segura na questão dos documentos (pausa) quando a gente precisa de uma direção, de uma coordenação (pausa) você entendeu? Eu quando precisava da direção da F., da R., eu não posso reclamar, senão eu vou estar pecando. Tudo o que eu precisei eu tive. Eu não tenho medo do trabalho. O que me preocupa é não ter meu porto seguro (pausa) os meus alunos (pausa). Que nem a minha sala é reorganizada (pausa) vai chegar o povo do SARESP, e quem é avaliado é o professor, não é o aluno, a gente sabe. Agora, será que seus alunos não forem bem, a gente vai ter este respaldo e vão me defender. Será que vou ter isso? Tomara que eu quebre a cara. Eu não sei não. Eu não estou sentindo bons pressentimentos em relação a essa daí que entrou.

8º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Fechamento

A coordenadora, ao ver que os professores começaram a se levantar, encerrou as atividades e enfatizou que o grupo estava vivendo muitas mudanças na instituição, e que estas estavam trazendo muitas angústias, inseguranças, expectativas e medo.

Coordenadora: eu sei que vocês precisam ir embora, mas eu gostaria de falar que vocês estão passando por muitas mudanças (pausa) e sempre o novo, as mudanças geram inseguranças, medos. Precisamos ter cautela, pois é um momento diferente que estão vivendo. Temos as expectativas, mas na verdade, não sabemos ao certo o que irá acontecer. Precisamos esperar. Faz parte do processo.

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 4ª REUNIÃO

Na quarta reunião, pôde-se perceber, de um modo geral, que a maioria dos professores presentes se envolveu nos assuntos abordados. Alguns assuntos propostos parecem ter incomodado e preocupado os professores, com destaque à questão da nova direção da escola. O grupo demonstrou estar vivenciando angústias, receios, medos e expectativas em relação à mudança de diretoria. Em alguns momentos, o grupo participou das discussões de maneira silenciosa, talvez por medo de se exporem. Supõe-se, também, que o trabalho de grupo ainda preocupava os professores, pois tal atividade representava mais uma mudança; era uma situação que eles nunca haviam vivenciado, porém não foi apontada pela coordenadora.

A 5ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 5ª REUNIÃO

A quinta reunião do grupo de professores ocorreu no dia 07 de julho de 2005 (terça-feira), às 14h10min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de uma hora e quarenta minutos. Essa reunião deveria ter acontecido no dia 06 de julho (segunda-feira), mas a vice-diretora, que confirmara para a pesquisadora por telefone que haveria a reunião, não avisara que os professores não estariam na escola após às 16h. Sendo assim, a pesquisadora foi à escola no horário em que sempre ocorriam as reuniões, mas os professores já tinham ido embora. A vice-diretora evidenciou não ter entendido a situação e, quando esta apareceu, a vice-diretora se desculpou por ter esquecido de avisar que a pesquisadora deveria ter ido mais cedo. Após esclarecer o mal-entendido, agendou-se a última reunião do semestre para o dia seguinte, às 14h. Neste dia, a pesquisadora pegou a chave com a vice-diretora, que se desculpou mais uma vez pelo mal-entendido do dia anterior, e se dirigiu para a biblioteca, onde arrumou rapidamente as cadeiras em círculo, enquanto os professores chegavam e se acomodavam. Estavam presentes todos os professores que participavam da

pesquisa. Alguns comentaram que estavam ‘*fechando nota*’ e perguntaram se o encontro demoraria muito. A pesquisadora respondeu que não. Os alunos estavam de férias, mas os professores entrariam em recesso no dia 13 de julho. Antes de iniciar a reunião, a coordenadora se desculpou pelo ocorrido do dia anterior e iniciou as atividades.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta Temática: a avaliação e os esclarecimentos sobre o trabalho de grupo

A coordenadora propôs fazer uma avaliação e um fechamento das reuniões de grupo que ocorreram no semestre, bem como verificar se os participantes do grupo possuíam alguma dúvida ou gostariam de fazer alguma sugestão sobre o trabalho de grupo. Duas professoras (06 e 02) afirmaram que tinham dúvidas. Os outros oito professores (01, 03, 04, 05, 07, 08, 09 e 10) apenas prestaram atenção no que estava sendo falado. A coordenadora reiterou para o grupo os objetivos do trabalho.

Coordenadora: Eu queria fazer um fechamento das reuniões que tivemos durante o semestre, pois a gente vai ficar sem se ver um mês e eu queria fazer com vocês uma avaliação do trabalho. Foram quatro encontros. Eu queria ver com vocês se estão com alguma dúvida sobre este trabalho. Alguma questão que esteja incomodando. Alguma coisa que não esteja claro sobre a nossa forma de trabalhar. Alguém tem dúvidas? O que este trabalho está significando para vocês? Como eu falei para vocês este é um espaço para vocês colocarem as facilidades e dificuldades do cotidiano escolar. Não é um local para falarem mal ou criticarem as pessoas. Eu espero que vocês não tenham esta idéia. Eu pensei neste quinto encontro da gente falar das dúvidas, dos aspectos favoráveis e desfavoráveis do trabalho.

(silêncio)

Profª 06: Eu estou meio sem (pausa) sem (pausa).

Profª 02: Eu não entendi ainda.

Profª 06: Não é que não caiu a ficha. Eu estou falando por mim. Tá tudo um pouco no ar. Eu ainda não consegui (pausa) o trabalho Patrícia (pausa) eu ainda não consegui (pausa).

Profª 02: Onde a gente vai chegar?

Profª 06: Não é isso também.

Profª 02: Eu estou perdida.

Profª 06: Eu ainda não consegui me encaixar no que (pausa) este tipo de trabalho. Ainda está um quebra-cabeça, este trabalho para mim. Ainda está faltando (pausa) eu estou falando por mim. Eu não estou falando por ninguém do grupo. Eu não sei se vocês estão sentindo isso. Eu ainda não entendo direito o que estamos fazendo.

Profª 02: Eu também estou sentindo isso.

Coordenadora: Para alguém mais não está claro? Alguém tem alguma coisa para colocar?

(silêncio)

(Obs: A coordenadora explicou o trabalho de grupo que estava sendo realizado na escola)

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A falta de apoio da equipe técnico-pedagógica

A professora 03 propôs falar da dificuldade de diálogo, da escassa troca de experiências e da falta de respeito da equipe técnico-pedagógica. Três professoras (02, 06 e 10) disseram concordar com a proposta. A professora 10 acrescentou que falta humanismo nos dirigentes, ressaltando que eles esqueceram o que é ser professor. A professora 06 falou do poder da

direção e argumentou que, quando assumem cargos de autoridade, as pessoas mudam e passam a agir de forma diferente, como se fossem outras pessoas. Esta mesma professora indagou sobre o que ocorre para que os indivíduos mudem de atitude dessa forma. Os outros seis professores (01, 04, 05, 07, 08 e 09), ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 03: *Aqui na escola, é um espaço difícil para você negociar, como você disse em outro HTP. Para a gente negociar, o outro também tem que estar aberto e nem sempre aqui tem isso.*

Prof^ª 10: *Eles precisam ver os problemas de cada um. Eles se cobrem de autoridade, de autoritarismo, de valores e cumprem as regras deles e deveriam visar o bem-estar de todos. Eles, um dia, foram professores.*

Prof^ª 06: *Os poderosos precisam entrar na realidade, não é Patrícia? Eu gostaria de entender o que ocorre com eles com o poder (pausa) o que ocorre na mente deles. Eles se transformam em outra pessoa. Eu não sei o que acontece.*

Prof^ª 02: *Eu acho que entre nós a gente se ajuda, mas se não ocorrer, eu vejo que é por causa da hierarquia. Esse pessoal quando sobe, eles vestem a camisa do poder, não do ser humano. Parece que eles esquecem o que é ser professor. Até parece que eles não têm dor de cabeça. A gente sabe que quantas vezes eles vão embora até antes do horário e a gente não pode falar nada. Mas se chega a nossa vez a desculpa é “mais e os alunos? vocês avisaram os alunos?” É difícil.*

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O uso da autoridade

A professora 05 propôs falar sobre o papel do professor. Três professoras (02, 06 e 08) ressaltaram que o professor é desvalorizado e que lhes falta autoridade e poder. Apesar de tanta decepção com a educação, a professora 06 afirmou que continuava acreditando no seu trabalho e que gostava do que fazia. Os outros seis professores (01, 03, 04, 07, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção no que estava sendo discutido.

Prof^ª 05: *O professor, eu acho (pausa). Normalmente é uma pessoa sofrida, porquê? Porque ganha pouco, mas não é porque ganha pouco só (pausa), às vezes fica um tempo sem receber. Isso aconteceu comigo (pausa). Eu já fiquei um ano sem receber salário, trabalhando. Tendo que pegar ônibus, metrô. A professora é uma pessoa sofrida, sofrida. Eu não sei como ela pode resolver os problemas da escola se nem resolveu o seu. As pessoas vivem culpando os professores. Tudo somos nós. Somos nós que não ensinamos direito, somos nós que não prestamos.*

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 02: *É uma loucura o que a gente vive. O sistema educacional é o mais prejudicado. Se o professor faz greve, o Governador vai economizar: água, luz, comida e a gente é chamada de vagabunda. O W. T. falou que a gente é que nem barata cada esquina tem um monte.*

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 02: *Não vamos muito longe. Aqui mesmo, já teve professor que foi xingado por aluno. O que vai fazer? Agora, se ele xinga o aluno, ele corre o risco de perder o emprego. Quer dizer, a gente não tem sangue nas veias.*

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: *Eu queria mesmo estudar a mente do pessoal que tem o poder. Eu acho isso seríssimo. Eu não sei se o poder no ser humano é bom. Eu já pensei muito nisso. Eu já me deparei com cada situação. Quando a pessoa tem o poder, ela parece uma máquina. Ela vai passando e vai destruindo. Ela não constrói. Eu acho que isso a gente precisa rever muito. (...) eu fico assim pensando como que é o poder. Essa palavrinha tão pequenina. É o poder do governador, é o poder do diretor, é o poder do supervisor.*

Prof^ª 02:: *Agora te pergunto, qual o poder do professor? Nenhum. Tudo é para o aluno.*

(as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 08: *Mas também existe nosso poder sobre eles e deles sobre a gente. Eles sabem perfeitamente que a gente..... (Obs: a professora 02 não deixou a professora 08 terminar de falar)*

Prof^ª 02: *Que a gente não pode nada.*

Prof^ª 06: *Não C.!!!! nós podemos tudo, não é?*

Prof^ª 02: *Imagina!*

Prof^ª 06: *Olha C., depende de nós.*

Prof^ª 02: *Ah! Tá bom !*

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A avaliação do professor sobre o trabalho de grupo e um exemplo sobre um educador

A professora 07 propôs fazer uma avaliação do trabalho de grupo e, baseada no que estava sendo discutido sobre o professor, fez questão de contar sobre a experiência de seu irmão como educador. Na sua opinião, o trabalho de grupo estava sendo muito importante para ela. Duas professoras (02 e 06) concordavam com as declarações feitas pela professora sobre o seu irmão e fizeram algumas colocações. Os outros sete professores (01, 03, 04, 05, 08, 09 e 10) apenas prestaram atenção no que as professoras falavam.

Profª 07: Eu queria falar dos encontros. Eu tirei algumas coisas boas, e outras que a gente coloca para desabafo. Eu entendi o trabalho porque eu fiz mais diretamente com a K., o ano passado. A gente tinha este diálogo porque eram os meus alunos que ela trabalhava e cada coisa que aconteceu comigo, ela vinha e me trazia. Aí eu escutei o que a M. falou. O meu irmão quando estava em D., ele era assistente de planejamento. Na época o assistente de planejamento, isso no tempo do M. A função dele era correr os bairros de D. e ver onde precisava de escola fazia. Ele fazia todo trabalho de pesquisa. O engenheiro vinha até a diretoria de ensino e fazia. Era tudo muito ligado e com isso profissionalmente não dentro da educação, mas na política, ele foi crescendo muito. Tanto que uma das escolas que ele planejou, eu trabalhei dez anos. A meta era produzir, mostrar para o povo quantas escolas ele tinha feito. (...) chegou um certo ponto o pessoal do M. queria que ele fosse delegado de ensino, porquê? Nos bairros inteiros ele só conhecia os pobres. O que eles queriam? Eles queriam ajudar dele? Não, não! Eles queriam se ajudar. Quem que era na época o delegado de ensino? O cara que era muito amigo dele. Assim, se o meu irmão aceitasse ele ia ser retirado e jogado fora como se fosse um pano velho. Eles queriam votos e o que o meu irmão viu que ele ia prejudicar o amigo. Olha! eu sou uma fã do meu irmão. A gente não entende porque ele queria ir embora, ninguém entendia. Qual a saída que ele achou? Remoção. Ele arrumou e foi armado mesmo. Ele entrou na remoção e veio para R. P. Ele largou tudo lá. Então ele veio embora para cá (...).

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 07: Ele não se anulou como pessoa. Ele ficou realizado. Ele deixou o amigo continuar. Tanto é que o cara ficou até o final na mudança de Governo.

Profª 02: Eu entendi o contrário.

Profª 07: Meu irmão largou tudo. Ele tinha casa. Ele tinha trabalho dele na faculdade, na escola. Ele tinha uma estrutura.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 07: E eu não vou dizer que como diretor ele não fez coisa errada.

Profª 06: Todo mundo faz. O próprio sistema já corrompe.

Profª 02: É verdade.

Profª 07: Mas o que eu admirei muito, na época, que foi logo que eu comecei a entrar que eu comecei a conhecer a educação porque eu me formei sem saber o que era. Eu comecei a olhar e comecei a ver, e olhar e eu tinha nele um espelho, um modelo muito grande e eu conversava com ele, ele perguntava, ele queria saber. “Eu nunca precisei (pausa) eu nunca vi meu pai e minha mãe fazer alguma coisa para prejudicar alguém para conseguir alguma coisa na vida. Eu não preciso disso”. Mas ele só falou para gente bem pra frente. Ele veio para cá e aconteceu a mesma coisa. Aí começou novamente a guerra de poder. Foi uma loucura. Pediram para ele que ele escolhesse se ia continuar como diretor, se ele ia ser supervisor ou se ele ia competir pela função de dirigente. Ele falou: “eu? Eu vou me aposentar”.

Profª 02: (riu) nem uma coisa nem outra.

Profª 07: Ele se aposentou. Com toda a dignidade do mundo.

Profª 02: A gente vai voltar naquilo que a M. falou, a noção de valores.

Profª 07: O que aconteceu? Aqui ele é professor do B.M. Ele foi professor de um monte de gente da Pedagogia. Ele é efetivo. Ele foi diretor no A., no L.. Ele foi diretor de escolas grandes. O que eles queriam que ele fizesse era pós-graduação. Ele falou: “não. Eu já estudei muito. Eu não quero só trabalhar. Então, vocês se viram se eu não posso dar aula.” Colocaram ele na “Teia do Saber”. Ele faz isso, há uns dez anos pela B.M. Ele trabalha o Nordeste inteiro.

Profª 06: O trabalho é maravilhoso, é fantástico.

Prof^a 07: O resultado é maravilhoso. Quando forma uma turma ele monta um fostifoli. É difícil ver, falar com ele. Ele fala que ele quer trabalhar, fazer o que ele gosta com dignidade. Eu converso muito com ele. Ele me ajuda muito. Eu ainda acredito nisso, no valor. No valor, na dignidade.

Prof^a 02: Eu também.

Prof^a 07: Bom, mas o que eu queria falar também é que eu acredito nesse trabalho. Eu acho que a gente tem que acreditar. Eu sei que este é um espaço para gente se colocar. Eu sei que o que a gente está falando vai ficar registrado e que alguém, de uma forma ou de outra vão ler o que a gente está falando.

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As questões familiares da prof^a 07

A professora 07 propôs mudar de assunto e começou a falar da educação que oferece às suas filhas, de seus valores e, por fim, contou a experiência de sua filha com o namorado. Todos os professores, no início, começaram a ouvir, mas como os relatos estavam muito demorados, os professores começaram a se levantar e ir embora.

Prof^a 07: Eu estou vivendo uma outra situação da minha casa. A minha filha arrumou um namorado e agora é para valer. Ela vai fazer 15 anos. Eu tenho feito orientação, levei ela para a médica. Eu falei para ela que tem tempo para tudo. Ela saiu com rapaz que ele já queria ir a fundo na relação e ela falou não. Ela falou que ela não era igual às outras. Que ela se valoriza. E ele adorou. Falou que ela era diferente. Ele perguntou para ela porque ela não usava saia e blusa curta. Ela falou que esse era o jeito dela de se vestir e que se ele quisesse era sem. Ela tem os valores dela. A gente passou o que a gente pôde de melhor para ela. A sogra dela falou que o jeito dela é bem diferente das outras meninas que o filho tinha saído. Ela falou que ela vinha de família humilde, mas era uma menina bem formada. É difícil para gente. Eles são muito diferentes de educação, de nível sócio-econômico. O pai dela quase morreu quando ela saiu e chegou às 11 horas. Ela nunca tinha saído à noite. A gente faz de tudo, mas ela que vai escolher seus caminhos. Eu ensinei, eu dei o melhor pra ela. Mostrei muita coisa da vida, do que eu acredito. Destas questões de se resguardar que tem o momento certo pras coisas. Que a gente precisa ser responsável pelas coisas que a gente faz. Falei de relação sexual, de amor, de filhos (pausa) de tudo. Ela vai fazer o que ela quiser, mas eu fiz a minha parte ().

(Obs: a professora continuou falando sobre o assunto e os professores começaram a ficar impacientes)

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Fechamento

A coordenadora, ao ver que os professores começaram a levantar, encerrou as atividades. O horário já havia terminado. Antes dos professores irem embora, a coordenadora perguntou se eles gostariam de continuar participando do trabalho. Como a resposta foi positiva, a pesquisadora falou que no início do 2º semestre retomaria o trabalho na escola.

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 5ª REUNIÃO

Na quinta reunião, pôde-se perceber, de um modo geral, que os professores participaram de todas as discussões, uns de forma mais clara, falando e perguntando, e outros de maneira mais silenciosa. Eles estavam bastante agitados, falavam alto e rápido. Às vezes, as falas de uns sobrepunham-se a dos outros, mas em alguns momentos, eles conseguiram ouvir o colega. Professores cuja fala era muito longa pareciam aborrecer os participantes. Notou-se também que os professores, apesar da ansiedade, conseguiram se concentrar mais nos temas. Por outro lado, parece que o grupo não teve tanta necessidade em falar de vários assuntos, como em

outras reuniões deste trabalho. Foi uma reunião longa em relação às outras, mas parecia que os professores estavam com uma necessidade muito grande de falar. No entanto, somente um professor conseguiu se integrar à proposta inicial da coordenadora. Quanto aos demais, parece que tinham a necessidade de relatar as facilidades e as dificuldades do contexto institucional. Por fim, como a coordenadora percebeu que alguns participantes estavam bastante perturbados e sem paciência, esta abandonou sua proposta inicial e passou a atender a necessidade do grupo.

2ª PARTE: SEGUNDO SEMESTRE

A 6ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 6ª REUNIÃO

A sexta reunião do grupo de professores ocorreu no dia 01 de agosto de 2005, às 17h25min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de uma hora e meia. A pesquisadora chegou à escola 5 minutos antes de começar a reunião, pediu a chave à vice-diretora e dirigiu-se à biblioteca, para organizá-la. A vice-diretora havia sido avisada pela pesquisadora, na semana anterior, que as atividades recomeçariam com o grupo de professores. Às 17h15min, a pesquisadora foi até a sala dos professores avisar os participantes de que havia chegado e que estava na biblioteca os aguardando. Essa atitude foi tomada porque o grupo havia ficado quase mês sem se reunir e, talvez, os professores pudessem esquecer a data do reinício do trabalho, agendada no final do primeiro semestre.

Os professores foram chegando aos poucos e a pesquisadora percebeu que alguns estavam avisando aos membros que a reunião começaria. Todos estavam presentes.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta Temática: retomando o trabalho de grupo

A coordenadora propôs aos participantes do grupo retomar o trabalho de grupo e dar suas opiniões sobre a forma como as atividades estavam sendo desenvolvidas.

A professora 06 concordou com a proposta da coordenadora e ressaltou que estava gostando da forma como o trabalho estava sendo conduzido. A professora 07 perguntou à coordenadora até quando seriam realizadas as atividades. Os outros oito professores (01, 02,

03, 04, 05, 08, 09 e 10) concordaram e acenaram com a cabeça para a professora 06, que perguntou se eles aceitavam a continuidade semanal do trabalho. O grupo ficou em silêncio.

Coordenadora: Bom pessoal, vamos começar? Hoje nós estamos retomando nosso trabalho. Toda vez que iniciamos um semestre nós recontratamos com o grupo. Eu gostaria de saber o que vocês acham da forma que nós estamos trabalhando. Alguém gostaria de sugerir alguma mudança? Nossos esquemas de trabalho seriam encontros semanais? O que vocês acham?

Prof^ª 06: Eu acho que tá bem assim (pausa) desta forma. O que vocês acham pessoal? Está bom assim ser toda a semana? Vocês concordam?

(silêncio)

Prof^ª 07: Mas até quando nós faremos esta atividade?

Coordenadora: Minha proposta seria realizarmos encontros semanais até o fim de novembro. Depois em dezembro faríamos as entrevistas individuais de encerramento para avaliar o trabalho. O que vocês acham?

Prof^ª 06: Tudo bem (pausa) não é gente?

(Obs: os outros professores acenaram com a cabeça concordando)

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As férias dos professores

A coordenadora propôs aos professores comentar como tinha sido o período de férias. Cinco professoras (02, 06, 07, 08 e 09) concordaram com a proposta e fizeram alguns comentários sobre o assunto. Os outros cinco professores (01, 03, 04, 05 e 10) indicaram concordar com este comentário ao acenarem com a cabeça.

Coordenadora: Bom, e aí, como foram de férias?

Prof^ª 06: Muito pouco (pausa) tem. Não tive férias não! Nossa senhora!

Prof^ª 07: Pouquíssimas férias.

Prof^ª 02: Curtíssimo espaço de tempo para resolver muita coisa.

Prof^ª 08: Eu não tive férias.

Prof^ª 09: A gente que é mulher não tem férias nunca!

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O retorno às atividades escolares: o planejamento

A professora 10 propôs falar do retorno às atividades escolares. A professora 09 comentou que o planejamento havia começado na semana anterior. A coordenadora propôs falar, também, desta atividade. As outras três professoras (06, 08 e 10) concordaram com a proposta e falaram o quanto essa experiência foi significativa, importante e baseada em reflexões do trabalho realizado. Além disso, trabalhou-se questões sobre leitura e realizou-se uma avaliação sobre o planejamento na escola. Seis professores (01, 02, 03, 04, 05 e 07) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 10: Nós já começamos na segunda-feira, dia 25.

Coordenadora: E como foi o planejamento?

Prof^ª 09: Textos (pausa) interpretação de texto. Falando de...(Obs: A professora 10 não deixou a professora 09 terminar de falar)

Prof^ª 10: Cada um refletindo sobre seu trabalho.

Prof^ª 08: Competência leitora. Foi o que a gente conversou.

Coordenadora: E o que vocês acharam do planejamento?

Prof^o 10: Fizemos avaliação da escola.

Prof^o 06: O que deu certo e o que não deu errado e o que pode dar certo ainda.

Coordenadora: Como foi para vocês essa experiência?

Prof^o 08: O planejamento não foi cansativo. Não foi uma coisa pesada. A gente discutiu vários temas.

Prof^o 06: Vários temas, de várias formas. Então foi (pausa) menos cansativo do que as outras vezes.

Prof^o 09: Foi assim (pausa) muita coisa assim dá para aproveitar. Geralmente o planejamento fica mais no papel e não dá para aproveitar.

Prof^o 10: Sentimos que ele preparou para tentar sanar as dúvidas de algumas pessoas. Dar uma refletida.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A nova diretora e as normas de funcionamento da escola

A professora 09 propôs falar da nova diretora, alegando que com a chegada desta muita coisa mudou no funcionamento da escola. Duas professoras (05 e 06) concordaram com a proposta e se queixaram que a diretora não participou do planejamento. Além disso, a nova diretora proibiu a entrada dos professores na secretaria e afirmou que não queria que os professores comessem as bolachas dos alunos nem que mandassem os mesmos para a diretoria. Os outros sete professores (01, 02, 03, 04, 07, 08 e 10) concordaram com a proposta, acenando com a cabeça em relação aos assuntos que estavam sendo discutidos.

Prof^o 09: Agora nós temos diretora nova, mudou muita coisa.

Prof^o 06: Ela não participou do planejamento!

Prof^o 09: Ela veio de manhã, ditou as regras e depois não participou. Ela falou que não quer que a gente entre na secretaria, não quer mais que façamos isso, que façamos aquilo.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^o 05: Não quer mais que a gente coma bolachinhas.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^o 09: E ela falou para não mandar o aluno para a diretoria.

Prof^o 06: Isso também está escrito no Regimento, pelas normas isso realmente não pode, o professor mandar o aluno para fora, pois eles mandam para dentro. A determinação é do C. Você usa a pedagogia do afeto.

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O portador de necessidades especiais e o preparo dos professores: a inclusão nas escolas

A professora 07 propôs falar sobre o portador de necessidades especiais e o preparo do professor. Quatro professoras (02, 03, 06 e 10) concordaram com a proposta e argumentaram que o professor é o responsável pela avaliação pedagógica desse aluno e que a inclusão é uma questão séria que precisa ser trabalhada com a família. Além disso, ressaltaram que a escola precisa estar preparada para receber o portador de necessidades especiais, mas que o professor não tem o apoio da escola para lidar com esse aluno. Os outros cinco professores (01, 04, 05, 08 e 09) ficaram em silêncio, prestando atenção no que as colegas falavam.

Prof^o 07: (...) eu entendi a inclusão, está aí, eu vou dizer mais para vocês (...) o problema é nosso (pausa) se nós não estudarmos para ter uma formação, para receber esses alunos. Todos os textos que li (pausa) ele está dizendo muito claro "o professor tem até que fazer um diagnóstico clínico do comportamento do aluno e fazer este encaminhamento".

Prof^ª 02: Agora pode?

Prof^ª 06: Meu Deus! Que vergonha.

Prof^ª 07: O negócio é o seguinte: não vai existir professor mais para deficiente. Acabou. Acabou.

Prof^ª 03: Eu não consigo entender o que eles querem.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: Posso falar, não (pausa) se você juntar o que eu falei para a supervisora (pausa) se o professor junto vê o problema seríssimo da inclusão (pausa) não é o problema de colocar o aluno na escola, isso que o professor tem que ser forte. Juntar e falar: C. você é pai? você já criou filho com deficiência? Então vamos sentar e vamos ver. Agora se o professor ficar só aceitando.

(Obs: a professora 06 não terminou de falar, pois as outras professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: Porque o professor não pode aceitar. O problema não é colocar a criança na escola.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: Não gente! Primeiro lugar é a família. O problema é muito sério. A criança não tem culpa. O problema é receber a criança e não ter respaldo.

Prof^ª 03: O apoio.

Prof^ª 10: Precisa de suporte necessário.

Prof^ª 06: Precisa de um trabalho, antes da criança vir para escola. A escola precisa estar preparada.

Prof^ª 02: Não, não estamos preparados. E agora? Eu não sei o que eu faço com uma criança dessa na minha classe. Eu não sei. Morro de dó.

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A angústia da professora 10 em relação à imposição de receber uma aluna portadora de necessidades especiais

A professora 10 propôs falar de uma aluna que, segundo ela ‘jogaram em sua sala de aula’. Demonstrou estar indignada e inconformada com a situação. Três professoras (02, 06, 09) concordaram com a proposta. A professora 06 comentou sobre a situação, a pedido da professora 10. Relatou que havia falado para a supervisora desta criança, que ela não fala, não tem coordenação, que usa fralda e anda em cadeira especial, e que sua mãe é ‘digna de dó’. A professora 09 queria entender o problema da aluna. A professora 02 mostrou seu apoio à professora 10. Os outros seis professores (01, 03, 04, 05, 07 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo a história. Em geral, os professores ficaram espantados e pareciam inconformados com a situação.

Prof^ª 10: Você lembra o que aconteceu aqui, com aquela menina que jogaram na minha sala?

Prof^ª 06: Coitada dessa criança. Eu falei com a supervisora.

Prof^ª 09: O que aconteceu? A supervisora veio aqui então?

Prof^ª 06: A supervisora.

Prof^ª 10: Começa do início.

Prof^ª 06: A T. recebeu uma aluna (pausa) a situação da aluna é seríssima (pausa) até fralda a T. tem que trocar (pausa) dar comida, ela não fala, não tem coordenação motora, tem cadeira especial (pausa) a mãe é digna de dó, gente!

Prof^ª 09: O que ela tem?

Prof^ª 10: Eu não sei (pausa) ela tem uma cadeira (pausa) nesta cadeira tem um tabuleiro que tem a foto do pai, da mãe, da tia, do tio, do irmão, da irmã (pausa) e ela tem fono (pausa) tem oito anos. Eu não me conformo com o que eles fizeram.

Prof^ª 02: Mas eu vou te falar uma coisa, tá? Tá todo mundo te apoiando. A gente não tinha visto na sala de aula, tava D., A. e a E., veio o pai da menina, não foi? A gente concorda T., mas essa mãe é digna de dó, num sentido que ela está vendo uma coisa que é enganosa na televisão.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 10: Vocês sabem porque a educação não vai pra frente? Porque cada um defende o seu. Eu não aceito o que ocorreu comigo. Não pode ser desse jeito.

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As dificuldades de relacionamento com a nova diretora

A professora 02 propôs falar das dificuldades de relacionamento com a nova diretora. Três professoras (04, 06 e 10) concordaram com a proposta e comentaram que a nova diretora é autoritária; nenhum professor no planejamento questionou as colocações que a diretora fez. As mesmas quatro professoras relataram que os professores são desunidos, que aceitam tudo, pois têm medo de serem punidos e/ou por respeitarem a hierarquia. A professora 04 argumentou que as pessoas autoritárias são inseguras e que o professor da rede estadual de ensino tem que ser e fazer o que os supervisores querem. Os outros seis professores (01, 03, 05, 07, 08 e 09) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Profª 02: Existe jeito e jeito de falar. Se falar que em 2005, a gente ouviu de um supervisor do jeito que foi dito. Ela não chegou falou “gente vamos ver que a gente pode fazer”. Depois que ela viu a cara de todo mundo (pausa) a gente ficou bestificada. Aí, ela falou que a gente ia fazer uma experiência. Ela impôs, mas depois que ela viu nossa cara (pausa), aí ela falou vamos ver (pausa) a nossa reunião acabou (...).

Profª 06: Ela é autoritária (pausa) ninguém falou nada.

Profª 04: Nós erramos.

Profª 02: Mas ninguém fala nada.

Profª 04: Eu errei (pausa) eu queria ter falado.

Profª 06: A nossa classe é desunida.

Profª 02: A gente se cala.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 02: (...) a mulher chegou e alguém falou alguma coisa ou questionou o que ela falou. Nós estamos em mais de 20 professores. Concordam?

Profª 10: Muito mais.

Profª 02: Todo mundo, amém, amém, amém. Crêem em deus-pai, salve-rainha, ave-maria, o pai-nosso (pausa) foi ou não foi gente?

Profª 06: Foi.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 02: (...) a gente respeita a hierarquia (pausa) não se diz que nada se pode levar a ferro e fogo. Aí eu lembrei de você (pausa) - (olhando pra coordenadora) quando disse da questão de tentar negociar.

Profª 04: Para mim estas pessoas autoritárias são inseguras. No Estado a gente tem que fazer o que eles querem.

8º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O caso da aluna da professora 10, portadora de necessidades especiais

A professora 06 propôs falar da aluna portadora de necessidades especiais da professora 10. Relatou que tentou, por meio da supervisora de ensino, ajudar a professora. De acordo com seu relato, ela ressaltou para a supervisora a falta de preparo do professor para lidar com essa situação e questionou o trabalho que a diretoria de ensino está fazendo em relação à inclusão.

Três professoras (02, 03 e 10) concordaram com a proposta e comentaram vários aspectos do assunto: a falta de preparo do professor para lidar com o portador de necessidades especiais; a opção que o professor deveria ter de não aceitar essa situação; o fato da diretoria

de ensino impor que a escola aceite o portador de necessidades especiais e do supervisor apenas acatar as ordens que lhe são dadas. Além disso, argumentaram que a escola não recebeu nenhum relatório de profissionais que atendem a criança, que não foi feita nenhuma avaliação pedagógica para saber em que sala a aluna deveria ficar e que a escola não tem no prontuário o nome completo da criança nem o diagnóstico de “criança portadora de necessidades especiais”. Os outros seis professores (01, 04, 05, 07, 08 e 09) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 06: Patrícia, eu queria falar daquela história da Supervisora, eu não sei se o pessoal sabe, se entendeu. Eu a encontrei e falei: “então, o que é que o Estado está fazendo com a gente?”. Aí eu questioneei ela “isto está errado. Sabe porque está errado? a família, o problema R. não é colocar a criança na escola igual está sendo falado na televisão. Isso é um erro que a televisão está fazendo porque a gente precisa ser preparada”. Aí ela falou: “então você sabe que eu estou fazendo isso, mas eu não posso fazer (pausa) porque é ordem do C.”. Então eu falei: “olha o erro aí.” Jamais ele poderia fazer isso. Ele está pecando com a gente fazendo isso.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas e alto)

Prof^ª 06: (...) o duro que não está sendo feito nada. Nós estamos aceitando mais uma coisa, por isso que eu falo que a nossa classe deveria ter uma conscientização maior.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas e alto)

Prof^ª 02: Vocês viram o que ela falou. Se ela não tem o que fazer, que é ordem de lá de cima, imagine a gente.

Prof^ª 06: A criança não tem nada com isso.

Prof^ª 10: A escola nem sabe o que a criança tem! O diagnóstico. Porque a supervisora chegou e eu participei de tudo e ela falou: “Cadê o prontuário da menina? O que a criança tem? Quem matriculou a criança”. Não sabiam o nome inteiro da criança.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: O que é isso que você está falando T.?

Prof^ª 10: Nem fizeram uma avaliação para saber em que série é para a menina ficar.

Prof^ª 02: Mas a gente não recebe um relatório do profissional.

Prof^ª 06: Precisa pedir.

Prof^ª 10: Ela veio um dia só.

Prof^ª 06: E a supervisora falou que não sabe se ela vai conseguir uma outra escola!

Prof^ª 03: Que situação!

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: eu saí da sala, arrasada. Eu fiquei com dó também da supervisora, ela é mandada, gente! Coitada. Ela falou: isso está contra o Estatuto (pausa), a Lei tal (pausa) é só isso que eles falam (pausa) Leis, de Leis. Ela disse que vai fazer o possível, a G. falou para mim: “M., o que é isso? essa criança na classe dessa professora! A escola tem espaço para isso?”

Prof^ª 02: Por mais que você quer ajudar (pausa) a gente não tem condições. Essa criança é uma vítima.

9º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando o assunto: a angústia da professora 10 em relação à imposição de receber uma aluna portadora de necessidades especiais

A professora 10 propôs falar da situação constrangedora que viveu ao receber uma aluna portadora de necessidades especiais. Como a reunião estava terminando, a professora se levantou e começou a falar alto; gritava e gesticulava incessantemente e parecia muito nervosa. Comentou que queria falar da situação em reuniões anteriores, mas não teve espaço. Por fim, descreveu a maneira com que a diretora a informou sobre a aluna, relatou a postura da mãe e o quanto no papel de professora ficou indignada com o fato. A professora 10

acrescentou que, no recreio, todos ficaram espantados com a presença da menina, mas que ninguém ajudou em nada.

Quatro professoras (02, 03, 04 e 06) concordaram em discutir esse assunto e comentaram que, se estivessem no lugar da professora 10, teriam abandonado a escola. A professora 03 comentou que achava que a professora 10 estava chateada com o grupo, pois o assunto do portador de necessidades especiais foi abordado em uma reunião e no outro dia a aluna portadora de necessidades especiais chegou na escola.

Os outros cinco professores (01, 05, 07, 08 e 09), que estavam prontos para ir embora, sentaram para ouvir a professora 10 e demonstraram perplexidade diante de seus relatos.

Profª 10: Mas isso ainda está mal colocado. Eu não coloquei para vocês como essa criança chegou na escola. Porque toda vez que eu vou falar não dá tempo de eu falar. Eu gostaria de falar certinho porque foi eu chegar “você está recebendo uma cadeirante”. Eu chegando para eu pegar a minha turma (pausa) “você desce sua sala, eu vou adequar sua classe.” Você vai receber....” (pausa). Mas, eu não tinha nem visto quem era. Eu vou falar quem quiser ir embora pode ir, mais eu vou falar (pausa). Eu subi (pausa).

(Obs: os professores sentaram para ouvir a profª 10)

Profª 10: A diretora em trânsito, vendo as necessidades dela, os interesses dela e indo embora da escola “você vai receber uma cadeirante.” saindo correndo (pausa). “Viu! Você sobe lá, você pega e desce sua sala porque você vai ser adequada na sala tal.” Aí eu subi (pausa) eu não sabia se eu pegava um carrinho para colocar minhas coisas. Eu fiquei perdidinha.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 10: Espera aí gente (pausa) escuta só. Eu lá mexendo no meu armário, separando (pausa). Aí a funcionária subiu. “Professora, a senhora vai descer?”. Eu nem sabia direito. Eu até achei que era outro dia e que iam conversar comigo e ela continuou: “a senhora não vai descer? A mãe está esperando lá embaixo!”. Eu não sabia o que fazer, ou eu trancava o armário, ou eu levava as crianças, ou eu atendia a Diretora (pausa) quem que eu atendo? Chego na sala e a mãe diz: “aqui está a sacola de fralda, aqui está a fralda para a senhora limpar a boca dela e a senhora não chama a irmã que está na outra sala porque eu não quero que a senhora fique chamando ela para não atrapalhar a vida dela. Eu falei: “Escuta mãe, não dá para a senhora ficar aqui, porque é o primeiro dia e a senhora pode me explicar melhor?”. Ela falou: “Não”. Ela estava impecável, de batom, perfumado, tudo bonito e ainda me disse que tinha que sair.

(Obs: as professoras começaram a rir)

Profª 10: E eu fiquei com o pepino.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 10: E a diretora “Você viu o que aconteceu? Você viu o que aconteceu?”. Eu subi para terminar de pegar as minhas coisas na sala de artes, no meu armário. Ela falou que ia fazer um ofício para a diretoria de ensino. Ela foi embora, resolveu a vida dela. Foi embora cuidar da vida dela e o pepino ficou aqui. E eu ali de mãos atadas. Gente aconteceu deste jeito.

Profª 02: Eu teria pego a minha bolsa e teria ido embora.

Profª 06: Meu Deus, o que é isso!

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 04: Eu vi tudo da minha sala. Fiquei tão chocada, a minha menstruação adiantou naquele dia.

(Obs: as professoras riram e começaram a falar juntas)

Profª 06: E eu perguntei: “Porque a T. desceu?”. Ah! Ela recebeu uma menina de cadeira de rodas.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 10: Chegou a hora do recreio...

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 10: Deixe-me terminar...

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 10: Eu peguei a cadeira, levei a menina para a merenda. Todo mundo de braços cruzados, olhando lá da porta. E os alunos todos espantados. “Professora quem ela?”. Eu falei: “amiga de vocês, vai estudar aqui.” Eu falei desse jeito. Depois a irmã veio e foi o recreio da quarta série. A menina entrou na sala cheia de arroz, feijão (pausa) tudo caído.

Profª 06: Não gente, isso não pode.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 04: Ela, a F.(a diretora na época) não está preparada.

Prof^ª 10: Ela deveria ter, gente, me chamado na sala dela, me explicado a situação.

Prof^ª 06: Ela tinha que ter visto como ia ficar esta situação da família e da escola.

Prof^ª 02: Se eu fosse a diretora eu teria feito o seguinte....

(Obs: as professoras começaram a falar juntas, gritando)

Prof^ª 03: O interessante de tudo isso é que nós conversamos disso aqui num dia, tipo 6 horas da tarde. No dia seguinte, aconteceu (pausa). Nós acabamos aqui, nosso subconsciente acabou chamando e a T. achou que nós estávamos sabendo.

Prof^ª 10: É!

Prof^ª 03: Ela tava triste conosco porque ela achava que a gente sabia de alguma coisa.

Prof^ª 10: No meu coração, eu achei que todo mundo tinha sabido e que ninguém queria me falar.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: Por isso que você estava magoada.

Prof^ª 03: Ela achou que nós sabíamos.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas, levantaram e começaram a sair)

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 6ª REUNIÃO

Na sexta reunião, pôde-se perceber, de um modo geral, que os professores foram mais participativos ao discutirem os temas. A coordenadora inicialmente propôs que eles refletissem se o trabalho de grupo que estava sendo realizado estava sendo produtivo e que sugerissem propostas, caso desejassem. Notou-se, nesse momento, que os professores queriam falar dos assuntos que mais os incomodavam: a nova diretora e o aluno portador de necessidades especiais. Nessa reunião, percebeu-se que os professores estavam mais comunicativos e que permitiam que cada um se manifestasse, sem interrupções. Alguns professores mantiveram-se em silêncio. Além disso, percebeu-se que em alguns momentos da reunião, os participantes assumiram uma postura mais tranqüila e serena.

É importante comentar que, ao final, a professora 10 conseguiu relatar uma situação muito difícil que estava vivenciando na instituição. Por outro lado, por ter guardado isso para si por muito tempo, quando conseguiu expressar-se, sua fala pareceu uma grande explosão. Supõe-se que a professora estava muita revoltada com a diretora, com a situação imposta e com os colegas de trabalho, pois acreditava que eles estavam sabendo que ela iria receber uma aluna portadora de necessidades especiais e não a tinham avisado. Acredita-se que, devido a todos esses fatos relatados, o grupo pôde conversar e compartilhar os problemas que estava vivenciando na instituição, bem como mostrar alguns conflitos que permeavam o diálogo entre os membros do próprio grupo.

A 7ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 7ª REUNIÃO

A sétima reunião ocorreu no dia 08 de agosto de 2005, às 17h20min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de 45 minutos. A pesquisadora chegou 15 minutos antes do horário marcado, se dirigiu à diretoria e procurou a vice-diretora, que a atendeu cordialmente. Tendo a chave em mãos, a pesquisadora foi arrumar a biblioteca. A sala estava desorganizada, cheia de papéis no chão e as cadeiras e mesas estavam empoeiradas. A pesquisadora procurou uma funcionária que não pôde ajudá-la, pois estava muito ocupada na cozinha. Sendo assim, a pesquisadora se dirigiu à biblioteca para organizá-la e limpá-la antes da chegada dos professores. Estavam presentes os professores 01, 06, 07, 08, 09 e 10. Nenhum professor presente justificou as faltas das professoras 02, 03, 04 e 05.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta temática: a aluna portadora de necessidades especiais da professora 10

A coordenadora propôs à professora 10, caso concordasse, de retomar o assunto do encontro anterior sobre a situação que estava vivendo com sua aluna portadora de necessidades especiais. Além disso, esclareceu aos participantes que o grupo é um espaço para eles falarem de suas expectativas, facilidades e dificuldades do cotidiano escolar.

A professora 10 concordou com a proposta da coordenadora e comentou que a inclusão do portador de necessidades especiais é fato e independe da vontade do professor. De acordo com essa professora, o professor e a escola não estão sendo preparados, e essa situação está gerando angústia. Além disso, acrescentou que a diretora, também por falta de preparo, não oferece apoio ao professor, que esta segue ordens, mas age de maneira autoritária. A professora acredita que a mãe da aluna '*jogou sua filha*' na escola e nem conversou direito com ela que era a professora da classe onde sua filha ficaria. Por último, comentou que a vice-diretora declarou que a aluna não tinha condições de ficar na escola e que a mãe da aluna, ao saber disso, foi à diretoria de ensino reclamar. Como consequência, a supervisora veio com uma especialista à escola e, ao que tudo indica, tentarão colocar a aluna em outra escola. A partir dessa reunião, não se sabe se a criança ficará ou não na escola. Segundo a professora, a diretora não perguntou se ela quer ficar com a aluna, mas, sim, se estava interessada em aprender com a situação.

A professora 06 concordou em discutir o assunto e esclareceu que tentou ajudar a professora 10, assumindo uma atitude acolhedora e de apoio aos seus problemas.

Duas professoras (08 e 09) ficaram indignadas com as colocações das professoras 10 e 06. A professora 07 começou a perguntar para a coordenadora do grupo sobre algumas dúvidas que tinha em relação a um aluno que recebeu e que é portador de necessidades especiais. O professor 01 ficou em silêncio, prestando atenção nas professoras.

Coordenadora: Eu gostaria de iniciar esta reunião perguntando para professora 10 se ela gostaria de falar mais alguma coisa sobre situação da nova aluna que ela recebeu.

Prof^ª 10: Isto é uma situação nova que vem acontecendo e que vai acontecer mais cedo ou mais tarde para qualquer escola e com qualquer professor. A gente não escolhe e isto acontece. Mas só que vem de uma forma que deixa a gente muito angustiada porque é como eu falei no primeiro dia a gente (pausa) eu não fui preparada para (pausa) a direção não (pausa) a escola não está preparada e ela não prepara também as pessoas. Quando eu recebi a menina, no primeiro dia, eu falei para a mãe: “a senhora deveria ficar na escola mais um pouco, para a senhora falar dela um pouco para a gente”. Eu queria saber de onde ela está vindo, quais as necessidades que ela tem, quem trabalhou com a criança, até que ponto (pausa). Aí ela falou que não podia ficar e virou as costas e saiu. Ela jogou sua filha na escola. Como pode? Ninguém falou nada. (...) a vice-diretora percebeu que a escola não tinha condições de atender todas as necessidades da criança. Foi requisitada a supervisora que veio na escola e a mãe e a criança também, o senhor que carrega ela na perua. Vieram todos. Veio a professora especialista (...). Vieram para conhecer a menina, para conversar com a mãe, para saber tudo. Eu acho que a menina foi matriculada sem ver, acho que foi por telefone. Não pediram nenhum laudo, nada da menina e matricularam. Falaram que era cadeirante, mas não das necessidades outras da criança.

Prof^ª 06: Ela ia tentar um local apropriado para aquele tipo de criança. Elas mesmas não tinham imaginado que a criança era assim. Elas não tinham visto a criança. Não têm laudo. Ninguém sabe o que ela tem. Eu tentei ajudar a T., mas essa situação é delicada. Envolve muita coisa.

Prof^ª 07: Eu só não sei o primeiro nome, não sei o que ele tem (pausa) se é cefaléia (pausa) distúrbio, não sei o que (pausa) se é cefaléia. O que é que isso? E quando tem cabeça grande? A gente! A gente não sabe das coisas (pausa) eu recebi (pausa) esta criança (...).

Coordenadora: Pode ser hidrocefalite (pausa) macrocefalite. Precitaria de um diagnóstico de um neurologista.

Prof^ª 10: Eu só gostaria de terminar (pausa) isso que eu falei aconteceu em junho. A menina veio um dia só. Aí como a vice-diretora pediu para mãe ficar na escola, ou trazer uma pessoa para ficar com a menina e como ela faz fono duas ou três vezes na semana e a mãe como estava perto das férias, não mandou mais. Hoje, a diretora foi na minha porta e disse que ela virá para cá. Eu acho que eu tenho que ter um curso de formação para aceitar esta criança.

Prof^ª 06: Eu acho isso um horror com a criança e com o professor. É uma falta de respeito. A escola não tem estrutura também e não prepara o professor que já tem mil problemas e vem mais um problema. Eu não saberia, Patrícia, eu não saberia o que fazer, eu não saberia. É a hora que a gente tem vontade de chutar o balde e fazer coisas que se arrependeria depois (pausa) de raiva sabe (pausa) lá de cima, de fazer isso com o professor, com a criança e com a escola.

Prof^ª 09: É um absurdo.

Prof^ª 08: Não é de uma hora para outra que você vai saber lidar com esta situação. Precisa de toda uma equipe te apoiando também (pausa) que viesse da diretoria, não é?

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os cursos oferecidos pela rede estadual de ensino e a realidade dos alunos das escolas estaduais

A professora 06 propôs falar dos cursos oferecidos pela rede estadual de ensino e do desempenho dos alunos das escolas estaduais. Duas professoras (07 e 09) concordaram com a proposta. A professora 07 comentou que as várias atividades desenvolvidas no curso não condizem com a realidade dos alunos. Além disso, os professores que fizeram o curso

comentaram de trabalhos que, com certeza, não foram seus alunos que fizeram. A professora 09 fez perguntas sobre o curso.

A professora 06 comentou que o curso é muito bom, mas que há diversas atividades que não podem ser aplicadas em sala de aula, pois não condizem com a realidade dos alunos. Os outros três professores (01, 08 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo as professoras.

Prof^ª 06: Eles não estão enxergando isso. Cada coisa! eles querem colocar uma coisa na escola que não é verdade e não acontece. Gente (pausa) eu e a M. vivenciamos isto no sábado, não é verdade? Eu não vou me expor a isso.

Prof^ª 07: Eu só vou falar uma coisa, pra você, eu vou fazer e vou falar que os meus alunos de primeira série não têm condições de fazer isto aqui. Então eu montei, eu montei tudo e eles fizeram a ilustração. O que é deles é a ilustração.

Prof^ª 09: O que é que vocês estão falando gente?

Prof^ª 06: Sabe o que é, gente? Sabe o que é Patrícia? Sabe o que a gente está fazendo? “A Teia do Saber”. Muito bom. Assim (pausa) é...

Prof^ª 07: Gostoso. Tem boas idéias.

Prof^ª 09: Quando vocês fazem?

Prof^ª 06: Todo sábado. A T. também faz. No B. M., é o Estado que dá, Patrícia. Então foi dada sugestão para nós trabalharmos em sala de aula. Levaram dos “Nós” (pausa) qual mais? Das poesias.

Prof^ª 07: para uma criança de primeira série, nós não vamos conseguir. Os professores levaram coisas lindas, maravilhosas (pausa) teve uma que fez uma história de um gatinho (pausa) a forma era de um gatinho (pausa) o marido fez no computador e falou que foi os alunos que fizeram. Eles são da primeira série, os alunos delas.

Prof^ª 06: É assim uma situação irreal.

Prof^ª 07: A crítica não é contra o curso e nem quem está ministrando. Nós temos que fazer cursos desses? Temos? Então vamos adaptar na nossa realidade. Eu estou pensando em falar do meu real. Tipo um diário (pausa) contar o que eu fiz (pausa) como os meus alunos responderam. O real mesmo.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O aluno portador de necessidades especiais da professora 07

A professora 07 propôs falar do aluno portador de necessidades especiais que recebeu recentemente. Comentou que o aluno não tem documentação e não tem laudo médico. A professora afirmou querer informações sobre o aluno.

A professora 06 concordou com a proposta e argumentou, com revolta, que o professor não pode assumir tudo. Além disso, comentou que, nas reuniões da diretoria de ensino, os representantes das escolas não relatam os problemas das escolas.

Duas professoras (09 e 10) comentaram que estavam indignadas com a situação e ressaltaram que o aluno acaba por ser prejudicado na escola. Os outros dois professores (01 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 07: O coordenador falou: “eu coloquei ele na sua lista é da inclusão.” Aí eu falei: “então, não precisa falar mais nada, pode falar dos problemas”. Ele falou que não tinha nada do menino. Eu falei para ele, se ele ia chamar a mãe para conversar e ele falou que sim. Eu quero todas as informações por escrito.

Prof^ª 09: Tem que ter uma transferência.

Prof^ª 07: Não tem nada (pausa) não tem nada, nem vai trazer. Ele não tem coordenação. Os dois olhos lacrimejando e tem pus no canto do olho dele. Falaram que faz parte da doença. Eu acho que é conjuntivite (pausa) não falaram nada do que ele tem. Eu pedi pra chamar a mãe. A conversa foi lenta com ela. Eu que pedi

tudo carimbado e endossado pelo médico. Eu falei como é que eu posso acompanhar o garoto. Se ele não me passa todos os dados da criança (pausa) a idade para mim nem importa (pausa) o que importa é a situação.

Prof^o 10: Ele me pediu pra ajudar a descer a escada e eu fiz.

Prof^o 06: Mas aí é que tá (pausa) é igual que eu falei em relação a sua menina, que foi o que eu falei lá? O problema é de todos. Não é de um só. Só que todo mundo cai fora, cai fora.

Prof^o 10: Na minha sala aquele dia ninguém foi lá.

Prof^o 09: Ninguém toma conhecimento.

Prof^o 10: Eu, como ser humano, peguei a menina e empurrei ela até a merenda, se é a minha função ou não, eu não deixei ela sozinha na sala. Eu fiz o que tinha que fazer. Eu acho que a maior prejudicada é ela.

Prof^o 06: Não é só o professor que tem que assumir tudo. Depois chega lá na diretoria de ensino é tudo uma maravilha nas reuniões, as escolas não têm nenhum problema. Eles não falam.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O bônus que o Estado oferece às escolas

O professor 01 propôs falar do bônus que o Estado oferece às escolas no final do ano. Três professoras (06, 09 e 10) concordaram com a proposta. Duas professoras (07 e 08) ficaram em silêncio, prestando atenção nos colegas.

Prof. 01: Sabe que elas falam que tá tudo uma maravilha é por causa do bônus.

Prof^o 06: Mas que pouca vergonha!!!

Prof^o 01: É! Depende do desempenho da escola é o valor do bônus.

Prof^o 09: Pra mostrar serviço. Eu não sei se é verdade, mas tem escola que não faz certinho o SARESP.

Prof^o 10: É verdade! Só para ganhar! Eu conheço um caso assim. Eu tenho experiência.

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os alunos do MST e suas dificuldades

A professora 09 propôs falar dos alunos do MST e de suas dificuldades. Duas professoras (07 e 10) concordaram com a proposta e comentaram que a condição de vida dos alunos não é fácil. Eles passam fome, não tem condições básicas de higiene e mal têm roupas para usar. Três professores (01, 06 e 08) ficaram em silêncio e, em alguns momentos, concordaram com a cabeça. A professora 09 acredita que a situação está ficando cada vez mais complicada, pois primeiro foram os alunos do MST e depois a entrada do aluno portador de necessidades especiais.

Prof^o 09: Nós temos um aluno assim, na 5ª série, ele é uma gracinha, mas cada dia aqui aparece um...

Prof^o 07: A situação lá não é fácil não.

Prof^o 10: Os meus alunos sofrem muito, eles passam fome. Eu tenho só dois que não são do Movimento.

Prof^o 09: É muita precariedade.

Prof^o 07: E lá também, só é problema. Eu vi o seu J. falando que este pessoal, da tarde, só dá trabalho. Ele gente, é o responsável maior. Eles têm ajuda (pausa) tem cesta básica, eu descobri. Tudo bem que não tem banheiro, energia. Mas a comida eles ganham. Eles plantam também. Então, a coisa não é tão assim.

Prof^o 10: Mas tem aluno meu que tem nove irmãos, mais o pai e a mãe. O pai vem aí é magro.

(silêncio)

Coordenadora: Se vocês quiserem, a gente pode voltar a falar destes alunos. (Obs: a coordenadora falou isso ao ver que alguns professores estavam levantando)

Prof^o 10: Eu acho que as coisas estão chegando de um jeito (pausa) de uma forma.

Prof^o 09: Eu fico pensando que os seus são de segunda série, já pensou na quinta série que eles vão ficando cada vez pior. Como é que a gente vai trabalhar com esses alunos e os deficientes na sala? Porque a gente tem que ficar toureando a todo momento.

Prof^o 06: Gente! eu tenho que ir embora.

(Obs: os professores começaram a levantar e a se despedir)

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 7ª REUNIÃO

De modo geral, pôde-se notar nessa reunião que os professores trouxeram situações que estão vivenciando e que os estão incomodando. Percebeu-se que são aspectos institucionais que não estão sendo discutidos na escola com os professores e, sim, sendo impostos, como, por exemplo, a questão da inclusão do portador de necessidades especiais e os alunos do MST. Nota-se que os educadores estão muito angustiados, com medo e com dificuldade de lidar com o aluno especial. Supõe-se, ainda, que eles desejam apoio, porém, não podem contar com a escola, pois parece que a escola está tão desnorteada e confusa quanto o professor em relação às novas medidas educacionais do Governo.

A 8ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 8ª REUNIÃO

A oitava reunião ocorreu no dia 15 de setembro de 2005, às 17h25min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de 55 minutos.

A pesquisadora chegou à escola antes dos professores terminarem o horário de aula e se dirigiu à diretoria para pedir a chave da biblioteca. Contudo, como a vice-diretora estava ocupada, foi a secretária da escola que atendeu a pesquisadora. Esta se dirigiu à biblioteca, arrumou as cadeiras em círculo e ficou esperando os professores. Estavam presentes as professoras 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09 e 10. Faltou o professor 01, porém ninguém justificou sua falta.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomar o encontro anterior

A coordenadora propôs aos professores comentarem com os colegas que não puderam comparecer na última reunião, os assuntos que foram discutidos.

A professora 09 concordou com a proposta e falou para os professores que o assunto do encontro foi o da aluna com necessidades especiais da professora 10. A professora 07 também falou de um aluno seu que possui o crânio grande. Além disso, a coordenadora disse que o grupo é um espaço para todos os professores trazerem os assuntos da escola.

A professora 03 também concordou com proposta e comentou sobre a aluna da professora 10, dizendo que é estranho a escola e a família não terem informações da criança. As outras sete professoras (02, 04, 05, 06, 07, 08 e 09) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 09: Semana passada, a Patrícia perguntou para T. se ela queria falar mais alguma coisa para o grupo sobre a aluna que ela recebeu, a cadeirante, pois ela viu que a T. não estava bem, ansiosa e que queria falar há muito tempo. Ela ofereceu um espaço para T. e também para quem quisesse falar sempre que quisesse, e que não precisava ficar esperando para falar. Que este espaço é nosso e para nós. A T. falou que a nossa diretora disse que a menina não vai voltar. Ah! A M. também falou que recebeu um garoto com um crânio bem grande e que ela não sabia nada dele. A escola, a mãe não passou nada.

Prof^ª 03: Uma criança nesta idade (pausa) é estranho a escola e a família não saberem de nada (pausa) não terem e não darem nenhuma informação. Já tem sete anos e não sabem.

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os problemas de saúde dos alunos da professora 05

A professora 05, que não esteve presente na reunião anterior, começou a falar de problemas que teve em outra escola com alunos portadores do vírus da Aids. Percebeu-se que esta professora não concordou com a proposta da coordenadora que seria retomar o encontro anterior, pois estava com necessidade de falar das dificuldades que enfrentou. Duas professoras (02 e 06) ouviram a professora e tentaram oferecer apoio. As outras seis professoras (03, 04, 07, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 05: O ano passado tive dois aluninhos com Aids na minha sala. Só que eu trabalhei com eles o ano inteiro sem saber disso. No finalzinho do ano, uma amiga de anos mais antiga na escola que conhecia as crianças me falou (pausa) a Direção sabia, mas ninguém me falou nada. Eu me senti assim, tão pequena, eu me senti tão mal. Eu não ia mudar meu tratamento com eles, de jeito nenhum, mas eu acho que eu tinha o direito de saber disso. Todo o direito, porque eu ficava com essas crianças 5 horas por dia. Elas podiam se machucar e não tinha só eu, tinham as outras crianças ali na sala.

Prof^ª 06: Isso é sério, muito sério.

Prof^ª 05: É sério. Eu fiquei tão brava, eu fiquei tão revoltada (pausa) faltavam uns dois meses para terminar as aulas (pausa) eu vou tomar cuidado, não vou fazer nada (pausa) cheguei até perguntar. Sabe, pra coordenadora, ela falou: “não, não sei de nada”.

Prof^ª 02: Ela sabia.

Prof^ª 05: Caramba! e eu não tinha o direito de saber disso, eu estava lá com eles e direto.

Prof^ª 06: Não! Isso uma falta de ética.

Prof^ª 05: Que é isso, isso uma falta de tudo. De consideração. O professor não é nada. Eu me senti a última.

Prof^ª 02: Eu tenho certeza que eles não te falaram, pois lá eles têm essa mania que lá é Escola Modelo. Uma Escola Modelo vai ter um problema desse?

Prof^ª 05: Cada dia que passa, eu vejo que o professor não é nada, não é ninguém, não é coisa nenhuma, não é coisa nenhuma.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os problemas de saúde dos alunos da professora 06

A professora 06 propôs falar dos problemas de saúde dos alunos que teve em outra escola e, também, na escola onde a pesquisa foi realizada. Quatro professoras (04, 08, 09 e 10), após perguntarem sobre o assunto e, colocarem suas opiniões, concordaram com a proposta e comentaram acreditar que a escola falha ao não informar a situação dos alunos. As outras quatro professoras (02, 03, 05 e 07) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 06: Gente! o Estado peca mesmo. Quando eu entrei no G., eu não conhecia nenhum tipo assim (pausa). Eu não sei se é ironia minha, não sei, eu era muito jovem ainda (pausa). A gente não tinha tanta essa preocupação.

Eu tinha um aluno chamado A. e ele mancavam. Ele tinha um problema no joelho e era sério. Ele foi brincar com os meninos e ele levou uma bolada no rosto e caiu. Gente! ele sangrava muito. Ele sangrava tanto. Ele é hemofílico e eu conheci essa doença lá. A diretoria sabia (pausa) sabia (pausa). Nossa! eu estou lembrando disso, olha quantos anos atrás. Aqui tem um aluno que é hemofílico também, é o M. A irmã dele veio e falou (Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 09: Porque eles não informam?

Prof^ª 10: Você deve ter ficado desesperada M. Você sabia que ele era R.?

Prof^ª 08: Não!

Prof^ª 06: Não?

Prof^ª 08: Não!

Prof^ª 06: A irmã dele veio e falou comigo. Ele faltava muito. Se não fosse a irmã era mais um que eu não ia saber. Ou se acontecesse alguma coisa eu ia saber.

Prof^ª 04: A direção que tem que passar.

Prof^ª 09: Que situação complicada. Eu não sei porque eles fazem isso. O que eles devem pensar?

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os problemas de saúde do aluno da professora 02

A professora 02 propôs falar de seu aluno com “tumor cerebral”. Quatro professoras (03, 04, 06 e 09) concordaram com a proposta. Na opinião de algumas professoras, o docente não tem apoio da escola e muitas vezes fica sabendo por outros colegas dos problemas dos alunos. As outras quatro professoras (05, 07, 08 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 02: E o I.? Foi você, ou foi outra pessoa quem me falou.

Prof^ª 04: Foi o M. (professor) que falou.

Prof^ª 02: Então você vê, é de professora para professora que a gente fica sabendo.

Prof^ª 04: Nem a mãe dele veio conversar comigo. Eu que tive que chamar a mãe dele para saber as coisas (pausa) dele. Ele dorme na sala. Ele toma medicação forte.

Prof^ª 02: Eu também deixava ele dormir. Ele tem um tumor no cérebro.

Prof^ª 03: Ele foi meu aluno também, mas eu não fiquei sabendo pela direção, fiquei sabendo por minha amiga que deu aula para ele na 1ª série.

Prof^ª 09: Mas a direção não conta essas coisas.

Prof^ª 06: E se ele tem uma convulsão e a gente tem que desenrolar a língua dele? E aí, aí, aí?

Prof^ª 04: Eu não faço nada (pausa) eu tenho medo.

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A professora 06 retomou o assunto: o problema de saúde de seu aluno

A professora 06 propôs falar dos problemas de saúde de seu aluno. Segundo seu relato parece que foi uma experiência bastante difícil. A professora 02 concordou com a proposta e fez perguntas e declarações sobre o assunto. As outras sete professoras (03, 04, 05, 07, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo as colocações das colegas.

Prof^ª 06: Eu tive uma situação seríssima com o V. (pausa) seríssima (pausa). Ele não tem os dois buraquinhos no nariz. Eu não sabia nada dele, até que a mãe, um dia chegou na reunião de pais, o ano passado e eu já tinha chamado essa mãe (pausa) ela chorou, chorou (pausa) ela me contou.

Prof^ª 02: O que ele teve?

Prof^ª 06: Tudo que você imaginar. Eu não sei quantas cirurgias ele fez desde bebê.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 02: Gozado, vai passando o tempo, vai pegando uma experiência entre aspas, mais eles falam que o professor não pode diagnosticar. É claro que pode! você pode ver se o aluno está com muita dor de cabeça e

falar pra mãe procurar um oculista. Aconteceu isso comigo. Passados alguns dias e a criança estava de óculos. A gente não diagnostica, mas a gente vai pegando uma certa experiência, mas eles não admitem que a gente faz isso. Quem é o professor para indicar?

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O professor necessita de apoio e de orientação

A coordenadora propôs falar aos professores da necessidade do apoio, da orientação e de um trabalho em conjunto na escola, em que professores e equipe técnico-pedagógica possam estar juntos e trocar informações. Duas professoras (06 e 03) concordaram com a proposta e comentaram que na escola tinha uma enfermeira da prefeitura que as ajudava com os problemas de saúde dos alunos e orientava as mães. As outras sete professoras (02, 04, 05, 07, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Profª 06: Tinha um trabalho (pausa). O que está atrapalhando também é esse monte de mudanças (pausa). A gente tinha uma moça, lá do posto, a enfermeira. Ela saiu com essas mudanças no Governo. Ela fazia um trabalho, chamava os pais, conhecia todo mundo e na favela (pausa) um trabalho muito bom (pausa) ela era da Prefeitura. Teve sim um trabalho. A gente tinha um apoio. Ela conversava com os alunos, com a gente, com os professores.

Profª 03: Ela sabia o nome e sobrenome e o problema das crianças. Ela sabia onde eles moravam.

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O aluno portador de necessidades especiais da professora 07

A professora 07 propôs falar de um outro aluno portador de necessidades especiais que ela recebeu recentemente, pelo sistema de inclusão. Comentou que o garoto parecia ter hidrocefalia, mas que estava sem documentação que pudesse confirmar essa hipótese. A professora relatou que conversou com a mãe do aluno e acrescentou que a história do garoto era muito triste. Duas professoras (09 e 06) concordaram com a proposta. Pareciam estar solidárias com a professora 07. As outras seis professoras (02, 03, 04, 05, 08 e 10) permaneceram em silêncio.

Profª 07: Eu falei com a mãe do garoto que eu recebi semana passada e é tudo que nós conversamos, semana passada. Ele tem hidrocefalia, do olho ele tem obstrução no canal lacrimal e eu pedi para ela um relatório de quem atendi o garoto para ver o que eu posso fazer por ele, até onde eu posso ir. Como posso trabalhar? Se ela tivesse essas documentações ia ficar mais fácil. A história dele é triste, ela foi mãe muito nova. Ele teve tantos problemas. Várias cirurgias, convulsões, várias internações. O pai largou. Eles passaram fome. O companheiro de hoje, bate nela, bebe, bate nas crianças. Usa drogas.

Profª 09: Nossa! Que situação. Que bom que você tem jeito pra lidar com essas questões.

Profª 06: Nossa Senhora! Não é fácil né M.? A gente tem que ser forte com essas histórias, senão desmorona.

8º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O aluno portador de necessidades especiais da professora 05

A professora 05 propôs falar de um aluno que ela havia recebido naquele dia. Duas professoras (06 e 07) aderiram à proposta. As outras seis professoras (02, 03, 04, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio.

Profª 05: Eu também recebi um hoje. Dorme na sala direto.

Profª 06: Como ele chama?

Profª 05: M.

Profª 07: Ah! Ele é irmão do meu que sumiu, irmão da minha. Ele é do Nordeste, do Ceará.

9º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando o assunto: a necessidade de apoio aos professores

A coordenadora propôs ao grupo retomar a discussão sobre o apoio que os professores recebiam de uma profissional da Prefeitura. Além disso, discutiu com os professores sobre o que eles poderiam fazer para resolver os problemas que ocorriam na escola, visto que não existia mais a ajuda da enfermeira.

A professora 06 retomou o assunto do apoio que tinham da enfermeira. A coordenadora perguntou se tal enfermeira ainda poderia ajudá-los, pois parecia que a professora não tinha se conscientizado de que a enfermeira não estava mais à disposição da escola. A professora 02 concordou com as declarações da professora 06 e quis receber informações sobre a enfermeira. A professora 07 disse que tentaria encontrá-la, mas sabia que seria difícil.

A professora 03 concordou com a proposta da coordenadora e colocou que o fato de ouvir as colocações dos colegas no grupo pode ajudar de alguma forma. Além disso, a referida professora acredita que o professor é capaz de fazer algo pelas crianças problemáticas.

A professora 06 concordou com a professora 03 e acrescentou que deveria existir um horário para todos os professores da escola se reunirem, conversarem e resolverem os problemas. Parecia que a professora 06 estava começando a pensar em encontrar soluções para as dificuldades que os educadores estavam enfrentando na escola, ao invés de procurar depositar em outro profissional a resolução dos problemas.

A coordenadora concordou com as professoras 06 e 03. As outras cinco professoras (04, 05, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção no que os demais participantes falavam.

Obs: Antes de terminar a reunião, a vice-diretora entrou na sala sem pedir licença, pediu o caderno do HTPC e foi embora. Os professores ficaram olhando para a vice-diretora que nem ficou constrangida ao interromper a reunião.

Coordenadora: Vocês colocaram que tinham a ajuda de uma enfermeira. Esse trabalho não tem mais. O que eu queria perguntar para vocês já que não tem mais este apoio (pausa) o que vocês acham que poderia ser feito? O que vocês poderiam fazer, já que não tem mais esta enfermeira? O que poderia vir do grupo?

Prof^o 06: Não, não. Eu acho que a gente podia pedir para a C. informar, orientar as mães, como eu falei para aquela mãe que veio me falar do cansaço do filho de nove anos (pausa) orientar (pausa) em relação ao professor.

Coordenadora: Essa pessoa pode ajudar vocês? Se não pode? O que o grupo poderia fazer?

Prof^o 06: Agora não sei. Faz tempo que eu não a vejo. D., ela ainda está no posto, aqui do bairro?

Prof^o 03: Não sei. Eu acho que não.

Prof^o 02: Ela é assistente social?

Prof^o 07: Eu posso ver, perguntar.

Prof^o 06: Ela vinha, dava uma voltinha, mesmo quando acabou.

Prof^o 07: Mas, esses trabalhos desse tipo foram retirados.

Prof^o 02: Será que fazer um ofício, pedir para ela vir dar uma palestra, M.?

Prof^o 07: Eu acho que tentar não tem importância, eu acho que agora está muito complicado. A prefeitura está difícil. Antes, o acesso era mais fácil. Eu tenho acompanhado, a gente vê que na prefeitura a coisa não está (pausa). O prefeito, o secretário da saúde, não está se dando bem. Mas eu acho que a obrigação nossa é o bom senso.

Prof^o 06: Eu acho que deveria fazer palestra que a C falou.

Prof^o 03: O pouco que a gente pode ajudar, a gente leu, conversa, procura ajudar os colegas. O que a gente faz é alguma coisa com essas crianças mais problemáticas. O pouco que a gente faz, eu acho que a gente ajuda essas crianças. Se a gente soubesse mais, soubesse as coisas mais a fundo, a gente poderia fazer mais.

Prof^o 06: Eu acho que poderia ter um horário para reunir todos da escola (...) com todos os professores e quem sabe conversando a gente consegue resolver os problemas.

(Obs: A vice-diretora apareceu na porta, perguntou pelo caderno do HTPC e saiu. Ninguém respondeu)

Coordenadora: Me parece que vocês estão pedindo um apoio, um trabalho entre vocês.

Prof^o 03: Você acha que poderia ter um encontro entre nós, onde uma poderia ajudar a outra?

Coordenadora: eu acho que sim, poderia ser um caminho. **(Obs: a coordenadora ao ver os professores levantarem encerrou a reunião)** - Se vocês quiserem a gente volta a falar deste assunto.

(Obs: o pessoal começou a levantar e falar tchau)

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 8ª REUNIÃO

De um modo geral, a oitava reunião transcorreu de forma tranqüila, e as professoras se envolveram com os temas. Pôde-se perceber que, a partir do problema vivenciado por uma das professoras com uma aluna portadora de necessidades especiais, da falta de informação e do descaso da instituição com este fato, houve uma mobilização por parte das outras professoras, que relataram os problemas de saúde dos alunos que tiveram em outras escolas e a forma inadequada com que a instituição lidou com a situação.

Pôde-se notar que as professoras apresentaram dificuldades em discutir os problemas da professora 10 e em tentar ajudá-la de forma clara. Acredita-se que as professoras pareciam ter dificuldades em estar juntas e encontrar soluções para os problemas, e, por isso, elas acabavam depositando transferindo a responsabilidade de resolver os problemas para a equipe técnico-pedagógica e/ou em outros profissionais. Por outro lado, as professoras se contradisseram ao afirmarem que era importante a ajuda mútua e que até tentavam fazer isso, mas que, ao mesmo tempo, pareciam não acreditar na capacidade de poder fazer alguma coisa para mudar as situações que as incomodavam. Supõe-se que a instituição não estava oferecendo o devido espaço para as professores, o que deixava a situação mais complicada.

A 9ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 9ª REUNIÃO

A nona reunião de grupo dos professores ocorreu no dia 22 de setembro de 2005, às 17h20min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi desenvolvida, com duração de 50 minutos. A pesquisadora chegou à escola 15 minutos antes de começar o horário do HTPC, procurou a vice-diretora e pediu a chave da sala onde seria realizada a reunião. A vice-diretora começou a falar que estava preocupada com uma aluna que apresentara problemas sérios em casa e perguntou à pesquisadora se ela poderia orientar a escola e a família caso a aluna precisasse de algum tipo de atendimento. A pesquisadora se prontificou a ajudar, despediu-se e dirigiu-se à biblioteca para organizá-la.

Após arrumar as cadeiras em círculo, ficou esperando os membros do grupo. Estavam presentes as professoras 03, 04, 07, 08 e 10. A professora 06 compareceu, mas foi logo embora, pois não estava se sentindo bem. Os professores 01, 02, 05 e 09 faltaram, mas ninguém comentou o motivo.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A aluna portadora de necessidades especiais da professora 10

A professora 10 propôs falar da aluna portadora de necessidades especiais e comentou que a diretora de ensino solicitou que a aluna retornasse à escola. A diretora da escola queria que a mãe ou uma ajudante acompanhasse a aluna na escola. A mãe reconheceu que a escola não tinha estrutura para receber sua filha e que ela não viu ninguém da escola se interessar em aprender a lidar com a menina.

Três professoras (03, 04 e 08) concordaram com a proposta da professora. A professora 04 comentou que a mãe da aluna morava numa chácara (era a caseira) e não tinha condições de ficar na escola. A professora 03 perguntou qual era a escola que a aluna freqüentava. A professora 08 relatou que o coordenador havia falado que a aluna não era deficiente mental. A professora 10 respondeu que a aluna tinha grave deficiência motora, que era de uma escola municipal e que não tinha prontuário. A professora 10 alegou que não tinha como dar atenção especial para a aluna, pois os alunos do MST também apresentavam muitos problemas de aprendizagem e tinham necessidade de orientação. As outras duas professoras (06 e 07) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Profª 10: Patrícia, eu queria falar que a mãe e a aluna voltaram (pausa) ela chegou aí (pausa). O coordenador não estava. Ela chegou e falou que o responsável pela classe especial lá da Diretoria ligou para ela falando que

ela poderia vir. Só que a condição da diretora era que viria - a mãe ou uma ajudante. A mãe falou que ela ficaria uma semana só. Ela não pode ficar aqui. Ela não viu nenhum lugar para trocar a menina. Ela questionou que ninguém falou para ela onde ela ia trocar a menina e que ninguém se dispôs a aprender.

Prof^ª 04: *Sabe o que é? É que ela cuida de uma chácara, ela trabalha (...).*

Prof^ª 03: *Qual era a escola que ela estava?*

Prof^ª 10: *Era lá na D. Lá tinha mais funcionários. Ela tinha uma pessoa exclusiva para ficar junto com ela na sala. E continua naquela situação, ninguém me passou nada do que ela tem, teve uma hora que ela ficou caindo, caindo e babando e a mãe sossegada. Eu falei “mãe, eu que tenho que arrumar a cabeça da menina?”; “Não, ela levanta sozinha. T., levanta, levanta, você está muito preguiçosa”. Com muito custo, ela levantou sozinha a cabeça.*

Prof^ª 08: *O A. comentou com a gente que ela não tem deficiência mental.*

Prof^ª 10: *Ela tem uma dificuldade motora muito séria. Você fala com ela e ela entende de tudo. Quem recortou foi a mãe, junto com um aluno, porque eu não posso ficar um tempão com ela. Se a minha classe fosse menor, tudo bem. Além dela, eu tenho outros com muitas dificuldades. Os alunos do MST também têm muitas dificuldades.*

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os alunos do MST

A professora 07 propôs falar dos alunos do MST. Duas professoras (10 e 03) concordaram com a proposta e comentaram que a maioria desses alunos não tem condições de higiene, nem dinheiro para participar das festas da escola. Segundo essas professoras, a escola por outro lado, não poderia ajudar mais do que já ajudava. A professora 04 não concordou totalmente com as declarações das professoras. As outras duas professoras (06 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 07: *Os meus alunos do MST também não têm material. Não tem condições boas de vida.*

Prof^ª 10: *Se você deixar levar para casa não volta.*

Prof^ª 04: *Tem a higiene também.*

Prof^ª 03: *Dá muita dó. Muitos não têm higiene. Não têm condições de participar das festas.*

Prof^ª 10: *Eles não têm nada.*

Prof^ª 07: *Eles não têm nada. A pobreza é total. As camas são de cavaletes, não tem colchão.*

Prof^ª 04: *Mas a maioria não é assim não!*

Prof^ª 07: *Vocês precisavam ver eles comerem cachorro-quente lá na sala. Eu comprei para todos. Só três trouxeram dinheiro, aí eu paguei para todos. Comprei refrigerantes também. Aí eu reparti. Minha filha que me ajudou, ela ficou triste com o que viu. O que sobrou, porque eu comprei a mais, ela repartiu e falou que não tinha e nem sobrou o farelo. Eles não sujaram a sala.*

Prof^ª 10: *Eu também comprei para os meus, nossa! Eles arregalaram os olhos.*

Prof^ª 04: *Um dos meus me avisou que não veio, pois a mãe não tinha para todos. Ela que sustenta eles, não tem pai. Ele vem limpinho, mas o dinheiro não dá.*

Prof^ª 10: *Mas a gente gosta tanto deles. Eu fico chateada porque eles nem devem ter o básico.*

Prof^ª 03: *A escola também não tem para ajudar.*

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A falta de material na escola

A professora 03 propôs falar da falta de material na escola e comentou que o professor de Educação Artística trazia material para os alunos, pois a escola não oferecia material e a família também não o comprava. Três professoras (04, 07 e 10) concordaram com a proposta e ressaltaram que o referido professor era muito envolvido com a escola. A professora 03 acrescentou que, quando ele precisou sair mais cedo em um dia tranqüilo na escola, a diretora

colocou falta. A professora 06 pediu licença e pediu para ir embora, pois não estava se sentindo bem. A professora 08 ficou em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 03: Tem um professor de Educação Física, ele traz duas malinhas. Uma, é de material escolar que ele compra. Se precisa de régua ele tem, se precisa de folha sulfite ele tem, se ele precisa de lápis de cor ele tem as caixinhas. Ele tem tudo. O professor não tem ajuda da escola.

Prof^ª 10: A primeira lista do ano que eu mandei lá hoje não veio nada.

Prof^ª 07: Ele é muito querido pelas crianças. Ele ajuda muito as crianças. Eu me ofereci pra ajudá-lo caso ele precisasse de alguma coisa, de algum material.

Prof^ª 03: Outro dia, ele precisou sair mais cedo, eles deram falta para ele em duas aulas. Era um dia que a gente estava mais light na escola (pausa) ele estava estudando para (pausa) não sei nem se cabe falar aqui, é que me deu vontade de falar.

Coordenadora: fique à vontade D.

Prof^ª 06: Gente, vocês me dão licença, mas não estou bem. Vou embora.

Prof^ª 04: Ele está fazendo um projeto na delegacia de ensino.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As oficinas pedagógicas oferecidas pela diretoria de ensino para o professor trabalhar com os portadores de necessidades especiais

A professora 07 propôs falar das oficinas pedagógicas oferecidas pela diretoria de ensino. A professora 10, que participou desta atividade, concordou com a proposta e comentou a situação.

A professora 07 comentou que, na oficina, cada professor falou da experiência que estava tendo com alunos portadores de necessidades especiais, e que o material para trabalhar com o portador de necessidades especiais precisa ser adaptado pelo professor. Além disso, a professora relatou que, ao fim da oficina, foi passada uma fita de vídeo sobre o assunto. As responsáveis pela oficina pedagógica falaram da experiência de salas especiais em algumas escolas da rede estadual.

A professora 10 colocou que a oficina foi muito cansativa e que naquele dia ficou sabendo que a sua aluna portadora de necessidades especiais iria voltar. A professora 07 acrescentou que a oficina deixou claro que a inclusão é uma realidade que a escola e o professor terão que aceitar. A professora 10 também falou do autoritarismo da responsável pela oficina. Três professoras (03, 04 e 08) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 07: Nós também fomos na oficina pedagógica receber orientação das necessidades especiais das crianças com necessidades especiais. Tem revista, tem várias atividades para você trabalhar. O material é uma beleza, só que você tem que se virar, o problema é seu.

Coordenadora: Onde M.?

Prof^ª 07: Na diretoria de ensino. Fomos nós duas porque nós temos as crianças nas salas. Para nós o que foi dito é o seguinte: "vocês têm que por do bolso, é a parte de vocês. Esse tipo de material é por conta de vocês.". É uma Oficina que ela deu, mas que na verdade foi uma troca de experiências. O pessoal foi falando o que tinha na sua sala em relação a essas crianças. Então, ela não deu nenhuma diretriz, ela não deu nada (pausa). Af ela

deu um vídeo do secretário da educação. Ele fala o que a gente está cansada de saber da inclusão. Cada um foi desabafando suas necessidades, seus problemas, não resolveu nada.

Prof^ª 10: E foi uma cansreira danada e foi o dia inteiro.

Prof^ª 07: Não teve nada de novo. (...) ela mostrou uma série de jogos para gente porque as escolas têm que ter salas especiais (pausa) dentro destas salas têm TV, vídeo, computador e jogos. Elas fazem o planejamento delas, em cima disso. As escolas que estavam lá, não era de inclusão. A escola que não é de inclusão e tem a sala, tem todo o material na sala. A escola que o diretor não colocou vai dar processo para o diretor. Ficou muito claro que ela falou lá e ela falou para T. que a menina estaria de volta, e isto foi no curso (pausa) de qualquer jeito ela falou “ela vai ficar na tua sala”.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 07: Eu também senti ali, que o pouco que a gente estava ali, ela estava tentando nos convencer que a inclusão é uma coisa boa, que ela vai funcionar, que a gente tem condições de trabalhar, que a gente está fazendo corpo mole, que a escola não tem que renegar porque a sociedade, a comunidade é essa, e se a gente quiser é assim, senão quiser você pega sua mala e vai para casa. Pelo que eu entendi resumindo, grosseiramente foi o que ela falou “se você não quiser trabalhar com a inclusão pega sua mala e se manda”.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 07: Gente! Se você estiver esperando a escola se preparar para receber as crianças, você está errada. Não é aluno que vai se adaptar a escola. A escola tem de se adaptar ao aluno. Ele é o mais importante. Se não tiver a rampa põe uma tábua lá e o aluno desce, a cadeira sobe. A escola é que vai se virar. O banheiro você, sem assento coloca ela. Você se vira. Foi isso que ela falou: “você não vai ter que se virar. Vocês não vão ter que se virar (pausa) vocês têm que aprender isso (pausa) não adianta você, vai ter que se virar (pausa) o coletivo é a escola”. **(Obs: parte da fala da professora foi debochada, falando alto)**

Prof^ª 10: Deixa eu falar, deixa eu falar (pausa) uma lá falou que não tinha funcionário suficiente. Ela falou: “se tiver lavando o banheiro, larga o banheiro lá e atende a criança e volta a lavar os banheiros”.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas, riram. Estavam falando de pé, a professora 07 tinha falado para a coordenadora no início da reunião que precisava ir embora, mas não foi)

Prof^ª 07: Segundo a R. todas essas escolas têm condições de atender essas crianças. Você imagina a escola que não tem funcionário. Ela disse que o diretor faz esses processos e conversa com ela porque ela vai encaminhar pessoalmente para dona G. porque a função dela na diretoria é fazer a inclusão.

(Obs: as professoras começaram a falar e rir)

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 9ª REUNIÃO

De um modo geral, pôde-se perceber que as professoras trataram de assuntos que os incomodavam e com os quais elas não estavam sabendo lidar. Parecia que eles estavam aderindo às propostas de maneira satisfatória, pois poucas professoras deixaram de se manifestar sobre o que foi discutido. Percebeu-se também que as professoras apresentam dificuldades em tentar fazer algo para mudar a situação em que se encontram. Supõe-se que a instituição não oferece condições para as professoras se mobilizarem para uma ação e que estas, diante das imposições governamentais, sentem-se impotentes ou acomodadas.

A 10ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 10ª REUNIÃO

A décima reunião do grupo de professores ocorreu no dia 29 de agosto de 2005, às 17h25min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de uma hora e cinco minutos. A pesquisadora chegou 10 minutos antes de começar o HTPC e procurou a vice-diretora, mas não a encontrou. Quando se dirigiu à secretaria, encontrou o coordenador,

que a recebeu cordialmente. Este perguntou como estava o trabalho e a pesquisadora respondeu que estava transcorrendo bem. Ele pegou a chave para a pesquisadora e esta se despediu, dirigindo-se à biblioteca. Ao chegar lá, organizou as cadeiras e esperou os professores. Estes chegaram atrasados e comentaram que estavam em um ritmo mais lento. Os professores que compareceram foram 03, 04, 06, 08 e 09. A professora 05 estava afastada por problemas no braço. Alguns dos presentes comentaram que a professora 02 faltou porque não estava bem emocionalmente, que a professora 10 tinha ido ao médico e que a professora 07 havia tirado licença para estudar para o concurso. Quanto ao professor 01, ninguém sabia o motivo da falta.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta Temática: retomando o encontro anterior

A coordenadora propôs aos professores que compareceram no encontro anterior compartilharem com os colegas que estavam ausentes o que foi discutido. Duas professoras (03 e 08) concordaram com a proposta e comentaram alguns aspectos conversados no encontro anterior, tais como: o curso oferecido pela diretoria de ensino para trabalhar com o portador de necessidades especiais; o diagnóstico do aluno da professora 07; e a ausência da aluna portadora de necessidades especiais da professora 10. A professora 09 justificou sua ausência no encontro anterior. Duas professoras (04 e 06) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Coordenadora: Quem esteve presente no encontro anterior, gostaria de contar para o pessoal que não pode vir, o que nós conversamos?

Profª 03: O que nós conversamos a semana passada? Eu ando tão cansada que não lembro.

Profª 08: Sobre o curso.

Profª 09: Eu não pude vir, pois meu carro quebrou, gente.

Profª 08: A M. comentou daquele aluno que não tinha diagnóstico. Ele estava com um papel, ele estava falando (pausa) o A! O que era?

Profª 03: É o diagnóstico do aluno na sala dela que ela recebeu hoje. Estava todo rasgado e sujo. Parece que ele tem hidrocefalia e parece que ele tem mais alguma coisa que ela ia falar hoje, agora, mas não está aí.

Profª 08: A cadeirante não está vindo.

Profª 03: Veio um dia.

Coordenadora: O que mais foi conversado, semana passada?

Profª 03: Nós falamos das crianças. A M. e a T. foram fazer curso na diretoria (pausa) dos deficientes, da inclusão (pausa) aí elas foram e contaram pra gente o que aconteceu.

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As professoras e os seus filhos portadores de necessidades especiais

A professora 06 propôs falar de seu filho, portador de necessidades especiais. Comentou que precisou de apoio, pois foi difícil aceitar o fato de seu filho ser deficiente auditivo. Três

professoras (03, 04 e 08) concordaram com a proposta e fizeram várias declarações e perguntas. A professora 09 fez vários comentários dos sérios problemas de saúde que seus filhos tiveram ao nascer.

Prof^ª 06: Não é fácil ter um filho com deficiência.

Prof^ª 08: Mas, ele precisa de aparelho?

Prof^ª 06: Precisa!

Prof^ª 08: Mas seu menino não ouvia nada?

Prof^ª 06: Não. Ele aprendeu a ouvir, ele não ouve. Agora ele fala (pausa) a não aceitação é maior do que você descobrir.

Prof^ª 04: Deve ter sido um choque. Ele nasceu e ele não ouvia?

Prof^ª 06: Não.

Prof^ª 09: Os meus foram assim (pausa) os meus! Eu descobri na hora que nascia.

Prof^ª 06: Eu falava: “Porque eu? Porque Deus me deu ele?”. Eu falava: “é minha culpa”. Até que com ajuda de todo mundo, de minha mãe, com muita reza me ajudou a mostrar outros caminhos e eu não deixei de ir atrás. É meu filho e eu tenho que agir.

Prof^ª 09: O meu nasceu, deu cardiopatia. Ele era dado como morto. Fez várias cirurgias, meu filho é muito forte. Passou por cada uma, fez vários exames.

Coordenadora: Eu acredito que tudo que a gente está falando tem a ver com o que vocês estão vivendo por aqui. A família, a escola (pausa) são instituições.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os problemas que os professores estão vivenciando com os alunos portadores de necessidades especiais que estão sendo matriculados na escola

A coordenadora propôs aos professores que falassem dos problemas que estão enfrentando na escola com os alunos portadores de necessidades especiais. Duas professoras (06 e 04) concordaram com a proposta e ressaltaram que a escola precisa dar suporte à família, mas que, além do Governo não viabilizar isso, o professor não tem formação nem preparo para lidar com a inclusão do portador de necessidades especiais. A professora 09 comentou a atitude da professora 07 perante a inclusão do aluno portador de necessidades especiais. Duas professoras (03 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Coordenadora: Vocês gostariam de retomar o assunto dos alunos que vocês têm e que são portadores de necessidades especiais?

Prof^ª 06: Por isso que eu falo, a inclusão, esse povo esqueceu este lado. Para por uma criança na escola tem que ter algum suporte e não é só da família, é suporte profissional.

Prof^ª 04: Ele não quer saber.

Prof^ª 06: Mas está muito sério. Ele mexe muito com a formação do professor. Por mais que a gente não queira, tem horas que você fala: “o que é que eu vou fazer com esta criança? Eu vou dar um lápis para ela e deixar ela desenhar? Só!!!”

Prof^ª 09: O que a M. fez gente foi movimentar um pouco a escola. Ela mostrou para eles que não é só colocar o aluno portador de necessidades especiais nas salas. É importante entender o que está acontecendo. Eu não sei se eles aceitaram.

Prof^ª 06: Uma pessoa que é tão boa, de repente (pausa) a transformação porque (pausa). O professor, (pausa) vamos falar da nossa classe. Professora luta, trabalha bastante na sala de aula e foi ser coordenador (pausa) vira uma coisa.

Prof^ª 09: Mudou.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O funcionamento do HTPC

A professora 09 propôs falar do HTPC e afirmou que este precisa mudar. Ela acredita que precisaria ter um trabalho em equipe, como já havia sido comentado no grupo. A professora 04 argumentou que o trabalho do HTPC é igual em todas as escolas.

A professora 06 comentou que o professor, por estar muito cansado, não se incomoda por não existir um trabalho neste horário. Acrescentou ainda que o professor participa de cursos que o Estado oferece apenas com a intenção de ganhar mais pontos para a aposentadoria e que, na verdade, ele “*não quer nada com nada*”. As duas outras professoras (03 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas e, algumas vezes, assentindo com a cabeça.

Profª 09: Eu acho gente, que o nosso HTPC precisa mudar. Hoje estava na outra escola que eu dou aula e o pessoal estava reclamando. Teve uma semana que a gente estava falando de trabalho em equipe (pausa) isso precisa acontecer (pausa) o nosso HTPC precisa mudar.

Profª 04: O HTPC como é aqui, é em todas escolas.

Profª 06: Eu vou falar de uma coisa aqui, que não é culpa do coordenador. Eu vou falar uma coisa de coração, nós estamos tão cansadas e tem horas que chega nessa hora de HTPC e eu vejo que ninguém quer nada, sabe porque? Nós, os professores estamos cansados. Então, eu sei que está errado, mas é uma maneira de também nos protegemos. Eu vejo assim, eu quero fazer o curso. Eu não sou obrigada a fazer o curso, mas eu tenho que fazer esse curso porque eu quero subir porque eu quero aposentar. Mas a gente não quer nada com nada mesmo. Eu não tenho mais saco.

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os cursos que o Governo oferece aos professores

A professora 06 propôs falar dos cursos que o Estado oferece aos professores e argumentou que, nos cursos, os professores mostram trabalhos que seriam de seus alunos, mas que é difícil acreditar que foram eles mesmos que os fizeram. A professora ressaltou ainda que os palestrantes ensinam coisas que não condizem com a realidade dos alunos da rede estadual de ensino.

Dois professoras (03 e 09) concordaram com a proposta e comentaram que, na realidade, o professor tem que “*se virar*” e que muitas vezes ele gosta de “*se mostrar*”. Duas professoras (04 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Profª 06: No curso “A Teia do Saber” (pausa) então, elas dão mil coisinhas para elas guardarem, depois mostrarem para não sei o que (pausa). Eu não tenho mais saco. Eu vou falar abertamente: “eu não tenho mais saco porquê?” Mas você já pensou, você dá aulas a semana inteira, reforço, estuda para o concurso, vocês acham que o professor tem coragem de fazer mais alguma coisa? Vocês não imaginam o que deixa a gente triste. Chegou uma professora lá no curso que ela mostrou um trabalho de primeira série que é mentira! D., você lembra daquela professora que deu aula aqui bem magrinha, de óculos bem grosso?

Profª 03: Lembro, é a B.!

Profª 06: Então, ela virou e falou assim para mim: “M. você acreditou?”. Eu falei: “lógico que eu não acreditei”. E a amiga dela virou e falou: “os meus alunos da 1ª série, eles não fazem isso”. Eu falei: “você acha que foram eles que fizeram? Claro que não”. Pra que isso gente?

Profª 09: É exibicionismo, vaidade, gente! É que nem este último concurso M. A gente que fez o último concurso (pausa) nós fizemos o curso. Na realidade o que o Governo quer é jogar, e a gente se vira sozinha

Profª 06: Sempre foi assim S.

Profª 09: A gente tem que se virar.

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os sentimentos de descrenças nas professoras

A professora 04 propôs falar da descrença dos professores diante do que estão vivenciando na escola. Duas professoras (03 e 06) concordaram com a proposta e comentaram que a situação está difícil, mas que “*não querem se tornar pessoas amargas por isso*”. Elas afirmaram que trabalhar é cansativo, ainda mais para quem tem família, mas que o trabalho também traz recompensas. A professora 08 comentou que, quando foi fazer um curso na diretoria de ensino, percebeu que os professores estavam amargos. A professora 09 ficou em silêncio, ouvindo as colegas.

Profª 04: Eu estou (pausa) eu estou tão descrente.

Profª 06: Eu conversei hoje (pausa) eu estava conversando com a D. hoje. Eu gosto (pausa) tudo está muito difícil, mas eu não quero ficar amarga, eu falei: “D. se eu tiver reclamando muito, se tudo eu não gosto, você pode me criticar, me chama a atenção”. Porque eu não quero gente, eu adoro vir dar aulas. Eu adoro entrar na sala de aula com todos os meninos, meus anseios, as minhas neurais.

Profª 03: Eu também falei para ela porque, às vezes, a gente não percebe.

Profª 08: M. gostei muito disso que você falou. Eu fui num curso na D.E. e você vê quem já está na fase amarga. Você vê na postura das pessoas.

Coordenadora: E que bom que no trabalho a gente tem com quem conversar, trocar com os amigos. Que bom que, apesar das coisas ruins, das decepções, vocês têm muita vontade de fazer (pausa) de desenvolver alguma coisa legal. Que bom que a gente tem um espaço pra falar desses sentimentos.

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O estado de saúde da professora 02

A professora 04 propôs falar da ausência da professora 02. Gostaria de saber se alguém teve alguma notícia, pois estava preocupada com ela. Comentou que a professora 02 não estava bem. A professora 06 disse acreditar que o caso necessitava da ajuda de um profissional. Além disso, falou rapidamente de sua experiência quando teve depressão. As outras três professoras (03, 08 e 09) levantaram e foram embora.

Profª 04: Alguém tem notícias da C.?

Profª 06: Eu falei com ela hoje.

Profª 04: A C. não está bem. A gente precisa ajudá-la.

Profª 06: Eu falei isso para ela hoje, viu. Eu falei: “C., você precisa de uma pessoa, não me leve a mal, C., você tem que ter aquela válvula de escape. Não absorver isso. Sabe que nós fazemos aqui?”. Ela me falou que a mãe dela sofre muito. Ela está precisando de ajuda mesmo. Eu tive depressão brava Patrícia (pausa) de não querer levantar da cama, mas eu dei a volta por cima e fui procurar ajuda.

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 10ª REUNIÃO

Nessa reunião, de um modo geral, pôde-se perceber que o assunto principal do grupo foi o do aluno portador de necessidades especiais. Parecia que as professoras estavam muito angustiadas e precisando de apoio. Supõe-se que a instituição não sabe lidar com essa situação nem orientar o professor para tanto.

A maioria das professoras demonstrou aceitar as colocações das colegas, aderindo às propostas feitas. A questão da inclusão mobilizou algumas professoras, que comentaram as experiências que tiveram com seus filhos, também portadores de necessidades especiais.

Algumas professoras se manifestaram de maneira silenciosa perante as propostas. Além do tema da inclusão, surgiu o assunto do trabalho do HTPC. Um membro do grupo apontou que os professores também são responsáveis por não existir uma atividade adequada, visto que não demonstram interesse por isso. Os participantes acrescentaram ainda que os professores, por estarem muito cansados, acabam se acomodando.

A 11ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 11ª REUNIÃO

A décima primeira reunião ocorreu no dia 5 de setembro de 2005, às 17h15min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de uma hora e quinze minutos. A pesquisadora chegou alguns minutos antes de começar a reunião, pediu a chave na secretaria, pois a vice-diretora e o coordenador não estavam na instituição, e se dirigiu à biblioteca para organizar a sala.

Nessa reunião estavam presentes as professoras 02, 03, 04, 06, 08, 09 e 10. Os professores 01, 05 e 07 não compareceram. Nenhum professor justificou a falta do professor 01. As professoras comentaram que professora 05 estava afastada por problemas de saúde, e que a professora 07, ainda estava afastada para estudar para o concurso.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta temática: o comportamento dos alunos nas comemorações da escola

A professora 09 propôs falar da comemoração do dia 7 de setembro. Ela queria saber se os professores do Ciclo I participariam da comemoração. Três professoras (02, 06 e 10) concordaram com a proposta. A professora 02 lembrou que o dia 7 era dia letivo. A professora 06, por não aceitar o comportamento dos alunos do Ciclo II, afirmou não querer participar da comemoração. A professora 09 acreditava que se um policial fosse chamado para fazer alguma atividade, os alunos o respeitariam, como já havia ocorrido na apresentação de um teatro. A professora 10 comentou que neste dia chegou atrasada. A professora 06 não concordou com os comentários da professora 09. As outras três professoras (03, 04 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas e, em alguns momentos, concordavam com a cabeça.

Prof^ª 09: Vocês vão participar da comemoração?

Prof^ª 02: Tem aluno, é dia letivo.

Prof^ª 06: Se o ginásio participar, eu vou falar para o A. (coordenador) que eu não vou.

Prof^ª 09: Depois do recreio.

Prof^ª 06: Eu não vou. Eles são muito mal educados. As crianças merecem consideração. Eu não tiro eles da sala de aula, deixo eles na sala de aula.

Prof^ª 09: Sabe, uma coisa que podia fazer que uma vez deu resultado! Chama aquele policial, como é que ele se chama? Junto com aquela (pausa) teve um dia que eles foram apresentar um teatrinho sobre aluno que pega as coisas do colega, cadernos, lápis (pausa) você estava, não é?

Prof^ª 10: Eu cheguei no final.

Prof^ª 09: Ai eles ficaram quietos porque eles estavam lá.

Prof^ª 06: Não bem! Porque desceu classe por classe.

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A higiene dos alunos

A professora 02 propôs falar da higiene dos alunos. Esta, ao ouvir uma professora dizer que os alunos não são “*flor que se cheire*”, comentou que os alunos “*fedem mesmo*”. Todos os professores riram. As professoras começaram a falar alto e juntas. A coordenadora não conseguiu compreender o que diziam.

Três professoras (06, 09, 10) concordaram com a proposta e destacaram vários aspectos desse assunto, com frases como: “*a situação é uma judiação*”; “*os alunos estão infestados de piolhos*”; “*o cheiro é de chulé*”; “*eles não se limpam direito*”; e “*é o cheiro da adolescência*”.

Nesse momento, a vice-diretora entrou, sem pedir licença, e deu o livro de presença do HTPC para cada uma das professoras assinarem. A professora 09 sentiu a falta da professora 07 e a professora 06 comentou que ela estava estudando para o concurso. A professora 04 falou que a professora 07 estava com alergia. A professora 06 falou que “*no Estado dá de tudo*”. Duas professoras (03 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas e, em alguns momentos, a professora 03 riu dos comentários das mesmas.

Prof^ª 09: Os pequeninhos, já não são tão pequeninos assim (pausa) não são tão flor que se cheire.

Prof^ª 02: Não são mesmo. Eles fedem mesmo.

(Obs: as professoras riram)

Prof^ª 02: Nossa gente! Eu achei carrapato em um moleque.

(Obs: as professoras riram)

Prof^ª 10: Eu achei piolho.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas e a coordenadora não conseguiu entender)

Prof^ª 02: Que judiação, gente! Coitadinhos.

Prof^ª 10: Jesus!

Prof^ª 02: E o chulé (pausa) e o chulé. Eu morro de dó.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 02: Eu morro de dó, mas um dia eu falei: “ai! Que cheiro de carniça, pelo amor de Deus”.

Eles não se limpam direito (pausa) nossa! é horrível (pausa) cheiro de bunda (pausa) cheiro de chulé (pausa) cheiro de tudo.

(Obs: as professoras riram)

Prof^ª 09: Têm umas meninas na quinta série que tem dia.

Prof^ª 10: É cheiro de merda mesmo.

Prof^ª 02: Da dó gente.

Prof^ª 10: Esses dias de calor, eu cheguei na porta dela... eu quase desmaiei.

Prof^ª 02: Junta aquele cheiro de cê-cê.

Prof^ª 09: Eu sei.

Prof^ª 02: Tem uma sala, pelo amor de Deus!

Prof^ª 06: É o cheiro da adolescência.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

(Obs: A vice-diretora trouxe o livro para elas assinarem pelo HTPC. As professoras foram passando o livro)

Prof^ª 09: Cadê a M.? Eu não estou vendo mais.

Prof^ª 06: Ela tirou uns dias por causa do concurso.

Prof^ª 04: Vocês viram que deu alergia nela.

Prof^ª 06: Olha! no Estado dá tudo (pausa) alergia, coceira (pausa) é muito (pausa) estava comentando (pausa) no Estado dá tudo.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O concurso

A professora 02 propôs falar sobre o concurso que aconteceria na rede estadual de ensino. Duas professoras (06 e 09) concordaram com a proposta. As outras quatro professoras (03, 04, 08 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colocações das professoras.

Prof^ª 02: Quando é o concurso?

Prof^ª 09: É agora, neste domingo.

Prof^ª 06: Dia 09, eles querem todos os professores na D.G. para receber o (Obs: a coordenadora não entendeu) meu Deus, véspera do concurso do PEBI.

Prof^ª 09: Falta de consideração.

Prof^ª 06: Eu vou falar (pausa) tem dó!

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A condição sócio-econômica da professora 03

A professora 02 propôs falar o quanto a professora 03 era chique; que esta tinha até caneta com termômetro. Na sua opinião, a professora 03 é a primeira-dama da escola. A professora 10 não concordou com a proposta e gostaria de saber se alguém se inscreveu no curso. A professora 09 concordou com a proposta e queria saber o motivo da professora 03 ser chamada daquela forma pela professora 02. A professora 02 falou que a professora 03 era a rica da escola. Duas professoras (03 e 06) começaram a rir. Outras duas (04 e 08) ficaram em silêncio, prestando atenção no que estava sendo discutido.

Prof^ª 02: Alguém já escreveu com caneta que tem termômetros?(riu)

Prof^ª 09: Não.

Prof^ª 02: E a primeira dama da escola?(riu)

Prof^ª 10: Alguém já se inscreveu no curso?

Prof^ª 09: Porque você fala primeira-dama?

Prof^ª 02: Porque ela é a rica da escola. Olha como ela é chique. Se veste bem. (Obs: riu)

Prof^ª 09: Ah! É a D.?

(Obs: as professoras 03 e 06 começaram a rir)

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As outras tarefas das professoras

A professora 03 propôs falar das atividades domésticas. Três professoras (04, 09 e 10) concordaram com a proposta e falaram que não gostam de tarefas domésticas, que gostariam de aposentar e que nunca têm férias. As outras três professoras (02, 06 e 08) ficaram em silêncio, prestando atenção no que estava sendo falado.

Profª 03: Eu trabalhei no sábado, além do serviço de casa fui na escola.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Profª 03: Depois cheguei em casa (pausa) lavei roupa, fiz comida.

Profª 10: Esse negócio de fazer serviço de casa, não tá com nada não.

Profª 04: Eu não gosto!

Profª 09: Eu não gosto (pausa) a gente nunca tem férias.

Profª 10: Eu faço (pausa) eu falo por mim, faz 30 anos que eu faço. Eu estou querendo aposentar.

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A questão da linha telefônica

A professora 02 propôs falar do aumento da tarifa telefônica. Duas professoras (03 e 10) concordaram com a proposta. A professora 06 não concordou com a proposta e falou que estava cansada, pois tinha lavado muita roupa. A professora 02 fez vários comentários indelicados à professora 06. Duas professoras (08 e 09) falaram para a professora 02 que a reunião estava sendo gravada, mas esta disse que não se importava. A professora 04 ficou em silêncio, prestando atenção.

Profª 02: Aumentou (pausa) a tarifa telefônica? Será que eles vão continuar cobrando?

Profª 10: Eu não acho legal, eu sou dona da linha.

Profª 03: Em vez de tirar, veio mais na conta.

Profª 06: Tô muito cansada (pausa). Estou até com medo. Lavei tanta roupa este fim-de-semana.

Profª 02: Ela deu tanto esta noite. Agora está cansada. É isso mudou de nome D.?

Profª 06: Bom seria né?

Profª 09: Está gravando tudo!

Profª 08: Viu C.! Você está se comprometendo!

Profª 02: Eu sou o que sou (pausa) não tem essa (pausa) nem ligo.

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando o encontro anterior

A professora 10 propôs perguntar as colegas o que o grupo havia discutido na semana passada. Três professoras (03, 06 e 09) concordaram com a proposta e comentaram que os assuntos foram a inclusão e o curso que as professoras 06 e 07 estavam fazendo. Três professoras (02, 04 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Profª 10: O que vocês fizeram segunda?

Profª 09: Nós falamos (pausa) a M. falou do curso.

Profª 03: Falamos sobre a inclusão.

Profª 10: A inclusão de novo!!!!

Profª 09: Você falou do curso que vocês estão fazendo!

Prof^ª 06: É! Da Teia do Saber. Tá sendo muito bom. Só que está sendo todo sábado e todo sábado é duro. Começa às 8 horas. Até dezembro. Poderia ter começado no começo do ano e fazer de 15 em 15 dias, ou começar às 8.

8º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O papel de professor e sua família

A professora 02 propôs falar das tarefas do professor e da família. Comentou que uma professora sua dizia que o professor não deveria casar. Segundo a professora 02, os filhos de professores sofrem porque o professor não tem muito tempo para eles. Duas professoras (06 e 08) não concordaram com a questão. A professora 06 falou que a profissão delas é como outra qualquer e afirmou que é importante ter uma atividade profissional. A professora 03 contou a experiência com seus filhos e de quanto foi gratificante por isso, apesar da correria. A professora 10 comentou que, por conta do serviço, nem sempre conseguia acompanhar a filha em suas atividades. A professora 04 falou que é bom ter sua casa e seus filhos, e a professora 09 ficou em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 02: Tinha uma professora na faculdade que falava: “o correto é a professora não ser casada”. Todo mundo caiu de pau nela. Parem e pensem! Todo mundo tem uma vizinha que é aposentada e solteira (pausa) por isso que a professora tem o rótulo de “a solteirona” e se você for ver a maioria é solteira, solteira mesmo porque a vida inteira foi se dedicando, dedicando”.

Prof^ª 04: Aí é tão gostoso ter nossa casa, nossos filhos.

Prof^ª 02: Vocês já viram o quanto filho de professora sofre.

Prof^ª 08: A mulher então que é casada, não é boa professora?

Prof^ª 02: Não! Ela quis dizer que a própria sociedade rotula assim.

Prof^ª 10: Eu não pude acompanhar minha filha. Eu queria comprar uma calça com ela.

Prof^ª 02: Você concorda comigo que a gente abre mão das coisas por causa da escola.

Prof^ª 06: Gente! é uma profissão como outra qualquer. É uma profissão que a gente escolheu. Eu não acho (pausa) a gente conversa, não é D., a gente ri muito. A D. via as mães trazendo blusa de frio para os filhos na escola, os nossos (riu) ficavam sem (pausa) como é que a gente ia largar. É importante a mulher ter uma profissão. Ter seu dinheiro. Ter sua vida, gente!!!

Prof^ª 03: Eu levava os meninos para lá e pra cá. Atravessava cidade, cheguei só duas vezes às 7h05min e a diretora ficou brava comigo. Ter família é muito bom. Foi uma experiência muito boa, apesar da correria. Não acho que me atrapalhou ser professora e ter meus filhos.

Prof^ª 02: Nossa!

9º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A aposentadoria do professor e as gratificações oferecidas pelo Estado

A professora 10 propôs falar da aposentadoria e das gratificações oferecidas pelo Estado. Comentou da dificuldade de se aposentar e de parar de trabalhar. A professora 06 concordou com a proposta e argumentou que não é possível aposentar; que não quer ficar doente e que quer continuar a trabalhar, mas não no Estado. A professora 06 comentou que o problema da aposentadoria no Estado é a perda do bônus (das gratificações). A professora 08 lembrou que todo mundo reclama, pois o bônus é um dinheiro que já deveria ter sido incorporado aos salários. A professora 09 comentou que tem professor que trabalha doente

para não perder esse bônus. Três professoras (02, 03 e 04) ficaram em silêncio. Ao final, as professoras começaram a falar juntas, e como a reunião já havia terminado, começaram a se levantar e foram embora.

Prof^ª 10: Oh! Gente! Eu fico pensando (pausa) aposentar em uma época dessa, a gente acaba estranhando. Porque a gente é movida por impulso há tanto tempo (pausa). Só se você for fazer outra coisa, senão, não dá.

Prof^ª 06: Eu! Se eu aposentar, eu não volto para o Estado, mas eu volto para uma escola particular ou para a prefeitura. Eu tenho vontade. Você sabe o que eu sinto da aposentadoria, que é mais angustiante principalmente para o professor que trabalhou durante 30 anos com a educação? Essa exclusão do bônus, eu acho um crime.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 08: É um dinheiro que todo mundo reclama, que já deveria ter incorporado nos salários.

Prof^ª 09: Eu sei de professora que trabalha doente pra não perder o bônus no final do ano, pois é uma gratificação boa. Eu não, já faltei várias vezes por causa dos meus filhos.

(Obs: as professoras começaram a levantar e irem embora)

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 11ª REUNIÃO

De um modo geral, pôde-se notar que as professoras falaram de assuntos diversos. Poucos foram os temas trazidos que geraram desconforto. Por outro lado, as professoras apresentaram dificuldades de centralizar as questões no contexto escolar. Na maioria das vezes, eles desviavam a atenção para assuntos pessoais. Supõe-se certo preconceito, desmerecimento e gozação por parte das professoras quando o assunto foi a higiene dos alunos. Percebeu-se também, que elas possuem “medo” de não fazerem mais parte do “mundo do trabalho”.

Pode-se ressaltar que a maioria das professoras participou das discussões, e que a minoria assumiu uma posição silenciosa em relação aos temas.

A 12ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 12ª REUNIÃO

A décima segunda reunião de grupo dos professores ocorreu no dia 12 de setembro de 2005, às 17h30min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de quarenta e cinco minutos. A pesquisadora chegou antes de começar a reunião, dirigiu-se à sala da vice-diretora, pediu licença e requisitou a chave da biblioteca. A vice-diretora atendeu atentamente a pesquisadora, que abriu a sala onde seria realizada a reunião e a organizou. Nessa reunião, compareceram as professoras 07, 08, 09 e 10. Nenhum professor justificou a falta dos colegas 01, 02 e 04. Durante a reunião, a professora 09 comentou que as professoras 03 e 06 estavam participando de um curso do Estado, e que a professora 05 havia faltado por problemas de saúde.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Primeira proposta temática: o concurso da rede estadual de ensino

A professora 09 propôs falar do concurso que aconteceu na rede estadual de ensino; perguntou à professora 07 como havia sido essa experiência e à professora 10 se esta havia prestado. A professora 09 relatou, então, como foi sua experiência quando prestou um concurso para professor na rede estadual. A professora 10 concordou com a proposta, comentando o dia do exame, as questões da prova e o curso preparatório que havia feito. Além disso, ressaltou seu estado emocional e o seu comportamento durante esse processo de avaliação.

A professora 09 fez alguns comentários durante a fala da professora 10, no sentido de ajudá-la a esperar o resultado da prova. A professora 07 comentou que cada um tem uma visão sobre a prova. Contudo, acrescentou que a prova estava coerente com o curso que fez, mas não estava fácil. A professora 08 ficou prestando atenção no que as colegas falavam.

Profª 09: M., ah! conta para gente como foi o concurso? Você também prestou T.?

Profª 10: Também. Deixa a M. falar, eu não estou boa. Tô muito gripada, com dor de cabeça. Eu não estou legal.

(silêncio)

Profª 10: Essa prova foi o seguinte. A gente vem se preparando há muito tempo (pausa) estudando muito. Passar nesse concurso seria o ideal para mim. O que houve, a gente se preparou porque a APEOESP se prontificou em dar o curso para gente. A prova foi elaborada pela CESGRANRIO. Foi muito bem elaborada, mas acabou não sendo muito dentro do que os nossos professores preparou a gente. A prova foi muito extensa, foram 80 questões pela manhã. As salas estavam superlotadas, não dava para esticar as pernas. As carteiras muito próximas, umas das outras, espaço muito pequeno, as portas fechadas. Não tinha lanchonete aberta. Fala um pouco M.

Profª 09: Precisa esperar (pausa) ter paciência (pausa) tudo tem sua hora. Eu penso assim.

Profª 07: Cada um tem uma visão. Eu vou deixar você falar depois eu falo porque cada um tem uma maneira de ver. Caiu tudo. Caiu tudo. Estava tudo ali na bibliografia, conforme o curso que fizemos. Estava bem elaborada a prova, mas não estava fácil.

Profª 09: Espera ver o resultado, a gente fica conversando, a gente fica mais nervosa.

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os concursos anteriores da rede estadual de ensino: as experiências das professoras 08 e 09

Duas professoras (08 e 09) relataram suas experiências quando prestaram outros concursos. Comentaram que a prova foi mal-elaborada e que estava muito difícil. Ao mesmo tempo, ofereceram apoio às colegas, para estas não desanimarem. A professora 09 também falou de outros concursos que prestou, nos quais não passou; e disse acreditar que tudo tem hora certa para acontecer. A professora 10 concordou com a proposta, afirmou que não gostou da empresa que elaborou a avaliação e comentou de outro concurso que prestou, mas para o qual não foi classificada. A professora 07 ficou prestando atenção nas colegas.

Profª 09: Nossa! No meu tempo a gente trazia o gabarito. Você trouxe R.. para poder conferir depois?

Profª 08: Eu trouxe. Eu peguei, eles deixaram.

Prof^ª 10: Mas eu não gostei da nossa empresa (pausa) a CESGRANRIO.

Prof^ª 08: A Carlos Chagas é bem melhor. A nossa era desconhecida. A nossa era desconhecida. Eu não sabia e ninguém sabia. Não foi uma boa, bem elaborada. As dissertativas até que foram mais. Agente tem que prestar. Tem que tentar. Mesmo quando a gente acha que não está preparada.

Prof^ª 09: Quando eu passei (pausa) eu não fui muito bem classificada em Biologia. Agora, ela foi super difícil e nada do que eles pediram (pausa) a Biologia era imensa. Eu fiz estes cursos da APEOESP, eu devo ter perdido muita coisa porque eu não podia. Não pode desanimar, eu penso assim: tudo tem hora. O outro concurso, eu prestei dois (...) mas se eu tivesse passado eu não podia escolher porque meu filho estava com pneumonia e eu não podia deixar ele e ir para São Paulo escolher. Por isso que eu falo tudo tem hora certa para acontecer.

Prof^ª 10: é que nem o meu caso, eu passei em 82, mas o Governador M. tinha chamado o concurso de 78 até 82. Aí o Q. em 82 lançou concurso. Ele chamou 20.000 candidatos, eram 30.000 e poucos, aí eu não fui chamada. Eu fui super bem. Eu e outras amigas não fomos chamadas.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando o assunto “o concurso da rede estadual de ensino”

A professora 07 propôs retomar o assunto do concurso da rede estadual de ensino. Comentou sobre o curso preparatório, a dedicação dos professores do curso, o quanto a prova foi bem elaborada, e que havia estudado muito a bibliografia para a prova. Duas professoras (09 e 10) concordaram com a proposta e fizeram algumas declarações a partir dos relatos da professora 07. A professora 08 ficou prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 07: (...) foram quatro meses de curso. Exatamente a bibliografia estava na prova. Eu achei assim, pela primeira vez, desde que eu estou dentro do Estado que eu vejo a APEOESP fazer algum favor ao professor. Nós tivemos assim uma imensa bibliografia onde eles próprios fizeram e deram as aulas. Nós tivemos um curso muito bom (pausa) qualquer pessoa que tem um pouco de conhecimento da educação, se pega o material vai ver que é um bom material.

(silêncio)

Prof^ª 09: agora M. precisa esperar. Ter paciência. Você fez sua parte. Passar vai depender de um monte de coisas.

Prof^ª 10: Ainda não tava amadurecida. Era muita informação (pausa) a bibliografia muito grande.

Prof^ª 07: Foi um excesso de informação o que a APEOESP fez, eles fizeram certíssimo. Eu dou dez para eles. O que eles passaram foi um conteúdo que estava na apostila, quer dizer, também tava dentro da bibliografia. A prova foi realmente extensa. Banheiros sujos. Não teve estrutura, mas eu não ligo pra isso não. Meu objetivo lá era outro.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O concurso da rede estadual e a falta de apoio da família dos professores

A professora 07 propôs falar da falta de apoio da família para estudar para o concurso. Além disso, falou dos outros concursos que prestou, nos quais não passou. Duas professoras (09 e 10) concordaram com a proposta. A professora 10 falou que não teve apoio nenhum da família, e a 09 comentou que os filhos eram pequenos e que nem sempre ela podia participar do curso preparatório. A professora 08 ficou em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 07: A cada concurso, eu tinha uma história na minha vida que atrapalhou, que eu não conseguia fazer como eu queria ter feito, como eu fiz agora. Por isso que eu fiz questão e passei por cima de tudo e de todos. Até chegar (pausa) eu falava que não ia adiantar que eles não me incomodavam. Eu larguei tudo (...) o que eu me comprometia fazer em casa eu fiz (...) roupa limpa, comida e o que eles queriam a mais, eu não fazia. Não adiantava (...) o combinado era que eles me ajudassem e eles não cumpriram. Eu queria muito ter passado no

concurso pra supervisor, mas eu não consegui (pausa) fiquei por pouco. Precisava ter me dedicado mais. Esse eu fiz diferente. Coloquei como prioridade. Eu pedi apoio. Não tive. Eles não cumpriram com o combinado.

Prof^a 10: *Eu não tive apoio nenhum em casa.*

Prof^a 09: *Quantos cursos que eu perdi, que eu não podia (...) eles eram pequenos. Eu tive tantos problemas para resolver.*

(silêncio)

Coordenadora: *Eu ouvindo vocês falarem, eu fiquei pensando, o quanto que a vida não é nada fácil. As expectativas, as vontades, os desejos, como muitas vezes não batem com aquilo que a gente precisa em determinado momento. E isso gera muita angústia.*

Prof^a 10: *É Patrícia!*

Prof^a 09: *Por isso que eu falo o que tem que ser é. Eu perdi muitos dias. Eu não abri uma apostila na minha casa porque não tinha como, com meus filhos e no fim-de-semana, eu ficava no curso e eu passei. Tinha gente que estudou mesmo, não perdeu um dia de curso e não passou. O que tem que ser, tem que ser. Deus dá as coisas na hora certa. Ele sabe o que é melhor pra a gente.*

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 12ª REUNIÃO

De um modo geral, pôde-se notar que o assunto discutido nessa reunião estava relacionado com o concurso da rede estadual de ensino. Das quatro professoras presentes na reunião, duas haviam prestado o concurso. Parece que a opinião destas divergiu com relação à formulação da prova e ao curso preparatório. Um das professoras demonstrou apoio e otimismo às colegas, relatando um pouco de sua experiência sobre o assunto. Percebeu-se que foi uma reunião tranqüila, apesar da ansiedade presente em relação à expectativa dos resultados do concurso. Nessa reunião, a professora 07 se posicionou com mais ênfase em relação aos outros encontros, o que, talvez, seja uma conseqüência do reduzido número de professores no encontro.

A 13ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 13ª REUNIÃO

A décima terceira reunião ocorreu no dia 19 de setembro de 2005, às 17h20min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de uma hora. A pesquisadora chegou 15 minutos antes de começar a reunião. Ao tentar abrir o segundo portão de entrada, percebeu que este estava trancado com um cadeado. Como não havia campainha, a pesquisadora ficou aguardando até que alguém aparecesse. A inspetora de alunos apareceu logo em seguida, foi buscar as chaves e, antes de abrir o portão, perguntou para a pesquisadora quem era ela. Esta se identificou e disse que fazia um trabalho na escola. Ao entrar, perguntou pela vice-diretora, e a inspetora foi chamá-la. Nada foi falado sobre o cadeado. Ao pegar as chaves da biblioteca, a pesquisadora organizou a sala e esperou os professores. Nessa reunião, compareceram todos os professores, exceto o professor 01.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta temática: o concurso

A professora 09 propôs falar sobre o resultado do concurso. A professora 07 concordou com a proposta e explicou que o resultado final não havia saído, mas que o gabarito, sim. A professora 10 comentou que não conferiu sua prova com o gabarito, mas que o traria para as colegas do grupo. Além disso, ressaltou que a prova foi muito difícil e que não havia lugar para comer. A professora 02 afirmou que ficou muito nervosa com o concurso. A professora 04 não concordou com a proposta e começou a perguntar para a professora 02 sobre o que tinha acontecido em seu braço. Duas professoras (06 e 09) também se envolveram com o assunto. Três professoras (03, 05 e 08) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Profª 09: Saiu o resultado M.? Você conseguiu?

Profª 07: O resultado não (...) demora uns trinta dias (pausa) o gabarito saiu. Se eu passei corretamente. Se olhei corretamente deu 43 pontos, mas a gente ouviu falar de tanta coisa. Primeiro que anularam duas questões. Hoje, de manhã, eu fui fazer o “Letra e Vida” e a moça, uma professora de lá, está falando que foram anuladas 10 questões porque não teve aprovação.

Profª 10: Eu, gente, eu vi o gabarito, mas não conferi.

Profª 09: Semana passada a gente falou do concurso.

Profª 10: Todo mundo achou que foi uma afronta. Foi muito difícil. Não tinha nem lugar para comer.

Profª 06: Quer dizer respeito (pausa) não precisa disso não.

Profª 09: Sabe que eu acho que eles fazem isso de propósito. O que eles fizeram neste último concurso, eles também fizeram isso com a gente, não é R.? Eles querem mostrar que a gente é tudo incompetente. Você acha que a gente precisa passar por isso? É preciso saber aquilo tudo para dar aula?

Profª 10: Já saiu na Internet, eu vou trazer para vocês verem. Tem gente que já está com a prova. Foram lá na APEOESP procurar.

Profª 04: O que você fez no braço?

Profª 02: Operei. Tirei umas verrugas.

Profª 10: Você tira sempre? Tem que tomar cuidado por causa de sujeira. A gente fica aqui muito em contato com a sujeira, terra.

Profª 09: Eu também tenho (...) se eu tirar vai dar mais defeito por causa do diabetes.

Coordenadora: o que é que vocês querem falar hoje?

Profª 02: Nada. Eu quero falar da prova, eu estou nervosa com este concurso.

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os outros concursos da rede estadual de ensino

A professora 10 propôs falar de um concurso que teve em outra cidade. Duas professoras (02 e 04) concordaram com a proposta e ressaltaram que tal concurso foi fácil, apesar de não terem estudado. Além disso, a professora 02 comentou que não fez os cursos preparatórios e que quem fez “se deu mal”, pois na prova não caiu nada do que foi dado no curso. As outras seis professoras (03, 05, 06, 07, 08 e 09) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Profª 10: Ontem nós fizemos o concurso de C.

Profª 02: Foi fácil, apesar de que eu não estudei nada!

Profª 04: Eu também prestei, mas não estudei, não.

Profª 02: Sabe que para mim, eu realmente não estudei, tudo bem. Nem fiz esses cursinhos e quem fez esses cursinhos gastou dinheiro à toa. Teve lá o de S. R. P. Q. Acho que é uns R\$400 que a pessoa pagou.

Prof^ª 10: Não.

Prof^ª 02: Apostila, o curso.

Prof^ª 10: E lá o pessoal de S. R., eu não conversei com eles. Você teve notícia?

Prof^ª 02: Não! Porque não caiu nada daquilo que eles pediram.

Prof^ª 10: Eles também acharam ruim.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O concurso e as dificuldades encontradas no dia da prova

A professora 02 propôs falar das dificuldades encontradas no dia da prova do concurso. Três professoras (04, 05 e 10) concordaram com a proposta. A professora 06, que não prestou o concurso, demonstrou indignação com a falta de condições adequadas para os professores prestarem a prova. As outras quatro professoras (03, 07, 08 e 09) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 02: (...) eu paguei R\$10 de estacionamento. O povo do estacionamento estava cobrando o que queria e não tinha lugar para parar o carro. Não tinha lugar pra comer. Eles falaram para a gente que o restaurante ia ter e na hora do vamos ver, não abriu. Puseram a gente pra fora e fecharam as portas. Para comer tinha um carrinho de cachorro-quente. Ele não estava preparado.

Prof^ª 04: Ele cobrou R\$4,50.

Prof^ª 05: A situação por lá estava muito complicada. Que tumulto.

Prof^ª 10: Eu saí de lá.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 10: Eu saí de lá humilhada.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 10: Chegamos fedendo do P. A.

Prof^ª 06: E aqueles restaurantes da U.?

Prof^ª 10: Tudo fechado.

Prof^ª 02: Não abriram, não deixaram.

Prof^ª 06: Que horror. Porque eles fazem isso. Eu não agüento isso gente. Que falta de respeito.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O curso preparatório e o concurso

A professora 07 propôs falar dos concursos e dos cursos preparatórios. Quatro professoras (02, 04, 06 e 10) não concordaram com as declarações dessa professora. Duas professoras (03 e 05) riram em alguns momentos. As outras duas professoras (08 e 09) ficaram apenas observando as colegas.

Prof^ª 07: Mas neste caso, veja bem, se as pessoas que fizeram o curso de S. R. disseram que não caiu nada, então o problema é do curso. Porque o que estava na bibliografia foi o que nós estudamos na APEOSP.

Obs: A professora 02 ficou nervosa, apontou o dedo para a professora 07 e falou: “você é a única que está falando isso. A única quem está falando.”

Prof^ª 07: Eu posso trazer o material e provar.

Prof^ª 02: É a única que está falando isso! Lá fora o comentário era geral.

Prof^ª 06: O que a M. falou foi dos parâmetros. Agora as meninas falaram assim: que o curso “Letra e Vida” foi o fundamento do concurso (pausa) foi baseado.

Prof^ª 10: Deixa eu falar. Você há de convir comigo, que se você tiver uma aula semanal, por semana, você vai assimilar melhor (pausa) do que ter aquele monte de coisa que nós tivemos de uma vez só.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas e em alguns momentos berravam)

Prof^ª 04: Algumas pessoas que fizeram, foram muito bem, outras (pausa). Eu não fui muito bem.

(Obs: as professoras começaram falar juntas)

Prof^ª 06: Pessoas que prestaram que eu conheço falaram: “M. foi estúpido”.

Prof^ª 07: Não! Não foi assim.

Prof^ª 06: Duas pessoas falaram isso.

Prof^ª 07: Ah! Não! Quem falou isso?

Prof^ª 10: Muita matéria. Não deu nem para amadurecer.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 04: Eu acho que é relativo (pausa) eu tenho uma colega (pausa) eu não sei o que ela é numa loja, vendedora, supervisora uma coisa assim. Ela nunca deu aula, ela não fez magistério, mas ela fez 67 pontos.

Prof^ª 07: Mas você vai me desculpar, quem não tem noção de educação, não faria 67 pontos, de jeito nenhum.

Prof^ª 06: Concordo.

5ª MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A visita dos políticos e das primeiras-damas nas cidades do interior de São Paulo

A professora 02 propôs falar da visita dos políticos e das primeiras-damas às cidades de C. e de R. Duas professoras (04 e 06) concordaram com a proposta, e as outras seis (03, 05, 07, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 02: Ele e o A., ele foi lá em C. e a mulherada, nossa! Vocês nem imaginam. Tava aquele povo nojento. Compraram tudo. Roupa. Agora tão tudo devendo lá.

Prof^ª 04: Aqui também foi uma palhaçada. Brilho, salto.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 02: Lá foi o encontro das primeiras damas. O banheiro parecia de ouro. Não podia mijar direito, tinha que levantar a bunda.

(Obs: as professoras gargalharam)

Prof^ª 02: As professoras gastaram o que tinham e o que não tinham, mas a mulher foi super simples: calça jeans, uma camisetinha.

Prof^ª 06: Eu sei (pausa) eu fui com o A., (coordenador) eu vi ela.

Prof^ª 04: Ela é simples.

Prof^ª 06: Na reunião que eu fui, ela estava bem simples, também usava jeans e camiseta branca, bordada.

Prof^ª 02: Acho que era a mesma então.

(Obs: as professoras riram)

Prof^ª 04: É o básico, é o básico.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: Tinha gente que estava com paetês às 10 horas da manhã.

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando o assunto “o concurso”

A professora 04 propôs aos colegas falar sobre os assuntos da escola. A professora 02 não concordou com a proposta e continuou falando de outros assuntos. Como ninguém concordou com a proposta da professora 04 de falar sobre algum assunto da escola, ela propôs retomar o assunto do concurso. Duas professoras (02 e 10) concordaram com esta proposta. Duas professoras (08 e 09) começaram a fazer perguntas sobre o conteúdo da prova, e comentaram sobre a época em que tinham prestado o concurso. As outras quatro professoras (03, 05, 06 e 07) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 04: Gente! vamos voltar aos assuntos da escola?

Prof^ª 02: Meu pai e meu tio quando eram donos de supermercado ganharam muito, mas não souberam aproveitar.

Prof^ª 04: Eu nem estudei pro concurso. Ah!

Prof^ª 08: Caiu bastante, o quê?

Prof^ª 09: Deixa eu falar uma coisa para vocês....

Prof^ª 02: Tinham umas pegadinhas.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas e muito alto)

Prof^ª 04: Eu achei que tinha muito pega ali.

Prof^ª 02: Demais.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas, gritando)

Prof^ª 09: No nosso, tinha gente que fez 60 pontos e não passou.

Prof^ª 08: Na época do meu concurso muita amiga minha que foi bem, mas não foi chamada.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas e alto)

Prof^ª 10: O ventilador não dava conta. Pedi para sair, lavar o rosto, aí tinha alguém no banheiro que tinha feito um cocô, mas sabe aquele cocô que inunda, que fede (pausa) um fedo!

Prof^ª 02: Olha! eu ouvi. O pessoal estava comentando.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A atribuição de aulas na rede estadual de ensino

A professora 10 propôs falar da atribuição de aulas na rede estadual de ensino. Segundo ela, a fila que tem no dia da atribuição de aulas é parecida com as filas do dia da prova. Três professoras (02, 04 e 09) concordaram com a proposta e ressaltaram que são maltratadas na atribuição e no concurso. As outras cinco professoras (03, 05, 06, 07 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 10: A atribuição gente, é a mesma coisa.

Prof^ª 04: A fila não é nada. O duro que o sol quente que tem que enfrentar... meu problema é esse.

Prof^ª 02: Eu nunca vi (pausa) o povo parecia uns desesperados.

Prof^ª 09: Atribuição é brava gente. Eu vivi isso muito.

Prof^ª 04: Ficar sem sentar, você chega lá cedo.

Prof^ª 10: O problema não é esse!

Prof^ª 04: É, bem (pausa) é uma vergonha (pausa) eles vão almoçar (pausa) eles batem papo.

Prof^ª 10: Eles vão no microfone (pausa) falam devagar. E agora é a matemática (pausa) pessoal de arte (pausa) bem baixinho (pausa) ninguém escuta direito. Parece que fazem de propósito.

Prof^ª 04: É (pausa) é desse jeito.

Prof^ª 02: Vocês sabem qual é a próxima profissão de um professor?

(Obs: as professoras riram)

Prof^ª 02: Nós vamos ser todos artistas, palhaças (pausa) nós somos palhaças. Eles falam, a gente toma no cú e a gente diz amém, amém, amém!

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

8º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando o assunto do concurso

A professora 02 propôs falar que o professor é desrespeitado no concurso e argumentou que é difícil pensar em qualidade de ensino tendo em vista tantos pontos negativos. A professora 09 concordou com a proposta. A professora 03 comentou que não quer trabalhar com educação quando se aposentar. A professora 06 reagiu, argumentando que o professor não pode desistir, pois os obstáculos existem em todas as áreas. As outras cinco professoras (04, 05, 07, 08 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 02: A gente é muito mal tratada (pausa) é na atribuição, é no concurso. Como que a gente pode pensar em um ensino bom, de qualidade com tanta coisa ruim?

Prof^ª 09: É que nem vestibulando.

Prof^ª 02: Eles são melhores tratados do que nós.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 02: Eu perdi o tesão gente!

Prof^ª 03: Eu quando aposentar, eu vou continuar trabalhando, mas não nesta área da educação.

Prof^ª 06: Tá difícil gente, mas a gente não pode desistir. Obstáculos têm em qualquer área.

(Obs: as professoras levantaram e foram embora)

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 13ª REUNIÃO

De um modo geral, pôde-se notar uma ansiedade grande ao falar do assunto *concurso*. O grupo tentava falar de outras questões, mas acabava retomando o tema. Pôde-se perceber que as opiniões estavam bastante divididas. As professoras que acreditavam não ter tido um bom desempenho na prova, questionando tudo: a avaliação, o estacionamento, a alimentação, o local, e as pessoas que estavam fazendo os cursos preparatórios e prestando as provas.

Uma professora defendeu a idéia de que a matéria da prova era a mesma que havia sido dada no curso preparatório e essa declaração acabou gerando polêmica. As professoras que não haviam prestado o concurso, pois já eram concursadas, demonstravam estar espantadas com os fatos ocorridos.

Pode-se dizer que foi uma reunião tensa, em que pessoas estavam bastante agitadas e pouco à vontade no grupo.

A 14ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 14ª REUNIÃO

A décima quarta reunião ocorreu no dia 26 de setembro de 2005, às 17h20min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de uma hora e quinze minutos. A pesquisadora chegou 10 minutos antes de começar a reunião e, ao entrar na escola, viu que o segundo portão estava trancado com cadeado. A vice-diretora estava no pátio e, ao ver a pesquisadora, foi ao seu encontro e abriu o portão. Não comentou sobre a questão, perguntou como a pesquisadora estava e se havia passado bem o fim-de-semana. Esta respondeu educadamente, pegou a chave e se dirigiu à biblioteca para arrumar a sala e aguardar os professores. Nessa reunião, estavam presentes as professoras 02, 03, 04, 05, 06, 08, 09 e 10. Ninguém justificou as faltas dos professores 01 e 07.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta temática: os aspectos favoráveis do trabalho do professor

A coordenadora propôs fazer um balanço de alguns dos temas trabalhados pelos professores e falar do quanto foram angustiantes esses assuntos.

Duas professoras (02 e 04) começaram a fazer algumas colocações, mas a professora 06 falou que não era sobre aquilo que a coordenadora estava falando. Duas professoras (09 e 10) comentaram que estavam esperando ansiosamente a chegada do final do ano.

A coordenadora comentou que houve momentos em que as professoras demonstraram estar tranqüilas, mas que naquele momento específico elas estavam muito angustiadas; pareciam estar bastante desgastadas e cansadas com o contexto educacional. Posteriormente, a coordenadora perguntou o que estava acontecendo de positivo na educação e no trabalho dos educadores, mas obteve silêncio como resposta. Nenhuma professora concordou com a proposta.

Coordenadora: Eu fiquei pensando no movimento do grupo. Quando vocês discutem um tema (pausa) quando esse tema é mais angustiante, como foi o da inclusão que foi debatido bastante. Este volta e me parece que é difícil de engolir não é D.? Outro tema que mexeu muito com vocês foi o concurso. O tanto que mexeu com vocês. Segundo vocês foi muito injusto. Sem condições adequadas para quem vai fazer uma prova. Vocês ficaram mais incomodadas com as condições para realizar a prova do que com a prova mesmo. Depois vocês falaram de como vocês foram avaliados e eu fiquei pensando que vocês acabaram sendo consideradas como alunos. O quanto é difícil passar por uma avaliação.

Profª 04: Eu fiquei pensando nisso, Patrícia. Eu me senti como meus alunos (pausa). A gente assumiu o lugar deles e não é fácil.

Profª 02: A gente não trata o aluno daquele jeito não.

Profª 06: Mas a Patrícia não está falando isso.

Profª 04: Depois de muitos anos que eu voltei para a escola, para a faculdade, aí que eu notei. Gente! Agora, eu estou aqui como aluno.

Coordenadora: Eu vejo que o movimento do grupo é esse assim (pausa) têm momentos que parece que está mais tranqüilo que as coisas fluem (pausa) têm momentos que vocês estão extremamente angustiadas, fisicamente cansadas, mentalmente desgastadas, a gente percebe. Vocês já relataram que nem descansaram nas férias porque tiveram poucos dias. Aí junta o concurso que foi bastante desgastante.

Profª 09: Não vejo a hora de terminar o semestre. Que bom que estamos no final de setembro.

Profª 10: E a contagem regressiva para o final, deixa a gente mais ansiosa ainda.

(silêncio)

Coordenadora: Eu estava lembrando no grupo e fazendo esses comentários com vocês. Eu fiquei pensando o que tem de bom? O que está acontecendo? O que surge de bom na educação? No trabalho de vocês, na escola?
(silêncio)

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As avaliações que o Estado faz com os alunos

A professora 02 propôs falar da avaliação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), alegando que este exame foi muito desorganizado. A professora 08 concordou com a proposta e falou que o ENEM não foi difícil, mas abrangeu todo o conteúdo do Ensino Médio. Contudo, segundo esta professora, o professor não consegue dar todo o conteúdo. A

professora 09 ressaltou que isso acontece porque o aluno não consegue acompanhar as aulas no ritmo adequado. A professora 02 também propôs falar do SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São Paulo) e argumentou que, mesmo que eles peçam para que determinado conteúdo não faça parte da prova, este acaba por ser exigido. A professora 09 comentou que o Estado pede para o professor preparar o aluno para a vida. A professora 04 relatou que os alunos da rede particular de ensino são tão difíceis quanto os alunos do Estado.

A coordenadora perguntou o que há de bom na educação. A professora 02 comentou que se sente *nervosa*; a professora 10 ressaltou a *depressão* e a professora 04 observou ter *má-digestão* diante de todos os problemas da educação. As outras três professoras (03, 05 e 06) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 02: A prova do ENEM. Vocês viram, coitados. Assim, como nós estamos sem o papelzinho pelo correio, eles também não mandaram para os alunos. Tudo desorganizado.

Prof^ª 08: o ENEM foi muito (pausa). Não é que foi difícil, mas exigiu tudo que um aluno tem que saber ao sair do Ensino Médio.

Prof^ª 04: Fora da realidade, não é?

Prof^ª 08: Não é que (risos) tá fora (pausa) é que a gente não atinge aquilo. A gente não consegue.

Prof^ª 09: Eu acho que eles pedem o que a escola particular dá.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 09: A gente não consegue muito porque tem aluno que não acompanha.

Prof^ª 02: Nunca me esqueço quando ia começar o SARESP, a primeira prova: “olha, não se preocupem com isso, com aquilo, com a gramática”. Chegou a hora da prova de gramática, logo nas primeiras questões era gramática. Uma confusão. Os professores brigaram.

Prof^ª 10: Foi em 1995.

Prof^ª 02: Eles pediram para não dar gramática. Parece uma coisa. Igual ao ENEM. Eles falam: “você vai conforme anda sua sala, coitados”. Chega, aqui, no dia da prova, aquela prova pra ferrar.

Prof^ª 09: O Estado pede pra gente preparar o aluno para a vida. Até para a vida a gente tem que preparar.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 04: Gente, não é só na rede estadual. Eu tenho uma colega, vários colegas que dão aula, eu esqueci o nome das escolas. Não estou lembrando agora, falaram que nas particulares está difícil que os alunos estão difíceis também.

Prof^ª 08: E parecem que eles exigem tanto na parte pedagógica. Eles aumentaram tanto (pausa) o próprio livro didático, gente! o mesmo que eu usei em Geografia no meu ginásio. Esse que eu leciono é o dobro do que eu estudei. Para quê? O aluno não está nem sabendo o básico. A gente não está tendo condições de ensinar o básico para eles.

Coordenadora: O que tem de bom na educação? O que tem de bom?

Prof^ª 02: Nervoso.

Prof^ª 10: Deixa a gente depressiva.

Prof^ª 02: Quando me dá mal estar, eu posso correr (pausa) é início de depressão. Parece que fica um negócio parado, difícil de engolir.

Prof^ª 04: É digestão mesmo. Fica aquela tensão (...) pelas preocupações.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O concurso da rede estadual de ensino

A professora 10 propôs falar do concurso e perguntou para a professora 05, que esteve afastada por problemas de saúde, se ela tinha prestado o concurso. A professora 05 falou que prestou, mas foi mal. A professora 04 afirmou que também foi mal. A professora 02 acrescentou que todos do grupo foram mal. Quatro professoras (03, 06, 08 e 09) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 10: Você fez o concurso, E?

Prof^ª 05: Eu fiz, mas fui mal. Fazer o que?

Prof^ª 04: Não fui bem.

Prof^ª 02: Aqui foi todo mundo mal. Nesse barco tá todos nós. (riu)

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A aposentadoria

A professora 05 propôs falar sobre aposentadoria. Quatro professoras (02, 04, 09 e 10) concordaram com a proposta. A coordenadora perguntou se aposentar é o que tem de bom na educação. A professora 05 respondeu afirmativamente. A professora 02 relatou que a professora 03 está feliz porque falta pouco tempo para sua aposentadoria. A professora 03 comentou que somou todos os anos nas escolas particulares para se aposentar. Duas professoras (06 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 05: Eu não passei não. Eu quero ver se eu aposento. É tudo o que eu quero nesse momento.

Prof^ª 09: Seu tempo já venceu?

Prof^ª 05: Ih! minha filha, tenho que esperar até 60 anos.

Prof^ª 02: Se eu não me aposentar eu mato uma criança.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 09: Olha, para mim vai demorar.

Prof^ª 10: É com 50 anos que você vai aposentar D.?

Prof^ª 05: Eu acho que eu vou ficar dando aulas até os 70. Eu vou dar uma bengalada na cabeça deles.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas).

Prof^ª 04: Tem professor com 70 anos dando aula, não agüenta mais, não suporta ver os alunos. Setenta anos!!!

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 09: tinha uma professora lá com a gente no J.N., ela aposentou com 70 anos, lá no “C”, eu trabalhei com ela. Ela é uma gracinha.

(silêncio)

Prof^ª 05: Patrícia! O bom é aposentar. É ótimo.

Prof^ª 02: Você sabe porque ela está sorrindo? Não é que ela foi bem no concurso. Ela já é efetiva.

Prof^ª 05: Ela tá para aposentar.

Prof^ª 03: Faltam meses.

(as professoras começaram a conversar juntas)

Prof^ª 03: Bem (pausa) mas olha! Eu juntei o colégio M., juntei o colégio A., juntei o colégio C., eu não quero saber (pausa) eu vou fazer qualquer coisa. Eu vou continuar na Prefeitura para não ficar muito à-toa.

Prof^ª 02: Esse é o retrato de uma professora estadual feliz e que vai se aposentar.

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os políticos

A professora 06 propôs falar da palestra que o C. (Secretário da Educação do Estado de São Paulo) faria. Quatro professoras (02, 04, 09 e 10) concordaram com a proposta, começaram a falar em tom de deboche “que tem que ser com amor” e colocaram que as professoras adoram ficar olhando para o Secretário da Educação porque ele é lindo. A professora 09 lembrou do político B. R., e a professora 04, do N., políticos da região que, de acordo com elas, ganharam por serem bonitos. Três professoras (06, 09 e 02) começaram a falar que não gostam do C. Três professoras (03, 05 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 06: O C. vem aí fazer uma palestra.

Prof^ª 02: Olha lá gente! Olha o amor! Eu não suporto aquele jeito dele.

Prof^ª 06: Minha mãe adora ele. Eu nem falo nada (...) tem gosto pra tudo.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 09: Tem que ser com amor. Eu não gosto dele.

Prof^ª 02: Uma professora falou “ah! eu vou porque é tão gratificante ficar olhando para ele”.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 10: Por isso que está desse jeito a educação. Esse negócio que tem que ser com amor.

Prof^ª 02: Vocês acham porque o C. ganhou? Porque é bonito.

Prof^ª 09: O B. R.

Prof^ª 04: B. R.. O outro é o N. Quando eles passam “Lindo! Lindo!”. Elas gritam: “Lindo”. Não se esqueçam, tem que ser com amor. (Obs: riu)

Prof^ª 02: Tem que apanhar uma água dessa.

6ª MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A decepção com a educação escolar

A professora 06 propôs falar da decepção com a educação e comentou que existem pessoas que acreditam que tudo é maravilhoso nesse meio, mas que, para ela, isso é uma mentira. Ela acrescentou que foi maltratada pela diretora da escola onde a pesquisa foi realizada e que pedirá remoção. Na sua opinião ainda, apesar dos problemas, a única coisa que vale a pena é o trabalho com as crianças. Três professoras (02, 04 e 05) concordaram com a proposta e fizeram alguns comentários das decepções e situações ruins que viveram na escola. Quatro professoras (03, 08, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 06: Patrícia, é que tem uma ala da educação que tá tudo lindo, tudo é maravilhoso, as escolas são lindas (pausa) os alunos acontecem (pausa) puxam saco (pausa). Mentira!!! Nós estamos vivendo mentira (pausa) tá todo mundo exausto. Têm professores, coordenador, diretor (pausa) eles acham que nas escolas não têm problemas. Você vai nas reuniões da diretoria de ensino e ninguém fala dos problemas. É como se estivesse tudo bem. Isso é uma farsa. A realidade é outra. Está todo mundo amargurado que não têm perspectiva de nada. A educação é uma mentira.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 10: Aqui mesmo, gente, eu pedi para elas verem umas coisas para mim na secretaria, gente! Coisa de holerite, mas não foi pago? “Veja você, no computador”. Sabe é função delas? Gente, será que não dá para elas darem uma olhada!

(as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: É uma vergonha o que está acontecendo na educação! Aqui mesmo, eu fui perguntar uma coisa, tratam a gente como um nada. E ainda se julga autoridade, educadora. Eu cansei. Eu prefiro nem falar mais (pausa) por isso que vou pedir remoção daqui. Cansei, gente!!!

Prof^ª 04: Eu não sei o que vai acontecer!

Prof^ª 02: Já está acontecendo (pausa) tá tudo uma droga. E nós que somos ACTs, nem sabemos o que vai acontecer com a gente o ano que vem.

Prof^ª 10: A gente está muito cansada.

Prof^ª 05: O professor é um sofredor!

Prof^ª 06: Não é só o professor não, gente! é o trabalhador! Eu acredito que ainda a única coisa boa é o nosso trabalho (pausa) são as crianças (pausa) não é D.? A gente que está aqui faz tempo. Eu vou sentir saudades!

Prof^ª 02: Bom pessoal, vamos indo, já deu o horário!

Coordenadora: Antes de vocês irem, eu gostaria de falar que, apesar de vocês estarem com muita dificuldade de falar o que está bom (pausa) eu fiquei pensando o quanto é bom a gente ter este espaço aqui para trocarmos idéias (pausa) ter o apoio dos colegas (pausa) poder falar e falar do trabalho de vocês, pois, a M. comentou que o trabalho de vocês é uma coisa boa porque não falar dele também.

(Obs: as professoras começaram a levantar)

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS DA 14ª REUNIÃO

Nesta reunião, de um modo geral, a coordenadora tentou resgatar situações favoráveis que as professoras vivem na educação. Contudo, estas continuaram afirmando, por meio de desabafos, as decepções, as mágoas e as dificuldades que vivenciam no contexto escolar. Somente uma professora declarou que há algo positivo na educação: o trabalho com as crianças. Percebeu-se que a maioria das professoras participou das discussões dos temas de forma coesa e tranqüila; no entanto, as professoras apresentaram muita dificuldade em apontar os pontos positivos da educação.

A 15ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 15ª REUNIÃO

A décima quinta reunião ocorreu no dia 2 de outubro de 2005, às 17h20min, na biblioteca da escola onde a pesquisa foi realizada, com duração de uma hora e trinta minutos. A pesquisadora chegou 15 minutos antes de começar a reunião e, ao entrar na escola, notou novamente que o portão estava fechado com cadeado. Ficou aguardando alguém aparecer para abri-lo. A secretária ficava longe do portão e não tinha como chamar por alguém. Faltando cinco minutos para dar sinal, uma pessoa saiu da secretária e, ao ver a pesquisadora, pegou a chave do cadeado e abriu o portão. Posteriormente, a secretária pegou a chave da biblioteca e a entregou à pesquisadora, que dirigiu-se à sala para organizá-la e aguardar os professores.

Compareceram a essa reunião as professoras 02, 04, 05, 06, 08, 09 e 10. Os professores 01, 03 e 07 não estavam presentes, e ninguém justificou a ausência deles.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta Temática: a instabilidade das professoras ACT na rede estadual de ensino

A professora 10 propôs falar sobre o fato do Governo cogitar a dispensa das ACTs da rede estadual de ensino. Quatro professoras (04, 05, 06 e 08) concordaram com a proposta. A professora 04 relatou que ficou sabendo que as ACTs terão que fazer uma prova, e a 05 disse crer mesmo nisso e acrescentou que o diretor é quem decidirá quem lecionará na escola. A professora 08 comentou que a forma de admissão seria decidida no dia 30 de dezembro daquele ano. A professora 10 acrescentou que um ônibus levaria os professores e o pessoal da APEOSP (Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) à São Paulo, no dia 04 de outubro de 2005, para tentar lutar contra isso. As outras duas professoras (02 e 09) comentaram que não estavam sabendo de nada; mesmo assim participaram da discussão.

Prof^ª 10: O Governo quer mandar só as ACTs embora. Uma das líderes da APEOSP comentou.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 10: A APEOSP estava falando que ia ter uma reunião às 14h30min, lá perto da APEOSP, no sábado. Ela vai passar um monte de coisas para gente (pausa) que eles iriam votar nesta Emenda para dispensar os ACTs, ou seria de domingo para segunda ou na parte da segunda.

Prof^ª 08: Dia 30 de dezembro vai modificar todo tipo de admissão.

Prof^ª 04: Eu fiquei sabendo, T. A gente vai ter que passar por uma prova, as ACTs. Você está sabendo de alguma coisa M.

Prof^ª 06: É uma vergonha essa situação. Fiquei sabendo por alto.

Prof^ª 05: Não. Agora vai ser uma avaliação. Tipo assim: o coordenador não apresenta uma proposta pra entrar na escola? Eu penso (pausa) que deve ser desse estilo (pausa) uma proposta e o diretor vai escolher o professor. Pensa bem, o que vai virar.

Prof^ª 04: A gente não pode ficar de braços cruzados (pausa) a gente aceita tudo (pausa) a gente aceita tudo quieto e ninguém reage. Então a gente, a APEOSP tem que fazer alguma coisa para os ACTs.

Prof^ª 10: E disseram que vai de ônibus que tem gente lá dia e noite.

Prof^ª 02: Eu não ouvi falar nada. Eu não estou acreditando nisso que eu estou ouvindo! Não acredito!

Prof^ª 09: Eu também não sei de nada. Eu só sei que eu estou pra ser chamada Eu ainda sou ACT. O que será que vai acontecer?

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O concurso da rede estadual de ensino

A professora 04 propôs falar do concurso da rede estadual de ensino e relatou que os professores que fizeram 40 pontos passaram, mas não serão chamados. Três professoras (02, 09 e 10) concordaram com a proposta e acrescentaram que, para ser chamado, o professor precisaria ter um resultado excelente, pois a concorrência era grande. A professora 09 declarou que passou no último concurso, mas que ainda não foi chamada. As outras três professoras (05, 06 e 08) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 04: Gente! os que passaram com 40 pontos nem vai ser chamada, nem vai ser chamada. Eu sou realista, se tiver que passar com 40, 42 (pausa) o que teve de gente que passou com isso. O que vai ter de gente que não vai ser chamada? oh!

Prof^ª 10: Porque são 200.000 inscritos.

Prof^ª 02: Na televisão deu 250.000 inscritos.

Prof^ª 10: Foram 200.000 inscritos para 10.000 vagas.

Prof^ª 04: E não tem 10.000 vagas.

Prof^ª 10: Só entra cobra. Eu disse um dia antes do concurso, na sexta-feira, eu falei: “gente, quem tiver sabendo toda a Legislação, toda a bibliografia pode dar aula para doutores.”

Prof^ª 04: Para ser uma boa professora precisa saber tudo de São Paulo.

(silêncio)

Prof^ª 09: Que nem eu gente, eu passei neste último concurso e não fui chamada até agora.

Prof^ª 04: Não chamaram até hoje?

Prof^ª 10: O Governador fez esse concurso para limpar.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os problemas dos professores

A professora 09 propôs falar das dificuldades do professor e abordou os problemas da remoção. Cinco professoras (02, 04, 05, 06 e 10) concordaram com a proposta. A professora 02 relatou que, além do problema de saúde de seu pai, viveu muitas dificuldades na escola. A professora 10 comentou que às vezes vai sem vontade para a escola. A professora 09 discorreu sobre os problemas de indisciplina dos alunos do período da tarde. A professora 05 apontou a

necessidade de limpar a sala de aula. A professora 06 relatou que os alunos do Ciclo II mexem em seu armário. A professora 04 apontou o desânimo que sente em relação aos alunos problemáticos, e a 08 ficou em silêncio, prestando atenção no que as outras professoras falavam.

Prof^ª 09: A remoção é muito difícil.

Prof^ª 02: Sem contar, o lado que eu estava falando de doença, foi um ano muito ruim para mim, para elas. É meu pai doente, é comigo. Foi um ano desgraçado. Teve esse concurso (pausa) foi um inferno (pausa). Olhe gente! Eu estou sendo sincera, eu não tenho mais vontade de nada (pausa) de rir, de gargalhar (pausa) de tudo.

Prof^ª 10: Tem horas que eu venho, às vezes arrastada.

Prof^ª 09: O que está cansando também gente, são os alunos da tarde. Como eles brigam!!! eles apartam porque eu não consigo mais.

Prof^ª 05: Nós entramos na sala de aula e a gente tem que começar fazendo a faxina da sala, senão você não consegue ficar lá dentro. (...) tudo isso que vai acabando com o ACT. O que é isso!

Prof^ª 06: Tiraram todos os meus papéis (pausa) mexeram no meu armário.

Prof^ª 09: Qual é sua sala M.?

Prof^ª 06: Eu acho uma falta de respeito, o que eles fizeram na minha sala. Esses alunos do ginásio.

Prof^ª 09: São aqueles meninos da sétima. Eles mexem em tudo.

Prof^ª 04: Dá um desânimo com esses alunos. Eles vivem aprontando.

Prof^ª 05: Esses alunos estão acabando comigo.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A diretora da escola

A professora 04 propôs falar sobre o fato da direção da escola não tomar atitude diante dos problemas da instituição. Cinco professoras (02, 05, 06, 09 e 10) concordaram com a proposta. Cada uma relatou sua decepção com a diretora e, em geral, demonstraram não acreditar que seria possível estabelecer um diálogo com a diretora para tentar mudar essa situação. Além disso, comentaram a postura inadequada da diretora como educadora, ao chamar a atenção de alunos ou professores. A professora 06 relatou um problema que teve com a nova diretora por causa de um aluno. Comentou com os colegas que enfrentou a diretora mostrando sua autoridade na sala de aula. A professora 08 ficou em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 04: A gente vai falar com a diretora e ela não faz nada.

Prof^ª 06: Eu nem quero mais falar, não adianta (pausa) ninguém faz nada. Eu estou muito chateada. O povo vai chamando a atenção do professor de um jeito, de uma maneira. Eu estou muito triste.

Prof^ª 05: Eu não quero saber de mais nada (pausa) chega (pausa) eu não quero mais nada.

Prof^ª 10: O professor não é mais respeitado.

Prof^ª 06: Eu acho que todo mundo pode chamar a atenção de quem quiser, mas saiba chamar.

Prof^ª 04: Do que você está falando?

Prof^ª 06: Eu estou falando (pausa) você pode chamar a atenção de quem você quiser, mas dando “piti nervoso”, eu acho isso muito feio. Isso não é próprio do educador.

Prof^ª 02: Ah! Bom. Entendi.

Prof^ª 06: Eu já cansei (pausa) cansei.

Prof^ª 02: Eu estou achando que essa mulher, depois que ela entrou, o negócio começou a ficar assim. Eu posso estar enganada. Se for o que eu estou achando que (pausa) se a mesma coisa que a gente está falando porque pelo amor de Deus.

Prof^ª 09: Eu nem falo nada porque o ano inteiro, eu nem vi essa mulher.

Prof^ª 02: Aqui não adianta falar S.

Prof^ª 10: Aqui nada acontece.

Prof^ª 06: Aqui nada acontece para nós, do período da tarde (pausa) é só para nós. O nosso coordenador que na verdade nem nosso é porque ele já disse que não tem experiência com o pessoal do primário. Ele trabalha bem com o pessoal do ginásio (pausa) então pra nós, o que tem? Nada. Não que seja culpa dele, mas não tem coordenação pro primário.

Prof^ª 02: Eu vou te respeitar porque você está aqui muito mais tempo. Você conhece muito mais a cumbuca do que a gente.

Prof^ª 06: São só 16 anos aqui.

Prof^ª 05: Aqui embaixo na minha sala também os alunos mais velhos fazem a maior bagunça e ninguém fala nada.

Prof^ª 09: Quantas vezes, eu chego entre uma aula e outra e os alunos estão fazendo a maior bagunça e a R. me chama a atenção.

Prof^ª 06: Você não me conhece (pausa) eu não admito. Uma vez, esta diretora falou pra mim: “esse menino vai entrar, ele tem que entrar”. “Não!!! ele não vai entrar.” Ela falou: “você tem que deixar.” “Eu disse: “eu não tenho que deixar ele entrar na minha sala, eu não tenho que deixar entrar”. Ela não me peitou. Ela desceu com o menino. Na minha classe quem manda sou eu.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Relato da professora 06: as dificuldades do início da profissão

A professora 06 propôs falar das dificuldades que teve no início da profissão. Declarou que era ingênua e disse que, por causa da conduta inadequada de um professor, quase que ela e uma amiga ficaram sem aula. Duas professoras (02 e 04) concordaram com a proposta e fizeram várias perguntas sobre a situação, parecendo demonstrar interesse no caso. Três professoras (05, 09 e 10) ficaram em silêncio. A professora 08 não estava na sala, havia pedido para sair mais cedo.

Prof^ª 06: No dia 31 de junho ele voltava e eu e a B. não ganhávamos julho. Por lei, ele entrava como se fosse dar o último dia de aula do mês (...) aí nós tentávamos em agosto de novo. Aí vinha setembro e outubro e novembro, dezembro ele entrava de novo. Isso foi durante dois anos (...) a gente era nova.

Prof^ª 02: E ninguém fazia nada?

Prof^ª 06: Uma que eu nem sabia (pausa) estava entrando. Eu era boba. Por isso que eu falo, ninguém te fala, te ajuda em nada no Estado.

Prof^ª 04: Ninguém te avisa nada.

Prof^ª 06: Um dia eu falei: “isto está errado.”. A B. dobrava o período. Eu não podia por causa das crianças, mas eu fui falar com ele que não estava certo ele trabalhar em dois lugares e prejudicar a gente. Depois a G. sentou com a gente e explicou a nossa ida lá, o que poderia acontecer com ele, com a nossa ida. Mas nós não deixamos. Eu nunca quis prejudicar alguém.

Prof^ª 04: Por isso que a gente tem que fazer. Não é ficar falando, tem que ir e fazer.

6º MOMENTO O PROCESSO GRUPAL: As mudanças no ensino

A professora 09 propôs falar das mudanças no ensino. Comentou que a criança, a partir do ano seguinte (2006), entrará na primeira série com 6 anos. Quatro professoras (02, 04, 05 e 06) concordaram com a proposta, fizeram algumas perguntas e apresentaram suas experiências e opiniões sobre o assunto. A professora 10 ficou em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 09: Vocês viram? Agora vai mudar, com seis anos a criança tem que estar na 1ª série.

Prof^ª 05: É lei.

Prof^ª 02: O Estado tem que tomar conta dele.

Prof^ª 04: Eu não vou colocar o J.V. com 6 anos na 1ª série.

Prof^ª 09: Eu recebi um papel da escola particular do meu filho. Ele não tem condições de assumir. Eu vou ter que assinar um papel (pausa) um termo de responsabilidade.

Prof^ª 06: A criança aprende tanta coisa antes de ir para a primeira série.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas).

Prof^ª 06: A M., minha neta, é de setembro. Agora ela está na primeira série, está terminando. Nós colocamos com dois anos para brincar mesmo.

Prof^ª 09: Por causa de um ano. M.! como o meu filho tem condições de acompanhar. Ele está fazendo o jardim III pela segunda vez. Ele vai fazer sete no meio do ano que vem e vocês sabem dos problemas que teve. Com cinco anos, ele fez cirurgia do coração e tem problema motor.

Prof^ª 06: Pra que aprender letrinhas gente? Eu vou ficar quieta (pausa) porque (pausa).

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O dia da prova do concurso

A professora 02 propôs falar do concurso e declarou que desde aquele dia não conseguiu mais se recuperar; começou a chorar, lembrando as situações constrangedoras que viveu no dia da prova. Além disso, disse não se conformar com o fato do Governo querer tirar as ACTs da rede estadual de ensino. Duas professoras (05 e 10) concordaram com a proposta e começaram a discursar sobre o dia da prova. A professora 06, em tom de brincadeira, falou para a professora 02 que ela era “*um pouco exagerada*”. A professora 04 fez alguns comentários sobre o fato, e a professora 09 ficou em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 02: Tem hora que eu quero (pausa) não sou só eu (pausa). Patrícia, do dia do concurso para cá, eu não consigo mais me recuperar (começou a chorar). Eu estou sofrendo. Pareço um cão chupando manga. Eu lembro a gente sentada naquela sarjeta, com fome (pausa). Às vezes, eu fico me questionando se sou, só eu que sou a boca dura. Se sou, só eu que reclamo. Será que sou eu que estou infeliz?

Prof^ª 06: Você só é um pouco exagerada.

Prof^ª 05: Está todo mundo acabado.

Prof^ª 06: No meio do ano eu falei, parece que a gente está no final do ano.

Coordenadora: O grupo coloca um desgaste muito grande... (a coordenadora não conseguiu terminar de falar).

Prof^ª 04: Esse concurso deu o que falar.

Prof^ª 05: Não é C, nós duas.

Prof^ª 02: Eu comprei um cachorro-quente e era R\$4, acabou o dinheiro. Daquele dia para cá (pausa) as pessoas falavam com a gente “gente que é isso?”; “gente que é isso?”

Prof^ª 05: Na sarjeta, horrível.

Prof^ª 10: O calor estava insustentável. Aquelas salas superlotadas e os banheiros sujos, cheiravam mal (...).

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 15ª REUNIÃO

De um modo geral, pôde-se notar que as professoras falaram de diversos assuntos que estavam gerando ansiedade e angústia. A questão do concurso foi novamente abordada. Parecia que as professoras que não passaram no concurso estavam falando um pouco mais do sentimento e da decepção de continuar vivenciando a instabilidade de ser ACT na rede

estadual de ensino. De certa forma, houve, adesão às propostas temáticas por parte professoras.

A 16ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 16ª REUNIÃO

A décima sexta reunião ocorreu no dia 16 de outubro de 2005, às 17h25min, na biblioteca da escola onde ocorreu a pesquisa, com duração de 40 minutos. A pesquisadora chegou 10 minutos antes de começar a reunião e, ao entrar na escola, viu que o portão estava novamente fechado com cadeado. A inspetora de alunos estava perto do portão, com alguns alunos em fila. A pesquisadora perguntou se podia entrar para organizar a biblioteca, onde realiza pesquisa com o grupo de professores. A funcionária falou que só poderia abrir o portão na hora em que desse o sinal da saída dos alunos e acrescentou que esta era uma ordem da diretora. A pesquisadora ficou aguardando.

Após alguns minutos, a vice-diretora viu a pesquisadora e falou para a funcionária abrir o portão. A inspetora rapidamente abriu o portão e abaixou a cabeça. A vice-diretora perguntou como a pesquisadora havia passado o fim-de-semana e, posteriormente, entregou-lhe a chave da biblioteca. A pesquisadora se dirigiu à biblioteca, organizou a sala e ficou aguardando os professores.

Compareceram à reunião as professoras 02, 03, 04, 07, 08, 09 e 10. Os professores 01, 05 e 06 faltaram, e nenhum professor justificou a ausência deles.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta temática: a equipe técnico-pedagógica da escola

A professora 09 propôs falar da equipe técnico-pedagógica da escola e comentou que foi chamada a atenção da vice-diretora da escola porque os alunos estavam brigando no corredor, no momento em que os professores estavam trocando de sala. Essa professora também comentou do filho de uma funcionária que tinha problemas de disciplina, e que ninguém tomou atitude quanto a isto. A professora 09, em voz baixa, recontou o ocorrido para professora 10, que havia perguntado sobre o fato.

Duas professoras (04 e 10) concordaram com a proposta. A professora 04 relatou que os funcionários da escola dão atenção excessiva ao aluno, e que este age como se pudesse mandar nos professores. A professora 10 relatou o episódio que ocorreu entre o aluno em questão e um aluno seu. Três professoras (02, 03 e 07) não concordaram com a proposta e

começaram a falar de regime, remédios e ginástica. A coordenadora comentou que é difícil falar dos problemas da instituição. A professora 02 afirmou que está sem vontade de fazer qualquer coisa e que está muito cansada e preocupada com os pais e com o concurso. Apesar do cansaço e decepção com a educação, declarou que não se arrepende de ser professora, pois gosta das crianças, das brincadeiras e da escola. A professora 08 ficou em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 09: *Ontem, eu levei a maior bronca da R. Os meninos brigando na porta da sala de aula na troca de professor. Eu não tinha nem entrado na sala. Não gostei. Eu vou ficar pajeando marmanjos? Ele acha que ele é o dono da escola e depois tem a mãe dele. O que é isso? A gente já está no final do ano, cansada e agora eu vou ter que cuidar de marmanjos. Eles aqui passam a mão na cabeça dele.*

Prof^ª 04: *O pessoal não fala nada. Eles dão abertura. Ele acha que pode mandar na gente. Dão abertura na cantina, na secretaria e ele não é melhor que ninguém aqui.*

Prof^ª 10: *O que aconteceu S.?*

(Obs: a professora 09 começou a contar a história de novo para a professora 10)

Prof^ª 10: *Uma vez, eu chamei atenção dele porque ele estava provocando um aluno meu e ele falou que ia chamar a mãe.*

Prof^ª 02: *Vocês viram que a primeira-dama está elegante?*

Prof^ª 03: *Eu perdi medida. Eu vejo pela roupa.*

Prof^ª 04: *Eu me sinto muito inchada.*

Prof^ª 03: *Eu retinha muita água.*

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 07: *Eu estou fazendo regime, tomando remédios, mas eu sinto dormência na ponta dos dedos. Eu tenho muita cáibra.*

Prof^ª 04: *Ah! eu também tenho.*

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 03: *Eu estou fazendo academia porque senão, não adianta.*

Prof^ª 04: *Está acordada C.?*

Prof^ª 02: *Estou! Estou ouvindo. É que eu passei mal este fim-de-semana.*

Coordenadora: *Ouvindo vocês falarem, eu fiquei pensando desde a fala da S. o quanto é angustiante falar da instituição. A S. começou falando baixinho, baixinho (pausa) porquê será? O receio, o medo de alguém ouvir. É normal gente (pausa) e como o assunto é tão difícil de falar este foi desviado para outras situações. Tudo isto retrata as angústias que vocês sentem em relação à instituição e no meio disso tudo, eu fiquei pensando como está a sala de aula de vocês, em reta final, no meio de todo este tumulto?*

Prof^ª 02: *Eu não estou com mais vontade de nada. Sexta-feira, eu fui embora do curso, às 11h da noite. O dia todo fora, estou muito cansada. Preocupação com pai, mãe doente. Eu estou muito cansada. Este concurso também (pausa) mexeu muito comigo.*

(silêncio)

Coordenadora: *eu gostaria de retomar o assunto sobre a sala de aula. Eu gostaria de saber como está a sala de aula de vocês? Com todas essas mudanças que estão ocorrendo nesta escola.*

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A prática em sala de aula

A coordenadora propôs que os professores falassem sobre o trabalho em sala de aula. Duas professoras (02 e 03) concordaram com a proposta, mas as outras cinco (04, 07, 08, 09 e 10) não.

Prof^ª 02: *A minha melhorou muito, graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus. Melhorou em relação ao comportamento. Eles estão mais interessadinhos. Um que não lia, já começou a ler, pelo menos comigo, isso anima a gente. Para mim está bom, graças a Deus melhorou. Agora, que eles dão trabalho, dão! Quando eu falto, às meninas ficam doidas com eles. Coitadas, mas enfim, está indo!*

Prof^ª 03: A minha sala está um pouco melhor. Eles precisam se esforçar um pouco. (...) eles estão bem. Dá para terminar bem a 3ª série, meio devagar, mas vai. Quando eles estão muito desinteressados, apáticos, eu peço para a mãe levar no postinho e ver se não é verme (pausa) tomar remédio. É bom.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os alunos do MST

A professora 04 propôs falar dos alunos do MST. Três professoras (02, 09 e 10) concordaram e comentaram que eles estão faltando às aulas. Acrescentaram, ainda, que a falta de estruturas socioeconômicas e de higiene desses alunos é muito grande. Ao relatarem estes fatos, muitas professoras falaram mal, riram e pareciam desmerecer os alunos, com expressões de nojo. A professora 02, falando alto, observou que queria ir embora, e perguntou à coordenadora se já havia terminado a reunião. Três professoras (03, 07 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas

Prof^ª 04: Eu tenho aluno do Movimento. Tinha um que não tinha comido. Dá dó. Eles vivem pedindo as coisas.

Prof^ª 10: Ah! Gente, é uma desestruturas muito grande.

Prof^ª 04: É muito difícil.

Prof^ª 10: Na minha sala, o problema maior é que eles são do MST. Quando chove, eles não vêm a escola. A gente sente que eles progridem quando eles vêm. É ótimo, mas no dia que chove e o ônibus não vem (pausa). Outro dia, alguns foram no dentista. Outro dia, teve esta semana do feriado. Agora, esta festa. Vai truncando o trabalho.

Prof^ª 02: O jeito que eles vêm. Roupa toda suja. Menina que vem com calça de homem Os meus não são do MST e pelo amor de Deus (pausa) precisa ter higiene.

Prof^ª 04: No semestre passado, o último que veio na reunião disse que tem lá (pausa) é porco mesmo, mas eu tenho um aluno que vem limpinho de lá.

Prof^ª 02: Gente! pode abrir a porta um pouco?

(Obs: começaram a falar juntas e depois gerou um tumulto. A professora 02 grita na porta: “liberdade”)

Prof^ª 09: Numa festa que eu estava, o J.V. falou na hora que os Sem-Terra chegaram: “que cheiro horrível”. Gente, eu acho que eles não tomam banho. Vocês vão me desculpar, mas eu nem comi bolo.

(Obs: enquanto a professora 10 falava, algumas professoras conversavam em paralelo, alto e até gritavam)

Prof^ª 10: Eu dei mochila para alguns trazerem livros, cadernos e vocês sabem que a mãe pegou para carregar as coisas dos irmãos menores. O pai pegou para levar o almoço para o trabalho, o irmão mais velho pegou. Eles vêm de mãos abanando.

Prof^ª 09: Eles podiam vir limpinhos de casa. Um banho, antes de vir para escola relaxa. Eles brincam, correm, soam e tem adolescente que já até menstrua.

Prof^ª 02: Vocês já sentiram o cheiro?

Prof^ª 09: O cheiro é caótico! É caótico lá dentro. É complicado.

Prof^ª 02: Ah! Patrícia, pode ir? Já tá terminando? Acabou?

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando o assunto: “a prática de sala de aula”

A coordenadora propôs retomar o assunto “a prática em sala de aula”. Duas professoras (07 e 08), que ainda não haviam falado, concordaram com a proposta e discursaram sobre o rendimento e a disciplina de seus alunos. Apesar das dificuldades, elas disseram sentir que os alunos estão melhorando. A professora 02 acrescentou que elas desenvolviam um bom trabalho, mas sem o apoio da equipe técnico-pedagógica. Quatro (03, 04, 09 e 10) professoras estavam muito agitadas e mal prestaram atenção no discurso de suas colegas. A coordenadora

encerrou a reunião ao ver que os professores estavam se levantando e colocou que, apesar dos problemas institucionais, elas estavam conseguindo desenvolver um bom trabalho.

Coordenadora: *M. como está sua sala?*

Prof^a 07: *Eu tenho metade que está indo bem, mas têm alunos que não vão. Parece que não aprendem. Eu tenho oito alunos ou nove alunos que conseguem, que têm rendimento e os outros estão muito complicados. A gente vai levando.*

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Coordenadora: *peçoal, gente, sobre a sua sala. (Obs: a coordenadora não conseguiu terminar de falar)*

(Obs: enquanto a professora 07 falava, a professora 02 não parava de falar um minuto, alto e tinham alguns momentos que ela gritava. Às vezes a professora 09 falava, mas baixo. Já a professora 10 também colocava algumas coisas. A coordenadora tentou contornar esta agitação, mas elas falavam tão alto e parece que nem percebiam que outra pessoa está falando. Parecia que a professora 02 estava ignorando a colega que falava - Quando a professora 08 começou a falar, a professora 02 disse: "gente são 6 e 15, sem brincadeira, vamos embora?").

Prof^a 08: *Bom, a minha sala é mais ou menos os problemas (pausa) de disciplina, de interesse, mas dá para trabalhar. A maioria deu uma melhorada. As 5^a séries são as mais difíceis, mas eu acho que eles ainda estão se adaptando a mudança com tanto professor. Eles também são mais infantis. Isso é normal.*

Coordenadora: *o que eu percebo é que apesar dos problemas institucionais (pausa) pressão, angústia (pausa) o trabalho de vocês caminha bem. Esta situação, eu atribuo a capacidade de vocês. Vocês estão vivenciando um caos, mas vocês estão conseguindo trabalhar bem (pausa) por vocês... (Obs: a professora 02 não deixou a coordenadora terminar de falar)*

Prof^a 02: *Nós desenvolvemos um bom trabalho. Não por apoio técnico, mas sozinhas.*

Coordenadora: *Que bom que a gente está olhando para essas coisas boas que vocês estão construindo. Antes vocês não conseguiam olhar para nada de bom de vocês. As escolas do Estado estão vivenciando uma crise muito grande, poucas têm estrutura, poucas estão com condições adequadas.*

(Obs: A coordenadora encerrou a reunião, pois a maioria dos professores começou a levantar e a vice-diretora entrou e começou a conversar com os professores. As professoras estavam muitas agitadas. Falavam alto, quase gritando. Outras, falavam baixo e em paralelo. Não foi possível entender o que falavam).

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 16ª REUNIÃO

De um modo geral, pôde-se notar que, apesar da agitação, as professoras puderam expressar suas dificuldades em relação à direção da escola. Além disso, comentaram sobre o desempenho e o comportamento de seus alunos, relatando que estes estão acompanhando o ensino, apesar das dificuldades que possuem. Percebeu-se que a maioria das professoras, ao falar da falta de higiene de seus alunos, além de rir, demonstrou nojo dos mesmos.

A 17ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 17ª REUNIÃO

A décima sétima reunião ocorreu no dia 23 de outubro de 2005, às 17h30min, em uma sala muito pequena da escola onde pesquisa foi realizada, com duração de 40 minutos. A pesquisadora chegou 15 minutos antes de iniciar a reunião, e ficou esperando algum funcionário da escola aparecer para destrancar o portão. A vice-diretora saiu da secretaria e, ao ver a pesquisadora, voltou, pegou a chave do cadeado, abriu o portão e cumprimentou a pesquisadora educadamente. Esta pediu a chave da biblioteca, porém a vice-diretora procurou

em vários lugares e não a encontrou. Perguntou para os funcionários da secretaria e para a inspetora de alunos sobre a chave da biblioteca, mas ninguém sabia onde estava. Em seguida, a vice-diretora encontrou um molho de chaves e pediu que a pesquisadora tentasse abrir a porta da sala ao lado, porque esta tinha uma porta que dava acesso à biblioteca. A pesquisadora dirigiu-se à sala e ficou tentando encontrar a chave para abrir a primeira porta. Depois de alguns minutos, conseguiu abri-la e espantou-se ao ver que a sala era minúscula, escura e estava muito suja, com um computador em cima de uma mesa, uma mesa de pingue-pongue desmontada, encostada na parede, e várias cadeiras de plástico empilhadas. A pesquisadora procurou a chave que abriria a porta de acesso à biblioteca, mas não encontrou. Procurou novamente a vice-diretora e comentou não ter encontrado a chave. A vice-diretora perguntou se não poderia fazer a reunião naquela sala mesmo, pois não havia outro lugar disponível. Como a vice-diretora não deu outra alternativa, a pesquisadora concordou e foi rapidamente à sala para deixá-la em condições de receber os professores. A vice-diretora ficou de avisar aos professores que a reunião seria naquela sala. Ao entrarem na sala, as professoras comentaram sobre a sujeira, o tamanho da sala e também sobre o fato da instituição não disponibilizar a biblioteca para realização do trabalho. Parece que as professoras ficaram incomodadas com o fato de estarem apertadas, num local sujo e mal-iluminado. A professora 07 questionou o porquê de não fazer a reunião em uma sala de aula, e a pesquisadora ficou em silêncio. Compareceram à reunião, as professoras 02, 03, 04, 06, 07, 09 e 10, e faltaram os professores 01, 05 e 08.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta temática: a greve dos professores da rede estadual de ensino

A professora 02 propôs falar sobre a greve dos professores da rede estadual de ensino. Duas professoras (06 e 09) concordaram com a proposta e discursaram sobre a angústia que essa situação gera devido à falta de apoio da família dos alunos e a desunião dos professores. Comentaram também sobre a participação dos professores nas greves passadas e sobre a reposição das aulas feitas pelos PEB I (professor de educação básica - I ou professor de ciclo-I) e não pelos PEB II (professor de educação básica - II ou professor de ciclo-II). A professora 10 comentou que não sabia nada sobre o assunto. Três professoras (03, 04 e 07) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Profª 02: Vocês ouviram falar da história da greve?

Profª 06: Sempre a mesma conversa (pausa). Eu fico muito angustiada. A delegacia de ensino é a favor do Governo, é lógico! É contra o professor. A turma da secretaria não ajuda também.

Prof^ª 09: Depois os pais criticam. Hoje, eu escutei em outra escola uma mãe falando para uma secretária, jogando indiretas: “Gente! que absurdo, no final do ano, professora entrando em greve”. Eu nem sabia que ia entrar em greve.

Prof^ª 06: Não bem! É só a nossa classe, não precisa de mais nada. Se a nossa classe fosse unida, não precisaria de ninguém.

Prof^ª 02: É verdade!

Prof^ª 06: Ninguém segurava nós! Nós aqui (pausa) cada um vê o seu.

Prof^ª 02: Toda vez que tem greve (pausa). Quando teve aquela paralisação de três meses, eu ia para São Paulo. A gente ia, batia panelaço e quando chovia a gente comprava aquelas capas de chuva transparentes, enormes, horrorosas por R\$1. A gente fazia vaquinha porque tinha professor que não tinha dinheiro, a gente lutava. Aí a gente conseguia aumento e ficávamos felizes.

Prof^ª 06: Ai! Está vendo? Bons tempos.

Prof^ª 02: Aí a gente xingava: “sua babaca.”. Nós lutando. “Sua vaca.”. Nós lutando. “Você aí, sua ordinária, débil mental.” Tem que ter peito para ir e naquele tempo as diretoras largavam a escola.

Prof^ª 09: Pelo menos se fazia alguma coisa.

Prof^ª 02: A filha da puta não vai, não faz nada e ainda vai dar aula. Quebra o pau e pronto.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 09: Depois tem que fazer a reposição.

Prof^ª 02: Eu fico indignada. Tem gente que fica passeando, descansando em tempo de greve e parece que a gente é um E.T. de Varginha.

Prof^ª 06: Esse negócio de reposição, S. é uma furada. Você vai me desculpar. Agora eu vou falar. Quem repõe é PEB I (pausa) só, só PEB I que repõe, você me perdoe.

(Obs: começaram a falar juntas, muito alto, a voz de uma professora sobrepondo a voz da outra)

Prof^ª 06: É das vinte para uma, até seis e quinze e aí ainda se você sai antes... dois minutos que seja... porque saiu?

Prof^ª 02: Nós é que seguramos o ano letivo. Não importa se vêm os alunos.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: Eu cansei disso também. Eu cansei disso também. A greve em si é um momento certinho para terminar o ano letivo e não fechar nada.

Prof^ª 02: Gente! O povo daqui nem sabia da greve.

Prof^ª 06: Nós não sabíamos da greve. Eu não sabia também.

Prof^ª 10: Eu não sabia também.

Prof^ª 02: Tem gente aqui que nunca sabe de nada. O A. professor, também não sabia. Ele que é representante nunca sabe de nada.

Prof^ª 06: Não é Patrícia! você sabe o que é que tinha que fechar? (pausa) tinha que fechar tudo, secretaria, diretoria (pausa) não entregar nota. Tinha que fechar o portão porque é nessa greve que eu entro.

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os problemas dos professores na educação escolar

A professora 02 propôs falar dos problemas que os docentes vivenciaram na educação durante o ano: o concurso; a possibilidade de não - contratação dos ACTs; as trocas de direção; os alunos portadores de necessidades especiais; e os alunos do MST. Três professoras (06, 09 e 10) concordaram com a proposta e relataram os problemas que estão vivenciando, principalmente o da não - contratação dos ACTs.

A professora 06 pediu para a professora 07 pegar o caderno com a vice-diretora para que os participantes pudessem assinar o HTPC. Esta foi buscar o livro e pediu para ir embora, pois não estava se sentindo bem. Após sua saída da professora 07, a professora 02 começou a fazer comentários sobre a mesma. Duas professoras (03 e 04) ficaram em silêncio.

Prof^ª 02: Desgastante foi esse ano, nossa! como foi desgastante. Concurso, agora começou essa porcaria que está afetando o ACT

Prof^ª 06: Agora, essa história que corre solto, que vai mexer com a vida de muita gente, ninguém sabe de nada.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 10: Nem me fala. Eu já estou ficando preocupada.

Prof^ª 06: O que fizeram com a A. (pausa) ela estava em S. S., de S. S., ela mora lá (pausa) sempre deu aula, mas ficou sem aula. Eu não entendo dessa lei também. Esse caso da A.

Prof^ª 02: Eu falei para ela: “tem coisa errada aí”.

Prof^ª 09: Que absurdo! O que é isso?

Prof^ª 06: M., você já assinou? (pausa) *(Obs: a professora 06 se dirigiu à professora 07 e falou: Pede para a R. trazer o caderno?)*

(Obs: a professora M. falou que precisa sair porque não estava se sentindo bem. Quando ela saiu a professora 02 começou a falar)

Prof^ª 02: O que vem da parte dela, eu não quero saber. É a única que eu não gosto daqui e deixo bem claro. A única pessoa que eu não gosto daqui dentro. Eu não sou mentirosa (pausa) pode gravar e enterrar, meu sangue não bate com o dela. Sem falar que um dia ela foi no curso comigo, falou que eu falei mal da escola e ela quem tinha falado. Depois uma professora daqui, ouviu ela falando aqui que eu tinha falado e na verdade quem falou foi ela. É só ela não mexer comigo está tudo bem. Ela para lá e eu aqui.

(Obs: todas as professoras ficaram em silêncio)

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Os esclarecimentos sobre o término do trabalho de grupo

A professora 06 propôs perguntar à coordenadora do grupo sobre o término do trabalho. A coordenadora concordou com a proposta e esclareceu que as reuniões iriam até o final de novembro. A professora 02 afirmou que achava que o trabalho já estava acabando. A coordenadora respondeu que seriam mais três encontros e que depois seriam realizadas as entrevistas individuais de encerramento do trabalho. Quatro professoras (03, 04, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção no que estava sendo falado. A professora 07 pediu para sair mais cedo.

Prof^ª 06: Patrícia, antes da gente terminar este encontro, eu gostaria de saber até quando vamos com este trabalho?

Coordenadora: Devido aos feriados, nós iremos até novembro, no máximo até a primeira semana de dezembro. Nós teremos mais três encontros de grupos e depois faremos as entrevistas individuais.

Prof^ª 02: Desculpe te cortar, eu pensei que na semana passada, a gente já estava concluindo o trabalho.

Coordenadora: Eu já estou preparando o grupo para fechar o trabalho.

Prof^ª 02: Eu só queria te falar que os problemas familiares de cada uma aqui são sérios e muito sérios e é gozado que ninguém usou isso em momento nenhum, a gente só explode mesmo aqui por causa dos problemas da escola, desse esquema que a gente vive (pausa) desse Governo. Eu agüento trancos e barrancos, todo mundo sabe que a minha vida é difícil. Eu também não sou fácil. Eu só seguro as pontas porque eu sei que elas me levantam e eu agradeço. Eu sei que eu tenho um gênio difícil, mas se precisar de mim, eu sou pau para toda obra (pausa) elas que me põe pra cima porque esse ano foi terrível para mim (pausa) eu nunca vi tanta doença.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Coordenadora: Eu entendo o que você coloca C. Eu acredito que esse ano foi muito difícil para todos vocês.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O feriado

A professora 02 propôs falar do feriado do funcionário público. Três professoras (06, 09 e 10) concordaram com a proposta e outras duas (03 e 04) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 02: O ano passado, eu não sei se vocês estão lembradas, o dia do funcionário público juntou, juntou com outro dia.

Prof^ª 09: É!

Prof^ª 10: Eu lembro!

Prof^ª 06: Eu estava achando que o dia 1º era segunda-feira.

Coordenadora: Eu percebo que o grupo tem uma necessidade de falar de informações que estão incomodando, mas que são só colocações soltas. Não tem nada certo sobre as ACTs, concurso, feriado (pausa) a ansiedade é muito grande. Ninguém sabe o que vai ocorrer e isto angustia muito o grupo.

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Retomando o assunto “os problemas dos professores”

A professora 10 propôs falar que está acontecendo muita coisa ruim na escola e com o professor. A professora 06 concordou com a proposta e acrescentou que, apesar das coisas ruins, acredita que há um lado bom. A professora 02 demonstrou não ter mais esperanças. Três professoras (03, 04 e 09) ficaram em silêncio, prestando atenção nas colegas.

Prof^ª 10: Tem muita coisa ruim ocorrendo na escola e com o professor.

Prof^ª 06: (...) mas eu acredito no lado bom da coisa é quando a gente vê aquele professor doutor, lá do Butantã falando da vacina. Gente! o que aquele homem fez! Aí você fala que tem as pessoas que fazem e acreditam no que fazem, com honestidade.

Prof^ª 02: Eu não acredito em mais nada. Eu estou sem vontade. Perdi as esperanças. Não tenho mais esperança em nada.

Coordenadora: Precisamos valorizar e acreditar nas pequenas coisas que fazemos porque o sistema pode detonar com o ser humano. Aqui, vocês têm muitos problemas institucionais.

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A falta de consideração da equipe técnico-pedagógica da instituição em relação aos professores, alunos e profissionais que desenvolvem atividades na escola

A professora 06 propôs falar da falta de consideração da equipe técnico-pedagógica pelos profissionais que desenvolvem atividades na escola. A professora 02 concordou com a proposta e acrescentou outros problemas que estão ocorrendo na escola, os quais são muito sérios. Quatro professoras (03, 04, 09 e 10) ficaram em silêncio, prestando atenção.

Prof^ª 06: Você viu, não é Patrícia? como a M. R. (vice-diretora) ficou sem graça por causa da chave na semana passada?

Prof^ª 02: Você viu e sentiu o que a gente está passando? A gente não pode entrar na secretaria. O banheiro precisa pedir a chave para fazer xixi (pausa). Você vê Patrícia, hoje eu passei um carão, pois eu cheguei e a diretora falou que eu ia ter que ir num negócio dos figurões. Ela falou que eu ia fazer um passeio, não perguntou se eu queria, se eu podia. Chegando lá, era o pessoal de São Paulo. Então começaram a me perguntar: “Cadê a diretora?”. Eu falei: “não veio”. Então perguntaram: “Cadê a vice?”. Eu respondi que não tinham vindo e aí me perguntaram: “Cadê o coordenador?” Novamente, eu respondi que não veio.

Prof^ª 06: Que situação chata.

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A descrença em ser professor

A professora 02 propôs falar sobre uma pesquisa que defendia que, daqui a alguns anos, não haverá mais professor. Duas professoras (09 e 06) concordaram com a proposta. A

professora 09 disse que alguns professores estão exonerando do cargo. A professora 06 lamentou o equívoco do professor fazer isso. As outras três professoras (03, 04 e 10) ficaram prestando atenção no que as colegas falavam.

Prof^ª 02: Eu vi uma pesquisa que daqui a uns dez anos, não vai ter mais professor! Pessoal do Ensino Médio, Cursinho, não quer ser professor. Quem está começando agora, não quer.

Prof^ª 09: Os poucos que formam e prestam o concurso de PEB II exoneram.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: Nossa! Eu acho terrível a palavra exonerar. Gente, você passa num concurso e exonera. Eu sei de cada caso e eu fiquei tão triste (...) pessoas queridas, mas que não agüentaram.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

8º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: As satisfações do professor

A professora 06 propôs falar de uma experiência que teve em sala de aula com seus alunos, e que pareceu ser muito significativa. A professora 03 concordou com a proposta e também comentou de uma atividade que desenvolveu com os alunos e que foi muito gratificante. Supõe-se que, apesar dos problemas dos professores, as situações que acontecem na sala de aula demonstram que vale a pena continuar a ser professor. As outras quatro professoras (02, 04, 09 e 10) ficaram em silêncio.

Prof^ª 06: Eu falo, professor também é bicho bobo, eu acho. Hoje a D. me deu uma prova de Matemática para a 3ª série. Eu passei três probleminhas na lousa e falei: “quem souber fazer, faça. Se não souber espere que eu vou explicar.” Aí expliquei: “km, kg”. D. se você visse a maioria da classe fez todas as contas sem que eu explicasse. Eu fiquei tão feliz! Eu falei: “professor é bicho bobo”.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: É nessa hora que a gente fala: “ah! Meu Deus!” Eu fiquei encantada com as crianças D.!

Prof^ª 03: Eu dei uma prova lá na Prefeitura. Só que lá é 3ª série e aqui é 2ª. Eu passei os exercícios só que com um número menor (pausa) valores menores. Quando eu vi todo mundo fez.

Prof^ª 06: não é D., não dá satisfação?

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 03: Os meus conseguiram, eles não estão ainda bem alfabetizados e eu fiquei contente de ver.

Prof^ª 06: Eles também ficaram felizes, nossa! Isso para o professor também é uma coisa boa. Sabe, assim (pausa) precisa ver a alegria deles lerem, fazerem e entenderem.

Coordenadora: Que bom que vocês estão podendo olhar e se encantarem com as coisas boas que vocês fazem.

(Obs: enquanto a coordenadora falava, as professoras 02 e 10 falavam juntas e alto)

9º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O SARESP

A professora 02 propôs falar do SARESP. As outras cinco professoras (03, 04, 06, 09 e 10) não concordaram com a proposta e começaram a pegar as pastas e bolsas para irem embora. A coordenadora, ao perceber que as professoras estavam saindo, pediu para estas pensarem em situações vivenciadas em sala de aula para discutirem na semana seguinte.

Prof^ª 02: (...) e tem o SARESP (pausa) mais essa! Eu falei para eles que não vai cair como a gente tem ensinado e, tem várias formas de resolver o que a gente tem mostrado para eles. Ainda tem gente que fala mal de nós professores.

(Obs: as professoras riram e foram levantando.)

Coordenadora: Vamos lembrar antes de vocês irem embora que é bom falar das coisas boas do trabalho que vocês realizam e como tarefa para semana que vem, eu gostaria que vocês pensassem em situações de sala de aula que vocês vivenciaram, pode ser situações boas ou não e depois a gente, na semana que vem, vai trabalhar um pouco em cima disso.

Profª 02: Pode ser problema com aluno?

Coordenadora: Sim. Depois cada uma de vocês vai contar aqui no grupo.

Profª 06: Hoje, nós já começamos, não é D?

(Obs: ao terminar de falar a professora 06 começou a rir)

Profª 02: Nossa! mas nós temos tantos casos.

Coordenadora: Eu sei, que bom (pausa) pessoal até a semana que vem.

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 17ª REUNIÃO

De um modo geral, pôde-se perceber que no início da reunião as professoras estavam desanimadas, descrentes, angustiadas e tristes em relação às condições da educação. Parecia que elas estavam desejando que o ano letivo terminasse logo. Além disso, demonstraram ter vontade de abandonar a docência e o trabalho de grupo dos professores, talvez pelo fato deste as estar incomodando.

Percebeu-se, também, que existem conflitos entre alguns membros do grupo, e que estes não eram revelados nas reuniões.

Apesar de estarem pessimistas nessa reunião, algumas professoras tentaram mostrar esperança, por meio de experiências boas que ocorrem no cotidiano escolar, frutos do trabalho do professor e da capacidade das crianças.

A 18ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 18ª REUNIÃO

A décima oitava reunião de grupo ocorreu no dia 31 de outubro de 2005, na sala da professora 07, às 17h15min, com duração de 40 minutos. A pesquisadora chegou 10 minutos antes do horário da saída de alunos e ficou esperando que alguém abrisse o portão. A vice-diretora saiu da cozinha da escola e, ao ver a pesquisadora, foi até o portão abri-lo. Em seguida, a vice-diretora perguntou se a pesquisadora não se incomodava em realizar a atividade na sala da professora 07, pois a diretora queria que a biblioteca fosse usada apenas para uso da televisão e vídeo, para estudos e retirada de livros. Além disso, comentou que a mesma havia guardado a chave em sua gaveta.

A pesquisadora falou que não havia problema. Após o sinal, esperou os alunos saírem da sala de aula para pedir autorização à professora 07 para usar sua sala e organizá-la para a reunião. A professora respondeu afirmativamente e acrescentou que a vice-diretora já havia lhe avisado sobre o fato.

A pesquisadora entrou, organizou a sala e ficou esperando os professores. A professora 07 comentou que avisaria as professoras que estavam na escola que a reunião seria em sua sala.

Compareceram nessa reunião, as professoras 03, 04, 06, 07, 09 e 10. Ninguém justificou a falta dos professores 01, 02, 05 e 08.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Relatos de experiências de sala de aula: o exemplo da professora 09: problemas com um aluno

A coordenadora propôs as professoras que cada uma relatasse uma experiência que vivenciou em sala de aula, fosse a experiência boa ou ruim, com alunos, com outra professora, com a família dos alunos, ou com a direção da escola. Todas as professoras concordaram com a proposta.

A professora 09 relatou uma situação que vivenciou na escola onde a pesquisa foi realizada, e que envolveu um aluno, a mãe deste, que é funcionária da escola, e a vice-diretora. Três professoras (04, 06 e 07) fizeram alguns comentários e perguntas sobre o assunto. Duas professoras (03 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Coordenadora: Nós tínhamos combinado uma atividade para hoje. Cada professor ficou de pensar uma situação de sala de aula (pausa) pode ter sido uma experiência boa ou ruim. Pode ter ocorrido com aluno, pais, direção, coordenação e até com algum professor.

Prof^ª 09: Eu tenho aquele caso do aluno V. Ele saiu da sala e bateu num garoto, lá fora. Perto da mãe dele que é funcionária aqui e, perto da diretora e foi a mãe que separou, depois a R. (vice-diretora) falou que qualquer coisa que acontece dentro da sala de aula, o professor tem que resolver. Mas não foi na sala de aula e hoje aconteceu de novo, só que tinha pouco aluno. Ele resolveu não fazer atividade e a inspetora foi lá pediu. Falou que ele disse que queria ir na quadra, e por fim ele ficou atormentando, mexeu tanto com um dos meninos e acabou jogando uma cadeira.

Prof^ª 04: O duro que atormenta. Se ficasse sem fazer nada e não atormentasse estava bom.

Prof^ª 09: Ele atrapalha.

Prof^ª 06: E aí? O que virou?

Prof^ª 09: Não virou, continuou a fazer bagunça. Pegou um bolo de papel e ficou chutando, provocou os alunos.

Prof^ª 06: Você não tomou a bola dele?

Prof^ª 09: No final (pausa) deu o sinal.

Prof^ª 06: Manda o V. para mim para você ver.

Prof^ª 07: Eu trabalhei com V. o ano passado, eu não tive problema com ele.

Prof^ª 06: Nem eu.

(silêncio)

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Relatos de experiências de sala de aula: os exemplos da professora 07: problemas com uma diretora e com a professora de sua filha

A professora 07 contou dois casos às colegas. O primeiro foi referente à situação em que a diretora ficou “vigiando” seu trabalho, depois que a irmã de dois alunos reclamou dela. O segundo caso envolveu sua filha, que estudava na mesma escola onde lecionava; a

professora relatou que um aluno queria bater em sua filha, e nem a professora da filha nem a diretora da época tomaram alguma atitude.

Duas professoras (06 e 09) fizeram algumas perguntas sobre os exemplos que a professora 07 contou. Posteriormente, a coordenadora pediu para esta docente escolher um dos casos, e ela teve muita dificuldade em fazer a escolha. Três professoras (03, 04 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^ª 07: *O ano passado (...) que eu saiba, eu fiquei sabendo, bem depois que a irmã dos gêmeos que eram meus alunos veio aqui de domingo que era o dia que a diretora estava aqui de manhã o ano passado e reclamou da minha pessoa que eu tinha mandado os irmãos para o reforço. Ela achou ruim. Depois os pais vieram e reclamaram da minha pessoa, aí eu fiquei sabendo que estava sendo feita toda uma investigação da minha pessoa, do meu trabalho, do meu comportamento, por causa da reclamação dos pais. Então eu tive visita da direção, da coordenação na sala de aula e eles pegavam, olhavam os cadernos dos meus alunos e eu não sabia o que estava acontecendo.*

Prof^ª 09: *E como você ficou sabendo que estava sendo vigiada?*

Prof^ª 07: *Depois, me falaram. Foi uma colega daqui. Agora, aconteceu um outro caso comigo aqui. Eu fui conversar com eles que o N. ficava se esfregando na minha menina e eles não fizeram nada. Eu fiquei sabendo também que a professora na época reclamou para a Diretora da escola que era a A. A diretora que na época também disse que a minha menina era muito enjoada, nojenta e que ninguém podia encostar nela. A ordem de casa era se o menino encostar era para rachar a cara dele mesmo. Aí, o pai dela veio conversar com a professora (pausa) chegou aqui e eu não sei se o N. não sabia pegou minha filha e encaixou nela com o pai aqui na porta. Aí o pai dela falou pra mim: “ou você toma atitude ou quem toma sou eu”. Como eu vi que a situação estava tomando outros caminhos que não eram bons e eu tinha outros planos para minha filha, eu peguei ela e eu levei para minha sala e ninguém veio me perguntar porque ele estava na minha sala. Nem a d diretora, nem a professora e nem a coordenação. Ninguém perguntou para mim. Eu também nunca dei satisfação. Acabou assim (...) chegou o final do ano (pausa) mesmo que eu quisesse deixar a menina aqui, eu jamais poderia deixá-la continuar estudar aqui. Nem se eu quisesse.*

Prof^ª 06: *Sinceramente... (Obs: a professora 07 não deixou a professora 06 falar)*

Prof^ª 07: *(...) depois, eu fiquei sabendo que tinha sido posto isso na reunião (...). Pra ajudar a sala que ela estava era muito problemática A professora não ensinava. Eu tive muitos problemas por causa disso na escola.*

Coordenadora: *Desses dois casos, qual você escolheria para a gente trabalhar?*

Prof^ª 06: *Eu lembrei de um caso, mas a M. não falou. M. você não falou o que é Patrícia te pediu. Você não falou.*

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^ª 06: *Qual o caso que você escolhe?*

Prof^ª 07: *Ah! Então tem o caso do V.*

Prof^ª 06: *Não M.! Não! Você não está entendendo! Tem um caso dos gêmeos e o da sua filha, você contou esses dois. M., em que planeta você está? Você está muito desligada. Acorda.*

Prof^ª 07: *Eu acho.*

Prof^ª 06: *Escolhe um M., vamos M.*

Prof^ª 07: *Ah! Tudo bem. Se eu escolher o caso da minha filha, eu colocaria o meu lado de mãe (...).*

Prof^ª 06: *Mas, qual desses casos te marcou mais? Não é Patrícia?*

Coordenadora: *Sim! Talvez você não percebeu a emoção que você contou ao falar dessa situação que viveu.*

Prof^ª 07: *Agora, eu acho muito grave profissionalmente. Eu vou falar profissionalmente, o caso dos gêmeos.*

Prof^ª 06: *Também foi uma agressão.*

Prof^ª 07: *Profissionalmente (pausa) eu colocaria o nome da menina de lado. Pelo lado pessoal, eu deixo esse da menina e escolho dos gêmeos.*

Coordenadora: *M., independentemente da escolha pessoal, neste caso da sua filha, se você quiser escolhê-lo, fique à vontade porque também foi uma situação que você viveu nesta escola.*

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Relatos de experiências de sala de aula: o exemplo da professora 06: problemas com o pai de uma aluna

A próxima professora a contar uma experiência que teve na escola foi a professora 06. Esta teve um problema muito sério com o pai de uma aluna da escola onde a pesquisa foi realizada. Quatro professoras (04, 07, 09 e 10) fizeram algumas perguntas e comentários sobre o assunto. A professora 06 comentou que não se conformou com a falta de respeito e profissionalismo da diretora que estava na escola na época. A professora 03 ficou em silêncio, ouvindo as colegas.

Profª 06: *Gente!! eu vou contar um caso que ocorreu comigo, no ano passado, atrasado (...) eu vou contar este porque eu fiquei muito amargurada. Eu tinha uma aluna, a M. eu acho que a D. chegou a conhecer, mas depois ela foi embora. É a J. Uma menina pequenininha. Uma gracinha de criança. Mas, ela tinha um problema, ela faltava demais. Criança que falta demais sempre me incomoda porque você pode estar fazendo um trabalho e ele fica truncado. A criança chega e fica perdida e atrapalha o andamento da sala. Eu falava: “J. porque você falta desse jeito? Não pode.” E ela falava: “ah! Eu fui à cidade.” Eu falava: “J., é meio de semana, não é para ir para o centro da cidade.” Eu faço todo trabalho com minhas crianças... (Obs: a professora 04 não deixou a professora 06 terminar de falar)*

Profª 04: *Vai mais cedo.*

Profª 06: *Não é bem isso! Quando a criança estuda, à tarde, se não tiver tarefa pode ir pela manhã. O compromisso é com a escola. Ela tem a obrigação como eu. Eu tenho que passar essa responsabilidade para eles. Aquilo foi me deixando (pausa) tanto é (pausa) ela faltava demais e um dia eu fiquei muito brava com ela e ela falou: “ah! Professora, eu fiquei doente.” Eu falei: “olha J., em função de tudo que vem ocorrendo, eu não posso acreditar, infelizmente porque você já faltou tanto. Agora, eu não acredito que você está doente. Você faltou muito à toa que agora você é (pausa) não sei. E vamos encarar o assunto. Eu também falei: “a falta prejudica você e tem mais, eu vou comunicar o Conselho Tutelar, se essa situação continuar. Eu vou pedir para eles irem lá na sua casa conversar com seu pai.” Aí deu mais ou menos uns quinze dias eu estava lá, dando minha aula a J. fez uma carinha, era muito engraçadinha, aí ela falou: “meu pai”. Eu nunca tinha visto o pai dela nas reuniões com a mãe. “Que bom que ele está aqui J. Para ver como você está indo.” Menina você precisa ver como o homem veio para cima de mim, ele veio super bravo. Ele falava: “se eu estava pensando que ela não tinha família, mandar o Conselho Tutelar! O que é que eu estava pensando”. Patrícia! eu levei um susto tão grande e eu fui tão receptiva. O homem foi falando que eu tinha virado as costas para a filha dele, que a filha dele estava falando e eu não acreditei na menina. Aí eu fiquei nervosa e eu quis comentar junto com ele, aí eu parei. Eu o chamei perante a sala e fiz umas perguntas para classe responder para ele: “que dia que eu virei as costas para vocês? Conta para ele? J. fala para seu pai, conta para seu pai, quando foi isso? Pergunte a classe porque se eu fiz isso eu quero que vocês me falem”. “Não professora! quando que vocês me falaram de alguma coisa que eu virei as costas para vocês? Fala para esse pai, ele está aqui na classe. Que eu fico brava, eu fico sim muito brava. Fale para ele. As crianças estão aqui pra dizer (pausa) fico brava ou não fico? Todo mundo fez que sim com a cabeça”.*

Profª 10: *Mas porque não veio coordenação, direção com ele?*

Profª 06: *Não veio ninguém! Patrícia aquilo me magoou tanto.*

Profª 10: *Como ele entrou?*

Profª 06: *Eu falei: “olha pai, você perdoa, eu estava achando que eu estava fazendo o bem para sua filha, você não entendeu a minha colocação (pausa) aqui todos são iguais. Os meus filhos, eu cuido deles (pausa) eu cuido deles como se fossem meus filhos. Agora se o senhor não quiser, eu lavo as mãos. O senhor nunca veio numa reunião. O senhor veio aqui só para me falar do Conselho Tutelar? Se o senhor quiser saber, eu vou mandar o Conselho Tutelar falar com o senhor se ela continuar faltando porque a minha preocupação é com a sua filha que o senhor deixa faltar tanto? Ela é uma criança”.*

Profª 04: *É! ela uma criança.*

Profª 06: *“Se ela falta é porque vocês deixam.” eu fiquei (pausa) vocês imaginam (pausa). Eu fiquei amargurada porque em vinte anos, foi a primeira vez que um pai veio aqui. Eu preocupada com o filho dele... ele veio aqui me chamar à atenção (pausa) aí eu desci ventando pra direção: “na hora que eu preciso de alguém, eu nunca tive ninguém aqui na escola”.*

Profª 04: *Quem deixou ele subir?*

Profª 06: *Não sei! E se ele (pausa) mas ele estava feroz. Patrícia.*

Prof^o 07: *E se ele acha que é macho e se ele traz uma arma.*

Prof^o 06: *M., ele estava muito bravo comigo por causa do Conselho Tutelar. Eu falei: “o senhor pai fique à vontade, eu não tenho nada a esconder do senhor. Faz muitos anos que eu dou aula.” A única coisa que eu falei é que eu estava conhecendo ele naquele momento (pausa) “mas quanto tempo eu estou (pausa) eu sou professora da sua filha (pausa) quantas reuniões que eu já fiz, o senhor nunca apareceu”.*

Prof^o 07: *Eles nunca podiam ter deixado ele subir.*

Prof^o 06: *Ele falou que estava sempre na cidade. “Pai que é isso pai! o primeiro lugar da sua filha é dentro da escola de criança. Eu tenho responsabilidades com eles, eu quero que eles tenham comigo (pausa) eu não falto” aí eu me exaltei e ele viu, viu que eu estava (pausa) as crianças todas pararam para ver (pausa) lógico.*

Prof^o 07: *Era na época da A.?*

Prof^o 06: *Não sei (pausa) não (pausa) quem era antes da A. Eu não sei, já passaram tantas (pausa) por aqui estava aquela troca (pausa) e lá na direção, eu falei: “a partir de hoje, eu não quero um pai na minha porta e aí se alguém deixar subir (pausa) se vier, me chamam que eu atendo (pausa) vocês não viram, ele podia ter vindo armado. Ele podia vir para cima de mim. E se fosse, eu não sei o que poderia acontecer”. Uma que eu não estava esperando (pausa) aquele monte de crianças, eu não sei o que ele poderia ter feito. Eu acho que o fato de eu ter tratado bem ele desmontou um pouco ele. Na hora que ele falou (pausa) ele usou um termo que eu desfiz da filha dele que ela falou que eu não acreditei e eu falei mesmo: “eu não posso acreditar na sua filha, olha as faltas dela pai”. Por isso eu falo tem criança que não pode passar gente. A gente tem que ter tudo documentado.*

Prof^o 04: *Se tem uma coisa que Posto de Saúde não nega, é o atestado médico.*

Prof^o 06: *Eu falei para ele: “cadê o atestado, pai?” E ele respondeu: “eu tenho todos”. Fui eu quem desarme o pai com meus argumentos e com a minha atitude.*

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Relatos de experiências de sala de aula: o exemplo da professora 10: a aluna portadora de necessidades especiais

A professora 10 comentou a situação que havia vivenciado, há pouco tempo, na escola onde a pesquisa foi realizada e que envolvia uma aluna portadora de necessidades especiais. A professora 06 declarou que ninguém estava sabendo dessa situação e relatou que todos ficaram assustados e preocupados quando souberam do fato. Quatro professoras (03, 04, 07 e 09) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Prof^o 06: *Quem gostaria de falar agora?*

Prof^o 10: *Em todos os meus anos de trabalho (pausa) esse descaso, essa falta de respeito, de profissionalismo. A gente está aí, sem saber onde está. Não estamos aí se reciclando (pausa) não está valorizando o professor como ser humano, como um qualquer que está ali e tem que ser mandado e tem que seguir o que eles mandam e por outro lado eu acho assim, como é uma situação que não ocorre todos os dias, eu acho que eles deveriam ter se preparado primeiro, preparado o professor para depois colocar os problemas como foi colocado. Eu jamais faria isso pra ninguém. Eu não desejaria isso pra nenhum profissional. Eu não desejaria isso para ninguém. O que acontece para mim, não desejo nem para o meu maior inimigo. Gente! foi horrível o que aconteceu comigo (pausa). Essa situação dessa garota na cadeira de rodas. Eu estava achando que todo mundo da escola estava sabendo. Eu estava tão desesperada que eu pensei que não era só eu que estava sabendo.*

Prof^o 06: *Mas, ninguém sabia T. Pegou todo mundo de surpresa.*

Prof^o 10: *Eu não sabia. Foi uma coisa terrível gente! vocês não imaginam o que eu passei.*

Prof^o 06: *Primeiro que foi coincidência demais, a gente ter conversado sobre isso no grupo, e no outro dia aconteceu com você.*

Prof^o 10: *No outro dia, no dia anterior.*

Prof^o 06: *A D. que me chamou atenção: “eu acho que a T. está achando que a gente estava sabendo.” Mas, eu falei para ela: “imagina que ela pensou isso”.*

Prof^o 10: *Eu pensei, a gente está chegando a um....(Obs: a professora 06 não deixou a professora 10 terminar de falar)*

Prof^o 06: *Por isso que eu falo, quando a coisa pega, a gente no susto fica sem reação. (silêncio)*

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Relatos de experiências de sala de aula: o exemplo da professora 04: briga na escola

A coordenadora, ao ver que a professora 10 havia terminado de falar e que o grupo ficou muito tempo em silêncio, perguntou à professora 04 se esta gostaria de compartilhar com as colegas alguma experiência marcante vivenciada em sala de aula. A professora 04 contou a experiência que teve em uma outra escola em que trabalhava, quando presenciou a briga de uma mãe e uma filha, que era aluna da escola. Além disso, comentou que estava grávida na época e que aquela cena lhe fez muito mal. A professora 06 fez algumas perguntas e colocações sobre o assunto. Após o término da fala da professora 04, as professoras 03, 06, 07, 09 e 10 começaram a arrumar o material e pegar suas bolsas para irem embora.

Coordenadora: Mais alguma coisa T.?

Profª 10: Não! É isso!

(silêncio)

Coordenadora: D. tudo bem ser você agora?

Profª 04: Esse ano?

Coordenadora: É! você está aqui este ano. Você teria algum caso que vivenciou, que gostaria de falar pra gente? Alguma situação de sala de aula que ocorreu?

Profª 04: Eu acho assim (pausa) toda a escola tem a mesma situação, o mesmo procedimento, o descaso (pausa) quando você precisa: “ah! Amanhã, depois”. (...) agora, o que me marcou, é que um dia que eu estava grávida, eu estava dando aula na periferia. A menina sempre (pausa) naquele (pausa) a menina chamava A. Aí não, é sei (pausa) eu chamava a mãe, mandava recado e nada. Ela não fazia tarefa (pausa) a menina era meio esquecida (pausa) não sei o que (pausa) aí ela começou a se envolver com um menino, ele até foi morto por causa de droga. Aí, tinha um R\$50 numa bolsa, eles dividiram e ela ficou com uma parte (pausa) disseram (pausa) isso é muito sério (pausa) aí ela ficou sabendo e foi lá no pátio, tirou os sapatos, mas deu tanto nela, mas tanto, eu estava grávida, mas ela deu tanto na cara da menina (pausa) tapa na cara. Eu acho que ela juntou todo aquele tempo que a menina estava fazendo de errado (pausa) ela usou todo o tempo que não ia na reunião (pausa) sapatada na cara (pausa) ela não lia bilhete (pausa) ela não tava ciente de nada. (...) se eu não tivesse grávida, eu ia pra cima, aí eu chamei as crianças (pausa) elas estavam todas abraçadas bem num canto (pausa) ela dava tanto na cara (pausa) aquilo, eu fiquei tão assim (pausa) tapa na cara (pausa) eu achei humilhante, na frente das crianças (pausa) isso não se faz, não é assim que vai corrigir. Eu falei para mãe, não é assim e ela falou que ela precisava criar vergonha na cara e eu falei que isso era lá de casa que ela precisava orientar em casa... ela precisava ser orientada o que devia fazer e o que não devia fazer “é lá que a senhora deve (pausa)”. Eu falei para chamar a direção, coordenação e não tinha ninguém na escola (pausa) pedi para os colegas. Eu tinha uma criança tudo que a menina fazia a mãe passava a mão na cabeça. Tudo que ela fazia estava certo e quando chamava a atenção dela, ela não gostava e não admitia. A mãe quando cobrava dela (pausa) isso tudo no mesmo ano (pausa) aí ela jogou a carteira.

Profª 06: Como assim? O que ela jogou? O que?

Profª 04: Era uma série muito difícil. Ela jogou a carteira.

Profª 06: Carteira?

Profª 04: Jogou. Uma menina de nove anos nunca ninguém tomou atitude e a direção não gostou. Eu não passei. A diretora não gostou que eu não passei. Nunca fizeram nada. Não ia resolver nada. Ela não gostou que eu não passei (pausa) gente, eles acharam ruim que eu não passei.

Profª 06: Não D.! você deveria ter passado.

Profª 04: Passar? Passar não estava resolvendo nada.

Profª 06: Mas, teria que ter passado, mas ele saberia o que estava acontecendo (pausa) eu acho que aí, assumir esta responsabilidade sozinha, professora? Essa agressão física muito (pausa) a agressão, aí minha filha, pelo amor de Deus.

Profª 04: Isso foi um ano e essa menina foi no ano posterior, anterior, uma coisa assim (pausa) foi dois anos seguidos. Assim (pausa) a menina não respondia nada, essa respondia (pausa) essa que me jogou água.

Coordenadora: E destes casos com você escolheria?

Profª 04: Ah! O da menina que apanhou, foi muito forte, ainda mais que eu estava grávida, a gente fica mais sensível (pausa) eu já sou assim, eu já vejo uma cena assim, eu fico chocada (pausa) eu estou evitando de assistir coisas tristes, eu fico deprimida (pausa) mesmo!

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Encerramento da primeira etapa da atividade: a escolha de uma experiência das professoras

A coordenadora explicou que “contar uma experiência vivenciada em sala de aula” foi a primeira etapa da atividade que faria com os professores, pois haveria uma segunda etapa do trabalho. A professora 06 comentou que precisava ir embora, e perguntou se a coordenadora não poderia deixar para a semana que vem.

A coordenadora respondeu que a realização da segunda etapa do trabalho ficaria, então, para a próxima semana, mas, antes de encerrar o encontro, solicitou que as professoras escolhessem um dos casos daquela reunião para ser trabalhado na próxima semana. Duas professoras (06 e 07) concordaram com a proposta e, após discutirem o assunto, ficou resolvido que o caso a ser trabalhado seria o da professora 10, por se tratar de uma experiência que ocorreu na própria escola e que deixou todos os professores revoltados. Quatro professoras (03, 04, 09 e 10) indicaram concordar com esta situação ao acenarem com a cabeça.

Coordenadora: De todos os casos (pausa) vocês estão indo embora? (*Obs: a coordenadora falou isso porque as professoras começaram a arrumarem o material, a M. colocou a bolsa no ombro. A coordenadora olhou para o relógio e eram 18h05min e o HTPC terminava às 18h15min. Por uma questão de tempo, não seria possível realizar a segunda etapa do trabalho.*)

Profª 06: A gente precisa.

Coordenadora: É (pausa) é que tem a segunda parte do trabalho.

Profª 06: dá para deixar para semana que vem?

Coordenadora: Tudo bem! Então, antes de vocês irem, eu gostaria que vocês escolhessem um dos casos que foram falados.

Profª 06: É muito difícil escolher Patrícia. Vai ser difícil escolher, pois cada um tem a sua (pausa) da T. foi um choque (pausa) dessa menina, a D. grávida, ver alguém apanhar (pausa) da M. aquela situação dos gêmeos, fica difícil. Eu também levei uma bordoadada que nunca levei na minha vida.

Coordenadora: O que o grupo acha?

Profª 07: Eu acho que a pessoa tem que aceitar, se seu caso for escolhido (pausa) acho que tem que ser o caso daqui (pausa) aí a D. acaba caindo. Eu não sei que vocês pensam?

Profª 06: Então, eu acho que tem que ser o relato da T., pois envolve a questão da inclusão. A T. sofreu muito (pausa) eu estou falando eu.

Coordenadora: Eu entendi (pausa) não que os outros casos não sejam importantes, para mim todos os casos são significativos, mas vocês precisam escolher um.

Profª 06: Eu já escolhi (pausa) eu posso sair?

Profª 07: Para mim tudo bem... fica... o da T.

Coordenadora: o que vocês acham D., T. S.?

(*Obs: as professoras concordaram com a cabeça*)

Coordenadora: Fica então a experiência que a T. teve?

Profª 06: Gente, não é que eu escolhi... eu não quero interferir na escolha, tudo bem?

Profª 07: Fica (pausa) eu acho que é a coqueluche do momento.

Profª 06: Isso mesmo.

Coordenadora: Então (pausa) até a semana que vem.

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 18ª REUNIÃO

De um modo geral, pôde-se perceber que todas as professoras aderiram à proposta da coordenadora ao relatarem situações marcantes vivenciadas em sala de aula com alunos, pais ou direção. A grande maioria dos relatos estava relacionada com experiências vividas na escola onde a pesquisa foi realizada.

Por falta de tempo, não foi possível explicar e nem desenvolver a segunda etapa da atividade que seria o *role-playing* (interpretação lúdica de papéis).

A 19ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 19ª REUNIÃO

A décima nona reunião ocorreu no dia 19 de novembro de 2005, às 17h45min, na sala de aula da professora 07, com duração de 30 minutos. A pesquisadora chegou 10 minutos antes de começar a reunião, entrou na escola e ficou aguardando que abrissem o portão. Após alguns minutos, a vice-diretora, ao ver a pesquisadora, encaminhou-se ao portão para abri-lo. Em seguida, a vice-diretora perguntou se a pesquisadora se incomodava em novamente realizar o encontro com os professores na sala da professora 07.

Ao ouvir o sinal, a pesquisadora dirigiu-se à sala de aula, esperou os alunos saírem e pediu licença à professora 07 para usar sua sala. Enquanto estava terminando de arrumar a sala, a vice-diretora entrou e falou que os professores demorariam um pouco, pois precisavam conversar com um funcionário do banco. A pesquisadora respondeu que aguardaria.

As professoras chegaram às 17h45min e pediram desculpas pelo atraso. Estavam presentes nessa reunião, as professoras 03, 04, 05, 06, 07 e 08. Ninguém justificou os motivos das faltas dos professores 01, 02, 09 e 10.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta temática: Relatos de experiências de sala de aula: retomando o encontro anterior

A coordenadora propôs que as professoras resumissem o encontro anterior para aqueles que não puderam comparecer. A professora 07 concordou com a proposta e relatou o que foi discutido. O restante do grupo ficou em silêncio.

A coordenadora propôs que cada professora compartilhasse com as colegas o exemplo que comentou no grupo. Além disso, afirmou que as que não estavam presentes poderiam contar algum fato marcante vivenciado em sala de aula. Duas professoras (07 e 06) relataram seus casos. A professora 04, por outro lado, não concordou com a proposta da coordenadora,

afirmando não se lembrar do caso que havia contado e reclamando que não estava se sentindo bem e tinha uma prova na Faculdade à noite. A professora 07 lembrou do caso da professora 04; porém, esta não demonstrou interesse em continuar a história. Três professoras (03, 05 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo as colegas.

Coordenadora: Vamos começar? Alguém gostaria de contar para as colegas que não puderam comparecer, o que nós trabalhamos a semana passada?

Prof^ª 07: A gente falou que (pausa) conversamos sobre situações que nós vivemos nas escolas. Cada uma contou um caso da prática de sala de aula. Eu contei dois.

Coordenadora: Seria interessante cada uma de vocês que veio semana passada, rapidamente compartilhar com as colegas, o exemplo que trouxe para o grupo. Depois a E., D. e a R. se quiserem colocar algum fato que vivenciaram em sala de aula que marcou seu trabalho de professora fiquem à vontade.

Prof^ª 07: Eu contei dois problemas que eu tive neste colégio, que envolveu a Direção. O primeiro foi com aluno. A irmã veio reclamar de mim e aí a direção, coordenação começaram a me vigiar. Não gostei! Achei muito, ou melhor nada profissional. O outro caso foi um problema com minha filha, mas este caso, Patrícia, você me desculpe, mas eu não quero repetir mais esta história.

Coordenadora: Tudo bem, alguém quer continuar? M. fique à vontade. Gostaria de falar agora.

Prof^ª 06: eu contei aquele caso, a D. conhece (pausa) do pai que entrou em minha sala e foi tirar satisfação porque eu falei que ia denunciar ao Conselho Tutelar porque a filha faltava muito, mas muito mesmo. Eu fiquei muito nervosa com o pai e também com o pessoal de lá da secretaria (pausa) sei lá (pausa) coordenação e direção.

Prof^ª 04: Ai, eu nem me lembro.

Prof^ª 07: Da menina que você viu apanhar da mãe e teve mais um que eu não lembro.

Prof^ª 04: Ah! Fica este aí (pausa) eu não estou bem gente. Hoje eu tenho duas provas na faculdade. Estou meio (pausa).

Prof^ª 06: A S. não veio (pausa) o caso dela é do V. e o da T. que também não veio hoje, foi da aluna da inclusão que vocês já conhecem.

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A experiência de sala de aula: o exemplo da professora 03: problemas com os pais de uma aluna

A professora 03, que não estava presente no encontro anterior, relatou uma situação vivenciada em sala de aula, quando teve problemas com os pais de uma aluna que apresentava muitas dificuldades em Matemática. Cinco professoras (04, 05, 06, 07 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo a colega.

Coordenadora: Quem não pode comparecer semana passada, gostaria de falar (pausa) contar uma situação de sala de aula que viveu?

Prof^ª 03: Eu, uma vez, tive um problema também com pai e uma mãe. Eles não aceitavam que a filha que estava na 4ª série tinha dificuldade de Matemática. Ela ficou de recuperação e no dia da prova os pais entraram e ficaram de braços cruzados na porta da sala de aula. Eu, delicadamente, fechei e eles foram reclamar na direção. Aí a diretora ficou do meu lado, mas no conselho de classe pediu para eu aprovar a aluna, eu fiquei horrorizada! era aquela época que a gente podia reprovar, mas eu fiquei muito revoltada.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A experiência de sala de aula: o exemplo da professora 05: a falta de consideração da escola em relação ao professor

A professora 05 relembrou um caso que vivenciou com dois alunos portadores do vírus HIV. Segundo ela, a escola não a informou da situação desses alunos. As outras cinco professoras (03, 04, 06, 07 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo a colega.

Prof^a 05: Meu caso, eu até já falei aqui, mas vou repeti-lo. Pois, além de ter me chocado, aqui neste colégio eu não (pausa) não me ocorreu nada além do normal. Mas a situação que eu queria falar é que tive dois alunos que tinham o vírus da Aids e a escola, a direção sabia e não contou para ninguém. Vejam o perigo (pausa) já pensou se ocorre algum acidente, um corte e contamina os outros alunos? Nossa! Eu fiquei muito brava. Fui falar com a coordenação e ela se fez de santa. Fingiu que também não sabia (pausa) que falta gente (pausa) de responsabilidade!!!! Eu fiquei pensando que elas estavam achando que eu ia desfazer das crianças. Ou que eu ia fofocar com as outras professoras. O pior que eles expuseram os outros alunos.
(silêncio)

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A experiência de sala de aula: o exemplo da professora 08: a aluna portadora de necessidades especiais e o apoio da escola

A professora 08 contou que quando teve uma aluna com deficiência visual havia uma professora especialista que oferecia todo suporte. Cinco professoras (03, 04, 05, 06 e 07) ficaram em silêncio, ouvindo a colega.

Prof^a 08: Nós falamos bastante da inclusão e eu lembrei de uma aluna. Bom, que era deficiente visual e por mais que era difícil, eu tive apoio de uma professora especialista que me ajudou muito. Eu aprendi. O respaldo não era integral, mas eu tinha e isso me deixava segura. Ouvindo vocês, eu não sei, como eu agiria com essas situações difíceis que tiveram.
(silêncio)

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Fechamento

A professora 06 propôs falar que o caso da professora 10 seria trabalhado naquela reunião. Contudo, existiam dois problemas: o primeiro era que ela não estava presente, e o segundo era a questão do tempo, pois eram 18h10min e o horário do HTPC já havia terminado. A professora 06 acrescentou que precisaria ir embora.

A coordenadora ressaltou que, embora não tenha acontecido conforme o planejado, a atividade havia sido muito importante, pois os professores puderam falar um pouco de sua prática e do relacionamento com os pais, alunos e direção da escola.

Quando a pesquisadora estava indo embora, a professora 07 avisou que não estaria presente na última reunião, pois, como sua irmã estava muito mal de saúde, ela precisaria viajar para ajudá-la.

Prof^a 06: Patrícia, nós estamos com dois problemas. O primeiro é que era o caso da T. que a gente ia trabalhar e ela não veio hoje e a outra questão, é que já são 6 e 15, e eu preciso ir embora porque eu tenho que pegar minha neta.

Coordenadora: Bom pessoal, realmente pelo que a M. falou, não será possível fazer a segunda parte da atividade. Mas, eu também estou entendendo que não será possível realizarmos esta atividade nem outro dia. O grupo de uma forma ou de outra já me mostrou isso. Mas eu achei importante este momento, pois vocês puderam falar do trabalho de vocês. Vocês saíram um pouco de assuntos angustiantes e puderam falar com mais serenidade do trabalho de vocês, mesmo quando estes casos não foram situações agradáveis. Bom pessoal, alguém gostaria de falar alguma coisa?

(silêncio)

Coordenadora: Então, até a semana que vem.

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 19ª REUNIÃO

Pôde-se perceber, de um modo geral, que todas professoras aderiram à proposta feita pela coordenadora no início do grupo. Nessa reunião seria realizada uma dramatização sobre o caso da professora 10. Contudo, tal atividade não pôde ser realizada devido a dois problemas. Primeiro, a professora 10 não estava presente e, segundo, a reunião começou atrasada, às 17h45min, devido ao encontro dos professores com um funcionário de um banco justamente no horário do HTPC, o que não foi comunicado à pesquisadora; ao terminar o horário agendado para a reunião, as professoras alegaram que precisavam ir embora, não sendo possível, portanto, realizar a atividade. Além disso, parece que as professoras não estavam interessadas em realizar uma atividade diferente; talvez por receio de se exporem.

A 20ª REUNIÃO DE GRUPO DOS PROFESSORES

O CONTEXTO DA 20ª REUNIÃO

A vigésima e última reunião ocorreu no dia 26 de novembro de 2005, na sala da professora 07, às 17h20min, com duração de uma hora. A pesquisadora chegou 10 minutos antes da saída dos alunos e esperou que o portão fosse aberto. Naquele dia, havia uma professora substituindo a professora 07. Pediu autorização à professora substituta e entrou na sala para organizar as cadeiras em círculo. Preparou o material que utilizaria, procurou um local adequado para colocar o aparelho de som e ficou aguardando os professores. Compareceram nessa reunião, as professoras 02, 03, 04, 06, 08 e 10. Os professores presentes justificaram que a professora 05 faltou por problemas de saúde e a professora 07, devido a problemas de saúde de sua irmã. Com relação aos professores 01 e 09, ninguém sabia o que havia ocorrido com eles.

1º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: Proposta Temática: o último encontro: uma proposta de integração e de despedida

A coordenadora propôs desenvolver uma atividade de encerramento das reuniões realizadas com o grupo de professores e explicou como seria feita tal atividade. Entregou às professoras revistas, papel, cola e tesoura, e pediu para que cada uma procurasse nas revistas o que significou o “grupo” para elas e, depois, recortasse e colasse as figuras no papel. A coordenadora ligou o aparelho de som e colocou uma música bem relaxante. Todas as professoras concordaram com a proposta e, em silêncio, começaram a realizar a atividade.

A professora 06 folheou as revistas, escolheu e colou as figuras rapidamente. Ficou em silêncio e com a cabeça baixa. A coordenadora perguntou se estava tudo bem, e ela respondeu

que não, pois a mãe estava no hospital. A professora 02 perguntou à coordenadora se seria necessário escrever alguma coisa, e a coordenadora respondeu que quem quisesse escrever, poderia assim fazer. A professora 08 chegou alguns minutos após o início do trabalho.

As professoras ficaram bastante envolvidas com a atividade; às vezes pediam cola, papel e tesoura para as colegas e faziam algum comentário.

Coordenadora: Bom pessoal, nesse nosso último encontro de grupo, eu preparei uma atividade diferente que acredito ser bem gostosa e descontraída. Então, eu gostaria que vocês procurassem nessas revistas, uma figura que represente para cada uma “o que foi o Grupo”. Depois, a gente vai colar neste papel pardo, todas as figuras que vocês escolheram para construirmos uma imagem do que foi nosso grupo e conversarmos um pouco. (Obs: a coordenadora distribuiu várias revistas, folhas de sulfite colorida, branca, cola, tesoura, caneta hidrocor, ligou uma música bem baixinha para elas e pediu para elas escolherem as figuras e colarem nas folhas de sulfite. Em silêncio, elas foram folheando as revistas e escolhendo as figuras. A professora 08 chegou alguns minutos, após o início da atividade e a coordenadora explicou a atividade para ela. À medida que elas iam achando as figuras, elas recortaram, pegavam sulfite e faziam sua colagem).

Profª 02: Teremos que escrever também?

Coordenadora: Fica a seu critério, se quiser colar e escrever alguma coisa, tudo bem.

Profª 02: Empresta a cola? Essa folha é azul ou verde?

Coordenadora: Se vocês quiserem colar e usar a canetinha, fiquem à vontade.

Profª 10: Passa a cola para mim?

Profª 02: Pode essa figura?

Coordenadora: O que vocês quiserem!

Profª 04: É só uma figura?

Coordenadora: Se você quiser colar mais de uma pode. O que você quer T.?

Profª 10: Folha branca.

Profª 03: Eu também quero uma.

Profª 02: O ano que vem, todo mundo de jeans.

Profª 04: De jeans?

Profª 02: É reciclável.

(Obs: em silêncio, algumas estavam folheando as revistas, outras recortando e outras colando)

Profª 02: Eu quero pink. Eu escrevo também de trás para frente, é Piaget que explica? Ah! Eu nem ligo. (silêncio)

(Obs: a coordenadora começou a abrir a folha de papel pardo no chão)

Profª 02: Você vai mandar nosso quadro para o L.?

Profª 10: Não, é para o P.

2º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A apresentação do trabalho da professora 06

A professora 06, antes do início das apresentações dos trabalhos, pediu para ir embora. A coordenadora pediu, então, para que ela mostrasse ao grupo a figura que escolheu ao grupo e dissesse o motivo da escolha, caso ela tivesse condições. A professora concordou com a proposta, explicou rapidamente sua escolha e depois se despediu do grupo.

Obs: A professora 06 montou duas colagens: a primeira foi uma figura com várias portas, algumas fechadas, algumas semi-abertas e outras completamente abertas. Na frente de algumas das portas abertas, tinham pessoas. A segunda colagem foi uma figura com vários rostos de pessoas de culturas, posturas e roupas diferentes.

Prof^ª 06: Patrícia, eu terminei, posso ir?

(Obs: a professora M. estava muito abatida, cansada e com um olhar triste)

Coordenadora: Antes de sair (pausa) se possível, você gostaria de mostrar as figuras que escolheu e dizer para o pessoal porque você as escolheu?

Prof^ª 06: Tudo bem (pausa) essa daqui representa nós (pausa) nós somos pessoas (pausa) nós somos tudo isso. Essas daqui são as várias portas que nós temos que abrir, fechar e atravessar. Tanto na vida pessoal, como na profissional (pausa) a hora que eu bati o olho (pausa) eu vi a gente.

Prof^ª 02: Eu também.

Prof^ª 06: (...) tchau gente, eu não estou boa, se eu começar a falar eu vou chorar. Eu estou muito triste.

3º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A apresentação dos trabalhos das professoras 03, 02 e 04

O fato da professora 06 ter começado a explicar a figura fez com que três professoras (03, 02 e 04) que já haviam terminado a atividade começassem a relatar sobre o que tinham feito. As professoras 08 e 10 continuavam envolvidas com a atividade de colagem.

A professora 03 foi a primeira falar. Ela montou duas colagens. A primeira era uma figura de um bolo de arroz decorado com rabanetes e salsa e com uma vela representando os noivos. A professora escreveu: “Um envolvimento de todos os colegas nos leva ao enlace de pensamento de união no trabalho, que já existia, mas que foi reforçado”. A segunda colagem foi um vaso de flores amarelas sob a qual ela escreveu: “A união vai sobreviver a tudo, inclusive ao calendário escolar! Aí, tudo florescerá!”. A parte da frase “sobreviver a tudo, inclusive ao calendário” já estava escrita ao lado da figura, e a professora acrescentou o restante. Posteriormente, a professora fez uma breve colocação:

Prof^ª 03: Eu aqui (pausa) o meu é o envolvimento de todos os colegas (pausa) união do trabalho.

A segunda a falar foi a professora 02. A figura que escolheu na revista tinha quatro moças diferentes fisicamente dentro de um coração, no qual ainda estava escrito: “Um sonho”. Posteriormente, a professora fez a seguinte colocação:

Prof^ª 02: O meu aqui (pausa) nem acabou o ano e eu já estou sentindo saudades. Eu não sei como vai ser o ano que vem. A gente que é ACT, é pouco provável que estejamos aqui o ano que vem. Só a D. e a M. são efetivas das PEB I. Apesar de todas dificuldades, eu acho que nós chegamos, não é? Numa harmonia de todas. É só.

(Obs: a professora 02 ao terminar de falar começou a chorar)

A professora 04 fez duas colagens: na primeira supõe-se que haja uma família: avó, mãe e duas filhas pequenas (netas); na outra havia uma rua ou avenida, à noite,

muito iluminada, com vários prédios, pessoas e intenso movimento. Posteriormente, a professora fez a seguinte colocação:

Prof^a 04: O meu é a união (pausa) aqui é como se fosse uma família, a escola, né? nós colegas, nós passamos mais tempo juntas aqui, que com a família. É aqui que as pessoas (pausa) a esperança para a gente (pausa) não perder a esperança. A gente não pode. A nossa chama não pode apagar. A gente tem que persistir. Temos que pensar o melhor (pausa) o lado bom das coisas. Eu senti isso (...) o grupo foi isso para mim.

Enquanto a professora 04 falava, a professora 02 folheava as revistas. Esta encontrou outra figura que também quis colar: era o mapa do Brasil na forma de queijo, todo furado e em cima com cinco ratinhos pretos dentro. A professora escreveu ao lado da figura: “Cada ratinho representa cada professor - na luta por um Brasil melhor”.

Prof^a 02: Meninas! Olha essa aqui. Nós somos esses ratinhos. Eu vou por esta figura aí também.

4º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A apresentação do trabalho da professora 10

Duas professoras (08 e 10) ainda estavam fazendo a atividade. Parecia que a professora 02 estava ansiosa e incomodada com o fato delas não terem terminado. A professora 10, ao finalizar a atividade, apresentou seu trabalho.

A professora 10 fez duas colagens. A primeira era a de uma figura do céu, no qual havia o sol e um avião, e embaixo o mar. Ao lado, ela escreveu: “A cada amanhecer, acredite que este dia será melhor do que o de ontem. Voe alto e realize seus sonhos, com determinação e sabedoria”. A segunda colagem foi a de uma mulher muito bonita e bem arrumada, e embaixo a professora colou uma frase que fazia parte da mesma figura: “O melhor da vida é diminuir as diferenças, somar amigos, multiplicar e dividir”.

(Obs: as professoras 10 e 08 estavam recortando e o grupo estava esperando.)

Prof^a 02: Vocês estão demorando muito!

Prof^a 08: Emprresta a caneta D.

(Obs: as professoras pediram para a coordenadora ir colando no papel pardo, pois elas estavam sentadas em círculo nas carteiras e estavam muito cansadas. A coordenadora perguntou para cada uma, qual o lugar que queria por).

Prof^a 10: O meu aqui tem a ver com a cada amanhecer será melhor (pausa) voe e alto para que soluções se realizem.

Prof^a 02: Não sei porque você escreveu bonito assim.

Prof^a 10: Nós estamos aqui buscando o melhor.

(Obs: as professoras começaram a falar juntas)

Prof^a 10: Esta daqui representa a beleza da mulher (pausa) nossa (pausa) ela está sempre buscando estar bem, apesar de todas as dificuldades. O melhor da vida é somar amigas e dividir dificuldades.

Enquanto a professora 10 falava, a professora 02 fazia comentários a respeito da professora 08 e folheava as revistas, nas quais acabou encontrando outra figura que quis colar. Esta figura era a de uma forca feita de corda. A professora escreveu ao lado da figura: “Símbolo dos professores ACTs em todo início de ano”.

Prof^a 02: Eu vou por esta aqui! Essa é a nossa situação, todas estamos enforcadas.

(obs: a professora 08 estava montando sua imagem).

Prof^a 02: Ela chega atrasada e atrapalha os outros (pausa) só atrapalha.

(Obs: enquanto a professora 02 falava, olhava para a professora 08)

(silêncio)

5º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A escolha do professor PEB I pelo local de trabalho

A professora 02 propôs perguntar as professoras do grupo se elas sabiam se os docentes que haviam passado no concurso foram chamados para escolher a cidade onde iriam trabalhar. Três professoras (03, 04 e 10) concordaram com a proposta e fizeram alguns comentários. A professora 08 ficou em silêncio, terminando a atividade.

Prof^a 02: O PEB I que passou já escolheu a cidade que vão assumir?

Prof^a 04: Não!

Prof^a 03: Está chamando? Já está?

Prof^a 04: A minha amiga vai dia 14.

Prof^a 10: Já passou.

Prof^a 02: É só falar com a primeira-dama que ela entende. (Obs: as professoras riram)

6º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O elogio da diretora à professora 02 pelo desempenho dos alunos no SARESP

A professora 02 propôs falar do elogio que recebeu da diretora pelo bom desempenho de seus alunos no SARESP. Nenhuma professora presente concordou com a proposta; todas ficaram em silêncio.

Prof^a 02: Hoje, eu tive uma notícia boa da Diretora. Não sei nem como ela falou. Eu fiquei contente. Falou que meus alunos foram bem no SARESP, apesar das dificuldades.

(silêncio)

7º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O término das aulas

A professora 04 propôs falar do término das aulas. A professora 10 concordou com a proposta, e as professoras 02, 03 e 08 não concordaram e ficaram em silêncio.

Prof^a 04: As aulas vão até que dia?

Prof^a 10: Acho que até o dia 21 (pausa) é uma segunda-feira.

(silêncio)

(Obs: Posteriormente, começaram a falar em pequenos grupos e não paravam - a coordenadora não conseguiu entender o que diziam)

8º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: A apresentação do trabalho da professora 08

A coordenadora, ao perceber que a professora 08 havia terminado, comentou ao grupo que ela apresentaria seu trabalho. As outras professoras (02, 03, 04 e 10) concordaram com a proposta e prestaram atenção na colega.

A professora 08 colou duas figuras no mesmo papel. A primeira continha um menino sentado numa cadeira segurando uma mochila, e, atrás dele, tinha o desenho de três escolas, duas crianças, árvores e um sol. Na parte superior da folha, a professora escreveu “Partilhas e busca de nossos objetivos em prol da Educação”. Na segunda figura, logo abaixo da primeira, havia cinco pessoas de jaleco branco e comprido, em semicírculo. Na parte de cima da figura, a professora escreveu “desabafo, ideais e questionamentos”. Destas três palavras, ela fez três setas em direção ao aluno. Ao lado da figura, escreveu “dúvidas e soluções” e embaixo escreveu “Grupo”.

Coordenadora: Pessoal a R. vai explicar para vocês o que ela fez.

Profª 08: Aqui, eu coloquei um garoto que seria um aluno estudando (pausa) eu fiz o nosso grupo (pausa) procurando a paz, um grupo que tem dúvidas, que procura soluções, que tem questionamentos, ideais (pausa) é isso.

9º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O término das atividades do grupo: uma mensagem para as colegas

A coordenadora propôs às professoras que deixassem uma mensagem para as colegas, antes de serem encerradas as atividades de grupo. Todas as professoras presentes concordaram com a proposta.

Coordenadora: Bom pessoal, para gente terminar as atividades do nosso grupo, eu gostaria que cada uma, deixasse para o grupo uma mensagem (pausa) fizesse uma despedida.

A MENSAGEM DA PROFESSORA 08: A importância da convivência entre professores dos Ciclos I e II

A professora 08, que leciona no Ciclo II do Ensino Fundamental, propôs falar aos colegas o quanto foi significativo conviver e compartilhar experiências da educação com os professores do Ciclo I. Parecia que, para ela, não existiam diferenças entre o professor que é PEB I e o que é PEB II. As outras professoras (02, 03, 04 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo a colega.

Prof^ª 08: O melhor do grupo, quando você forma entre professores assim (pausa) com momentos de desabafo nosso, até o dia-a-dia, ou então, do que está vivendo em classe, se vocês forem reparar não existe muita diferença, a gente fala: “ah! Professora de criança.” A gente brinca: “ah! PEB I, PEB II”. A luta é pela educação mesmo. A escola é a mesma e, às vezes, você vê problemas que você tem (pausa) a professora da 1ª série também tem (pausa) as dificuldades. O que agrada ela (...) tudo que a leva para frente é o que te leva, às vezes. Então, não há diferenças mesmo. Diante de tantas cobranças, às vezes de diretoria de ensino, na própria escola, todo mundo fica meio perdido “será que eu estou seguindo o caminho certo?”. Então foi bom por isso (...) também.

A MENSAGEM DA PROFESSORA 02: A valorização da profissão docente

A professora 02 propôs falar às colegas que o professor desenvolve um bom trabalho, se preocupa e gosta de seus alunos; e o grupo colaborou para um melhor relacionamento entre alguns de seus membros. As outras professoras (03, 04, 08 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo a colega.

Prof^ª 02: Eu penso muito igual a R., neste sentido. Deu para ver que todo mundo aqui tinha problema igual, entre aspas (pausa) os objetivos são iguais (pausa) todo mundo quer que os alunos aprendam. Todos aqui fizeram de tudo para (pausa) Na hora do recreio, você fala de alunos, na hora de entrada, você fala de aluno, é incrível. A nossa preocupação é grande aqui. Então, a gente não pensa só em conhecimento. A gente ouvia uma falar: “ah! Porque ele tá doente (pausa) não sei o que”. A gente tem o lado de enfermeira, de mãe. Sabe, eu acho que a gente trabalhou todo mundo igual aqui. No mesmo ideal, independente de todos os problemas, das dificuldades que todas tiveram porque não houve exceção aqui. Todo mundo teve dificuldade e se a gente conseguiu algo, foi por causa de nós mesmos. Eu lembro daquela entrevista que você fez no começo das aulas, eu lembro que eu te falei: “eu estou mesmo porque eu gosto de dar aulas”. Eu te falei direitinho isso. Então minha última frase “estou aqui porque eu gosto mesmo porque eu não sei fazer outra coisa.” E o grupo para mim foi muito bom, as que foram minhas colegas me ajudaram e muito. Eu falo de nós (pausa) nos reunimos toda semana praticamente ajudou no nosso relacionamento. Assim, de quem é amiga porque de certas pessoas, eu não quero nem saber.

A MENSAGEM DA PROFESSORA 10: O crescimento profissional: aprendendo com os alunos e com os colegas

A professora 10 propôs falar aos colegas o quanto gosta de ser professora e o quanto cresceu profissionalmente ao conviver com os alunos e com as colegas do grupo. As outras professoras (02, 03, 04 e 08) ficaram em silêncio, ouvindo a colega.

Prof^ª 10: Eu acho também, que a gente só consegue superar toda essa dificuldade que a gente enfrenta porque (pausa) eu praticamente gosto muito do que eu faço. Eu acho que a cada dia, a gente sabe que pode melhorar ainda mais, né! A cada dia, você vê que tem condições de melhorar. E este ano foi muito marcante para mim porque eu aprendi muito com eles. A gente vê que as dificuldades deles são também grandes e que os nossos problemas se tornam muito pequenos. Então, a gente aprende muito com eles. Eu acho que foi produtiva a escola, os amigos aqui são demais. Eu acho que vai ser difícil você encontrar um lugar tão unido, o pessoal muito bom. A gente percebe que cada um está fazendo seu papel e se tem condições de falar uma palavra amiga, o pessoal dá mesmo. Então, o pessoal é muito preocupado com os alunos mesmo. Apesar desse trabalho ser no final de aula, a gente cansada, esgotada (...) às vezes a gente percebe que uma de repente não estava nem muito animada para ficar, mas ficava (pausa) sabe (pausa) o fato da gente ser bastante unida, se reuniu bastante em sala de professor, eu acho que foi interessante, eu aprendi muita coisa com os colegas (pausa) foi muito bom. Eu estou curiosa para saber o resultado disso. (...) da minha parte eu gostei porque as pessoas falam o que sentem e da minha parte houve crescimento porque a gente tem que botar para fora o que a gente está sentindo e, às vezes, a gente tem dificuldades. Eu sinto isso. Foi legal. Foi válido sim. E você aí (olhando pra coordenadora) com seu trabalho está de parabéns.

A MENSAGEM DA PROFESSORA 03: Fazendo um balanço do ano letivo e do trabalho do grupo de professores

A professora 03 propôs fazer uma avaliação geral do ano letivo e do trabalho de grupo dos professores. As professoras 02, 04, 08 e 10 ficaram em silêncio, ouvindo a colega.

Prof^a 03: Eu acho assim, que as colegas já falaram quase tudo aquilo que a gente gostaria de ter dito porque a gente teve um sofrimento, entre aspas, parecido. Uma com a outra. Sobre a sala de aula, sobre os alunos, mas o que gratifica a gente, é que a gente conseguiu chegar no final do ano. Conseguindo aqueles objetivos que a gente tinha se proposto no início do ano. Tivemos dificuldades, teve os problemas, mas a gente superou. Eu achava que esse fim-de-ano, ia ser aquela "bagunça", aquele tumulto e chegou um fim de ano, parece que calmo, tranquilo, parece que todas as poeiras foram assentando, a gente conseguiu fazer um bom trabalho. A gente conseguiu ver o crescimento dos alunos. Aflorou o que eles têm dentro deles. É lógico que a gente não conseguiu 100% com todos, pois é humanamente impossível, mas no "frigor dos ovos", eu acho que nós fomos felizes. Conseguimos trabalhar, deitar nossa cabeça no travesseiro porque se não consegui 100% por 100%, pelo menos tentamos. Teve a boa vontade, conseguimos estudar mais um pouco. Tentamos melhorar, fizemos novos cursos para trazer coisas novas para os alunos, embora a gente trabalhe quietinha dentro de nossas salas de aula. A gente tenta fazer bonito para eles. Tenta superar todas as dificuldades. Então, foi meio puxado, mas agora no final, parece que deu uma melhorada e a gente conseguiu quase todos os objetivos da gente. O grupo ajudou bastante, no começo a gente falava: "ah! Meu Deus do céu, vai chegar uma hora que a gente no grupo, que a gente não vai conseguir falar mais, pois a gente não está conseguindo nem raciocinar mais". Que nem no meu caso, que eu entro às 7 horas na sala de aula e saio às 6 horas da tarde. Então, eu fico enclausurada em sala de aula. Chega uma hora assim, junta nosso grupo que é no final de tarde, hora crucial quando você não está conseguindo nem raciocinar mais (pausa) o que você vai falar? o que você vai fazer (pausa). Mas tinha dia que a gente falava: "tem que ir mesmo?". Então vamos. Mas quando chegava no grupo, a gente se animava. Todo mundo no mesmo compasso, cansado, mas estava todo mundo aqui, na medida do possível (pausa) e a gente, o grupo ajudou porque a gente pode pôr para fora, alguns bichos que estavam escondidos, que a gente não podia comentar porque às vezes, uma ficava olhando para outra com uma cara meio estranha e não sabia se era com você, se o problema era na escola, na sala de aula. Aqui a gente percebia que era um problema geral. As caras estavam meio chateadas, meio feias, mas não era com a colega, não era com a amiga. Era a situação em si. Então o grupo se ajudou por causa disso, mas com a sua ajuda.

A MENSAGEM DA PROFESSORA 04: As dificuldades com os alunos e o trabalho do grupo de professores

A professora 04 propôs falar das dificuldades que teve com os alunos naquele ano. Para ela, o grupo de professores foi um trabalho importante. As outras quatro professoras (02, 03, 08 e 10) ficaram em silêncio, ouvindo a colega.

Prof^a 04: Ah! Não vou falar não! Já falaram tudo, não é gente? Tudo mesmo. Fizeram um apanhado de tudo. A única coisa que assim, da sala que este ano assim que (pausa) muito difícil na parte, assim do MST. (...) então, o ano passado, eu dei aula para crianças de favela, a maior parte era da favela, não era tão assim, por exemplo 05 e 06 alunos foram para Minas Gerais agora (pausa) da turma. Então na hora que está começando deslanchar vai para outra escola. Então, eu achei assim mais (pausa) apesar né, uma classe difícil, de comportamento, de disciplina, mas melhorou bastante graças a Deus. Eu consegui, o grupo para mim foi a união (pausa) um desabafo assim (pausa) um espaço pra gente falar o que a gente está sentindo. Eu gostei desse trabalho. Eu achei interessante, apesar que como o a (pausa) a gente falava: "ah! Meu Deus! vou falar o que hoje? Hoje, eu não vou falar nada". Sem perceber, a gente deslançava e todo mundo participando, e isso foi legal. "Ah! O que eu vou falar hoje. Hoje, eu não vou falar nada. Hoje eu vou ficar quietinha. Ou, hoje não vou, não quero ir". Mas no fim, a gente acabava indo, eu acabava indo, falando. Você conseguiu com que a gente (pausa) todos participassem de uma maneira geral.

10º MOMENTO DO PROCESSO GRUPAL: O encerramento da atividade do grupo de professores

A coordenadora encerrou a reunião agradecendo a participação das professoras e esclareceu que, conforme havia dito em outras reuniões, o trabalho de grupo seria encerrado em novembro. Contudo, comentou que faltavam ser realizadas as entrevistas finais com cada professor para o encerramento do trabalho na escola.

Coordenadora: Bom pessoal, eu agradeço a participação de cada uma de vocês. Eu só gostaria de deixar registrado que tudo que nós vivemos, foi o que o grupo quis viver, o que precisou viver. Um grupo que tinha as suas necessidades, anseios e dificuldades (pausa). Nós, enquanto grupo, esse grupo não irá mais se reunir e a nossa próxima etapa para o fechamento deste trabalho, serão as entrevistas individuais. Eu peço da parte de vocês um pouco mais de paciência, pois eu sei que vocês estão muito cansadas. Eu sei que vocês querem conhecer o resultado desse trabalho, mas eu ainda tenho muito trabalho antes de fechá-lo. Mais uma vez, eu agradeço a participação de todas vocês. Alguém gostaria de colocar mais alguma coisa?

(silêncio)

Coordenadora: Bom, pessoal, então até a semana que vem.

AS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A 20ª REUNIÃO

De um modo geral, pôde-se perceber que não estavam presentes todos os professores para o fechamento do trabalho de grupo. Das professoras presentes, todas, exceto a professora 06, envolveram-se com a atividade proposta, sem dificuldades. Nessa reunião, as professoras falaram dos trabalhos que fizeram, do que o grupo representou e do que foi vivenciado no trabalho de grupo.

A reunião foi muito tranqüila e serena, as professoras aderiram a todas as propostas e parecia que, nesse último encontro, elas procuraram falar de esperanças, otimismo e união. Na etapa que consistia em transmitir uma mensagem ao grupo, a maioria dos professores conseguiu realizar tal tarefa. Parece que as professoras assumiram seus sentimentos e pensamentos em relação aos colegas de trabalho. Além disso, fizeram um balanço do trabalho que desenvolvem, bem como do trabalho de grupo dos professores.

5.5 O contexto das entrevistas de avaliação do trabalho de grupo e de auto-avaliação da participação do professor

As entrevistas de avaliação do trabalho de grupo e de auto-avaliação da participação do professor foram realizadas no mês de dezembro de 2005, do dia 05 ao dia 09, conforme a disponibilidade de dia e horário de cada professor. A pesquisadora optou por realizar essas entrevistas logo após o término do grupo, pois os alunos estavam de férias e, conseqüentemente, os professores não estavam mais dando aula. Além disso, no ano seguinte

talvez não fosse possível encontrar os mesmos professores na escola, pois a maioria deles é ACT.

Em alguns dias a pesquisadora entrevistou mais de um professor, e as entrevistas foram realizadas ora na sala da coordenação, ora na sala de aula. Quanto à estratégia de coleta de dados, foi a mesma da entrevista inicial, com mudanças nos temas investigados. Foram organizadas quatro temáticas para serem desenvolvidas pelo professor: “O Grupo”; “Esta Escola e o Grupo”; “A Minha Participação no Grupo” e “O Papel do Professor e o Grupo”.

Os professores entrevistados não quiseram realizar as primeiras fases da entrevista (pensar e escrever); preferiram ir direto para a terceira fase. Parece que os professores combinaram de não escrever, dispondo-se apenas a falar, como se estivessem com medo de se comprometerem. Podemos supor, também, que eles presumiram que escrever levaria muito tempo e, como queriam ir embora logo, preferiram apenas falar.

A seguir será apresentado o contexto das entrevistas de avaliação do trabalho de grupo e de auto-avaliação da participação do professor, na ordem em que elas foram realizadas.

A entrevista da professora 07

A primeira a ser entrevistada foi a professora 07, que solicitou que sua entrevista fosse realizada no dia 5 de dezembro, pois dia 08 ou 09 entraria de licença para poder ficar com a irmã que estava doente. Essa entrevista foi realizada no dia sugerido pela professora, em sua sala de aula, às 13h, com duração de uma hora e quinze minutos.

A pesquisadora explicou que a entrevista seria realizada de acordo com a primeira, mas os temas eram outros. Após a apresentação dos temas, a professora escolheu iniciar pelo tema “O Grupo”; escolheu, pensou, mas não quis escrever. A pesquisadora tentou mostrar a importância da escrita no momento, mas ao ver que a professora não manifestou interesse, acatou sua decisão.

A professora desenvolveu o primeiro tema em 17 minutos e, posteriormente, falou 15 minutos sobre o tema “Esta Escola e o Grupo”. Em seguida, abordou o tema “A Minha Participação no Grupo”, em 7 minutos e, por último, desenvolveu o tema, “O Papel do Professor e o Grupo”, em 6 minutos. A professora estava à vontade ao falar dos temas, e a entrevista transcorreu normalmente. A partir das declarações da docente, supõe-se que a mesma gostou do trabalho e de ter participado do grupo, apesar dos vários problemas que teve com os outros professores na escola.

Dois acontecimentos interromperam a entrevista com essa professora, obrigando a pesquisadora a desligar o gravador. Primeiro um aluno entrou na sala para, segundo ele,

assistir aula e pegar sua pasta. A professora explicou que as aulas haviam terminado, mas o aluno insistiu em ficar. Ele só desistiu depois que a professora foi muito firme. O segundo acontecimento se deu quando a mãe de um aluno entrou na sala afirmando que queria conversar com a professora. A professora respondeu que estava ocupada e que a mãe deveria voltar mais tarde. Ao terminar entrevista, a professora 07 abraçou a pesquisadora e lhe agradeceu pelo trabalho.

A entrevista da professora 08

A segunda entrevistada foi a professora 08, e a entrevista ocorreu no dia 05 de dezembro, às 17h, conforme sugerido pela própria professora.

Ao retornar à escola para a entrevista, a pesquisadora perguntou à vice-diretora sobre o local em que poderia fazer a entrevista. A vice-diretora respondeu que esta poderia ser realizada na sala da coordenação, que estava aberta. A vice-diretora acompanhou a pesquisadora até a sala e perguntou se os livros que estavam em cima da mesa a incomodavam. A pesquisadora respondeu negativamente, e a vice-diretora foi embora. A pesquisadora estava com tudo organizado para começar a entrevista no horário que a professora havia solicitado, mas esta não compareceu no horário combinado. A pesquisadora continuou aguardando na sala. Às 17h15min, a vice-diretora disse que pediria para a secretária ligar para a professora 08, que morava perto da escola. A secretária avisou que a professora estava chegando. Às 17h20min, a mesma chegou e foi logo se desculpando; disse que pensou que a entrevista fosse às 17h30min.

A entrevista iniciou às 17h30min e teve duração de 40 minutos. A pesquisadora explicou que o procedimento seria o mesmo da primeira entrevista, mas os temas seriam outros. Foram mostrados os quatro assuntos a serem trabalhados, e a professora perguntou se poderia falar de um modo geral. A pesquisadora não insistiu. A professora apresentou o mesmo comportamento da primeira entrevista; foi muito cautelosa, tranqüila e reservada ao falar. Ao final da entrevista, quando a pesquisadora desligou o gravador, a professora agradeceu e se despediu.

A entrevista da professora 03

A entrevista da professora 03 ocorreu no dia 6 de dezembro, às 13h, com duração de 40 minutos.

A pesquisadora chegou à escola às 12h50min e se dirigiu à sala dos professores para perguntar quem gostaria ou poderia realizar a entrevista naquele dia. Estavam presentes cinco

professores que participaram da pesquisa, e a professora 03 afirmou que gostaria de fazer a entrevista naquele dia. A pesquisadora pediu para a professora aguardar e se dirigiu à sala da vice-diretora. Como esta não estava, perguntou pelo coordenador, que também não se encontrava na instituição. Por estar desenvolvendo esse trabalho há mais de um ano na escola, a pesquisadora tomou a liberdade de solicitar à secretária que lhe fornecesse a chave da sala da coordenação para realizar as entrevistas com os professores. A secretária, como já sabia do trabalho da pesquisadora, prontamente atendeu seu pedido. A pesquisadora abriu a sala, organizou o material e depois chamou a professora 03.

A pesquisadora explicou o procedimento da entrevista e colocou sobre a mesa os cartões que continham inscritos os temas a serem trabalhados. A professora escolheu o tema pelo qual iniciaria a entrevista, mas não quis escrever. A pesquisadora tentou incentivá-la a passar pelas três fases do processo, mas a professora insistiu em apenas falar. O primeiro tema foi “A Escola e o Grupo”.

A professora desenvolveu o primeiro tema em 10 minutos e, posteriormente, falou 8 minutos sobre o tema “A Minha Participação no Grupo”. Em seguida, abordou o “Grupo”, em 7 minutos e, por último, desenvolveu o tema, “O Papel do Professor e o Grupo”, em 6 minutos.

A professora demonstrou ser uma pessoa muito calma e ponderada, e não teve dificuldades em explicar suas idéias de maneira clara; poucas foram as interferências da pesquisadora pedindo algum esclarecimento. Percebeu-se que houve um envolvimento com todos os temas. Ao terminar a entrevista, a professora agradeceu e declarou que achou a pesquisadora “*uma pessoa muito bonita por fora e por dentro*”.

A entrevista da professora 04

A professora 04 foi entrevistada no dia 6 de dezembro, às 14h, com duração de 45 minutos. O local foi uma sala de aula, pois o coordenador precisou utilizar sua sala para fazer a reunião do conselho de classe com alguns professores.

Após organizar o material na sala, a pesquisadora foi à sala dos professores para conferir quem gostaria de ser entrevistado naquele dia. A professora 04 se prontificou e dirigiu-se à sala de aula onde seria realizada a entrevista. A pesquisadora explicou que a segunda entrevista seria feita da mesma maneira que a primeira, mas os temas seriam outros. A entrevistadora apresentou os temas e perguntou por qual a professora gostaria de iniciar. A princípio a professora falou que não tinha preferência, que poderia ser qualquer um, mas, por fim, escolheu “A Escola e o Grupo”. De repente, a professora começou a falar dos problemas

que teve com a vice-diretora por causa da sala e da escola. A pesquisadora esperou uma pausa da professora para retomar a proposta, pois estava em dúvida se a professora havia entendido o procedimento ou se estava querendo desabafar sobre as dificuldades que teve na escola.

Com muita cautela, a pesquisadora conseguiu retomar a entrevista. A professora disse que não gostaria de escrever; que preferia apenas falar sobre os temas e a pesquisadora precisou pedir vários esclarecimentos, visto que a professora não apresentava coesão de idéias, o que muitas vezes tornava seu discurso confuso.

A professora desenvolveu o primeiro tema em 10 minutos e, posteriormente, falou 8 minutos sobre o tema “O Papel do Professor e o Grupo”. Em seguida, abordou o tema “A Minha Participação no Grupo”, em 7 minutos e, por último, desenvolveu o tema, “O Grupo”, em 7 minutos.

A entrevista da professora 06

A entrevista da professora 06 ocorreu no dia 6 de dezembro, às 15h, em uma sala de aula na qual a pesquisadora já tinha feito outras entrevistas, com duração de uma hora e quinze minutos. Assim que a entrevista foi iniciada, a professora pediu para falar dos temas de um modo geral. A pesquisadora concordou, deixando a professora à vontade. A professora começou pelo tema “O Papel do Professor e o Grupo” e, aos poucos, foi desenvolvendo os outros temas. A professora desenvolveu o primeiro tema em 15 minutos e, posteriormente, falou 18 minutos sobre o tema “Esta Escola e o Grupo”. O tema “Grupo” foi desenvolvido em 20 minutos. Por último, abordou o tema “A Minha Participação no Grupo”, em 10 minutos. A professora demonstrou bastante envolvimento, segurança, clareza e objetividade ao falar dos quatro temas.

Após o término da entrevista, a professora conversou sobre os filhos e netos, e sobre seu pedido de remoção da escola. Ao final, agradeceu pelo trabalho e declarou que este foi muito bom para ela. A pesquisadora encerrou as atividades daquele dia, pois os professores iriam embora às 17h e já eram 16h45min.

A entrevista da professora 02

A primeira professora a ser entrevistada no dia 8 de dezembro, às 13h30min, com duração de uma hora, foi a professora 02, que se ofereceu espontaneamente após a pesquisadora perguntar, na sala dos professores, quem gostaria de realizar a entrevista naquele dia. A pesquisadora organizou a sala da coordenação, após perguntar à vice-diretora sobre o local onde desenvolveria as atividades. A professora foi chamada, e a pesquisadora explicou

como seria a entrevista. A professora iniciou pelo tema “O Grupo”. Falou para a pesquisadora que queria falar dos quatro temas sem escrever, pois os professores estavam comentando entre eles que era mais fácil e mais rápido fazer a entrevista apenas oralmente. A pesquisadora preferiu não responder a esse comentário. A professora discursou sobre o primeiro tema em 15 minutos e demonstrou ter ficado emocionada, pois estava com lágrimas nos olhos. O segundo tema foi “O Papel do Professor e o Grupo”, desenvolvido em 12 minutos. Durante o desenvolvimento deste tema, a inspetora de alunos entrou duas vezes na sala, sem pedir licença, para pegar as camisetas dos alunos, atrapalhando a professora com risos e falas em voz alta. O terceiro tema, “A Minha Participação no Grupo”, foi trabalhado em 10 minutos. Neste tema, a pesquisadora precisou desligar gravador, pois a professora começou a chorar. Soluçava e falava dos seus problemas. A pesquisadora deixou a professora falar e chorar até esta se acalmar. A professora lamentou que havia estragado a entrevista, mas a pesquisadora respondeu que ela não tinha feito nada de errado. A pesquisadora perguntou se a professora gostaria de terminar a entrevista em outro dia, mas a professora preferiu continuar, pois estava se sentindo melhor. Falou do último tema, “A Escola e o Grupo”, em 5 minutos. Percebeu-se que nesse momento, a professora não estava bem. Quando a professora falou que não tinha mais nada para comentar, a pesquisadora pediu licença para perguntar se ela fazia algum acompanhamento médico e/ou psicológico. A professora respondeu que atualmente não, mas que já tinha feito. A pesquisadora tomou a liberdade de sugerir que a professora pensasse na possibilidade de retomar o tratamento e esta admitiu que precisava de fato fazer isso. A professora levantou e disse que precisava ir. Ao abrir a porta, despediu-se e agradeceu à pesquisadora pelo trabalho.

A entrevista da professora 10

A professora 10 realizou a entrevista no dia 8 de dezembro, às 15h, com duração de 40 minutos. A pesquisadora precisou mudar da sala da coordenação para uma sala de aula, pois o coordenador precisava ocupá-la para realizar a reunião do conselho de classe. A professora escolheu o tema “O Grupo” para iniciar a entrevista e, na seqüência, falou dos outros temas.

A professora desenvolveu o primeiro tema em 10 minutos e, posteriormente, falou 9 minutos sobre o tema “Esta Escola e o Grupo”. O tema “O Papel do Professor e o Grupo” foi desenvolvido em 10 minutos. Por último, abordou o tema “A Minha Participação no Grupo”, em 7 minutos. A entrevista transcorreu normalmente, e a professora desenvolveu os temas com clareza e objetividade. Supõe-se que houve envolvimento com o que era falado. Ao

terminar a entrevista, a professora agradeceu e pediu licença, pois havia alguém esperando para levá-la ao médico.

A entrevista da professora 09

A professora 09 realizou a entrevista no dia 8 de dezembro, às 15h30min, com duração de 35 minutos, numa sala de aula. A pesquisadora estava indo embora, quando viu que a professora estava chegando. A professora perguntou se a pesquisadora já havia terminado as atividades naquele dia e, como esta respondeu que só estava indo embora por não ter mais professores para entrevistar, perguntou se não se importaria em entrevistá-la naquele dia. Como a pesquisadora não objetou, a entrevista foi realizada. Esta ocorreu tranquilamente, e a professora, após a apresentação dos temas pela pesquisadora, escolheu “O Grupo” como primeiro tema e acabou falando dos outros temas posteriormente, em conjunto. Ressaltou que achava difícil separar os temas. Após o gravador ser desligado, declarou que gostou de participar do trabalho de grupo e que, embora ela gostasse mais de ouvir do que de falar, este foi muito importante em sua vida.

A entrevista da professora 05

A professora 05 foi entrevistada no dia 9 de dezembro, às 14h, na sala do coordenador, com duração de 20 minutos. O coordenador da escola foi quem agendou o dia e o horário dessa entrevista, pois, como a professora seria em breve submetida a uma operação no braço, estava indo muito pouco à escola. A professora foi bastante solícita ao vir à entrevista, mas foi muito breve ao falar dos temas. Ela comentou que, como tinha participado muito pouco do trabalho, não tinha muito o que dizer. Em contraste, afirmou que, apesar das várias faltas, gostou de realizar a atividade. A professora agradeceu à pesquisadora e finalizou dizendo *“quem sabe eu irei te encontrar para fazer novamente este trabalho em outra escola”*.

A entrevista do professor 01

O professor 01 realizou a entrevista no dia 9 de dezembro, às 15h, na sala do coordenador, com duração de 15 minutos. Essa entrevista também foi agendada pelo coordenador, pois a pesquisadora não conseguiu fazer contato prévio com o professor. A pesquisadora perguntou ao professor se concordava em realizar a entrevista naquele dia e, como este não objetou, foi iniciada a entrevista. O professor falou rapidamente do tema “O Grupo” e de “A Minha Participação no Grupo”. Dos outros temas, preferiu comentar somente algumas palavras. Supõe-se que o professor não estava interessado em participar do grupo

nem da última entrevista. Ele mesmo relatou à pesquisadora, quando esta desligou o gravador, que não gostava desse tipo de atividade, pois não se sentia à vontade.

5.6 Resultados da entrevista de avaliação do trabalho de grupo e de auto-avaliação da participação do professor

5.6.1 O grupo

Nessa parte, conheceremos o que os professores pensam sobre o grupo, os aspectos favoráveis e desfavoráveis, bem como a importância e os benefícios do trabalho de grupo. Além disso, compreenderemos a visão dos professores em relação aos participantes e o enriquecimento que alcançaram com a troca de experiências. Por fim, entenderemos as concepções dos professores sobre a continuidade do trabalho, bem como sobre a postura da coordenadora de grupo.

5.6.1.1 Os aspectos favoráveis do grupo

Dos dez professores entrevistados, oito falaram que o grupo representou um espaço para serem colocados os problemas e as dificuldades que vivenciavam na escola. Como exemplo de um problema, tem-se a inclusão do portador de necessidades especiais, uma questão que representa bastante dificuldade para as professoras da rede estadual de ensino; elas demonstraram precisar de apoio. A seguir, serão apresentadas as falas mais significativas que dizem respeito a esse tema:

“Tem horas que você tem que gritar eu não sabia como gritar, como diz o outro (pausa) é nesses momentos que a gente encontrou uma chance. Para mim foi válido. Um assunto que rolou no grupo e que eu achei interessante foi a inclusão dos deficientes (pausa) um assunto complicado para o professor. Eu não sei como lidar com isso.” (Prof^a 02)

“Eu vou falar do grupo (pausa) eu adorei. Foi muito bom. (...) o pouco que eu vim eu gostei. Um espaço faz falta, um trabalho para o professor nas escolas e de repente aparece você, da USP, com essa proposta, foi muito válido.” (Prof^a 05)

“Eu achei muito importante esse grupo, eu nunca tinha feito esse tipo de trabalho, quer dizer que nunca fizeram na escola onde eu trabalhei, nunca fizeram. Eu achei importante porque nós tivemos muitas dificuldades, muitos problemas e o grupo ajudou muito. Então eu achei muito importante ter participado deste grupo. Foi válido. Foi muito mais interessante do que ficar fazendo HTPC. Foi muito válido para mim, foi muito bom. Não! O grupo foi muito bom para mim. Eu gostei. (Prof^a 09)

Três professores comentaram que o trabalho de grupo foi diferente de todas as atividades e cursos oferecidos pela rede estadual de ensino. Supõe-se que esse trabalho foi muito importante para os professores. A seguir, serão apresentadas as falas mais significativas sobre a importância do trabalho de grupo:

“Então eu achei assim, foi muito válido em vários aspectos, apesar da gente estar muito cansada. Sabe, eu achei foi um conhecimento para nós porque a gente nunca tinha trabalhado assim. (...) eu achei muito válido o grupo.” (Prof^a 06)

“Várias professoras acharam bom (pausa) é diferente de tudo que tivemos que o Estado ofereceu.” (Prof. 01)

Para outra professora, esse trabalho propiciou que os professores se relacionassem e convivessem um pouco mais. Segundo ela, mesmo que os problemas levantados não fossem resolvidos, foi muito bom falar do que estava incomodando:

“Mais eu acho que ajudou a gente. A gente estava saindo daqui, dava sinal, descia com as crianças, baixava a cabeça e cada uma entrava em seu carro e ia embora. Foram comentados no grupo, os problemas da instituição, as questões sobre a inclusão, as diretoras que passaram pela escola, a falta de consideração do Governo (pausa) falamos, falamos, mas mesmo não tendo resolvido, foi bom desabafar.” (Prof^a 03)

Para outra professora, o grupo foi o local em que ela pôde conhecer melhor o comportamento das pessoas com quem trabalhava. Além disso, o grupo também representou um espaço para desabafar sobre os problemas do cotidiano escolar.

“(...) eu gostei do trabalho de grupo. É a maneira de você conhecer as pessoas no todo porque você convive com ela no dia-a-dia. Ela tem um comportamento, ela fala uma coisa. No grupo, ela tem outro comportamento. Ela fala outra coisa. Então, para mim como experiência foi uma beleza, como conhecimento do ser humano. (...) na minha presença as pessoas tinham um comportamento e na minha ausência outro comportamento. (...) visando um conhecimento profissional e até para desabafar o que acontecia no dia-a-dia da gente. Eu percebi que é muito importante, por exemplo se eu tivesse a oportunidade de fazer novamente eu faria, mesmo com tudo que eu vi de ruim.” (Prof^a 07)

Outra professora, que leciona no Ciclo II do ensino fundamental, relatou que foi importante ter tido contato com os professores PEB I, mas, por outro lado, disse preferir trocar idéias com seus colegas, que são PEB II. Essa professora pareceu demonstrar certa dificuldade em lidar com as diferenças.

“Aquela vez que a gente estava discutindo o poder do professor em sala de aula. Não foi uma discussão que foi levada à frente, para mim, elas acham que não tem e ponto final. É a opinião delas. Na minha opinião e de quem trabalha comigo no dia-a-dia é diferente (pausa) o professor tem poder. Mas Patrícia é bom o contato também. Não pode haver separação também. PEB I fica de um lado e PEB II de outro. Ninguém conversa com ninguém. Eu gosto delas, assim no dia-a-dia, conversar, mas questões da educação, da escola, eu prefiro ficar (pausa) com a minha turma que eu convivo todo dia.” (Prof^a 08)

Para outra professora, que gostou do trabalho de grupo e que nunca tinha participado de uma atividade assim, admirou os colegas que conseguiram falar dos problemas e dificuldades com tanta facilidade. Parece que, com o tempo, o grupo contribuiu para que os participantes fossem expondo as suas necessidades.

“Eu achei um trabalho muito bom (pausa) eu acho que tudo foi crescimento. Eu nunca tinha participado de um grupo assim (pausa) até a gente fica surpresa de ver a professora que conseguiu pôr para fora o sapo que tinha dentro dela. A gente tira o chapéu para algumas. Tem o lado positivo! É preferível você botar para fora o sofrimento do que você ficar se segurando (pausa) levar o problema sozinha. Já não é muito do meu feitio ficar levando problemas para a direção. Eu tento resolver os meus problemas sozinha. O grupo foi um momento que cada um colocou pra fora as suas dificuldades.” (Prof^a 10)

A maioria dos membros do grupo demonstrou apreciar o trabalho em grupo, afirmando que este representou um espaço para compartilhar os problemas que estavam ocorrendo na escola, bem como para propiciar que os profissionais se conhecessem melhor. Apesar dos aspectos favoráveis relatados pelos professores, supõe-se um grande receio de se expor, aceitar e conviver com as diferenças dos colegas.

5.6.1.2 Os aspectos desfavoráveis do grupo

Dos sete professores que falaram dos aspectos desfavoráveis do grupo, um declarou que não gostava quando os membros do grupo falavam alto e pareciam estar brigando.

“Agora, o que eu não gostava era quando algumas pessoas ficavam falando alto, uma brigaiada (pausa) não gosto disso (pausa) não leva nada (pausa) não acrescenta.” (Prof^a 01)

Outra professora disse acreditar que o cansaço do dia foi um aspecto desfavorável para a participação no grupo.

“Apesar dos trancos e barrancos e da gente estar assim no fim do dia, todo mundo muito atarefado, cansado e os brancos da vida. Aí começava conversar, parece que animava um pouco.” (Prof^a 03)

Outra professora acreditava que o grupo precisaria ter mais reuniões.

“(…) mas eu achei pouco tempo. A gente estava muito sobrecarregada, muita coisa (…) não sei se era por ser uma vez por semana. Se tivesse mais reuniões na semana, eu acredito que seria melhor porque nós estamos (pausa) com muitos problemas. Eu acho que foi pouco tempo porque na hora que o pessoal começou a se soltar, ficava desinibida, na hora que começou a ficar bom, já estava para terminar, é isso que eu quero dizer. Na hora que começou a ficar bom, a melhorar (pausa) acreditar (pausa) acabava.” (Prof^a 04)

Para outra professora, duas coisas atrapalharam o trabalho: o horário e o fato de o professor estar em uma fase muito ruim. Pareceu que a professora 06 acreditava que o professor tinha que estar bem para participar do grupo.

“A única coisa que eu achei, assim do horário (pausa) final de tarde. Foi uma novidade e essa novidade chegou num momento que o professor estava muito angustiado. Eu acho que poderia ter sido melhor, se fosse numa outra fase que a educação está passando. Seria muito mais proveitoso.” (Prof^a 06)

Para outra professora, a falsidade dos colegas atrapalhou as atividades do grupo.

“Eu vou começar pelo grupo. Para mim falso. Fala uma coisa por trás e age de uma maneira diferente no grupo. Então no caso, o grupo ficou falso. (...) em vários momentos não houve sinceridade. Se tivesse tido um pouco mais sinceridade, sabe, fazer um trabalho profissional mesmo (pausa) ia ser melhor” (Prof^a 07)

Outra professora afirmou que, para ela, os problemas pessoais que os participantes traziam e a falta de respeito entre os professores foram aspectos desfavoráveis para o trabalho do grupo.

“O que me incomodou? Problemas pessoais. Elas traziam muito, até muito fora do que é escola. Isso às vezes para eu que moro sozinha, eu saía meio carregada. Elas usam muito o espaço para desabafar. Eu acho até certo, mas era demais. Elas não paravam para ouvir as colegas. Tinha várias vezes que uma professora estava falando e outras ficando conversando. Falta de respeito! Então o que eu sentia em relação ao grupo foi isso. Eu ficava meio à parte às vezes, às vezes não, quase sempre.” (Prof^a 08)

De acordo com outra professora, o exibicionismo, a competição, a falta de sinceridade e de respeito de alguns professores foram aspectos ruins para o trabalho de grupo. Parece que essa professora possui muita dificuldade de enfrentar o que pensa e sente em relação aos colegas e ao trabalho de grupo.

“Tinha gente que falava para se mostrar que sabia mais. (...) você deve ter ficado sabendo das rivalidades que houve, que houveram (pausa) um faltava, um sai mais cedo, um não sei o que. Teve gente que não levou a sério. Teve gente que fugiu. Teve gente que fez isso, que fez aquilo. Quanto a mim teve uma que eu saí porque eu tive médico, eu não estava bem (pausa) você soube não é? A professora 02 não topava a professora 07. Elas não se topam. Tinha gente que entrava calada e saía calada ou iam empurrada porque não queriam e por causa dessas rivalidades a gente ficava tolhida de falar, com medo de mexer nessas feridas.” (Prof^a 10)

Três professoras não comentaram sobre o assunto.

A maioria dos professores relatou vários aspectos que considera desfavoráveis no grupo, tais como: o fato de os professores falarem alto e brigarem, o cansaço ao final do dia, poucos encontros, o horário e o momento ruim vivenciado pelo professor na educação. Além disso, os professores comentaram sobre a falsidade dos colegas, os problemas pessoais discutidos pelos professores, a falta de respeito e de educação quando o colega queria falar e a competição entre os colegas.

Por mais que esses fatos pareçam ser desagradáveis, que incomodem as pessoas, são situações que ocorrem no dia-a-dia e no relacionamento humano. Os discursos dos professores indicam uma grande dificuldade de estar com o outro e de resolver os conflitos pessoais e profissionais.

5.6.1.3 A importância do trabalho de grupo

Dos dez professores que participaram da pesquisa, três declararam que o trabalho de grupo favoreceu a integração e o relacionamento entre os colegas de trabalho, os quais mal se conheciam. A seguir, serão apresentadas as falas mais significativas sobre esse tema:

“Então, eu acho assim, foi positivo porque a gente tinha muitas colegas aqui que a gente não conhecia. Nunca tinha trabalhado com elas. Aqui eu tinha trabalhado muitos anos com a prof^a 06. Mas as outras, a gente não conhecia. Então, conforme foi passando o tempo, a gente foi conseguindo entender um pouquinho melhor o que aquelas colegas novas pensavam. Às vezes, agia de um jeito que você interpretava aquilo que você achava e não era nada daquilo e a pessoa pensava em outra coisa.” (Prof^a 03)

“(...) a gente ficou mais próxima. Não com todo mundo, é claro. Mas a gente (pausa) você vê com essas minhas várias licenças as meninas me ligavam. Um dia, a professora 03 até me levou para passear (...).” (Prof^a 05)

Sete professores não falaram do assunto.

De acordo com as poucas professoras que comentaram o tema “a importância do trabalho de grupo”, este favoreceu a integração e o relacionamento entre os colegas de trabalho, os quais não se conheciam. Parece que, embora os professores tivessem vontade de se conhecerem, existia muito receio de estarem juntos e de ouvirem o ponto de vista do colega sobre determinado assunto.

5.6.1.4 Os benefícios do apoio oferecido

Para cinco professoras, o trabalho de grupo propiciou apoio e ofereceu espaço para as professoras falarem de seus sentimentos. A seguir, será apresentada a fala mais significativa sobre esse assunto:

“Olha! Este papel de professor e grupo, Patrícia, eu achei muito interessante o grupo porque pegou a gente num momento muito angustiante. Todos nós, você viu, a gente estava muito angustiada, não de dar aulas, mas sim do sistema. Então, eu achei (pausa) tem dia que eu pensava, gente nós fizemos isso com a Patrícia! porque a gente chegava com tudo e vapt. Despejava aquilo tudo e depois a gente ia recuando, depois a gente ia acalmando e ia recuando aquelas angústias, aquelas tristezas (...).” (Prof^a 06)

Para duas professoras, o grupo representou um espaço de desabafo e de apoio.

“(...) se eu pudesse eu continuaria fazendo porque eu vi assim um alívio, um desabafo e hora a gente aprendia alguma coisa e muitas vezes eu saí pensando sobre os assuntos tratados. Para mim foi assim (pausa) essa semana eu quero falar, eu quero desabafar. (...) mais o grupo me ajudou assim, quando eu falei sobre a inclusão e eu espero que eu tenha ajudado as pessoas (pausa) as suas colocações esclarecedoras. Outra coisa quando estava naquela fase do concurso me ajudou muito.” (Prof^a 07)

“Agora no grupo eu me senti muito à vontade, foi um tipo de válvula de escape onde todo mundo expôs os seus

problemas. Eu acho que teve um sentido muito importante mais para unir as pessoas porque você via que todo mundo estava com problema e de repente se soltava e se abria à medida do possível, todo o mundo acabava participando. Os professores puderam desabafar o que incomodava. Tivemos apoio. Eu acho que foi válido o grupo na minha opinião.” (Prof^ª 10)

Outra professora acredita que um dos benefícios do grupo foi o fato de um professor ajudar o outro.

“Porque lá uma dava opinião, falava o que sentia e pensava. Então uma ajudava a outra. A gente ficava muito melhor no grupo do que no HTP. Eu achei ótimo. Muito válido. Muito bom.” (Prof^ª 09)

Dois professores não comentaram o assunto.

Todos os professores incluídos nesta categoria apontaram os vários benefícios do apoio oferecido, tais como: apoio e espaço para os professores falarem de seus sentimentos, ajuda ao outro, integração entre os membros do grupo. Supõe-se que, apesar das dificuldades de estarem juntos e participarem de uma atividade nova na escola, alguns aspectos que ocorreram foram bastante significativos para alguns membros do grupo.

5.6.1.5 As críticas em relação aos participantes

Uma professora relatou que teve problemas com um participante do grupo. Esta não quis comentar no grupo para evitar briga. Parece que essa professora tinha muita dificuldade para enfrentar os problemas de relacionamento que surgiam no ambiente de trabalho.

“Agora, eu tive um problema aqui que eu vou usar um termo que eu não gosto, eu odeio, é muito forte (pausa) ela fez confusão. Esta pessoa, a primeira vez que eu a vi me arrepiou o corpo inteiro, me senti mal pra caramba. Eu não gosto dela! Ela fez um rolo comigo. No início eu tentei ajudar e ela só fez fofoca comigo, rolo. Rolo mesmo! Que nem hoje, eu não estou falando mal, não estou mesmo falando mal, mas ela tem privilégios aqui dentro da escola. Eu não falei nada disso no grupo senão ia ter briga.” (Prof^ª 02)

Outra professora também teve problemas com um dos membros do grupo, mas, similarmente, preferiu não revelar isso para o grupo com receio de resultar em confusão. Essa professora parecia não se sentir à vontade e não demonstrava ter confiança nos professores da escola. Apesar dos problemas de relacionamento que relatou, se identificou muito com um dos professores do grupo.

“Você vê, o professor passa por cada coisa (pausa) esses dias eu fiquei muito triste (pausa) mas eu fiquei muito mal (pausa) entristecida. Um aluno da professora 02 veio para minha sala, até aí tudo bem, apesar que ninguém perguntou se podia, mas de repente começou sumir coisas. Quando fui ver era ele. A professora 02 não admite que ele dá trabalho. Só que eu não achei justo. Eu tive que dar conta, mas você vê era só por uns dias, mas ele acabou ficando. No grupo, eu nem comentei, fiquei com receio de dar problema com a professora 02. Aqui

ninguém te ajuda. Ninguém tá aí com ninguém. Aqui me falaram que os professores têm que fazer sozinhos. Aqui, tem professor que se acha o melhor e deixa a gente meio inibido. (...) eu tive até um desentendimento com a professora 02. Ela é uma pessoa muito difícil de se lidar. Chamou-me de bruxa. Eu fingi que não era comigo, passou. Mas têm pessoas, por exemplo a professora 06 que deu muita força, muita força. Ela parece que compreende a gente. Ela é uma pessoa mais esclarecida. No grupo, ela se destacava (pausa) ela falava (pausa) tinha comentários bons (pausa) a professora 03 também é boa. Aqui a que eu mais me identifiquei, tipo mãezona, foi a professora 06.” (Prof^a 04)

Outra professora gostou de conhecer os professores e demonstrou se relacionar bem com todos.

“Eu também gostei muito de ter conhecido o pessoal (pausa) tem gente muito boa aqui (pausa) que nem a professora 03, a professora 06. Teve um dia que a professora 03 me ligou (pausa) quando estava de licença pra saber se tava tudo bem comigo. Poucas pessoas fazem isso, ainda mais que eu sou nova nesta escola.” (Prof^a 05)

Outra professora considerou que gostaria de ser como sua colega.

“Eu queria ser que nem a prof^a 03, por dentro, ela fica fervilhando e por fora, aquela serenidade, ela sim demonstra (pausa) eu não demonstro.” (Prof^a 06)

O discurso de uma outra professora revelou suas dificuldades ao se relacionar com os membros do grupo. Essa professora demonstrou não saber lidar com as diferenças e com a heterogeneidade em relação aos participantes. Segundo ela, quando o grupo era pequeno, ela se identificava mais e sentia melhor; mas quando o grupo era maior, apareciam as divergências e ela não gostava. Além disso, não aprovava a forma discriminatória como alguns professores se referiam aos alunos. A partir dessas colocações, esta revelou uma contradição em seu discurso, criticando os membros do grupo e a própria escola por realizarem discriminações, ou seja, por serem incapazes de lidar com a diferença, problema este que ela também demonstrou vivenciar em sua prática e em seu discurso sobre o grupo.

“(...) quando o grupo estava pequeno foi completamente diferente de quando ele estava grande. Parecia que você estava com pessoas totalmente diferentes. Então, quando tinham poucas pessoas você percebia que elas eram mais sinceras. (...) ela estava sendo ela mesma. Então era uma hora mais gostosa. Já quando tinha mais gente, eram mais agressivas as sessões. Mudava-se o nível do falar, do estar, do posicionar. Eu acho que muitas vezes o grupo (pausa) os membros do grupo falavam de um jeito dos alunos que eu não gostava, era tão discriminatório (pausa) tinha muita rejeição, discriminação, muita agressividade em relação ao ser humano, em relação à criança e eu achei isso para essa escola muito ruim. (...) poucos alunos são do bairro (pausa) então são duas escolas, uma escola do período da manhã que é o Ensino Médio, que foi quebrada com a entrada dos meninos do MST no período da tarde. Então eles brigavam, discriminavam e a escola não fez nada para ajudar esse pessoal que entrou. O máximo que eles deram foram uns lápis e cadernos. A escola não fez nenhum trabalho com o professor e com os alunos do que estava acontecendo (pausa) tem muita discriminação e tem discriminação entre as professoras.” (Prof^a 07)

Outra professora revelou que, ao mesmo tempo em que considera importante o contato com os professores do Ciclo I, ouvir o que eles pensam e como lidam com os alunos, prefere ter um relacionamento superficial com os membros do grupo, por não aceitar suas posturas

perante determinadas situações. Parece que essa professora não queria participar do grupo, talvez pelo fato de não se identificar, de não querer ter contato e de não aceitar os outros profissionais tal como eles são. Essa professora relatou que gostaria de ter feito essa atividade com sua ‘turma’, ou seja, com os professores do Ciclo II do período diurno. Parece que essa professora tinha dificuldades em lidar com as divergências e diferenças no grupo, por isso preferia seus amigos, mas se sentia culpada ao dizer isso e, logo em seguida, justificou-se dizendo que foi bom ter contato com os professores do Ciclo I e que gostou das declarações da professora 06.

“O que eu vejo delas e que qualquer coisinha que você fala interpretam de outra forma, distorcem. Então muitas vezes, eu preferi ficar calada. A forma delas pensarem, eu não sei se é assim em todas as escolas. É diferente da nossa. O que tinha de professor PEB II, era a professora 09 (pausa) é outra professora que eu não tenho muito contato no dia-a-dia. Mas Patrícia, é bom o contato também com elas, mas eu gosto mesmo da minha turma. É até bom também ver o lado delas. O que está vindo para gente de alunos. Como elas estão preparando estes alunos. (...) a professora 06 foi a pessoa que eu mais me identifiquei. Eu achava interessante as colocações que ela fazia. Sabe, elas brigam muito entre elas. Então, eu não queria ter muito contato com elas. Eu não gosto de conversar, de contar uma piada, fazer uma brincadeira com elas (pausa) entre elas têm muita competição e eu não gosto de viver com pessoas assim. Aqui, eu senti que com essa turma não existe uma equipe de trabalho. É um entra e sai (pausa) o professor aqui pouco pára. Às vezes parecia que eu estava em outra escola, mesmo conhecendo elas porque o nosso período da manhã é muito bom, é muito grande, mesmo tendo as competições aqui e ali. Entre elas você vê (pausa) aquela rixa, discussão. Você não sabe nem porque. Então, você fica meio assim (pausa) deixa eu ficar na minha.” (Profª 08)

Outra professora do Ciclo II, apesar de ter gostado de todos os professores, declarou que a colega com quem mais se identificou foi a professora 06. Comentou que existem problemas de relacionamento entre as professoras 02 e 07, mas por ser uma pessoa que não gosta de confusão e de fofocas, desconhece realmente o que está acontecendo entre as duas. Revelou, ainda, que não concorda com as colocações da professora 02, a qual, em sua opinião, faz isso por ser uma pessoa problemática e confusa.

“Sabe, hoje eu estava até pensando em casa, eu gosto muito do jeito da professora 06, as colocações dela são muito importantes, ela tem muita experiência. Ela fala de um jeito, ela até parece mãe da gente. Eu gosto muito do jeito dela. Ela contribuiu muito para o grupo. Hoje, eu estava pensando, eu vou embora, a professora 06 vai embora. A gente nunca vai se encontrar. (...) eu gostei muito dela. De todos também (pausa) de todas. A professora 02, eu já conheço desde pequena. Ela é desse jeito. Eu morei na cidade que ela mora. A gente era da mesma turma, saímos juntas, estou dávamos na mesma escola. Agora ela está um pouco deprimida, muitos problemas, revoltada com tudo, coitada! Parece que ela não tem vontade de viver. Eu não fico sabendo das coisas (pausa) eu sou assim, eu venho, entro, dou minhas aulas (pausa) eu não tem o hábito de ficar de conversa (pausa) sempre foi o meu jeito. Ela fica falando da professora 07 cada coisa. Eu não gosto disso (pausa) a professora 07 nunca me fez nada (pausa) ela fala tanto dela (pausa). Eu não posso pensar a mesma coisa dela. Ao mesmo tempo eu entendo porque a professora 02 tem problemas, não é normal. Ela não está bem para fazer isso. Ela acha que os outros estão falando dela e isso eu achava que deixava o clima meio pesado. Ela falou uma vez quando a professora 07 saiu da reunião que ela precisava ter enfrentado situação (pausa) ela não queria resolver a situação e eu vou ser sincera, eu nem sei o que ocorreu entre elas.” (Profª 09)

Outra professora não acredita que os participantes do grupo foram sinceros e amigos com ela quando recebeu a aluna portadora de necessidades especiais, pois eles não ofereceram

ajuda nos momentos difíceis que passou com essa situação, conforme os próprios professores falaram. Parece que essa professora ficou muito magoada por não ter recebido apoio dos colegas ao vivenciar um problema que a fez sofrer muito na escola. Supõe-se que esta professora também se sentiu traída pelos colegas.

“(...) mas eu senti que todas sabiam e que eu não sabia. No começo tive um baque porque falaram na inclusão e no outro dia o problema veio de uma forma que eu considero assim, desumana. Eu não acreditei que elas não sabiam. Elas falaram no grupo, mas para eu ser sincera, eu não acreditei até pela minha experiência de vida, eu não acreditei. Para mim elas sabiam. Porque quando chega um problema na escola é passado diretamente para as efetivas e para as mais velhas. Eu não senti nada de verdade quando eu falava do meu problema. Eu até ouvia (pausa). Aqui a gente não é amiga, colega (pausa) é um teatro (pausa) é tudo fantasia, faz-de-conta. Eu até ouvia o que elas falaram, eu acho que as pessoas que falavam queriam fazer uma média perante os amigos e perante você. Eu senti isso. Eu, delas, não senti nada de verdade, nada verdadeiro. Nenhuma pegou na minha mão e falou: “eu estou com você”. No trabalho Patrícia, é cada um por si. Quando não tem ninguém que te atropela, cada um vive sua vida. Ninguém quer se envolver não. Ninguém falou “a gente está juntas; a aluna é da escola, ela faz parte da nossa escola.” Eu não senti apoio delas.” (Prof^a 10)

Três professores não comentaram o assunto.

As críticas em relação aos participantes revelaram mais os sentimentos de insatisfação sobre o relacionamento entre os membros do grupo, do que os contentamentos. Talvez isso se deva ao fato de existir entre os membros do grupo mais dificuldades, resistências, divergências e competições do que interesse em resolver os problemas comuns a eles.

5.6.1.6 O enriquecimento do grupo com a troca de experiências

Dos dez professores entrevistados, cinco relataram acreditar ser importantes a troca de experiências no grupo. A seguir, serão apresentadas as falas mais significativas em relação a esse tema:

“(...) e tinha dia, tinha hora que a gente chegava e desabafava (pausa) um contava sua experiência e daquilo a gente tirava proveito. (...) você ouve experiência de uma outra professora. Você começa a trocar idéias como ocorreu a aprendizagem.” (Prof^a 02)

“Ah! Sim. Cada um dava o seu depoimento, coisa que eu não sabia (pausa) que nem da professora 05, com o caso das crianças com Aids que não passaram para ela. É uma coisa muito séria e outros que agora não lembro (pausa). ah! O caso da diretora ter entrado na sala, sabe. Então para mim foi importante (pausa) uma experiência que eu não sabia nada dessas coisas. Vivendo e aprendendo.” (Prof^a 04)

Para outra professora, parece que é importante as pessoas terem opiniões diferentes.

“De vez em quando, nós concordávamos com uma coisa que uma colega falava. Outras vezes não. De vez em quando, tínhamos uns atropelos. Mas de uma forma ou de outra, cada uma acabava botando pra fora o que estava com vontade de falar. Às vezes, eu acabava nem falando muito, pois quando chegava na minha vez de falar, às vezes uma colega já tinha perguntado alguma coisa. Outra já tinha respondido, outra aí já vinha de encontro o que eu queria perguntar, o que tinha que falar. Aí eu prefiro ficar quieta e observar. Às vezes, você pensa uma coisa e cada um pensa de um jeito. É bom assim.” (Prof^a 03)

Outra professora ressaltou aspectos importantes sobre a troca de experiências. Segundo ela, o grupo propiciou falar de assuntos difíceis que estavam ocorrendo na escola, como, por exemplo, o da atual diretora, o do aluno portador de necessidades especiais na escola e as dificuldades do professor que o recebeu; assuntos que ninguém comentava, mas que estavam incomodando a todos. Por último, a docente acrescentou que pensar no problema do colega é se colocar no lugar do outro.

“Um dos lados positivo deste grupo foram àquelas discussões a respeito da coordenação, da direção... até para gente estar pensando. Como que o colega pensa a respeito disso (da nova direção; das ações da nova diretora) coisa que todo mundo estava quieta, ninguém comentava. Você vê que as pessoas também estavam incomodadas, como eu. Ou então, de fatos que aconteciam na escola. O próprio desabafo da professora 10. Com esse problema dela, primeiro você fica pensando como seria esta educação especial, você fica pensando um monte de coisas. Como seria se fosse comigo? Como agiria? Como a direção deveria tratar com os outros professores, como os funcionários agiriam ou deveriam agir. Se eu tivesse um aluno assim como faria? Como agiria?” (Prof^a 08)

Três professores não comentaram o assunto.

Parece que a maioria dos professores que comentou situações e histórias, fez desabafos sobre problemas da instituição que não poderiam ser revelados no cotidiano escolar, talvez pelo receio dos educadores serem repreendidos e por não terem apoio e segurança da equipe técnico-pedagógica. Supõe-se que o grupo proporcionou um espaço para falar e questionar o que não podia ser dito e questionado na escola.

5.6.1.7 A importância da continuidade do trabalho

Dos professores entrevistados, uma professora declarou que gostaria que o trabalho não apenas continuasse na escola onde a pesquisa foi realizada, mas também que este fosse estendido para outras escolas.

“Eu gostei de ter feito este trabalho, foi o que eu te falei, ajuda a gente. Seria bom se tivesse direto, que você não parasse e que tivessem outras escolas também porque o que a gente vê são os cursos que agora estão tendo mais no Estado, mas a gente não vê um espaço para o professor falar o que pensa e o que sente.” (Prof^a 03)

Outras duas professoras similarmente afirmaram acreditar que o trabalho de grupo precisaria continuar, e que este precisaria ser oferecido em outras escolas. Segundo essas professoras, o fato da atividade ocorrer durante o HTPC foi proveitoso, visto que este era um horário que não trazia nenhuma contribuição para o professor.

“(...) mas eu acho que o professor deveria ter sempre esta atividade (pausa) não aquela coisa maçante do HTPC que eu já te falei desde a primeira entrevista. Eu não acho que não traz benefício para o professor, é horrível! Eu acho que o HTPC deveria ser reformulado para o professor. Eu acho que todas as escolas deveriam dar este momento para o professor. Seria (pausa) traria muito mais benefício do que esses HTPCs (pausa) é minha opinião. Então, eu achei tudo o que eu falei está dentro desses temas. É uma pena que o nosso vai terminar. sorte de quem for ficar. Você vai continuar?” (Prof^a 06)

“Se tivesse sempre nas outras escolas porque eu nunca vi este trabalho (pausa) o professor precisa de um espaço porque o HTPC não dá! Não é feito um trabalho neste horário de HTPC, não é feito nada.” (Prof^a 09)

Outra professora também revelou acreditar que esse trabalho precisaria ser estendido para outras escolas, acrescentando que o mesmo deveria envolver todos os funcionários destas.

“Eu acho que deveria dar continuidade e que tivesse em todas escolas porque aqui ainda é calmo. Esse trabalho ajudou os professores, as pessoas a pensarem. Eu acharia muito importante. Numa outra escola que eu trabalhei, tinha só para aluno. Não tinha para professor. Eu acho que tem que começar com o professor e até a coordenação, direção tinha que ser com todo mundo da escola.” (Prof^a 04)

Uma professora relatou que gostaria que o trabalho continuasse; parecia desejar que o grupo continuasse com os mesmos professores, mas, segundo ela, a incerteza sobre a escola em que lecionaria no ano seguinte não permite que ela se programe. Além disso, essa professora sugeriu que seria importante que o Governo contratasse uma psicóloga por escola.

“(...) o Estado tinha que ter pelo menos uma psicóloga em cada escola. Eu acho que seu Governo criasse vergonha na cara, contrataria um psicólogo. (...) mas não seria mais positivo se tivesse continuidade? Se tivesse as mesmas pessoas, mas isso vai ser impossível porque nós não sabemos para onde cada uma vai no ano que vem. Tudo que vem do Estado é incerto, eu nem sei se eu terei aulas o ano que vem.” (Prof^a 02)

Outra professora declarou lastimar o término do trabalho e a falta de continuidade nas escolas da rede estadual de ensino.

“É uma pena que você não vai continuar aqui (pausa) é que nem nós que somos ACTs. No Estado, infelizmente nada tem continuidade, os professores, os trabalhos, é uma pena.” (Prof^a 05)

Outra professora também gostaria que o trabalho não acabasse. Segundo ela, o grupo em questão precisaria trabalhar as resistências, os medos e ter uma integração maior.

“Mas fazendo assim eu achei muito diferente. Sabe, é uma coisa que se pudesse ter sempre eu acho assim profissional. Eu acho não, quem acha não acha nada. Fazer o grupo na escola, eu vejo que o programa de vocês deve continuar. Não pode acabar não. Para vencer todas as resistências, os medos, a gente não se envolveu, mas precisaria. Sobre esse espaço, precisa existir para o professor.” (Prof^a 07)

Para outra professora, a continuidade do trabalho seria importante, mas no momento ela gostaria de ter essa experiência com seus colegas do Ciclo II, com os quais trabalha junto em outro período.

“(...) eu gostaria de viver esta experiência com um grupo, com pessoas que trabalhassem junto comigo, no meu dia-a-dia. Com os mesmos alunos, as mesmas classes. Eu queria ter essa experiência (pausa) eu queria saber como seria também. Para mim mesmo, ficou a curiosidade de saber como seria uma discussão com os professores que vivem os mesmos problemas que eu, no Ciclo II. Como seria? Eu fiquei com esta curiosidade durante o desenvolvimento do grupo.” (Prof^o 08)

Dois professores não comentaram o assunto.

É interessante notar que, além dos professores terem assumido que o trabalho de grupo deveria continuar na própria escola, a maioria deles ressaltou que este deveria ocorrer também em outras escolas. Apesar das falas serem favoráveis ao trabalho de grupo, supõe-se que eles não queriam que o trabalho continuasse na escola devido às dificuldades que possuem em se relacionar com os membros do Grupo e, talvez, por não aceitarem esta proposta de trabalho.

5.6.1.8 Comentários favoráveis sobre o papel do coordenador

De acordo com oito professoras que falaram do papel da coordenadora do grupo, esta ofereceu apoio e oportunidade aos docentes de exporem as dificuldades do cotidiano escolar. Além disso, essas professoras afirmaram que a postura da coordenadora ao conduzir o grupo foi adequada e profissional. A seguir, serão apresentadas as falas mais representativas relacionadas a esse assunto:

“A gente pra começo de conversa, nós nunca tivemos ninguém que viesse aqui trabalhar conosco. Nem uma psicóloga, ninguém da área para conversar com a gente. Você apareceu e ajudou a gente em momentos muito difíceis.” (Prof^o 03)

“(...) eu queria falar, como você nos conduziu (pausa) esta tranquilidade sua também nos ajudou (pausa) deu espaço para nós colocarmos tanta coisa pesada, desgastante (pausa) você deu tranquilidade pela sua forma de conduzir porque se fosse uma pessoa agitada, ansiosa, você já pensou? Então, eu acho que isso nós professores temos que aprender também. Isto foi muito importante, a sua postura em relação ao grupo, eu prestei atenção nisso. Eu estou falando de mim. Eu gostei muito de sua postura como profissional, como ser humano, como pessoa. Eu achei que você conduziu muito bem como profissional. Se você tinha seus problemas nem parecia. Esse compromisso de você vir toda segunda-feira foi muito importante para nós. Nos ajudou muito.” (Prof^o 06)

“Porque você deu uma posição profissional, sincera (pausa) eu vejo como uma qualidade.” (Prof^o 07)

“(...) mais eu pude desabafar (pausa) colocar para fora. Você me deu esse apoio. Sim! Mas foi você que me propiciou o apoio, quando você colocava alguma coisa, mas você! No grupo as discussões sobre a inclusão me ajudavam a ver que todo mundo estava perdido (pausa) como a M. Eu queria apoio mesmo. E você me deu. (...) eu agradeço você pelo apoio. Eu acho que você se interessou pelos problemas da gente, deu apoio e fez colocações em momentos devidos. Nunca deixou a gente se sentir só. Foi muito legal, você é muito ponderada nas suas colocações. Você é muito equilibrada. É preciso ter equilíbrio e você teve porque o grupo passou por cada situação (pausa). Bom, é isso.” (Prof^o 10)

Das professoras citadas acima, uma gostaria que a coordenadora oferecesse orientação na parte psicológica e, também, na pedagógica para ajudar o professor a lidar com os alunos.

“(...) e na verdade eu queria de você orientação para lidar com as crianças, eu tive essa impressão, que ia ser isso. Eu queria um trabalho também pedagógico. Que nem o outro psicólogo que trabalhou com crianças, essa eu nem conheci, mas queria. Você ajudou o pessoal (pausa) a gente precisava (pausa) tinha horas que eu tinha dificuldade para te ouvir.” (Prof^{ra} 02)

Dois professores não comentaram o assunto.

5.6.2 A minha participação no grupo

Nessa parte, conheceremos o que os professores pensaram sobre suas participações no grupo, bem como as facilidades e as dificuldades encontradas no decorrer do trabalho.

5.6.2.1 As facilidades de participar do grupo

Uma professora gostou de participar do grupo e considerou que algumas pessoas puderam ajudá-la.

“Eu gostei de participar, de falar quando tive vontade. Algumas pessoas do grupo me ajudaram. Valeu (pausa) só por ter me ouvido ou ter me falado alguma coisa valeu.” (Prof^{ra} 02)

Outra professora, no início do trabalho de grupo, teve receio de falar e de não saber o que aconteceria, mas aos poucos ficou tranqüila de estar em grupo e com os colegas de trabalho.

“No começo a gente ficou até meio assim desconfiada, se você estava testando a gente, se ia ter nota. O grupo todo pensava assim, uma perguntava para outra. Seja lá o que for, se a gente tiver que passar por isso, então vamos passar. Quem sabe a gente tem algum defeito que a gente não está vendo, aí a gente corrige e caminha para frente. Então, no grupo, às vezes tinha um desacordo, mas depois acabava se entendendo no próximo encontro a gente acertava a situação. As outras vezes, você tem muita coisa em troca. (...) nesta reunião da escola com o grupo e com você, às vezes a gente ia meio capenga, mas acabava dando tudo certo, a gente se motivava com os problemas das colegas e acabou assim ajudando todo mundo. Uma segura o outro e a gente se sentia melhor.” (Prof^{ra} 03)

Outra professora relatou que, o cansaço e por fazer faculdade à noite, atrapalharam sua participação no grupo. Contudo, gostou de participar do trabalho.

“Eu achei bom (pausa). A gente estava muito sobrecarregada, muita coisa, então, a gente está no grupo, no caso eu, pensando na faculdade (pausa) Mil e uma coisas. Agora, quando você está assim, seu trabalho, o objetivo é na escola, depois ir para casa, aí você já se desliga (pausa) eu penso assim. Então, eu achei muito bom, muito válido isso, nessa parte porque muitas vezes a gente queria ficar, mas não queria. Então a gente (pausa) e foi muito bom porque muitas vezes se não impor a gente amolece. Não que você impunha, mas você estava (pausa)

vinha (pausa) você assumiu o compromisso e você coordenou. O HTPC é igual em todas as escolas. A gente acaba até bloqueando, mas o fato de você sempre estar aí pronta para nos ajudar, a gente ficava até sem graça de não ir.” (Prof^a 04)

Outra professora declarou que, quando o trabalho começou, não havia entendido a proposta, mas depois percebeu o quanto era importante participar da atividade, ter um espaço para falar e receber apoio.

“(…) eu fui vendo que era bom a gente falar o que a gente estava sentindo que era uma hora nossa. Eu senti (pausa) no começo não (pausa) lembra que eu te perguntei. Depois, eu vi o quanto era necessário para cada um de nós professores este grupo, este momento para falar. Eu também acho que isso é um exercício para nós. Eu acho que a gente tem que prestar mais atenção, saber ouvir todo mundo, dar um espaço para todo mundo. Eu acho que o grupo contribuiu para isso também. Então, eu achei que foi muito válido, apesar de que no finalzinho eu estava, acho que todo mundo, mas no meu caso com a doença da minha mãe, eu fiquei muito chateada, mas eu gostei muito de ter participado. Eu acho que em alguns momentos a minha participação foi positiva porque como eu conheço bem a clientela, mais o bairro, eu achei que eu não podia ficar quieta. Então, eu achei que a minha participação nessa hora foi fundamental para esclarecer mesmo. Toda hora que eu tive vontade de me colocar para o grupo, eu falei, eu tive esta abertura, eu achei que foi muito válido.” (Prof^a 06)

Por outro lado, para outra professora parece que foi bom participar do trabalho somente no início.

“(…) sabe, no começo foi muito bom estar no grupo. (...) a experiência para minha foi boa, principalmente no começo, pelo contato que eu não tinha tido com professoras da primeira a quarta série.” (Prof^a 08)

Outra professora acredita que sua participação se resumiu mais ao ouvir do que ao falar.

“Agora a minha participação. Eu não sei se eu participei muito. A gente falava quando achava que devia. Quando o outro falava a mesma coisa que a gente estava pensando não precisava falar, repetir. Muitas vezes, eu gosto de ouvir. Às vezes eu dava minha opinião, ou concordava. Eu gosto de ouvir. Eu aprendo mais. É mais positivo também.” (Prof^a 09)

Outra professora afirmou que participou apenas quando achou necessário.

“(…) eu falei que eu deveria ter participado mais, mas agora eu faço uma correção, eu acho assim, que eu quis conhecer, eu quis ver e na hora que apareceu um problema mais sério para mim eu falei. Eu tentei colocar da melhor maneira possível. Fui super sincera (...).” (Prof^a 10)

Três professores não comentaram o assunto.

Apesar de colocarem que gostaram de participar do grupo, os educadores ressaltaram vários empecilhos que atrapalharam suas participações no mesmo, tais como: receio de falar, incerteza sobre o que aconteceria depois, cansaço, falta de entendimento sobre o trabalho, participação restrita à necessidade e percepção de aproveitamento apenas no início. Algumas falas revelaram que os professores sentiam medo de se manifestar no grupo.

5.6.2.2 As dificuldades de participar do grupo

Um professor disse não gostar de participar de atividades grupais.

“Bom, Patrícia, eu irei começar com a minha participação e o grupo, pois a partir disso vou poder falar do resto. A verdade é que eu pouco participei (pausa) eu não gosto dessas atividades de grupo... eu nem gosto de cursos. “Eu não sou de falar (pausa) eu não tenho nada contra o seu trabalho, mas eu não gosto. Eu até chegava atrasado. Eu prefiro preencher papel, arrumar diário, esses negócios. Você me desculpe, mas não tem nada a ver com você. No começo, eu fiquei sem graça de te dizer que eu não queria participar. Eu achei que era obrigatório por ser no Horário de Trabalho Pedagógico, no HTP. É o que eu tinha para falar.” (Profª 01)

Outra professora, no início do trabalho, ficou preocupada e com medo do que aconteceria.

“Sobre o grupo, a princípio foi assustador, eu não sabia o que você ia querer. Eu sei que você explicou, mais a gente fica meio neurótica. Você vê que eu brincava: “oh! Quando eu te vejo Patrícia me dá dor no útero, pelo amor de Deus!” Eu falo assim, mais eu vou na zoeira. Mas a gente vê que a princípio foi um choque. A gente não sabia o que ia acontecer. Eu até comentava com a professora 03, o que irá acontecer? (Profª 02)

Outra professora acreditava que o horário em que as reuniões em grupo ocorreram foi um fator que dificultou uma participação mais efetiva. Parece que essa professora estava muito cansada no horário da realização do trabalho.

“A única coisa que eu vi como negativo, entre aspas, foi o horário, um horário que a gente está cansada. Eu por exemplo, na entrada, eu já estou cansada, porque eu já trabalhei cinco horas. Então, eu já venho cansada pra cá. Às vezes, o cansaço, às vezes a gente estava meio desanimada, você já pensando na filha, outra que tem uma reunião, outra que tem um curso, outra que tem que passar no supermercado ainda porque acabou tudo em casa (pausa) aquelas coisas. Aí começava a conversa e a gente apagava isso da mente. Mas assim, num primeiro momento, a gente ficava angustiada para resolver, para ir embora.” (Profª 03)

Outra professora relatou que tanto a falta de confiança nas pessoas quanto o cansaço atrapalharam sua participação. Outra professora também declarou que o cansaço dificultou a permanência no grupo.

“Tinha dia que eu não queria (pausa) eu falava que eu não ia (pausa) tinha dia, mas eu ia. Às vezes tinha coisa que eu não queria falar, mas eu não confio nelas. Às vezes, eu queria falar, expor tudo, mas (pausa) às vezes (pausa) não por causa de você, receava que as pessoas saíssem por aí falando, dizendo. Eu não ia me abrir como eu gostaria (pausa) eu até me envolvi com as discussões, mas também tinha dia que por causa do cansaço, das provas na Faculdade, eu não queria ir. Teve um dia, não sei se você percebeu, mas eu ia embora, aí você chegou para avisar que ia ser na sala da professora 07 e eu fiquei sem graça. Eu até estava comentando com a secretária. Eu nem sei se você percebeu.” (Profª 04)

“Eu vejo assim (pausa) o negativo é que estava todo mundo tão assim, cansado (pausa) que na hora de ir para o grupo a gente não queria. Era um desânimo geral. Não dava vontade de ir. Isso teve mesmo, até eu.” (Profª 06)

Para outra professora, problemas de família e de saúde atrapalharam sua participação no grupo.

“Só que por causa do meu problema de saúde eu vim muito pouco (...) Eu falava na medida que eu via necessidade. (...) aí, juntou com o problema do meu marido que eu já te falei e agora eu vou operar o braço. O médico quer que eu fique direto em casa, mas eu não agüento, não agüento e isso me dificultou de vir. Eu teria aproveitado mais (...) se eu tivesse tido mais freqüência.” (Prof^a 05)

Outra professora revelou que o fato de não se sentir à vontade, de não ter afinidade com os professores e de sentir medo de falar e magoá-los atrapalharam sua participação. Além disso, considerou que os problemas pessoais que os professores traziam em demasia nas discussões fizeram com que sua vontade de estar presente diminuísse.

“Eu poucas vezes falei, expus alguma coisa porque eu não tenho muito contato com as professoras desse grupo. Então, muitas vezes eu fiquei assim, com medo de falar alguma coisa, receosa, não com medo. O que você pensa não bate muitas vezes de acordo com o que elas pensam porque elas são professoras de primeira a quarta série. Eu tenho mais contato para conversar sobre educação, sobre as escolas, mais com os professores que é de quinta série, até o colegial. Então muitas vezes eu não sei como conversar com elas, o que conversar com elas e às vezes eu tenho até medo de magoá-las. Agora no final por conta do cansaço físico também, eu não estava com vontade de vir. (...) muitas vezes, eu me sentia perdida, ou então meio fora quando elas discutiam problemas particulares, eu ficava incomodada. (...) mas eu gostaria de ter participado de um grupo que eu tivesse mais afinidade (...).” (Prof^a 08)

Para outra professora, o que dificultou sua participação no grupo foi o fato de não confiar nos colegas de trabalho, e de não gostar de ser “o centro das atenções”.

“Eu acho que o grupo em si (pausa) a princípio a gente fica tímida porque não sabe a reação das pessoas, até que ponto vale a pena se abrir. Porque na escola é tudo um faz-de-conta. A minha participação no grupo, eu não senti assim que eu tive uma participação legal. Eu acho que eu participei pouco. Apesar de não ter falado nunca em virtude dessa (pausa) como fala (pausa) da minha preocupação de não querer ser alvo mesmo (pausa) sei lá. Eu coloco isso, eu não sei se são valores. Tinham pessoas lá que você tinha que medir as palavras do que você ia falar. Então esta preocupação (pausa) é por isso. Agora, se fosse um grupo mais homogêneo, talvez eu solitaria mais, eu me sentiria mais livre para me abrir (...).” (Prof^a 10)

Dois professores não comentaram o assunto.

A maioria dos professores ressaltou os vários obstáculos que os impediram de participar do grupo, tais como: não gostar de participar de atividades grupais, preocupação e medo relacionados à incerteza sobre o que aconteceria depois, o horário, o cansaço, a falta de confiança nos colegas, os problemas de família e de saúde. Alguns professores acrescentaram outros pontos negativos, como, por exemplo, o de não se sentir à vontade no grupo, de não ter afinidade com os outros professores, de sentir medo de falar e de magoar os colegas, de se incomodar com o excesso de problemas pessoais discutidos no grupo e o de não gostar de ser “o centro das atenções”. Supõe-se que os professores tinham muitos problemas entre eles e que o cansaço, o horário, os problemas de família e de saúde foram apenas justificativas para encobrirem as dificuldades de relacionamento e não enfrentarem os problemas com o grupo.

5.6.3 Esta escola e o grupo

Esse tema permitiu que alguns professores falassem das oportunidades oferecidas pela escola, que abordassem o trabalho do professor na mesma e que criticassem a equipe técnico-pedagógica.

5.6.3.1 As oportunidades oferecidas pela escola para a realização de um trabalho de grupo

Dos dez professores entrevistados, cinco afirmaram que a escola contribuiu para a realização do trabalho de grupo. A seguir, serão apresentadas as falas mais significativas sobre esse tema:

“ah! Eu acho que só da escola ter deixado a gente, não é (pausa) ter esse trabalho (pausa) foi uma experiência diferente. Eu nunca fiz esse trabalho em nenhuma outra escola.” (Prof^o 04)

“(...) mas eu acho que a escola em si deu um espaço para nós, deu um horário importante que é destinado para resolver os problemas da escola. Inclusive na maioria é um horário nobre que todas PEBI estavam juntas, um horário nobre que a escola deu. Eles foram solidários e deram esse espaço para gente e para você fazer seu trabalho.” (Prof^o 10)

Duas professoras comentaram que a escola não colaborou para o desenvolvimento do trabalho de grupo. Uma delas ressaltou o fato da atual diretora não ter demonstrado desejo de que o trabalho fosse realizado na escola, acrescentando que, ao mesmo tempo em que a mesma não se posicionou sobre a questão, guardou a chave da biblioteca, onde eram feitos os encontros, de modo que esta não pudesse ser usada para tal fim.

“Aquele dia, que esconderam a chave (pausa) não deixar fazer o grupo na biblioteca. “Ah! Meu Deus!” que coisa horrível (pausa) eu fiquei com vergonha de você. Eu te peço desculpas porque eu fiquei com vergonha de você. Não dá Patrícia, onde eu estou lecionando fazer uma coisa dessas com uma profissional que veio ajudar. Faltou postura deles. Isso não tem cabimento com um profissional.” (Prof^o 06)

Outra professora comentou sobre a falta de respeito da equipe técnico-pedagógica e dos funcionários da escola com relação ao trabalho que estava sendo realizado na instituição. Segundo ela, parecia que estes não queriam que o trabalho de grupo fosse desenvolvido no local, por não o considerarem importante.

“Eu não sei se a escola colaborou muito para este grupo. Nós tivemos muitos problemas, muitas vezes eu acho assim, eu penso. Hoje é o dia que é Patrícia então, deixa o lugar arrumado. Pede para um funcionário ir lá, arrumar porque isso é bom para a escola. Outras vezes apagaram as luzes. Será que ele não sabia que tinha gente naquela sala. Sem falar que às vezes aparecia a direção, funcionários para assinar livros. Ninguém se preocupava. Eu achei que escola não colaborou. Eles podem até (pausa) eu não sei como é para você fazer este

trabalho aqui. Eu não sei se eles achavam importante. Eu nunca ouvi nada deles. A postura deles de facilitar, arrumar o local, você lembra? A gente fazia na biblioteca, depois não deram nem satisfação e não fizemos mais lá, estranho!” (Prof^a 09)

Três professores não falaram sobre o assunto.

Apesar da metade dos professores acreditar que a escola deu oportunidade para a realização do trabalho, duas professoras questionaram aspectos importantes dessa questão. Essas professoras indicaram acreditar que a escola não colaborou de fato com a realização do trabalho e que a mesma não queria que o trabalho em grupo acontecesse.

5.6.3.2 Os comentários sobre o trabalho do professor na escola pesquisada

A entrevista de avaliação do trabalho de grupo e de auto-avaliação da participação do professor possibilitou que alguns professores falassem sobre seus trabalhos na escola.

Uma professora afirmou ter tido muitas dificuldades para trabalhar na escola onde a pesquisa foi realizada, pois as classes são lotadas, há contínua mudança de direção e falta de apoio, atenção, profissionalismo e envolvimento com as crianças e com os professores por parte da atual diretora. Segundo ela, esses foram aspectos que prejudicaram seu trabalho pedagógico na escola em questão.

“(...) foi uma nova experiência (pausa) teve as dificuldades das salas lotadas enquanto não veio o pessoal do movimento. Eu era uma que chorava. Eu me sentia a pior professora do mundo. Eu cheguei até a ficar doente. Eu achei que eu não sabia dar aulas. Aí, depois a outra diretora dividiu a classe, foi uma aliviada para o professor, pra mim e aquela insegurança com a troca de direção. Chego aqui (pausa) uma classe com 48 alunos. De repente, você está se adaptando, diretora que você está se identificando fala que vai embora e aquilo desmorona. Um dia a gente tinha injeção de ânimo, no outro dia, pimba. Depois começou outra direção (pausa) não virou nada porque essa não gosta de se envolver com as crianças, não gosta da gente, ela gosta de ficar nos papéis, “sentadona”. Direção não é isso. (...) que nem eu tive um ano difícil e depois no final do ano, a diretora veio elogiar que os meus alunos tiraram nota boa no SARESP e que ela ficou surpresa. Eu trabalhei o ano todo para ouvir uma simples frase para me dar uma injeção de ânimo (pausa) aí o ano que vem a gente vem com a corda toda. Aí começam os problemas (pausa) o processo é igual (pausa) todo ano nessa.” (Prof^a 02)

Outra professora afirmou que gostava de trabalhar na escola onde a pesquisa foi realizada, mas comentou que, no atual momento, o trabalho na mesma estava muito difícil.

“Aqui, nesta escola, eu gosto de trabalhar. Mas o trabalho pedagógico deixa a desejar. Cada um aqui faz seu papel (pausa) cada um para si (...). Infelizmente não é só aqui, mas em outras escolas. Você não vê e a escola por exemplo, se você (pausa) geralmente a escola não tem problema. Ela não quer. Você não pode levar problema de maneira alguma. A gente falou muito disso no grupo (pausa) deu pra gente ver claramente muita coisa não resolveu de imediato, mas a gente pode pensar nisso, é importante.” (Prof^a 04)

Para outra professora, o grupo representou um espaço para falar dos problemas da escola. Parece que a professora em questão se sentia muito desvalorizada e desanimada, mas, mesmo assim, ela observou que adora sua profissão.

“Apesar dos problemas na escola, com aluno, as questões do MST que mexeram com todas nós, eu te falei que eu já passei por cada coisa. Sem falar que o professor é muito humilhado, mas eu gosto de ser professor, eu adoro trabalhar, ser professora é muito bom. Todo mundo no grupo pode pôr essas coisas pra fora. A gente que trabalha no Estado está sendo muito desvalorizada e no grupo tem muita gente que está desanimada (pausa) que bom que tivemos um espaço pra falar disso.” (Prof^a 05)

Outra professora parecia estar vivendo um momento difícil em sua vida profissional; ela estava bastante decepcionada e magoada com o Governo, principalmente com as atitudes da atual diretora. Apesar de amar a escola onde trabalhava, pediu remoção em função de todos os problemas que tinha assistido e vivido. Ela parecia não suportar tanta falta de respeito. Segundo ela, não ser reconhecida nem como professora efetiva nem como pessoa pela diretora da escola onde lecionava era o fator que mais a incomodava.

“(...) essa falta de consideração do Governo em relação ao professor (...) com ser humano. Ele acha que a gente é máquina que a gente não tem sentimentos. Que a gente tem que trabalhar o que ele quer. Eu achei muito (pausa) para mim foi muito bom. Eu sou muito “eu quero, eu faço isso. Eu vou, eu sou agitada.” Eu já estou aprendendo a cada dia, não é? O grupo me ajudou e agora, né Patrícia, eu estou indo embora. Para mim é difícil, mas já estava na hora. Por tudo que vem ocorrendo na instituição, eu já estava sentindo a necessidade de ir para outra escola. Você quer coisa mais desagradável, Patrícia, diretor novo chegar perto de você e falar assim: “você é ACT, você fez isso?”. Mas toda hora dizendo assim. Me conheceu! Por favor. Chega! Você aqui na segunda-feira, você que é psicóloga? Você que vai trabalhar o grupo? Oh! tem dó! Se é a primeira vez (pausa) ainda vai. Todo mundo fala de mim (pausa) eu estou aqui há muito tempo. E ela fala: “oh! Você não fez inscrição?”. “Não, eu sou efetiva”. “Ah! É efetiva?”. Eu acho também que eu estou sem paciência e isso vai mesmo matando. A instituição foi muita pesada este ano e isto me incomodou bastante, me incomodou mesmo. Quando eu fui fazer inscrição para remoção, eu senti que eu ia sair daqui. Eu não estou agüentando mais. Eu amo isso daqui de paixão. Eu visto a camisa, assim, de paixão, sei de cada pedacinho que foi feito aqui. Gosto de tudo dessa escola, conheço as crianças, os alunos (pausa). Cansei.” (Prof^a 06)

Outra professora parecia não admitir a falta de consideração da escola em relação aos problemas familiares pelos quais estava passando. Em contraste, ela afirmou que o grupo a ajudou a enfrentar melhor as dificuldades vivenciadas por ela na instituição.

“Você vê, eu tenho direito, mas eles botaram pressão, mas como eles não quiseram me entender não fiz muita força. E têm mais, eles falaram que eu ia escolher, que eu tinha que voltar. Falaram para minhas meninas. Elas me ligaram desesperadas que eu ir escolher. Eu vinha aqui e pedi para elas pararem com isso e que eu sabia que eles não iam me chamar agora para escolher. Eu falei que estava acompanhando. Eu não ia deixar minha irmã. O médico já avisou que ela tem pouco tempo de vida. O caso dela é grave. Eu precisava ajudá-la. Eu estou enfrentando o mundo. O grupo me ajudou muito nesse sentido, .eu não sei para as outras, pois elas estão distantes da minha pessoa. Eu estou me sentindo excluída por todos professores, direção, vice. E do coordenador, eu esperava uma outra atitude porque na família dele tem muitos casos de pessoas com câncer, mas eu sei porque. Os três são os maiores prejudicados. (...) eu sei que vou enfrentar dificuldades porque eu preciso preencher um monte de papelada. Mas eu vou enfrentar, eu avisei esta semana, eu irei até sexta-feira, depois eu irei tirar licença. Eu tenho direito. Eu precisaria do apoio deles, mas o que eu posso fazer. Eu quero deixar tudo organizado, mas se eles não deixarem eles vão ter que fazer. E vai sobrar para o coordenador. Se eles não colaborarem eu vou agir pela lei, como estou fazendo. Patrícia, não é fácil. Mas tudo bem.” (Prof^a 07)

O trabalho de grupo possibilitou para uma professora pensar sobre as funções do professor e as mudanças que estão ocorrendo na escola.

“Sobre esse assunto da inclusão para mim ficou claro através das atitudes da professora 07, que eu vi, que a gente precisa obter informações mais precisas desses alunos para podermos atuar pedagogicamente. A própria professora 07, fez (pausa) ele bateu, bateu até conseguir informação. Mas eu acho que deveria ser direito do professor obter dados, mas sem brigar. Precisaria existir um trabalho que envolvesse a escola como um todo. Você fica pensando o que seria ideal e até onde você pode ir com seu trabalho. É o que eu fiquei pensando muito nesta questão da inclusão. Agora, como papel de professor você fica pensando o que deveria ser mudado. Eu pensei muito nisso. Os professores falam muito na família, a família, família (pausa) é claro que isso é fundamental para educação de uma criança. Mas gente não pode ficar só pensando nisso, a gente tem que ver outras possibilidades, tentar outros caminhos. Aquilo que você falou sobre que se pode fazer, as pequenas mudanças que às vezes a gente fica querendo só as grandes, isso me marcou muito. Nós estamos vivendo uma fase assim (pausa) a gente está até perdida, eu diria assim cada pensador, cada estudioso diz uma coisa totalmente diferente. Um fala construtivismo que é bom para educação, não sei (pausa) a gente fica perdida nisso tudo e você acaba perdendo as esperanças onde está o problema. Talvez, se a gente olhasse e fizesse as pequenas mudanças, a gente não estaria tão mal. Estaria lutando e não perderia as esperanças e de que as coisas que o nosso trabalho funciona ainda, tem gente que não pensa assim.” (Prof^a 08)

Outra professora revelou que ouvir as experiências dos colegas no grupo a ajudou a pensar no seu papel enquanto profissional.

“Eu vi nos outros professores que cada um tem seu fardo pra carregar. Cada problema que a gente ouviu no grupo (pausa) tanta coisa pesada (pausa) esta escola tem muito problema. É bom a gente ouvir a experiência do outro, ajuda a gente a pensar e enxergar o nosso papel, a nossa profissão de outra forma, de um jeito melhor.” (Prof^a 09)

Outra professora demonstrou estar preocupada com a questão da inclusão. Supõe-se que essa situação alterou seus valores profissionais e pessoais.

“Eu vejo assim, quem quer ser professor precisa primeiramente amar muito próximo (pausa) o ser humano. (...) mas por outro lado, eu fiquei pensando: “eu estou colaborando para pôr um ser humano para fora da escola” e isso mexe com a gente, é uma responsabilidade muito grande. Eu me questioneei: será que eu não poderia ajudar, fazer um pouco mais. Eu fiquei muito preocupada (pausa) inclusão é um direito, mas tem que dar condições para coisa acontecer. (...) você vê, criança dos sem-teto com tantas dificuldades e a gente fica abaladíssima perante isso. O fato da gente colocar estas questões da profissão pro pessoal e o pessoal pra gente, nos faz encarar a rotina escolar de outra maneira, às vezes mais otimista, outras vezes não.” (Prof^a 10)

O tema “esta escola e o grupo” possibilitou que a maioria dos professores refletisse sobre os problemas que estava enfrentando e vivenciando na instituição com a equipe técnico-pedagógica, como, por exemplo, a falta de envolvimento, o descaso, a falta de apoio, de respeito e de consideração e a desvalorização. Essas questões parecem afetar diretamente a prática profissional do professor. De fato, observou-se que os professores não suportam mais essa situação; eles estão ficando doentes, desanimados, sentindo-se excluídos e ‘abandonados’, e o pedido de remoção parecem ser uma consequência de todos esses fatores.

5.6.3.3 As críticas em relação à escola e à equipe técnico-pedagógica

O trabalho de grupo possibilitou aos professores fazerem algumas reflexões sobre a escola e a equipe técnico-pedagógica. Para três professoras, a escola e a equipe técnico-pedagógica não estão preparadas para receber o portador de necessidades especiais. A seguir, serão apresentadas as falas mais significativas sobre o assunto em destaque:

“Agora, a questão que eu acho importante é que a escola, a estrutura... a rampa, banheiro etc, ela não tem. Na escola não tem e os professores não estão sendo preparados como deveriam para assumir esta inclusão. A direção, a coordenação e os funcionários também não sabem lidar com isso. Este assunto a gente conversou muito e que bom que as colegas puderam falar disso.” (Prof^a 02)

“Eu também fiquei pensando em todo o apoio que você deveria ter também de material, da direção, de profissionais que saibam lidar com a educação especial. (...) eu não tive a experiência assim como a professora 10. Tive uma aluna com deficiência visual, isso na Prefeitura que de certa forma, eu tinha orientação de uma professora que lidava com ela. Fazia mapas para mim. Tudo o que eu pedia a professora de plantão que estava na escola, ela cuidava disso e fazia. E aqui no Estado? A professora fica sozinha! Como eu lidaria com isso? Eu fiquei pensando também com o caso da professora 10, como seria se fosse comigo? A gente se coloca no lugar do outro.” (Prof^a 08)

De acordo com duas professoras, a direção e a coordenação não dão a devida atenção aos problemas que os docentes enfrentam com os alunos. Essas professoras demonstraram que se sentem abandonadas ao se depararem com o descaso da instituição.

“(...) eu vi pelas nossas discussões, a importância de conhecer o aluno, o que ele tem, mas a direção e coordenação não colaboram, é difícil Patrícia, eles querem que a gente receba o aluno e trabalhe. E eles também não conversam com a gente. Você vê, no HTPC a gente podia utilizar para isso, eles não chamam a gente, eles não chamam a gente e conversam. A gente tem tais alunos assim, assim, com tal problema, a gente vai trabalhar isso, isso, isso e aquilo. A partir daí, você tenta pesquisar alguma coisa sobre isso. Eles podiam ajudar a gente também. Eu acho que o professor precisa saber de tudo do aluno. E o que a gente viu nas reuniões com o grupo é que a pessoa que menos sabe do aluno é o professor na escola.” (Prof^a 03)

“Veio especialista aí foram ver, não tinha ficha do aluno, aí falaram que era para mãe ficar senão a menina não podia. Você viu o pessoal da direção que inseguro. (...) a vice-diretora que falou na Diretoria de Ensino que esta escola não estava preparada para receber (...). Por outro lado, a escola não estava preparada porque tem que trocar, dar comida na boca, não tem ajudante, material especializado e as dificuldades dela eram bastante acentuados e nós com muitos alunos sem poder atendê-la bem. Mas eu percebi que aqui ninguém queria essa menina por causa da falta de preparo. Sabe Patrícia, esta situação foi uma confusão, veio especialista da diretoria tentar resolver a situação que ela tem que rezar a cartilha, a mãe querendo que a gente resolvesse e eu ficava me perguntando: “porque eu? se aqui tem tanta gente com mais tempo de casa que eu? Com mais cobertura” era um tal de empurrar, toma que o filho é seu (...).” (Prof. 10)

Duas professoras apontaram que a direção da escola não atende às necessidades dos professores da forma como deveria.

“Às vezes, tem horas que a gente leva uns trancos da direção, como eu te disse, mas muitas vezes nem o grupo pode te ajudar, já é da pessoa assim, falta de educação. Você tem que ter apoio de um modo geral. (...) aquele dia eu estava numa cólica, eu pedi (pausa) eu já (pausa) com a professora 05 (pausa) a inspetora, eu combinei com ela que qualquer coisa pra ela subir para dar um sermão (pausa) uma bronca. Eu pedi para ela subir e eu não sabia que ela não estava. Ela tinha ido ao médico. Aí o coordenador falou: “olha, fala para ela tomar

atitude (pausa) dar suspensão porque ela ganha para isso.” Então, nossa! Eu fiquei (pausa) porque raramente eu preciso deles. Eu falei para eles depois, que eu não ganhava para isso, o aluno entra falou para mim: “Nossa professora, a senhora nem imagina o que eles falaram (pausa) se a senhora soubesse.” Eu disfarcei, eu só não chorei porque as crianças estavam perto. Eu percebi pelas outras pessoas do grupo que não sou só eu que tive problema com a direção, mas o professor tem medo de falar e num trabalho assim, as pessoas acabam se abrindo porque teve espaço.” (Prof^o 04)

“Você pede informações para a diretora e ela não explica as coisas direito (pausa) todas nós tivemos problemas com ela no grupo, eu vi isto claramente, mas ninguém faz nada (pausa) medo, ainda mais quando a gente é ACT. O grupo ajudou a gente a desabafar, ajudou muito a gente. Eu mesmo tive problemas com vice-diretora por causa de um aluno lembra? Ela não faz nada quando a gente precisa de ajuda.” (Prof^o 09)

Os depoimentos dos professores evidenciam que estes se queixam da falta de respaldo, informações e profissionalismo por parte da equipe técnico-pedagógica. Apesar dos problemas e dificuldades que surgem constantemente no contexto escolar, parece que nenhuma atitude tem sido tomada para reverter e melhorar essa situação. Além disso, parece que o medo de delatar a instituição faz com que os docentes se acomodem e não enfrentem os problemas, agravando ainda mais a situação.

5.6.4 O papel de professor e o grupo

Nessa seção, conheceremos a importância do trabalho de grupo, bem como a contribuição deste para a prática profissional.

5.6.4.1 A importância do desenvolvimento do papel de professor

Dos dez professores entrevistados, quatro consideraram que o trabalho de grupo contribuiu para o crescimento pessoal e profissional dos participantes.

“Mas no final eu acho assim, todo mundo teve assim, um crescimento com isso, por conhecer os colegas que a gente só trabalhou este ano. Mas sempre um crescimento pessoal e profissional por mais que você está cansada, preocupada, ouve o que não quer nas discussões. Sempre tem um crescimento. De tudo você tem que tirar proveito.” (Prof^o 03)

“Essas discussões nos ajudou profissionalmente. Eu acho que se eu tivesse vindo mais no grupo eu teria aproveitado mais porque a gente aprende e cresce com as pessoas, cresce profissionalmente. Foi muito bom.” (Prof^o 05)

“Eu acredito que o trabalho colaborou para todas nós, sabe a postura profissional, ouvir mais, dar espaço para o outro falar, ajudar os colegas. Eu vi isso.” (Prof^o 06)

“(…) e serviu de crescimento para mim. (...) mas eu achei um trabalho muito bom. Eu acho que tudo foi crescimento. Eu nunca tinha participado de um grupo assim.” (Prof^o 10)

Duas professoras comentaram que se tornaram mais sensíveis com os problemas dos alunos e dos colegas após a realização do trabalho em grupo.

“Em vários momentos no grupo, eu pensava sobre o se colocar no lugar do aluno e também quando a professora 10 contou aquele caso da aluna deficiente. Aquela menina com problema, eu fiquei imaginando se fosse comigo, se fosse comigo, .eu pensei muito nisso. O quanto a gente está sozinha. A gente e o outro, no caso o professor precisa de ajuda.” (Profª 08)

“Este trabalho possibilitou ao professor um desenvolvimento até da sensibilidade em relação às pessoas. A gente não pára mais pra sentar, pra ajudar, pra pensar. A gente faz, faz e faz. Não pode ser assim.” (Profª 04)

Outra professora declarou que suas atitudes mudaram a partir do que vivenciou no grupo.

“Houve um desenvolvimento meu na forma de agir. A gente fica mais pensativa. Mais segura e confiante. Não dá mais pra ser a mesma pessoa. Depois junta com tudo que eu venho vivendo nesta escola.” (Profª 07)

Para outra professora, o trabalho possibilitou pensar sobre o papel do professor na rede estadual de ensino.

“Muitas discussões me ajudaram a pensar sobre o que é ser professor do Estado hoje porque está difícil e sem ajuda, sem preparo não dá. Eu sei que o Estado não ofereceu este trabalho seu, a escola deu oportunidade. Eu acredito sim num crescimento, um desenvolvimento pessoal e profissional.” (Profª 09)

Por outro lado, supõe-se que o professor citado abaixo não tem muito a declarar sobre algum tipo de crescimento que o grupo possa ter trazido para sua vida pessoal e profissional visto que faltou em vários encontros grupais e chegou a declarar que não gostava desse tipo de atividade. Parece que esse professor também não fazia questão de estar com os colegas.

“Eu acho que este trabalho deve ajudar no crescimento profissional do professor. No meu caso, eu não posso falar nada, pois para mim não vi mudanças em nada. Eu mesmo nem me envolvi muito com as discussões. Eu mal vim no grupo.” (Prof. 01)

Parece que os professores, apesar das dificuldades de estarem juntos, de aceitarem os colegas e de enfrentarem as diferenças e divergências no grupo, começaram a pensar e falar da importância de se aproximarem uns dos outros. Como exemplo disso, há o fato dos docentes relatarem que aprenderam uns com os outros, ouviram mais, deram espaço para o outro falar, ajudaram os colegas e se colocaram no lugar destes. Além disso, a atividade de grupo possibilitou pensar o que é ser professor do Estado nos dias atuais.

5.6.4.2 A contribuição do trabalho de grupo para a prática profissional

Uma professora afirmou que o trabalho contribuiu para seu relacionamento com os alunos, mas que os colegas não colaboraram em nada para sua prática profissional.

“Agora, com relação à experiência com determinada pessoa que eu tive, mas não tirei nada de bom. Me ajudou até em termos de relacionamento humano que no caso ajuda com as crianças e muito. A gente, eu né aprendi a me colocar no lugar do outro. Quando eu vou aplicar uma avaliação, eu penso e se fosse eu quem iria fazer? (...). Mas foi muito bom. eu gostei, mas eu queria te dizer uma coisa, elas não me contribuíram em nada. (...) em relação ao que elas falavam, não era novidade nenhuma. Não acrescentou nada, de nada.” (Prof^a 02)

Outra professora revelou que o grupo a ajudou a pensar no trabalho que realiza com os alunos. Além disso, ela relatou ter percebido que os professores são desunidos e que a direção não oferece apoio para a realização do trabalho pedagógico do professor.

“Esse trabalho ajudou a pensar no trabalho que fazemos com nossos alunos. O quanto o professor é uma classe desunida. O quanto que muitas direções de escola não estão nem aí para um trabalho formativo, pedagógico. Eu penso que esta atividade vai mudar muito nossa forma de ser, sentir e agir numa escola.” (Prof^a 04)

Duas professoras concordaram que este trabalho foi muito importante para suas atividades pedagógicas e suas vidas pessoais.

“A prática em si (pausa) não é só prática, é um todo (pausa) a gente não pode separar. A gente reflete vários assuntos. É um aprendizado, é um aprendizado até de mudar de visão dentro da sala de aula (pausa) é um todo. Você fica mais (pausa) a gente não pode separar a família, o aluno, o professor, a escola (pausa) é uma coisa só (pausa) não tem jeito (pausa) se a gente não trabalhar junto, não dá certo mesmo. Então, eu achei que melhorou, deu mais uma visão para gente mesmo para pensar. Às vezes não é uma aplicação imediata, mas os assuntos que a gente trabalhou fez a gente pensar, refletir, uma visão maior da educação. Ajudou não só como professor, como profissional, mas também como pessoa, é um todo, como eu falei.” (Prof^a 06)

“Na observação, a gente tira muita coisa positiva para o trabalho da gente, para a vida particular, para tudo.” (Prof^a 03)

Uma professora relatou que, ao revelar para o grupo as experiências negativas que teve na escola, como, por exemplo, os problemas que enfrentou com a direção e com a secretaria, aprendeu a questionar mais e a se defender dentro da instituição. Sobre essa questão, ressaltou os problemas que teve com os alunos portadores de necessidades especiais. Além disso, considerou que o professor é muito passivo e que parece que ele não quer mais ser assim. A docente disse ainda que gostaria que este trabalho fosse feito também com a direção e a coordenação, por estes serem muito resistentes e terem dificuldades de relacionamento. Segundo essa mesma professora, o grupo a ajudou a lutar por seus direitos com mais segurança.

“Eu aprendi também que a gente aceita muita coisa. A gente acaba aceitando muito que vem de lá, numa boa, como se tudo fosse normal e não é assim. Eu já tive muitos problemas com a outra diretora e eu não falava o que eu queria. Agora não! eu ando lutando pelos meus direitos e tem mais, mediante os problemas que eu tive na secretaria de falar que me falaram e não falaram, eu agora quero tudo por escrito. Eu aprendi com o grupo, você ajudou a gente a pensar nisso, a questão do compromisso. Se o outro não tem, eu preciso cobrar do outro, por exemplo, a questão de aceitarem os alunos especiais sem informações, sem o laudo médico, que tipo de tratamento faz, medicação. Eu, gosto de ter informações gerais dos meus alunos e quando eu fui na secretaria descobri cada problema. A diretora ficou boba de ver, teve aluno meu

que entrou e saiu sem documentação nenhuma. O período que ela fica comigo, a criança é minha responsabilidade. Eu faço um levantamento com a mãe, responsável de dados que considero fundamentais para executar o meu trabalho. Eu trato isso com muita seriedade. Eu acho também que esse trabalho precisa ser feito com o lado de lá (pausa) porque se este lado é resistente, o lado de lá então é uma fortaleza. Agora, sobre este ponto aqui o desenvolvimento de papel de professor eu aprendi, houve (pausa) eu aprendi e me senti mais segura para dizer: “eu não irei aceitar mais dessa forma”. Isso eu consegui no grupo do que você foi colocando para gente e a gente discutiu, falando, pensando mesmo. Eu vejo que o grupo me deixou mais segura, esse trabalho nas coisas que eu acredito. Houve uma mudança dentro de mim, eu percebo isso, alguma coisa que eu tenho convicção que eu tenho conhecimento, que eu tenho condições para que eu brigue mais a fundo sem medo porque quando a gente é determinada a gente não mostra medo e eles recuam. Isso é triste, não precisa ser assim. Se cada um cumprisse sua função com compromisso, respeito não precisaria brigar, lutar e a gente teria uma escola com mais qualidade. Eu tive esse amadurecimento este ano e esta segurança eu devo a este trabalho. Eu acho que eu estou segura até demais. Eu estou com a mão muito cheia. Que nem a semana passada quando minha irmã passou mal, eu tirei uma licença e eles não queriam me dar. Eu falei: “eu vou tirar sim” eles falaram que eu ia tirar o bônus da escola, você vê, minha irmã passando mal e eu não ia ajudá-la por causa de dinheiro? E eu tirei mesmo, eu só mandei a chave e elas iam atrás das minhas meninas pedindo para eu voltar. Nossa! que coisa. Eu tenho direito sim.” (Prof^a 07)

Algumas experiências das professoras PEB I contribuíram para a prática profissional de uma professora PEB II que participou do grupo.

“Eu vejo que a forma que elas trabalham com os alunos, o que elas comentavam, como que elas lidavam com eles, eu achei interessante pelo fato que eu trabalho com quinta e oitava série que acabou de sair da primeira a quarta, de sair das mãos dessas professoras, no caso. Então, você vê, mais ou menos a forma como elas falavam com eles, como elas trabalhavam. Então algumas coisas eu pensava: “isso, de jeito nenhum!” e algumas coisas você até dá uma continuidade do jeito que elas falavam, como elas se expressavam, como elas trabalhavam com eles. Então o que ficou mais para mim foi isso. Como te falei, tem a separação entre PEB I e PEB II que não deveria ter, tem grande separação. Têm escolas que ficam em ambientes separados, ninguém conversa, tudo é uma continuidade.” (Prof^a 08)

Outra professora revelou que gostaria de ter falado sobre os problemas que enfrentava com seus alunos, mas, como as dificuldades dos colegas pareciam maiores que as suas, abriu mão do apoio que gostaria de obter do grupo.

“Da contribuição para minha prática, eu assim posso te dizer que a gente aprende muito. Mas como as professoras tinham muitos problemas graves, eu não falei do meu problema que eu tinha na quinta série A (...) no grupo eu acabei não falando, eu acabei, deixando. Tinha outras questões no grupo, eu achei que eram mais graves as situações que elas viviam do que as minhas.” (Prof^a 09)

Outra professora considerou que o grupo contribuiu para sua prática pedagógica e que depois deste trabalho muita coisa ficou diferente.

“Ajudou-me, eu sentia-me aliviada. Eu consegui muita coisa para por em prática. Depois do grupo com certeza, eu farei muita coisa diferente. Uma delas seria não fazer o que as colegas fizeram pra mim.” (Prof^a 10)

Um professor não comentou o assunto.

A maioria dos professores ressaltou a importância do trabalho de grupo para sua prática profissional, principalmente no que se refere aos alunos. Houve algumas professoras que reforçaram que a atividade as ajudou para a vida. Uma delas acrescentou que o trabalho a ajudou a enfrentar melhor os problemas institucionais, e uma outra reforçou que o trabalho possibilitou refletir sobre a desunião dos professores, e a falta de respaldo para o trabalho pedagógico por parte da direção. Para grande parte dos professores, portanto, este trabalho foi significativo.

6 DISCUSSÃO

6 DISCUSSÃO

Considerando os objetivos desta pesquisa, destacamos que os professores discutiram no grupo vários aspectos do contexto escolar que os angustiavam e incomodavam.

Para a realização do grupo reflexivo foram feitas vinte reuniões que ocorreram semanalmente, com duração de uma hora, no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo, no ano de 2005. No decorrer das reuniões, consideramos que na primeira, a coordenadora do grupo pretendia realizar a integração dos membros e fazer com que estes compartilhassem suas expectativas em relação ao trabalho de grupo que estava sendo iniciado na escola. Porém, as discussões do grupo direcionaram-se para os aspectos do contexto escolar conforme os desejos, sentimentos e as necessidades dos participantes. Os assuntos tratados na primeira reunião foram sobre os alunos e suas famílias, as dificuldades e as dúvidas do trabalho do professor, os sentimentos do professor, o contexto escolar e as dúvidas, e as dificuldades de participar do trabalho de grupo em questão.

Segundo a perspectiva sociodramática, a coordenadora do grupo não tem a intenção de “impor” atividades, idéias e desejos, mas, sim, de favorecer o processo grupal e proporcionar espaço para que os participantes se manifestem em relação às temáticas a serem discutidas pelo grupo.

Na segunda e terceira reuniões, o assunto mais discutido foi o da inclusão do portador de necessidades especiais nas escolas da rede estadual de ensino. Podemos perceber que os professores estavam bastante preocupados e incomodados com essa questão. Além disso, eles demonstraram muitas dúvidas e se queixaram de não estarem recebendo nenhum suporte técnico-pedagógico sobre o assunto.

Destacam-se, também, outras temáticas que foram abordadas pelos professores, tais como: os problemas de sala de aula, os problemas sociais, a falta de transporte para os alunos do MST, os sentimentos dos professores diante das dificuldades dos alunos, o Governo, o sindicato, as reuniões com Diretoria de Ensino, a profissão docente e o pedido de contratação de uma psicóloga na rede estadual de ensino.

Com relação à quarta reunião, a temática principal foi a da mudança de direção da escola. Os professores puderam, nessa reunião, comentar sobre os medos, os anseios e as expectativas dessa nova situação vivenciada pela escola. Os professores comentaram também sobre as dificuldades do trabalho do professor e dos alunos do MST.

Na quinta reunião, a coordenadora propôs realizar uma avaliação do trabalho de grupo e esclarecer dúvidas sobre o mesmo, caso os professores desejassem. Poucos professores aderiram à proposta, e a maioria resolveu discutir outros assuntos, como, por exemplo, o apoio técnico-pedagógico, a profissão docente, o exemplo de um educador e questões familiares. Essa reunião foi a última da primeira parte, do primeiro semestre de 2005. Posteriormente, os professores tiveram recesso escolar.

Na sexta reunião, considerada a primeira da segunda parte do trabalho grupal, a coordenadora propôs perguntar aos professores que haviam retornado do recesso escolar, a opinião deles sobre o trabalho que estava sendo realizado na escola e verificar se os professores estavam satisfeitos com a forma que este estava sendo conduzido. Parece que o grupo não estava muito interessado em falar desse assunto. Os participantes passaram a comentar sobre as férias, o planejamento, a nova diretora da escola e a inclusão do portador de necessidades especiais. Percebeu-se que o grupo estava bastante incomodado, inconformado e indignado com as mudanças na escola.

Da sétima à décima reunião, as temáticas discutidas centralizaram-se no portador de necessidades especiais, nos alunos do MST, na saúde dos alunos e na necessidade que o professor tem de apoio e de orientação diante dos problemas que vivenciam na escola. Supõe-se que os professores demonstraram estar desorientados, confusos e esperando por alguma atitude alheia. Parece que o grupo sente-se incapaz de tomar uma atitude para lidar com as situações que vivenciam na escola.

Na décima primeira reunião, nota-se que os participantes discutiram diversas questões, tais como: o comportamento dos alunos nas comemorações da escola; a higiene dos alunos; o concurso; a condição sócio-econômica da professora 03; as outras tarefas das professoras; a questão do aumento da tarifa telefônica; o papel de professor e sua família; a aposentadoria do professor; e as gratificações oferecidas pelo Estado. Embora esses assuntos pareçam ser sem importância, superficiais, acredita-se que esta foi uma forma que o grupo encontrou de diminuir a angústia, a ansiedade e o sofrimento dos assuntos abordados em encontros anteriores.

Na décima segunda e décima terceira reuniões, os assuntos mais abordados pelos professores estavam relacionados ao concurso e, portanto, envolveram temas como o curso preparatório, os outros concursos da rede estadual de ensino, o dia da prova e o último concurso. Essas temáticas geraram tensão entre os membros do grupo e revelaram incertezas, preocupações e descontentamentos.

Da décima quarta à décima sétima reunião, as temáticas abordadas foram diversas e direcionadas para aspectos da educação escolar. Foram retratadas a insatisfação e a decepção dos professores com a profissão docente, com a direção da escola, com a equipe técnico-pedagógica, com a situação dos professores ACTs, com o concurso, com o ENEM, com o SARESP e com a greve dos professores. Supõe-se que para a maioria dos docentes não haja pontos positivos no contexto escolar.

Na décima oitava reunião, a coordenadora propôs ao grupo uma atividade que seria realizada em dois momentos. No primeiro, os professores deveriam relatar uma experiência que vivenciaram em sala de aula. Esse momento teve adesão de todos os professores presentes. No segundo momento, seria realizada uma estratégia do psicodrama conhecida como *role-playing*, mas, por falta de tempo, não foi possível explicá-la e efetuar-la.

Na décima nona reunião, a coordenadora resgatou a atividade da reunião anterior, dando oportunidade aos que não estavam presentes de ouvir os relatos dos colegas, bem como de relatar suas próprias experiências em sala de aula. Todos os professores presentes participaram desse momento do grupo. No entanto, o segundo momento da atividade, o do *role-playing*, mais uma vez deixou de ser realizado por falta de tempo e, também, pelo fato da coordenadora ter percebido que os professores não estavam “prontos” ou “preparados” para a dramatização, a qual deve ocorrer segundo a necessidade do grupo e com a condição de que seus membros estejam preparados. De fato, a dramatização não deve ser imposta como uma simples estratégia a ser realizada, pois coloca os participantes em contato com sentimentos com os quais eles muitas vezes não estão preparados para lidar. Nesse sentido, procuramos respeitar a evolução do processo grupal. É um cuidado de fundamental importância por ser esta uma estratégia originalmente criada para ser utilizada no contexto psicoterapêutico. Na proposta assumida na presente intervenção, “o grupo” precisa ser autogestivo para que ocorra a dramatização. Consideramos que a instituição escolar onde a pesquisa foi realizada, devido às constantes mudanças de direção e por não possuir uma gestão escolar, não possibilitou condições para que o grupo fosse autogestivo.

Na vigésima e última reunião, a coordenadora propôs aos professores uma atividade de integração e de despedida do trabalho de grupo. Essa atividade foi dividida em três momentos. No primeiro, foi solicitado que cada professor procurasse em revistas e jornais uma figura que, para ele, representasse “o grupo”. No segundo momento, a coordenadora propôs que cada professor explicasse para os colegas a figura que escolheu. Percebeu-se que as professoras estavam envolvidas com a atividade e, também, que se sentiam à vontade, descontraídas e tranquilas. O objetivo da coordenadora era o de proporcionar um “clima agradável” e de

acolhimento na última reunião. No terceiro e último momento, a coordenadora solicitou que cada participante do grupo deixasse uma mensagem para as colegas. Todos os membros aderiram à proposta e, por fim, fizeram uma avaliação favorável do trabalho de grupo, de sua participação e dos benefícios pessoais e profissionais que a atividade lhes proporcionou.

Ressaltamos que a angústia, a ansiedade, o receio de serem punidos pela instituição demonstraram estar presentes em quase todas as reuniões do grupo. Nos encontros, os professores possuíam muita dificuldade de ouvir o colega; várias vezes nem mesmo a coordenadora do grupo conseguia se manifestar. A angústia e a ansiedade parecem ter sido fatores importantes para a falta de benevolência em dar atenção ao colega.

Percebemos também que muitos professores tinham resistência às mudanças, além de apresentarem dificuldades em aceitar o colega e de participar do trabalho de grupo. Parecia existir competição, desconfiança, divergências e discriminações entre alguns membros do grupo. Além disso, os professores pareciam não se sentirem livres para expor suas idéias e sentimentos em relação aos colegas e à instituição como um todo. Acreditamos que a dificuldade na realização das atividades de grupo seja consequência do fato da maioria dos professores ter pouco tempo de trabalho na escola onde a pesquisa foi realizada, por serem ACTs e por problemas institucionais.

Nesse sentido, Santos (1996) ressalta a importância e a necessidade da formação de um docente reflexivo, capaz de questionar suas ações por meio da análise da própria prática educativa e apto para encontrar novas alternativas para o processo de ensino. Sabe-se que há resistências do professor em relação ao processo reflexivo; na maioria das vezes, ele evita analisar sua própria prática, pois existe grande dificuldade em reconhecer as próprias falhas.

O discurso dos professores mostrou que eles têm, uma visão negativa de si mesmos. Em alguns momentos, desmereciam-se ou desvalorizavam-se. Em algumas reuniões, ao falarem que os políticos, o Governo e a sociedade não os consideram, os professores pareciam ter incorporado este discurso. Os docentes usaram também o termo “reciclagem” para os cursos de capacitação que fazem na diretoria de ensino, indicando provavelmente que eles próprios desvalorizam a profissão.

Verificamos que a participação no grupo permitiu que alguns professores compreendessem o significado desse tipo de trabalho no contexto escolar e ressaltassem a importância deste como um espaço para o "desabafo", ou seja, como um momento para falar dos problemas, ouvir e aprender com o outro, trocar experiências e receber apoio oferecido diante das dificuldades apresentadas.

Nesse sentido, Borsato (2000) confirma em sua pesquisa a importância de um trabalho com professores a partir de suas representações sobre o ensino em parceria com os colegas como caminho para uma prática melhor. Noffs (1995) também aponta a importância da discussão sobre o cotidiano e a descrição das práticas vividas em um trabalho reflexivo, destacando o envolvimento dos profissionais na proposta reflexiva.

Para Azenha (2007) a construção de uma escola democrática requer esforços de todos os seus envolvidos, e para os professores faz-se necessário um envolvimento que deve ir muito além da simples legitimação e transmissão do currículo proposto e da simples adesão às mudanças e planos previstos para a escola. Os professores, por sua vez, precisam estar munidos de interesse e vontade política, elementos indispensáveis para uma atuação profissional crítica e inovadora. O Estado, a Secretaria da Educação, os Diretores precisam criar e garantir espaços, de discussão e participação dos professores.

O trabalho de grupo traz como contribuição o uso do Sociodrama e do *role-playing* para o desenvolvimento de um processo reflexivo. Contudo, não foi possível realizar estratégias psicodramáticas para auxiliar a reflexão do grupo na ação, pois, quando as atividades estratégicas foram sugeridas aos professores, estes arrumaram um pretexto para não realizá-las. Apesar disso, o processo grupal representou um local para ser depositada a angústia frente aos problemas vivenciados no dia-a-dia do profissional.

Andrade (2002) ressalta que o *role-playing* é uma das maneiras de auxiliar o desenvolvimento de um grupo no resgate de sua espontaneidade.

Supomos, através das discussões, que os professores possuíam dificuldade para enfrentar os problemas e resistência às mudanças. Parece que, por medo de se exporem e sofrerem retaliações, os professores esperavam que outras pessoas (diretor, coordenador, Governo, enfermeira e psicóloga) fizessem algo para ajudá-los. Parece que eles consideram serem incapazes de gerar mudanças no próprio ambiente de trabalho.

Zeichner (1993) afirma que o papel do grupo é importante para que se estabeleça uma relação dialógica e acrescenta que esse processo é alimentado por uma contextualização sócio-política e cultural.

Segundo Azenha (2007) é esperado, há muito tempo, que os professores realmente decidam por uma participação mais ativa no cotidiano escolar, que deve ir além do cumprimento de sua função docente, ou seja, uma nova postura que compreenda maior envolvimento com as diretrizes educacionais, desde o conhecimento e análise crítica destas, até a propositura de uma gestão mais democrática e coletiva.

O autor considera que, não se pode negar a importância da escola enquanto um espaço capaz de possibilitar o surgimento de novos momentos de articulação e diálogo, bem como de novas lideranças e possibilidades de participação coletiva, capaz de iniciar um novo período na gestão educacional.

Os relatos dos professores também apontaram que a equipe técnico-pedagógica não oferece suporte adequado às dificuldades, dúvidas e necessidades dos professores. Percebemos também que não existia preocupação da diretora em ter um bom relacionamento com os professores. De acordo com os professores, a diretora se colocava sempre à distância dos docentes, assumindo uma atitude autoritária e pouco acolhedora, como se não quisesse criar vínculos com eles. Além disso, na opinião deles, esta diretora gostava de ficar em sua sala, sem ser incomodada.

Medrado (1998) afirma que a ocupação dos diretores, professores e técnicos com funções burocráticas, como organização de documentos e preenchimento de formulários, tomou o tempo que seria destinado à reflexão e ao planejamento dentro da escola. A burocracia termina por determinar um modo de funcionamento que dificulta a autogestão ou a gestão democrática.

É importante destacar que a vice-diretora, ao ser entrevistada, declarou que o cargo de diretor daquela escola era o de substituição, pois a diretora efetiva estava afastada há muitos anos para trabalhar na diretoria de ensino. Uma professora que lecionava, há muitos anos, na escola declarou que existia uma grande rotatividade de diretores e esta situação atrapalhava o funcionamento da escola.

A pesquisa realizada por Azenha (2007) retratou que a grande maioria dos entrevistados acredita que a gestão democrática só existirá a partir do momento em que for assumido por todos os atores da escola (direção, coordenação, funcionários, professores, pais e alunos). Os dados também revelaram que existe um descontentamento por parte dos entrevistados quanto à sobrecarga de responsabilidades que permeiam o cotidiano escolar dos gestores, bem como a pouca participação e envolvimento dos diversos atores sociais na promoção de tomada de decisões. O descontentamento dos atores sociais da instituição escolar quanto ao poder e controle dos órgãos governamentais, que se perpetuou de maneira tão significativa na educação brasileira, também foram apontados pelos entrevistados. O autor considera que, a experiência coletiva de criação, articulação, implementação e manutenção da gestão escolar democrática, é o principal desafio de todos aqueles que hoje atuam na escola pública, uma vez que esta instituição tem sido tão punida, no decorrer da história da educação brasileira.

Notamos que de um modo geral, a diretora da escola não se interessou nem facilitou a realização do trabalho de grupo dos professores. Esse fato pode ser confirmado, por exemplo, pelo local sempre desorganizado e empoeirado onde eram realizadas as atividades de grupo e pelo confisco da chave da biblioteca quando faltavam apenas poucas reuniões para o término das atividades. Outro aspecto a ser destacado é o da diretora não ter se interessado em compreender o que estava sendo realizado com os professores dentro da escola que ela mesma dirigia. A pesquisadora tentou entrevistá-la várias vezes, mas ela se recusou; sempre tinha uma desculpa.

Para Andrade (2002), a natureza dialética da instituição escolar impõe limites para quem pretende fazer o uso do psicodrama como um meio de transformação e de abertura e desenvolvimento de papéis. Cada segmento representado em um contexto educacional necessita de um trabalho reflexivo para que se possa permitir a superação e o entendimento da dialética institucional presente, e o quanto esta questão interfere na estruturação de seus papéis.

O grupo de professores foi desenvolvido com base na abordagem sociodramática com a finalidade de trabalhar os conflitos de seus membros, considerando que os problemas com que se deparam no decorrer de suas práticas profissionais não podem ser analisados isoladamente. Esses professores estão inseridos em um contexto que tem, por um lado, suas história, experiências e concepções pessoais e, por outro, a instituição escolar, com sua história, cultura e conflitos internos.

O Sociodrama Educacional torna-se um instrumento adequado, ao tentar considerar todos esses aspectos da história do professor, sem desmerecer as questões sociais, culturais e históricas de uma instituição de ensino.

Costa, Nery e Conceição (2006) defendem o Sociodrama como um método para a pesquisa qualitativa em Psicologia, visto que este propicia a intervenção grupal como foco da investigação. Estas autoras, consideram que o sociodrama pode ser opção para pesquisa ativa e construção de significações nas relações, num processo dialógico e compatível com pesquisas interventivas. Além disso, os autores ressaltam que esse método busca oferecer reflexões que subsidiem o trabalho com grupos e que estabeleçam uma ampliação sobre a micro-realidade social, considerando a complexidade inserida nos relacionamentos afetivos e o potencial espontâneo do grupo.

Dessa maneira, lembrando dos trabalhos de Puttini (1991), Da Costa (1999) e Silva (2002), verificamos que esta pesquisa traz como contribuição o uso do Sociodrama como fator de desenvolvimento de um processo crítico que age não somente sobre o aprimoramento de

uma prática de sala de aula, mas que também compreende instrumentos facilitadores das modificações das crenças e representação dos professores.

Para Andrade (1999; 2000), a estratégia psicodramática é facilitadora do desenvolvimento do professor como prático-reflexivo, desencadeando envolvimento, liberação da criatividade e espontaneidade dos participantes.

Constatamos que, por essas razões, os participantes almejavam a continuidade do trabalho em grupo. De fato o trabalho de grupo revelou que, para esses professores, sobrecarregados por uma realidade de trabalho “difícil”, é de suma importância a promoção de ações capazes de “olhar” para as condições em que se realizam as práticas profissionais no dia-a-dia, bem como de estabelecer um espaço mais acolhedor, mais afetivo, mais envolvido com a formação do professor, do aluno e da equipe técnico-pedagógica.

Não podemos deixar de ressaltar que os relatos dos professores apontaram que este trabalho representou um espaço muito importante para os participantes que se encontravam em momentos “muito difíceis”, convivendo em um ambiente escolar bastante desalienante e desalienado.

Com relação aos resultados das “entrevistas de avaliação do trabalho de grupo e de auto-avaliação da participação do professor”, acreditamos que o tema “O Grupo” mostrou que a maioria dos participantes gostou do trabalho. Sentiram-se acolhidos, desabafaram, compartilharam as dificuldades do cotidiano escolar, e também puderam se conhecer melhor. Verificamos que, apesar dos aspectos favoráveis relatados, alguns participantes tinham muita dificuldade de aceitar e conviver com as diferenças dos colegas. O tema também revelou certa contradição quanto ao desejo da continuidade do trabalho de grupo na escola. A postura da coordenadora, na visão dos professores foi considerada adequada.

Quanto ao tema “A Minha Participação no Grupo”, supõe-se que a maioria gostou de participar do grupo, mas o medo de ser punido na instituição, de se expor perante os colegas, o cansaço, o fato de não saber o que ia ocorrer nas reuniões e as dúvidas em relação ao trabalho de grupo foram alguns dos empecilhos para a participação dos professores.

Já o tema “Esta Escola e o Grupo” retratou os problemas que os professores estão tendo no contexto escolar. Parece que os docentes estão bastante descontentes, desanimados com a postura dos agentes escolares da instituição. Contudo, eles não conseguem fazer “nada” para mudar a situação.

Por último, o tema “O Papel de Professor e o Grupo” demonstrou que o trabalho de grupo possibilitou crescimento pessoal (ouvir mais; se colocar no lugar do outro; não ser impulsivo; ser mais observador) e profissional (no relacionamento com os alunos e colegas;

segurança e consciência política social; ajudar os colegas, ter uma visão maior da educação e do papel do professor da rede estadual de ensino).

Este último contato individual que a coordenadora teve com os professores possibilitou que fosse revelado alguns aspectos dos membros do grupo que possivelmente não seriam expostos em conjunto, tais como: a falsidade dos professores; a falta de confiança nos colegas e não saber explicar os motivos de não gostar de uma professora que participou do grupo. Além disso, foi comentado que a competição, a falta de educação e de respeito de alguns colegas; os problemas pessoais que traziam, falarem alto e brigarem em algumas reuniões incomodaram alguns professores.

Por fim, acreditamos que os membros do grupo não puderam chegar a uma reflexão e à autogestão devido à crise, desorganização e ao grande caos institucional instalado no ambiente escolar e profissional. Apesar disso, eles se beneficiaram, pois a angústia que o funcionamento da escola gerou pôde ser “compartilhada” no grupo.

7 CONCLUSÕES

7 CONCLUSÕES

A partir dos resultados deste estudo, verificamos que as vivências e as concepções dos professores do ensino fundamental foram consideradas neste trabalho através de uma pesquisa-intervenção, tendo como referencial o Sociodrama Educacional.

Portando, ao considerarmos as estratégias de pesquisa intervenção, não podemos deixar de lado a compreensão das estruturas de papéis e da organização e funcionamento do cotidiano das instituições escolares. É importante que eles tenham oportunidade de refletir (na ação) sobre suas vivências e práticas, para que se possa favorecer o relacionamento e o trabalho com os professores.

Quando o grupo se coloca, no sentido de pensar e repensar seus papéis sociais vividos dentro de uma instituição, o pesquisador e/ou coordenador grupal deve ser referência para o mesmo, ou seja, os indivíduos pertencentes a estes contextos devem poder identificar no processo reflexivo, na intervenção, os meios adequados para o resgate da interioridade das interações entre os seus integrantes.

Nesse sentido, acreditamos que o Sociodrama Educacional possa favorecer as mudanças nas concepções que os indivíduos possuem sobre seus papéis sociais dentro de contextos educacionais. Contudo, entendemos também o quanto pode ser difícil a mudança repentina, o rompimento de conceitos enraizados nos indivíduos e, muitas vezes, fortalecidos pela sociedade. O Sociodrama educacional, em um contexto mais amplo, pode promover a reflexão na ação no que diz respeito às temáticas relativas ao exercício do papel profissional.

De acordo com os resultados deste estudo, a reflexão na ação no grupo de professores não foi possível devido a diversos fatores, como, por exemplo, o medo, as dificuldades de relacionamento, a competição entre os membros, a resistência às mudanças, a falta de apoio e de interação com a equipe técnico-pedagógica.

Contudo, acreditamos que o trabalho de grupo representou um espaço muito importante para os professores. Neste, eles puderam “depositar” os conflitos, as ansiedades e as angústias vivenciadas em uma instituição que demonstra viver em “caos”, “crises”, “desorganizações” e “ausência de gestão.”

Neste estudo, a coordenadora do grupo de professores tentou possibilitar e facilitar a construção do contexto grupal com o intuito de tornar a Sociometria favorável para a transformação de um grupo autogestivo, porém não foi possível.

8 IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

8 IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

Após o desenvolvimento deste trabalho e da compreensão dos aspectos que integram a prática e a formação do docente, sugerimos que:

a) É importante pensar uma reorganização escolar, com o intuito de realizar um trabalho em conjunto com os professores para a construção de uma visão a respeito da escola e da cultura escolar, possibilitando decisões pedagógicas mais adequadas e realistas, e um envolvimento maior entre professores, equipe técnico-pedagógica e funcionários, com vistas ao favorecimento da prática educativa.

b) É necessário maior investimento e maior empenho na formação inicial e continuada dos professores. As condições de trabalho, as questões salariais e o auxílio ao docente precisam ser revistas. O professor precisa se sentir valorizado.

c) É preciso que seja realizado um projeto de formação continuada de professores que procure valorizar os aspectos profissionais e pessoais e as concepções dos docentes.

d) É necessário que seja promovida uma reflexão crítica sobre as concepções que os professores têm sobre as mudanças que ocorrem no ensino e que afetam diretamente suas práticas, com o intuito de, por meio de diálogos e trocas, fazer surgir possibilidades criativas e inovadoras de ação docente junto ao contexto escolar em que ele está inserido.

e) É importante realizar um trabalho de grupo no contexto escolar como componente metodológico de um projeto de formação e aperfeiçoamento de professores.

9 REFERÊNCIAS

9 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. S. **Condições de vida, potencial cognitivo e escola:** um estudo etnográfico sobre alunos repetentes da 1ª série do 1º. grau. 1986. 253 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.
- ANDRADE, A. S. Psicodrama moreniano com alunos portadores de deficiência mental. In: GOYOS, A. C.; Almeida, M.A.; SOUZA, D. (Orgs.). **Temas em Educação Especial III**, São Carlos: Ed. UFSC, p. 568-574, 1996.
- ANDRADE, A. S. Uma abordagem psicodramática moreniana para o atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais da escolaridade. **Revista Brasileira de Psicodrama**, FEBRAP, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 93-106, 1997.
- ANDRADE, A. S. Refletindo sobre a relação professor - aluno em um grupo de professores do ensino fundamental. **Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação**, FFCLRP, Ribeirão Preto, v. 9, n. 16, p.53-66, jun. 1999.
- ANDRADE, A. S. Sucesso, dificuldades e resistências no uso da criatividade e espontaneidade dramática na prática de sala de aula em um grupo de professores. In: GUARNIERI, M. R. (Org.). **Aprendendo a ensinar - o caminho nada suave da docência**. Campinas: Autores Associados - Araraquara: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. cap. 04, p. 61-76.
- ANDRADE, A. S. Sociodrama Educacional: uma estratégia de pesquisa-ação em Psicologia Escolar Institucional. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 3, p.119-126, 2002.
- ANDRÉ, M. E. D. A. O papel da pesquisa na formação de professor. In: REALI, A.M. M. R; MIZUKAMI, M. G. N. **Formação de professores e tendências atuais**. São Carlos: EDUSFSCAR, 1996. p. 58-75.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 6 ed. Campinas: Papirus, 2001. 128 p.
- AQUINO, J. G. **Confrontos de sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. 145 p.
- AQUINO, J. G.; MUSSI; M.C. As vicissitudes da formação docente em serviço: a proposta reflexiva em debate. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 211-227, jul./dez. 2001.
- AZENHA, J. L. **Gestão democrática a partir da LDB 9.394/96:** a visão dos gestores escolares. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2007.
- BARBIER, R. Problemática e metodologia da pesquisa-ação institucional. In: **Pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. cap. 02, p. 129-191.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luiz Antônio Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979. 229 p.

BLEGER, J. **Temas de Psicologia - entrevista e grupos**. Tradução Rita Maria Manso de Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1980. 120 p.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Batista. Portugal: Porto Editora, 1994. 220 p.

BORSATO, C. R. **Assessoria a professores de séries iniciais com vista ao desenvolvimento do profissional reflexivo, utilizando-se dos princípios do psicodrama pedagógico**. 2000. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2000.

BORSATO, C. R.; ANDRADE, A. S. Assessoria a Professores de 1ª a 4ª série visando o desenvolvimento do profissional reflexivo a partir dos princípios do psicodrama pedagógico (resultados preliminares). **Revista Brasileira de Psicodrama**, FEBRAP, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 69-82, 2000.

BRASIL - **Conselho Nacional de Saúde**. Brasil, Resolução n. 196/96.

BUENO, E. O.; CATANI, D. E.; SOUZA, C. P. **A Vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras, 1998.

CARRARO, P. R. **Crenças e representações dos professores sobre o construtivismo, os parâmetros curriculares nacionais (PCN) e as inovações pedagógicas no contexto das diretrizes propostas para o ensino fundamental a partir da nova LDB**. 2002. 320 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

CARRARO, P. R.; Andrade, A. S. Crenças e representações dos professores do ensino fundamental a respeito de inovações pedagógicas derivadas da nova LDB. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, V, **TOMO II, LIVRO DE ARTIGOS**, Ribeirão Preto, p. 197-206, 2002.

CATANI, D. E. A Formação de Professores e o Desempenho Pedagógico. In: FISCHMANN, F. **Escola Brasileira: temas e estudos**. São Paulo: Atlas, 1987. p.161-167.

CESARINO, A. C. Brasil 70. Psicodrama antes e depois. In: ALMEIDA, W. C. (Org.). **Grupos - A proposta do psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1999. Parte I, cap. 2, p. 35-48.

CHANTRAINE-DEMAILLY, L. Modelos de formação contínua. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Tradução Graça Cunha, Candida Hespanha, Conceição Afonso e José Antônio S. Tavares. 3 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p.139-158.

COLARES, M. F. A. **Reflexões e vivências de estudantes de medicina do ciclo básico através do sociodrama educacional**. 2004. 269 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

DA COSTA, M. C. M. Alguns aspectos do desenvolvimento do papel profissional do educador, abordados através da metodologia psicodramática. In: PUTTINI, E.F. (et al.). **Psicodrama na Educação**. Ijuí: Livraria UNIJUÍ Editora, 1991. cap. 04, p. 29-45.

DEGOOYER, D.; VALDE, K. Using narratives to study task group effectiveness. **SMALL GROUP RESEARCH**, E.U.A., v. 31, n. 5, p. 573-591, october/2000.

FLEURY, H. J. A. Dinâmica dos Grupos e suas Leis. In: ALMEIDA, W. C. (Org.). **Grupos - A proposta do psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1999. Parte II, cap. 3, p. 49-58.

FONSECA FILHO, J. S. **Psicodrama da Loucura**: correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 1980. 139 p.

FONSECA, J. Grupos e Individualismo. In: ALMEIDA, W. C. de (Org.). **Grupos - a proposta do Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1999. p. 07-11.

GARCIA, O. A. Psicodrama. Tradução Liana Di Marco In: OSÓRIO, L. C. e colab. **Grupoterapia Hoje**, 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. Primeira Parte, cap. 14, p. 203-348.

GOMÉZ, A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Tradução Graça Cunha, Candida Hespanha, Conceição Afonso e José Antônio S. Tavares. 3 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p. 93-114.

GIOVANNI, L. M. **A didática da pesquisa-ação: análise de uma experiência de parceria entre Universidade e Escolas Públicas de 1º e 2º graus**. 1994. 202 f. Tese (Doutorado em Educação - Didática) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

GUILHON, A. Psicologia Institucional: em busca da especificidade de atuação do psicólogo. In: GUIRADO, M. **Psicologia institucional**. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA, 1987. cap. 04. p. 69-84

GUIRADO, M. **Psicologia Institucional**. São Paulo: EPU, v. 15, 1997. 87 p. (Coleção Temas Básicos de Psicologia)

LAPASSADE, G. **Grupos, organizações e instituições**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MARRA, M. M.; COSTA, L. F. A pesquisa-ação e o Sociodrama: uma conexão possível? **Revista Brasileira de Psicodrama**, FEBRAP, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 99-116, 2004.

MARTIM, E.G. **J.L. Moreno: Psicologia do encontro**. Tradução Maria de Jesus Albuquerque. São Paulo: Livraria Duas Cidades, LTDA, 1984.

MEDRADO, H. I. P. Formas contemporâneas de negociação com a depredação. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 19, n. 47, p. 81-103, 1998.

MILAN, B. **O jogo do esconderijo**. Livraria Pioneira Editora: São Paulo, 1976. 135 p.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social - Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1999. 269 p.

MIZUKAMI, M. G. N. et al. **A reflexão sobre a ação pedagógica como estratégia de modificação da escola pública elementar numa perspectiva de formação continuada no local de trabalho**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.

MORENO, J.L. **Psicodrama**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1984. 492 p.

MORENO, J.L. **Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de grupo e Sociodrama**. Tradução Alessandra Rodrigues de Fada, Denise Lopes Rodrigues, Márcia Amaral Kafuri. Goiânia: Ed. Dimensão, 1992. v. 1, 220 p.

NAFFAH, NETO, A. **Psicodrama - Descolonizando o Imaginário - um ensaio sobre J. L. Moreno**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997. 272 p.

NERY, M. P.; COSTA, L. F.; CONCEIÇÃO, M. I. G. O Sociodrama como método de pesquisa qualitativa. **Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p. 305-313, set./dez. 2006.

NOFFS, N. de A. **Psicopedagogia institucional: a trajetória de seus atores-autores**. 1995. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

NÓVOA. A. Formação de professores e profissão docente. In: _____ (Org.). **Os professores e a sua formação**. Tradução Graça Cunha, Candida Hespanha, Conceição Afonso e José Antônio S. Tavares. 3 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p.15-33.

NUNES, C. M. E. **Em busca da melhoria do Ensino na 1ª série do 1º grau através da supervisão escolar: uma proposta coletiva de trabalho a partir da valorização do grupo de professores**. 1995. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1995.

NUNES, C. M. E.; ANDRADE, A. A supervisão escolar como proposta coletiva de trabalho. **Vertentes**, Editora da Fundação Universidade de São João Del Rei, v. 6, p. 81-87, 1995.

NUNES, C. M. E.; ANDRADE, A. S. Em busca da melhoria do ensino na 1ª. Série do 1º. Grau através da supervisão escolar: uma proposta coletiva de trabalho inspirada nos princípios do Psicodrama de J.L. Moreno. In: GOYOS, A. C., ALMEIDA, M.A.; SOUZA, O. (Orgs.) **Temas em Educação Especial III**, São Carlos: Ed. UFSCar, p. 443-450, 1996.

PASSOS, L. F. A busca de alternativas metodológicas no processo de ensino. In: PUTTINI, E.F. (et al). **Psicodrama na Educação**. Ijuí: Livraria UNIJUÍ Editora, 1991. p. 17-22.

PUTTINI, E.F. Uma metodologia pouco conhecida em educação. In: PUTTINI, E.F. (et al). **Psicodrama na Educação**. Ijuí: Livraria UNIJUÍ Editora, 1991. p. 23-28.

PUTTINI, E.F. O papel do professor da pré-escola: uma abordagem psicodramática. In: PUTTINI, E.F. (et al). **Psicodrama na Educação**. Ijuí: Livraria UNIJUÍ Editora, 1991. p. 61-66.

PUTTINI, E.F. Psicodrama pedagógico: considerações sobre a produção do conhecimento na escola. In: PUTTINI, E.F.; LIMA, L.M.S. (Orgs.). **Ações Educativas - Vivências com Psicodrama na Prática Pedagógica**. São Paulo: Ágora, 1997. p.13-24.

ROGERS, D. L; BABINSKI, L. M. **From isolation to conversation: Supporting new teacher's development**. Albany, NY, US: State University of New York Press, 2002. 135 p.

ROMANÃ, M. A. **Psicodrama pedagógico - método educacional psicodramático**. 2 ed. Campinas: Papirus,1987. 93 p.

SANTOS, L. L. de C. P. Pesquisa: subsídios à formação de professores. In: REALI, A, M. de M. R. e MIZUKANII, M. G. N. **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: Ed UFSCar, 1996.

SCHÖN, D.A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Tradução Graça Cunha, Candida Hespanha, Conceição Afonso e José Antônio S. Tavares. 3 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p.77-91.

SILVA, B. C. C. **O trabalho com professores em atividades grupais reflexivas numa abordagem sociodramática**. 2002. 252 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

SILVA, B. C.; ANDRADE, A.S. O trabalho com professores em atividades grupais reflexivas numa abordagem sociodramática. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, V, **TOMO II, LIVRO DE ARTIGOS**, Ribeirão Preto, p. 187-196, 2002.

SOLIMAN, I. Collaboration and the negotiation of power. **Asia-Pacific-Journal-of-Teacher-Education**, United Kingdom, v. 29, n.3, p. 219-234, 2001.

SOUZA, L. B. de S.; FIGUEIREDO, M. A. de C. A análise de conteúdo e crenças sobre o trabalho socializado para um estudo de atitude. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 2, p. 281-293, abr/jun. 1993.

URT, S. C. O mundo da criança e a criança no mundo: vivenciando seu desenvolvimento - uma abordagem psicodramática. In: PUTTINI, E.F. (et. al). **Psicodrama na Educação**. Ijuí: Livraria UNIJUÍ Editora, 1991. p. 94-119.

WHEELAN S. A.; TILIN F. The relationship between faculty group development and school productivity. **SMALL GROUP RESEARCH**, Philadelphia, v. 30, n. 1, p. 59-81, February./1999.

ZEICHNER, M.K. **A formação reflexiva de professores: idéias e práticas**. Lisboa: Educa. 1993. 131 p.

ANEXOS

ANEXOS**(ANEXO 01)**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

EU _____
abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições que constam do documento “*ESCLARECIMENTO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA*”, de que trata o subprojeto de pesquisa intitulado “O Desenvolvimento do Professor em Grupos Reflexivos numa Abordagem Sociodramática”, como parte do Projeto Integrado de Pesquisa - Intervenção: “Sociodrama Educacional”, coordenado pelo Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade; tendo o referido subprojeto como pesquisadora responsável a Sra. Patrícia Rossi Carraro, especialmente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa, aos procedimentos que serão utilizados, aos benefícios do estudo, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram assegurados, a seguir relacionados:

- 1- A garantia de receber a resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de qualquer dúvida a respeito dos procedimentos, benefícios e de outras situações relacionadas a pesquisa da qual participarei.
- 2- A liberdade de retirar o meu consentimento e deixar de participar do estudo, a qualquer momento do processo, sem que isto traga prejuízo ao desempenho de minhas funções profissionais.
- 3- A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade.
- 4- O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade de continuar dele participando.
- 5- O compromisso de que serei respeitosamente acompanhado e assistido durante todo o período da minha participação no projeto.

Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Ribeirão Preto, ____ de ____ de 2004.

Assinatura do Professor.

Endereço: _____ n. _____

CEP: _____ Cidade: _____

UF: _____

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO**

ESCLARECIMENTOS AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nome da Pesquisa: O Desenvolvimento do Professor em Grupos Reflexivos numa Abordagem Sociodramática.

Pesquisador Responsável: Patrícia Rossi Carraro

Orientador: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade.

Descrição das informações necessárias aos participantes:

Você estará participando de uma atividade cujos objetivos são: compreender a formação, a história, a prática profissional do docente e desenvolver uma proposta de intervenção em grupo, com professores do ensino fundamental da rede pública estadual de ensino, através de grupos reflexivos. A justificativa para o desenvolvimento deste trabalho é que este poderá apontar caminhos, tais como: fundamentação para a formação inicial e continuada dos professores e valorização do seu trabalho, bem como buscar um maior entendimento dos próprios professores sobre as relações professor x aluno e professor x instituição. Este trabalho compreende três etapas: 1ª) uma entrevista realizada em uma sessão que abordará temas relacionados a sua formação, história e prática profissional; 2ª) encontros grupais quinzenais, nos quais serão debatidos temas, trazidos pelos professores e desenvolvidas reflexões sobre os mesmos; 3ª) uma entrevista final de avaliação das reuniões grupais. Essas atividades serão realizadas na própria escola e, com a sua anuência, as atividades serão gravadas. É importante destacar que você terá liberdade para retirar seu consentimento e deixar de participar do estudo, a qualquer momento do processo, sem que isto traga prejuízo à continuidade de sua participação no Projeto Integrado de Pesquisa - Intervenção: "Sociodrama Educacional", coordenado pelo Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade, com relação ao desenvolvimento do estudo, como também de receber informações ou orientações sobre as atividades desenvolvidas, a qualquer momento. Todos os dados obtidos durante as fases deste trabalho serão utilizados pelo pesquisador responsável, comprometendo-se com a garantia de sigilo de sua identidade. Na eventual publicação dos resultados, este sigilo será mantido. Não há previsão de riscos e desconfortos para essa modalidade de estudo, e sua participação colaborará para os estudos acerca da formação de professores, bem como para proporcionar um espaço de discussão da identidade destes profissionais.

Data: _____

Nome e Assinatura do Entrevistador Responsável.

Endereço: Av. Bandeirantes, 3900. Telefone: (0XX -16-602.3803).

CEP: 14040-901 - Cidade: Ribeirão Preto - SP.

(ANEXO 02)**Temas desenvolvidos na entrevista inicial:**

"A Formação e as Experiências Anteriores"

"O Emprego Atual"

"A Prática em Sala"

(ANEXO 03)

Temas desenvolvidos na entrevista de avaliação do trabalho de grupo e de auto-avaliação da participação do professor

“O Grupo”

“A Minha Participação no Grupo”

“Esta Escola e o Grupo”

“Papel de Professor e o Grupo”

(ANEXO 4) - Ofício de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Of.CEtP/087.2004/25.11.2004

Senhor(a) Pesquisador(a):

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "O DESENVOLVIMENTO DO PROFESSOR EM GRUPOS REFLEXIVOS NUMA ABORDAGEM SOCIODRAMÁTICA" foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 38ª Reunião Ordinária realizada em 25/11/2004, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº **161/2004** – 2004.1.1355.59.2.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


Prof. Dra. Eucia Beatriz Lopes Petean
Coordenadora do CEP/FFCLRP

Ilustríssimo(a) Senhor(a)
PATRÍCIA ROSSI CARRARO
Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP

c.c.: Prof. Dr. Antonio dos Santos Andrade